

Santo Agostinho

CONFISSÕES

Tradução de Arnaldo do Espírito Santo,
João Beato e Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel

Introdução de Manuel Barbosa da Costa Freitas

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

Estudos Gerais Série Universitária • Clássicos de Filosofia

Santo Agostinho

CONFISSÕES

Tradução e notas de Arnaldo do Espírito Santo,
João Beato e Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel

Introdução de Manuel Barbosa da Costa Freitas

Notas de âmbito filosófico
de Manuel Barbosa da Costa Freitas e José Maria Silva Rosa

CENTRO DE LITERATURA E CULTURA PORTUGUESA E BRASILEIRA
IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA
2001

SANTO AGOSTINHO

CONFISSÕES

LIVRO I

[Agostinho manifesta a intenção de louvar a Deus]

I. 1. Senhor, tu és grande e digno de todo o louvor¹. Grande é a tua virtude e a tua sabedoria não tem limites². Quer o homem louvar-te, ele que é uma parte da tua criação, o homem que irradia a sua mortalidade³, que irradia o testemunho do seu pecado e o testemunho de que tu resistes aos orgulhosos⁴: e contudo quer louvar-te o homem que é uma parte da tua criação. És tu que fazes com que ele se delicie em louvar-te, porque tu nos fizeste para ti, e o nosso coração está inquieto enquanto não repousar em ti. Senhor, faz com que eu saiba e compreenda⁵ se devo invocar-te primeiro ou louvar-te, se primeiro devo conhecer-te ou invocar-te. Mas quem te invoca sem te conhecer? Porque sem saber pode invocar uma coisa por outra. Ou, pelo contrário, será que és invocado para seres conhecido? *Mas como hão-de invocar aquele em quem não creram?* Ou como crêem se não houver pregador?⁶ *E louvarão o Senhor aqueles que o procuram*⁷. Pois quem o procura encontra-o, e quem o encontra louvá-lo-á. Que eu te procure, Senhor⁸, invocando-te, e te invoque crendo em ti: pois a nós já foste pregado. Invoca-te, Senhor, a minha fé¹, a fé que tu me deste e me inspiraste pela humanidade do teu Filho, pelo ministério do teu pregador.

¹ Salmo 47:2; 95:4; 144:3.

² Salmo 146:5.

³ 2 Coríntios 4:10.

⁴ 1 Pedro 5:5; Tiago 4:6.

⁵ Salmo 118:34, 73, 144.

⁶ Romanos 10:14.

⁷ Salmo 21:27.

⁸ Mateus 7:7-8; Lucas 11:10.

[Deus está no homem e o homem em Deus]

II. 2. E como invocarei o meu Deus, meu Deus e meu Senhor, uma vez que é para dentro de mim mesmo que o invoco quando o invoco? E que lugar há em mim para onde, dentro de mim, possa vir o meu Deus, para onde, dentro de mim, possa vir o Deus que fez o céu e a terra²? Senhor, meu Deus, há então alguma coisa em mim que te possa conter? Acaso te contêm o céu e a terra, que tu criaste e em que me criaste? Ou, já que sem ti nada existiria do que existe, será que tudo o que existe te contém? Visto que, portanto, também eu existo, por que motivo peço que venhas para dentro de mim, eu que não existiria se não estivesses em mim? Na verdade, eu ainda não estou nas profundezas do mundo inferior³, e todavia tu também aí estás. Pois, mesmo se eu descer ao mundo inferior, tu aí estás presente.⁴ Por isso, meu Deus, eu não existiria, não existiria absolutamente, se não existisses em mim. Ou, antes, não existiria se não existisse em ti, de quem procedem todas as coisas, por quem e em quem todas as coisas⁵ existem? É mesmo assim, Senhor, é mesmo assim. Sendo eu em ti, para que te invoco? Ou de onde poderás vir para dentro de mim? Efectivamente, para onde me afastarei fora do céu e da terra, para daí vir para dentro de mim o meu Deus que disse: *eu encho o céu e a terra*⁶?

[Deus está em toda a parte e nada o contém]

III. 3. Portanto, acaso te contêm o céu e a terra, pelo facto de que tu os enches? Ou enche-os e resta ainda alguma parte de ti, porque não te contêm? E para onde derramas o que resta de ti, depois de encheres o céu e a terra? Ou não terás necessidade de ser contido por nada, tu que conténs todas as coisas, porque enches contendo aquilo que enches? Não são os vasos que enches que te dão forma estável, porque, quebrando-se eles, tu não te derramas. E, quando te derramas sobre nós¹, não te rebaixas, mas elevas-nos, nem te dissipas, mas nos congregas. Mas tudo o que enches, enche-lo com a totalidade de ti mesmo. Será que, não podendo todas as coisas conter-te na totalidade, contêm parte de ti e todas em conjunto contêm a mesma parte? Ou cada uma delas

¹ Romanos 10:14.

² Génesis 1:1; 2 Crónicas 2:12.

³ Provérbios 9:18.

⁴ Salmo 138:8.

⁵ Romanos 11:36; 1 Coríntios 8:6.

⁶ Jeremias 23:24.

contém uma parte de ti: as maiores, uma parte maior, as menores, uma parte menor? Existe alguma parte de ti que seja maior e alguma, menor? Ou estás todo em toda a parte e nenhuma coisa te contém na totalidade?

[Majestade e atributos de Deus]

IV. 4. Então, que és tu, meu Deus? Que és, pergunto, senão Senhor e Deus? Quem é Senhor além do Senhor? *Ou quem é Deus além do nosso Deus?*² Ó sumo e óptimo Deus, potentíssimo, onnipotentíssimo, misericordiosíssimo e justíssimo, secretíssimo e presentíssimo, belíssimo e fortíssimo, estável e inapreensível, imutável e mudando todas as coisas, nunca novo, nunca velho, renovando todas as coisas³, levando à velhice os orgulhosos sem que dêem por isso⁴; sempre em acção e sempre quieto, congregando e não tendo necessidade, sustentando, e enchendo, e protegendo, criando, e alimentando, e completando, procurando, embora nada te falte. Amas sem te inflamares, és ciumento⁵ e isento de inquietação, arrependes-te⁶ e não sofres, iras-te⁷ e és tranquilo, mudas as obras e não mudas o teu desígnio; recolhes o que encontras e nunca perdeste; nunca pobre, regozijas-te com o que lucras, nunca avaro, exiges juros⁸. Contigo despendemos prodigamente⁹, para que fiques devedor, mas quem tem alguma coisa que não te pertença? Pagas dívidas a ninguém devendo, perdoas as dívidas nada perdendo. E que dizemos nós, meu Deus, minha vida, minha santa doçura, ou que diz alguém, quando fala de ti? E aí daqueles que sobre ti se calam, porque são mudos mesmo que falem.

[Amor de Deus e perdão dos pecados]

V. 5. Quem me fará repousar em ti? Quem fará com que venhas ao meu coração e o inebries para eu esquecer os meus males¹⁰ e te abraçar a ti, meu único bem? Que és tu para mim? Tem piedade de mim e deixa-me falar. Que sou eu para ti que me mandas amar-te e que, se o não fizer, te iras contra mim¹¹ e me ameaças com grandes desgraças?

¹ Joel 2:28-29; Actos 2:17-18.

² Salmo 17:32.

³ Sabedoria 7:27.

⁴ Job 9:5.

⁵ Joel 2:18; Zacarias 1:14; 8:2.

⁶ Génesis 6:6-7.

⁷ Êxodo 4:14; Salmo 2:12.

⁸ Mateus 25:27.

⁹ Lucas 10:35.

¹⁰ Jeremias 44:9.

¹¹ Salmo 84:6.

Será pequena desgraça se eu não te amar? Ai de mim! Pela tua compaixão, Senhor meu Deus, diz-me o que és para mim. *Diz à minha alma: eu sou a tua salvação*¹. Diz de forma que eu ouça. Eis os ouvidos do meu coração diante de ti, Senhor; abre-os e diz à minha alma: *Eu sou a tua salvação*.² Corrirei atrás desta voz e agarrar-te-ei: Não escondas de mim a tua face.³ Que eu morra, não morrendo, para que a veja⁴.

6. Estreita é a morada da minha alma para que venhas até ela: seja alargada por ti. Está em ruínas: reconstrói-a. Tem coisas que ofendem o teu olhar: confesso-o e sei. Mas quem a limpará? Ou a quem mais clamarei além de ti: *Limpa-me das minhas faltas ocultas*, Senhor, *e perdoa ao teu servo pelas alheias*⁵? Creio e por isso falo⁶. Senhor, tu sabes.⁷ Porventura não expus diante de ti os meus delitos contra mim mesmo, ó meu Deus, e tu não perdoaste a impiedade do meu coração⁸? Não litigio em juízo contigo⁹, que és a Verdade¹⁰; e eu não quero enganar-me a mim mesmo¹¹, para que a minha iniquidade não minta a si mesma.¹² Não litigio, pois, contigo em juízo¹³, porque *se observares as iniquidades, Senhor, Senhor, quem resistirá?*¹⁴

[Infância de Agostinho: providência e eternidade de Deus]

VI. 7. Mas deixa-me falar à tua misericórdia, eu, terra e cinza¹⁵, deixa-me falar, porque é à tua misericórdia que eu falo, não a um homem que me critica. Talvez também tu me critiques¹⁶, mas, voltando a tua face, terás piedade de mim¹⁷. Mas que quero eu dizer, Senhor, a não ser que não sei de onde vim para aqui, para esta vida mortal, digo, ou para esta morte vital? Não sei. E à sua conta me tomaram as consolações¹⁸ da tua

¹ Salmo 34:3.

² Salmo 34:3.

³ Deuterónimo 31:17; 32:20.

⁴ Êxodo 33:23.

⁵ Salmo 18:13-14.

⁶ Salmo 115:10(1); 2 Coríntios 4:13.

⁷ Tobias 8:9; João 21:15-16.

⁸ Salmo 31:5.

⁹ Jeremias 2: 29; Job 9:3.

¹⁰ João 14:16; 1 João 5:6.

¹¹ Tiago 1:22.

¹² Salmo 26:12.

¹³ Jeremias 2: 29; Job 9:3.

¹⁴ Salmo 129:3.

¹⁵ Génesis 18:27; Job 42:6.

¹⁶ Salmo 2:4; 36:13; Sabedoria 4:18.

¹⁷ Jeremias 12:15.

¹⁸ Salmo 93:19.

compaixão¹, tal como ouvi contar aos pais da minha carne, ao meu pai de quem me formaste e à minha mãe em quem me formaste no tempo; não sou eu que me lembro. Tomaram conta de mim as consolações do leite humano, e nem minha mãe nem minhas amas enchiam os seios para si, eras tu que por elas me davas o alimento da infância, segundo a tua determinação e as riquezas depositadas no íntimo das coisas. Eras também tu que fazias com que eu não quisesse mais do que davas e com que as amas me quisessem dar aquilo que lhes davas: queriam dar-me, com ordenada afeição, aquilo em que abundavam, vindo de ti. Era bom para elas o meu bem que vinha delas, que não tinha origem nelas, mas que passava por elas: pois todos os bens têm origem em ti, Deus, e do meu Deus me vem toda a salvação². Dei-me conta disso posteriormente, quando tu me gritaste, por intermédio destas mesmas coisas, que dás por dentro e por fora. Nesse tempo sabia mamar e sentir-me regalado, e chorar com o mal-estar do meu corpo, e nada mais.

8. Depois, comecei também a sorrir, primeiro enquanto dormia, e a seguir quando estava acordado. Foi isso que me disseram a meu respeito e eu acreditei, porque é assim que vemos fazer às outras crianças; pois não me recordo disso. E eis que pouco a pouco comecei a sentir onde estava e a querer manifestar as minhas vontades àqueles que as podiam satisfazer, mas não conseguia, porque elas estavam dentro de mim e eles fora, não podendo por nenhum dos sentidos entrar em minha alma. Por isso eu fazia gestos e emitia sons, dando sinais conformes aos meus desejos na medida do que podia e como podia: mas não eram verosímeis. E quando me não obedeciam por não me entenderem ou para não me fazerem mal, indignava-me por não se submeterem os mais velhos, e por pessoas livres não se porem ao meu serviço, e vingava-me delas chorando. Tenho verificado que são assim as crianças que tive a possibilidade de conhecer, e os que me criaram, ignorando mais do que sabendo, indicaram-me que eu era assim.

9. E eis que a minha infância já morreu há muito tempo e eu continuo a viver. Tu, porém, Senhor, que vives sempre e nada morre em ti, porque antes dos primórdios do tempo e antes de tudo o que se possa dizer anterior, tu és, e és Deus e Senhor de todas as coisas que criaste, e junto de ti estão as causas de todas as coisas instáveis e

¹ 2 *Esdras* 13:22; *Salmo* 50:3; 68:17; *Eclesiástico* 36:1.

² 2 *Reis* 23:5.

permanecem as origens imutáveis de todas as coisas mutáveis, e subsistem as razões sempiternas de todas as coisas irracionais e temporais, — diz-me a mim que te suplico, Deus, e, cheio de misericórdia para com este miserando, diz-me se a minha infância sucedeu a alguma vida já morta. Porventura essa vida é aquela que vivi nas entranhas de minha mãe? A respeito dessa vida, alguma coisa me foi dito, e eu próprio vi mulheres grávidas. E, ainda antes desta, o que é que houve, minha doçura, meu Deus? Estive em algum sítio, ou fui alguém? Não tenho quem mo diga, nem meu pai, nem minha mãe, nem a experiência alheia, nem a minha memória conseguiram fazê-lo. Ris-te, porventura, de mim¹, quando procuro sabê-lo e me ordenas que te louve e te dê graças por isto que sei?

10. *Louvo-te, Senhor do céu e da terra*², dirijo-te o meu louvor pelos começos da minha vida e pela minha infância de que não me lembro; permitiste ao homem fazer conjecturas sobre si próprio a partir dos outros e acreditar em muitas coisas acerca de si mesmo, confiando até nos testemunhos de umas mulherzitas. Já então eu existia e vivia, e, já no fim da minha infância, ensaiava os sinais com que desse a conhecer aos outros o que sentia. De onde vem este animal, tal como é, senão de ti, Senhor? Porventura será alguém artífice de si mesmo? Ou procede de outro lado alguma veia por onde o ser e o viver corram para dentro de nós, sendo apenas tu que nos fazes³, Senhor, tu para quem o ser e o viver são uma e a mesma coisa, porque ser sumamente e viver sumamente é exactamente o mesmo? Na verdade, tu és o ser supremo e não mudas⁴, nem se consuma em ti o dia de hoje, e todavia em ti se consuma que em ti sejam também todos os seres⁵: pois não teriam vias de passagem⁶, se não os contivesses. E porque os teus anos não acabam⁷, os teus anos são o dia de hoje: e quantos dias, nossos e de nossos pais, já passaram por este teu dia e dele receberam os meios e a forma de existirem, e ainda outros hão-de passar e receber também a forma de existirem⁸. Tu, porém, és sempre o mesmo⁹ e fazes hoje, fizeste hoje tudo o que é de amanhã e de depois, e tudo o que é de ontem e de antes. Não importa se houver alguém que não entenda. Esse mesmo rejubile

¹ Salmo 2:4; 36:13; Sabedoria 4:18.

² Mateus 11:25.

³ Salmo 99:3.

⁴ Malaquias 3:6.

⁵ Romanos 11:36.

⁶ Lamentações 1:12.

⁷ Salmo 101:28; Hebreus 1:12.

⁸ Salmo 143:4.

⁹ Salmo 101:28; Hebreus 1:12.

dizendo: ‘que significa isto?’¹, rejubile ainda assim e goste mais de te encontrar, não encontrando, do que de não te encontrar, encontrando.

[Sujeição da infância ao pecado]

VII. 11. Escuta, ó Deus. Ai dos pecados dos homens!² E o homem diz isto, e tu compadececes-te dele, porque tu o fizeste e não fizeste o pecado nele³. Quem me fará lembrar do pecado da minha infância, porque diante de ti ninguém está limpo de pecado, nem uma criança com um dia de vida sobre a terra⁴? Quem mo recordará? Acaso uma criança qualquer ainda pequenina, na qual vejo que não me lembro de mim? Em que pecava eu então? Será porque sofregamente buscava os peitos chorando? De facto, se agora o fizer, sofregamente buscando, não os peitos, decerto, mas a comida apropriada à minha idade, rir-se-ão de mim e serei justissimamente repreendido. Portanto, nesse tempo eu fazia coisas que mereciam repreensão, mas porque não conseguia entender quem repreendia, nem o costume nem a razão permitiam que eu fosse repreendido. A verdade é que, quando crescemos, extirpamos e lançamos fora estes comportamentos. Nunca vi ninguém atirar fora conscientemente coisas boas quando faz limpezas. Porventura para essa época eram boas essas atitudes, como pedir, chorando, mesmo aquilo que me seria dado para meu mal, como indignar-se violentamente contra pessoas independentes, livres e mais velhas, por quem se foi gerado, e como, além disso, tentar fazer mal, batendo, tanto quanto é possível, em muitas pessoas mais sensatas que não acediam à manifestação de um capricho, pelo facto de não ser obedecido em desejos em que seria perigoso ser obedecido? Deste modo, o que é inocente é a debilidade dos membros das crianças, não o espírito das crianças. Eu vi e tive a experiência de uma criança invejosa: ainda não falava e já com aspecto zangado olhava, pálido, para o seu colega de aleitação. Quem ignora isto? As mães e as amas dizem que castigam estas coisas, não sei com que resultados. A não ser que também seja inocência que quem tem necessidade de se alimentar e que só com esse alimento conserva a vida não tolere companhia na fonte do leite, que mana copiosa e abundantemente. Mas isto é tolerado com brandura, não porque não tenha importância ou seja de pequena monta, mas porque há-de desaparecer com o decurso dos anos,

¹ Êxodo 13:14; 16:15; *Eclesiástico* 39:26.

² *Isaias* 1:4.

³ *Sabedoria* 11:24-25.

⁴ *Job* 14:4-5.

embora isso se aprove, quando, por outro lado, o mesmo comportamento não se pode tolerar de bom ânimo, ao ser detectado em alguém mais velho.

12. Tu, portanto, Senhor meu Deus, que deste à criança a vida e o corpo, dotando-o, como vemos, de sentidos, articulando-o com membros, embelezando-o com o rosto, metendo nele todos os instintos animais para sua integridade e incolumidade, tu, altíssimo, mandas-me louvar-te, glorificar-te e *cantar salmos ao teu nome*¹ por estas coisas, porque és Deus onipotente e bom, ainda que tivesses feito apenas isto que ninguém pode fazer senão tu, ó único de quem procede toda a medida, ó formosíssimo, que formas todas as coisas e as ordenas segundo a tua Lei. Em suma, Senhor, esta fase da vida, que não me lembro de ter vivido, acerca da qual acreditei nos outros e fiz conjecturas a partir das outras crianças, tenho dificuldade em integrá-la na vida que estou a viver neste mundo², embora tal conjectura mereça muita credibilidade. Com efeito, a parte que corresponde às trevas do meu esquecimento equivale àquela vida que vivi no ventre de minha mãe. Ora, se fui concebido em iniquidade, e em pecados minha mãe me alimentou no seu ventre³, onde, peço-te, meu Deus, onde, Senhor, eu, teu servo⁴, onde ou quando fui inocente? Mas, enfim, deixo de lado esse tempo: e que tenho eu agora a ver com um tempo do qual não recordo vestígio algum?

[Como a criança aprende a falar]

VIII. 13. Não foi a partir da infância que, encaminhando-me para aqui, cheguei à puerícia¹? Ou melhor: não foi esta que chegou até mim e sucedeu à infância? Mas, se aquela não passou, então para onde foi? E, no entanto, já não existia. Com efeito, eu já não era a criança que não sabia falar, mas um menino que falava. E lembro-me disto, dando-me conta mais tarde de como aprendera a falar. Não eram as pessoas mais velhas que me ensinavam, facultando-me as palavras pela ordem formal daquilo que me ensinavam, como sucedeu pouco depois com as letras; mas eu próprio, com a mente que me deste, meu Deus, com gemidos e vários sons e vários gestos, queria exprimir os sentimentos do meu coração, para que obedecessem à minha vontade, e não conseguia manifestar tudo aquilo que queria nem com os meios que queria. Fixava na memória

¹ *Salmo* 91:2.

² *Tito* 2:12.

³ *Salmo* 50:7.

⁴ *Salmo* 115:16(7).

quando eles nomeavam um objecto, e quando, consoante a palavra, moviam o corpo em direcção a alguma coisa, eu via e registava que designavam essa coisa com o som que proferiam quando queriam mostrá-la. Pelo gesto descobria-se que eles queriam uma coisa, como que tratando-se das palavras naturais de todos os povos, que se concretizam com uma fisionomia, um aceno do olhar, um movimento dos braços e um som da voz, para indicar o estado da alma quando pede, possui, rejeita ou evita alguma coisa. Assim, ia eu deduzindo pouco a pouco de que coisas eram signos as palavras colocadas nas várias frases em posição apropriada e frequentemente pronunciadas, e com elas, afeiçoada a boca a esses signos, eu já enunciava os meus desejos. Deste modo, comunicava com aqueles, entre os quais estava, os sinais que deviam expressar os desejos, e penetrei em profundidade na tempestuosa sociedade da vida humana, dependendo da autoridade de meus pais, e do alvedrio das pessoas mais velhas.

[Aversão ao estudo e amor da brincadeira: medo dos castigos]

IX. 14. Deus, meu Deus, que misérias e enganos sofri nesse tempo, visto que, ainda menino, me propunham que vivesse rectamente, aconselhando-me a obedecer, a fim de prosperar neste mundo e me distinguir nas artes da tagarelice que servem a glória humana e as falsas riquezas. A seguir fui entregue à escola para aprender as letras, nas quais, pobre de mim, eu ignorava que utilidade havia. E, contudo, se era lento em aprender, açoitavam-me. E os mais velhos achavam bem, e muitos que antes de nós passaram por esta vida inventaram estes penosos caminhos por onde éramos obrigados a passar, multiplicando o sofrimento e a dor² aos filhos de Adão³. Mas encontrámos, Senhor, pessoas que te imploravam e com elas aprendemos, sentindo como podíamos que tu eras alguém grande, que podia atender-nos e socorrer-nos, embora não sendo visível aos nossos sentidos. Com efeito, ainda menino, comecei a implorar-te, meu auxílio e meu refúgio⁴, e, na tua invocação, dava largas à minha língua e implorava-te, pequeno mas não com pequena devoção, o não ser açoitado na escola. E quando me não atendias, o que não era para minha estupidez¹, os mais velhos, e até os meus próprios pais, que nada de mal queriam que acontecesse, riam-se dos açoites que eu levava, meu grande e grave mal nesse tempo.

¹ A *infantia* ia até aos sete anos, a *pueritia* até aos catorze e a *adulescentia* até aos vinte e oito.

² *Génese* 3:16.

³ *Eclesiastes* 3:21; *Eclesiástico* 40:1; *Jeremias* 32:19.

⁴ *Salmo* 93:22; 17:3.

15. Haverá, Senhor, alguém de tão grande coragem, unido a ti com tão grande amor, haverá alguém, repito – é também uma espécie de loucura pôr isto em prática –, haverá, pois, alguém que, piedosamente unido a ti, tão grandiosamente esteja afectado que considere sem importância os ecúleos, as garras e outras torturas do mesmo género, para evitar as quais te suplicam em toda a terra com grande temor, embora esse alguém ame aqueles que temem terrivelmente esses tormentos, alguém como os nossos pais que se riam das torturas com que nós, crianças, éramos molestados pelos nossos professores? E não as temíamos menos ou te pedíamos menos para sermos livres delas, e todavia pecávamos escrevendo ou lendo ou pensando nas letras menos do que exigiam de nós. Não faltava, Senhor, memória ou inteligência que quiseste que possuíssemos em medida suficiente para aquela idade, mas gostávamos de brincar e castigavam-nos aqueles que, sem dúvida alguma, faziam o mesmo. Mas as brincadeiras dos adultos chamam-se negócios, ao passo que as das crianças, sendo a mesma coisa, são castigadas pelos adultos, e ninguém se compadece das crianças, nem daqueles nem de ambos. A não ser que alguém, bom ajuizador das situações, aprove que eu tenha sido açoitado porque, quando criança, jogava à bola e esse jogo me impedia de aprender as letras depressa, para que, graças a elas, brincasse, em adulto, mais torpemente. Ou procedia de forma diferente aquele mesmo que me açoitava e que, se em alguma disputa sem importância, fosse vencido pelo seu colega de ensino, seria torturado com mais raiva e inveja do que eu, quando no jogo da bola era vencido pelo meu companheiro de jogo?

[O divertimento é um obstáculo ao estudo]

X. 16. E todavia eu pecava, Senhor e Deus, ordenador e criador de todas as coisas naturais, mas dos pecados somente ordenador, Senhor meu Deus, eu pecava agindo contra as ordens de meus pais e desses professores. Na verdade, eu podia depois dar bom uso às letras, que os meus queriam que eu aprendesse, qualquer que fosse a minha disposição. Eu não era desobediente por escolher o melhor, mas por amor da brincadeira, buscando, nos desafios, o orgulho da vitória e encher os meus ouvidos de pequenas fábulas mentirosas, para que com mais comichão eles ardessem em desejos², brilhando nos meus olhos a mesma curiosidade pelos espectáculos, que são as

¹ *Salmo* 21:3.

² *2 Timóteo* 4:3-4.

brincadeiras dos adultos; mas aqueles que as promovem distinguem-se, condecorados com essa honra, a ponto de a desejarem para os seus filhos, que, no entanto, de bom grado deixam açoitá-los, se tais espectáculos os impedirem do estudo, mediante o qual desejam que eles cheguem a promovê-los. Vê isto, Senhor¹, compassivamente, e livra-nos a nós², que já te invocamos, e livra também aqueles que ainda não te invocam, para que te invoquem e tu os livres.

[Adiamento do baptismo]

XI. 17. Ainda menino, eu ouvira falar da vida eterna que nos foi prometida na senda da humildade de Deus nosso Senhor, que desceu à nossa soberba; e já então era eu persignado com o sinal da cruz, e recebia o condimento do teu sal³ já desde o ventre de minha mãe, que muito esperou em ti. Tu viste, Senhor, sendo eu ainda menino, e estando um dia a arder em febre repentina, quase às portas da morte, por causa de uma paragem de digestão, tu viste, meu Deus, porque já então eras o meu guarda⁴, com que ímpeto do meu espírito e com que fé pedi à piedade da tua Igreja, minha mãe e mãe de todos nós, o baptismo do teu Cristo, meu Deus e meu Senhor⁵. E a mãe do meu corpo, porque mais custosamente dava à luz também a minha salvação sempiterna, de coração puro na tua fé, apressadamente diligenciava para que eu fosse iniciado nos teus sacramentos⁶ da salvação e fosse purificado, crendo em ti, Senhor Jesus, para a remissão dos pecados, se eu não recuperasse imediatamente. Por isso, foi adiada a minha purificação, como se fosse necessário que eu me sujasse ainda mais⁷, se escapasse, porque, depois do banho baptismal, maior e mais perigosa seria a culpa nas imundícies do pecado. Já assim era crente eu, ela e toda a minha casa, excepto o meu pai, que no entanto não conseguiu, vencendo o direito da piedade de minha mãe sobre mim, fazer com que eu não cresse, tal como ele ainda não tinha crido. Ela fazia tudo para que tu fosses meu Pai, meu Deus, mais do que ele, e tu ajudava-la nisto a vencer o marido, a quem melhor servia, porque também nisto te servia a ti e assim o ordenavas.

¹ *Lamentações* 1: 9, 11.

² *Salmo* 78:9; *Jeremias* 2:27; *Mateus* 6:13.

³ Referência aos ritos do catecumenato: ser persignado com o sinal da cruz, tomar o sal consagrado, receber a imposição das mãos dos ministros da Igreja.

⁴ *Gênesis* 28:15; *Job* 7:20.

⁵ *João* 20:28.

⁶ Agostinho utiliza a palavra *sacramentum* com vários sentidos: mistério, sacramento, cerimónia, rito, milagre.

⁷ *Apocalipse* 22:11.

18. Peço-te, meu Deus, eu queria saber, se também tu quisesses, se, para meu bem, mediante o desígnio que prolongou a minha vida, para eu não ser batizado, me foram como que soltas as rédeas do pecado. Ou não foram? Então porque é que ainda hoje soa, de todos os lados, aos nossos ouvidos, a propósito disto ou daquilo: ‘Deixai-o fazer, ainda não é batizado’. E todavia, quanto à saúde do corpo, não dizemos: ‘Deixai-o ferir-se ainda mais; ainda não está curado’. Quanto melhor não seria que eu fosse logo curado e se fizesse comigo com que, por meu empenho e dos meus familiares, a salvação da minha alma¹, uma vez recebida, fosse colocada sob a tua protecção, de ti que ma tinhas dado. Teria sido melhor. Mas quantas e que grandes vagas de tentações pareciam ameaçar-me depois da meninice, conhecia-as aquela mãe e preferia lançar, no meio delas, o barro, de onde eu depois seria formado², do que a própria imagem.

[A imposição do estudo e o desígnio de Deus]

XII. 19. Mas já na meninice, pela qual se temia menos do que pela adolescência, não gostava do estudo e detestava ser forçado a isso; e todavia era forçado e fazia-me bem, eu é que não fazia bem: pois não aprenderia se não fosse obrigado. É que ninguém, quando contrariado, faz bem, embora seja bom aquilo que faz. E aqueles que me forçavam não faziam bem, mas de ti vinha o bem que me sucedia, ó meu Deus. Pois eles não olhavam a que fim eu levaria aquilo que me obrigavam a aprender, senão para saciar as insaciáveis paixões da copiosa indigência e da ignominiosa glória. Tu, porém, que tens os nossos cabelos contados³, usavas, para meu proveito, do erro de todos aqueles que insistiam comigo para que eu aprendesse, servindo-te do meu erro, de mim que não queria aprender, para o castigo que eu bem merecia, sendo um menino tão pequeno mas tão grande pecador. Assim, por um lado, embora não fizessem bem, tu fazias-me bem, e, por outro lado, era justa a tua retribuição¹ porque eu pecava. Com efeito, mandaste que todo o espírito desordenado fosse castigo de si mesmo, e assim é.

[Temas e matérias preferidos]

XIII. 20. Qual era o motivo por que odiava o estudo do Grego, de que me imbuíam desde pequenino, nem mesmo agora o vejo com clareza. Apaixonara-me pelo estudo do

¹ *Salmo* 34:3.

² *Gênesis* 2:7.

³ *Mateus* 10:30.

Latim, não por aquelas coisas que os primeiros mestres ensinam, mas por aquelas que ensinam aqueles a que chamam gramáticos². Quanto aos primeiros rudimentos, com que se aprende a escrever e a contar, não os considerava menos enfadonhos e molestos do que o estudo do Grego. Mas de onde me vinha esta disposição senão do pecado e da vaidade da vida, que me fazia ser corpo e espírito que vai e não volta³? Não há dúvida de que eram melhores, porque mais seguros, esses primeiros elementos que davam e deram a possibilidade (e tenho-a) de ler, se encontro alguma coisa escrita, e de eu próprio escrever, se quiser, mais seguros do que os estudos com que me obrigavam, esquecido dos meus erros, a fixar os erros de um tal Eneias, e a chorar Dido, morta, porque se matou por amor⁴, enquanto, Deus, minha vida⁵, de olhos enxutos, me suportava a mim próprio morrendo afastado de ti por estas coisas.

21. Que há de mais infeliz do que um infeliz que não sente a sua infelicidade e chora a morte de Dido, que se consumava amando Eneias, mas não chorando a própria morte, que se consumava não te amando, Deus, luz do meu coração e pão da minha boca no íntimo da minha alma⁶, e virtude que desposa a minha mente e o recôndito do meu pensamento? Não te amava e, longe de ti, cometia adultério para contigo⁷, e, ao fazê-lo, soava-me de todos os lados: ‘Muito bem! Muito bem!’⁸. Com efeito, a amizade deste mundo é adultério para contigo e diz-se ‘Muito bem! Muito bem!’⁹, para que se tenha vergonha se não se for um homem assim. Não chorava por isto e chorava *pela morte de Dido que, com um punhal, pusera fim à vida*¹⁰, seguindo eu próprio em direcção ao mais ínfimo da criação, abandonando-te, e, como terra que era, dirigindo-me para a terra. Se me impedissem de ler tais coisas, sofreria, por não poder ler aquilo que me fazia sofrer. Era tal a demência, que eram tidas por mais nobres e mais proveitosas estas letras do que aquelas, com que aprendi a ler e a escrever.

¹ Salmo 141:8.

² Chamavam-se *grammatici* os professores do 2º grau de ensino, durante o qual os jovens, entre os dez e catorze anos, liam os textos fundamentais, como a *Eneida*, e adquiriam todos os conhecimentos (geografia, mitologia, história, astronomia...) necessários para a sua compreensão.

³ Salmo 77:39.

⁴ Vergílio, *Eneida* IV.

⁵ João 11:25; 14:6.

⁶ João 6:35, 48, 59.

⁷ Salmo 72:27.

⁸ Salmo 34:21; 39:16; 69:4.

⁹ Salmo 34:21; 39:16; 69:4.

¹⁰ Vergílio, *Eneida* VI 457.

22. Mas agora, que o meu Deus clame dentro da minha alma, e que a tua verdade me diga: ‘não é assim, não é assim’; é melhor, sem sombra de dúvida, aquela primeira instrução. Pois estou mais inclinado a esquecer os erros de Eneias e todas as coisas semelhantes do que a leitura e a escrita. Nas portas das escolas dos gramáticos estão penduradas cortinas¹, mas simbolizam menos a dignidade do saber, do que o encobrimento do erro. Não gritem contra mim aqueles que eu já não temo, enquanto te confesso o que quer a minha alma, meu Deus, e me comprazo em repreender os meus maus caminhos² para poder amar os teus bons caminhos; não gritem contra mim os vendedores ou os compradores de gramática, porque, se lhes propuser uma questão, perguntando-lhes se é verdade o que diz o poeta, que Eneias chegou outrora a Cartago, os mais ignorantes responderão que não sabem, enquanto os mais doutos dirão que não é verdade. Mas se eu lhes perguntar com que letras se escreve a palavra Eneias, todos os que isto aprenderam me responderão a verdade, de acordo com aquele pacto e convenção com que os homens estabeleceram entre si estes sinais. E se lhes perguntar qual seria maior dano para esta vida, se esquecermo-nos de ler e escrever ou esquecermo-nos daquelas ficções poéticas, quem não vê o que responderá aquele que não estiver totalmente esquecido de si? Pecava eu, embora menino, quando, por gosto, antepunha aquelas vacuidades a estas coisas mais úteis, ou melhor, quando aborrecia estas e amava aquelas. Com efeito, o ‘um e um, dois; dois e dois, quatro’ era uma cantilena para mim detestável, e agradabilíssimo o espectáculo da futilidade: o cavalo de madeira cheio de homens armados, o incêndio de Tróia e a sombra de Creúsa³.

[Aversão à língua grega]

XIV. 23. Sendo assim, porque detestava eu, também, a gramática grega que canta estas coisas? Também Homero é hábil em entretecer tais fábulas, e dulcissimamente vazio. Mas para mim, ainda menino, me era amargoso. Também estou convencido de que para as crianças gregas Vergílio é a mesma coisa, quando são obrigadas a aprendê-lo como eu a Homero. A dificuldade, sim, a dificuldade em aprender a fundo uma língua estranha como que aspergia de fel todas as suavidades, em Grego, das narrativas

¹ As escolas funcionavam, na antiga Roma, em galerias sob colunas ou em terraços e varandas (*pergulae*), que os professores alugavam. Isolavam-se do olhar dos transeuntes por meio de uma cortina, que depois veio a ser como que o ‘símbolo’ que marcava o local de uma escola.

² *Salmo* 118:101; *Jeremias* 18:11; 26:3.

³ Vergílio, *Eneida* II 772.

fabulosas. Como eu não sabia nenhuma palavra, com terríveis ameaças e castigos instavam comigo severamente para que as aprendesse. Quando eu era criança, também não sabia nenhuma palavra latina, e, todavia, aprendi-as observando, sem nenhum temor nem castigos e até entre as carícias das amas, e os jogos dos que se divertiam, e a alegria dos que gracejavam. Aprendi sem a carga penosa de ninguém que me obrigasse, sendo o meu coração a obrigar-me a produzir os seus conceitos, e não havia outro método a não ser aprender algumas palavras, não de quem me ensinava mas dos que falavam, em cujos ouvidos eu, pela minha parte, depositava o produto do que sentia. Daqui transparece claramente que, para aprender, é mais eficaz a livre curiosidade do que uma temerosa necessidade. Mas esta imposição limitava, com as tuas leis, ó Deus, o fluxo da curiosidade, com as tuas leis, desde as vergastadas dos professores até aos tormentos dos mártires, com as tuas leis, que podem dar-nos a beber salutíferas amarguras, que nos fazem voltar para ti da suavidade pestífera pela qual nos afastámos de ti.

[Súplica a Deus]

XV. 24. Atende, Senhor, a minha súplica¹, não desfaleça a minha alma² sob a tua disciplina, nem desfaleça eu na confissão das tuas misericórdias³, pelas quais me tiraste de todos os meus maus caminhos⁴, para que te tornes para mim mais doce que todas as seduções que eu seguia, e te ame com todas as minhas forças e me agarre à tua mão com todas as fibras do meu coração, e tu me livres de toda a tentação⁵ até ao fim⁶. Tu, Senhor, és meu rei e meu Deus⁷, ao teu serviço esteja o que de útil aprendi em criança, ao teu serviço o que falo, e escrevo, e leio, e conto, já que, embora eu aprendesse futilidades, tu me davas o saber, e nessas futilidades perdoaste-me os pecados⁸ dos meus deleites. Com elas aprendi muitas palavras úteis; mas também se podem aprender em coisas não fúteis, e esse é o caminho seguro por onde as crianças deviam caminhar.

¹ Salmo 60:2.

² Salmo 83:3; 118:81.

³ Salmo 106:8, 15, 21, 31.

⁴ 4 Reis 17:13; 2 Crónicas 7:14.

⁵ Salmo 17:30.

⁶ Salmo 15:11; 37:7; 1 Coríntios 1:8.

⁷ Salmo 5:3; 43:5.

⁸ Mateus 9:5-6; Marcos 2:5, 9-10; Lucas 5:23.

[Condenação do modo como se ensina a juventude]

XVI. 25. Mas aí de ti, torrente dos hábitos humanos! *Quem te resistirá?*¹ Durante quanto tempo ainda não secarás? Até quando arrastarás os filhos de Eva para este grande e temeroso mar, que com dificuldade atravessam os que tiverem embarcado no lenho da cruz²? Não li eu em ti que Júpiter troveja e comete adultério? E por certo não podia fazer estas duas coisas, mas fez-se com que a imitação de um adultério verdadeiro tivesse justificação mediante um trovão falso que fez o papel de alcoviteiro. Mas quem, de entre os mestres vestidos de capa, ouve, sem se irritar, um homem do mesmo ofício proclamando e dizendo: ‘Fingia Homero estas coisas e transpunha para os deuses coisas humanas; mas eu preferia que tivesse trasladado para nós as coisas divinas’³. Contudo, com mais verdade se diz que, de facto, fingia tais coisas, mas atribuindo coisas divinas a homens maus, para que as más acções não parecessem más, e para que todo aquele que as praticasse parecesse imitar, não homens perdidos, mas deuses celestiais.

26. E, no entanto, ó torrente infernal, em ti são lançados os filhos dos homens com o preço que pagam para aprender tais coisas, e tem-se por grande acontecimento fazê-lo publicamente no foro, ao abrigo das leis que estabelecem salários além do pagamento que recebem, e tu bates nas pedras do teu leito e as fazes soar, dizendo: ‘Aqui se aprendem as palavras, aqui se adquire a eloquência, extremamente necessária para persuadir de alguma coisa e expor o pensamento’. Sendo assim, não conheceríamos as palavras ‘chuva’, ‘dourado’, ‘regaço’, ‘embuste’, ‘abóbada celeste’ e outras palavras que se encontram escritas numa obra de Terêncio, se ele não apresentasse nesse lugar um rapaz perverso que se propunha a si mesmo Júpiter como modelo de estupro, ao olhar um quadro pintado na parede, ‘onde estava representado como Júpiter, segundo dizem, certo dia, mandou para o regaço de Dánae uma chuva dourada’⁴ ‘que se tornou num embuste para essa mulher’⁵? E vê como ele se excita à luxúria, como que levado pelo celeste magistério: ‘Mas que Deus!’, diz ele. ‘É ele quem faz ressoar a abóbada celeste com enorme estrondo. E eu, um pobre mortal, não poderia fazer o mesmo? Eu,

¹ Salmo 75:8.

² Sabedoria 14:5.

³ Cícero, *Tusculanas* 1, 65.

⁴ Terêncio, *Eunuco* 584-585.

⁵ Terêncio, *Eunuco* 589.

na verdade, o fiz e de bom grado'.¹ De modo nenhum é por esta torpeza que mais facilmente se aprendem essas palavras, mas é por estas palavras que mais ousadamente se põe em prática essa torpeza. Não acuso as palavras enquanto vasos eleitos² e preciosos³, mas o vinho do erro, que neles nos davam a beber os ébrios doutores, e se não bebêssemos, éramos açoitados, e não nos era lícito apelar para um juiz que estivesse sóbrio. E, todavia, eu, meu Deus, em cuja presença já está em segurança a minha recordação, de bom grado aprendi essas coisas e, infeliz, deleitava-me nelas, e, por isso, me chamavam rapaz de boa esperança.

[Reprovação do ensino literário ministrado aos jovens]

XVII. 27. Permite-me, meu Deus, dizer alguma coisa também acerca do meu talento, dádiva tua, em que desatinos o consumia. Propunham-me um tema muito perturbante para a minha alma, por causa de um prêmio de louvor ou vitupério, ou por causa do medo dos açoites – que consistia em eu recitar as palavras de Juno irada e magoada por não conseguir ‘afastar de Itália o rei dos Troianos’⁴, palavras que nunca me constara que Juno tivesse dito. Mas éramos obrigados a seguir, errantes, as pegadas das ficções poéticas e a dizer em prosa uma coisa parecida com o que o poeta tinha dito em verso⁵: e era mais louvado aquele em que, de acordo com a dignidade da personagem representada, sobressaísse um afecto semelhante à sua ira e à sua dor, em palavras que adequadamente exprimissem os sentimentos. De que me servia, ó verdadeira vida⁶, meu Deus, que me aclamassem a mim, ao recitá-las, em vez de aclamarem os muitos rapazes da mesma idade e meus condiscípulos? Tudo isso não será apenas fumo e vento? E não havia mais em que exercitar o meu talento e a minha língua? Tivessem os teus louvores, Senhor, tivessem os teus louvores, por intermédio das tuas Escrituras, plantado o bacelo do meu coração, e não teria sido arrebatado através da inanidade de tais bagatelas, como torpe presa das aves. Pois não há somente um modo de sacrificar aos anjos transgressores.

¹ Terêncio, *Eunuco* 590-591.

² *Actos* 9.15.

³ *Provérbios* 20:15.

⁴ Vergílio, *Eneida* I 38.

⁵ Sobre este tipo de exercício escolar, recomendado por Quintiliano, v. *Institutio Oratoria* X, V, 2.

⁶ *João* 11:25; 14:6.

[Observância da gramática e desprezo dos preceitos divinos]

XVIII. 28. Que admira que eu assim fosse atrás de futilidades e me afastasse para longe de ti, meu Deus, quando, para imitação, me eram propostos homens que, se contassem algumas das suas acções não más, cometendo algum barbarismo ou solecismo, se enchiam de confusão ao serem repreendidos, mas se, com abundância e ornato¹, contassem as suas torpezas em palavras vernáculas e devidamente adequadas, se vangloriavam ao serem elogiados? Tu, Senhor, vês isto e, como és longânime, cheio de misericórdia² e verdadeiro³, ficas em silêncio. Mas, porventura, ficarás calado para sempre⁴? E agora livras deste cruel abismo⁵ a alma que te procura e que tem sede dos teus deleites⁶, e cujo coração te diz: Busquei o teu rosto; o teu rosto, Senhor, buscarei⁷. Pois, estar longe do teu rosto é estar em afecto tenebroso. Na verdade, não é com os pés nem com afastamento local que nos vamos embora de junto de ti ou voltamos a ti, ou que aquele teu filho mais novo¹ buscou cavalos, ou carros, ou embarcações, ou voou com asas visíveis, ou fez uma viagem movendo os seus pés, para, numa região longínqua, vivendo prodigamente, dissipar o que lhe deras, doce Pai, para ele, quando partiu, porque lho deras, e mais doce quando voltou sem nada: portanto, estar em afeição luxuriosa, o mesmo que tenebrosa, é estar longe do teu rosto.

29. Vê, Senhor e Deus, e com paciência, como costumás ver, vê como os filhos dos homens observam as convenções das letras e das sílabas recebidas dos primeiros falantes e como desprezam o pacto eterno da salvação perpétua de ti recebido, de tal forma que, se alguém que sabe ou ensina as regras antigas sobre os sons, pronunciar, contra a norma gramatical, a palavra ‘homem’ sem aspirar a sílaba inicial, desagradará mais aos homens do que, se, contra os teus preceitos, odiar um homem, sendo ele homem. Como se pudesse sentir qualquer homem seu inimigo como coisa mais perniciosa do que o próprio ódio com que se encoleriza contra ele, ou como se alguém causasse maior dano a outro, perseguindo-o, do que causa ao seu coração, querendo-lhe mal. E por certo a ciência das letras não é mais íntima do que a lei escrita na

¹ Cícero, *Tusculanas* 1, 7.

² *Salmo* 102:8.

³ *Salmo* 85:15.

⁴ *Isaias* 42:14.

⁵ *Salmo* 85:13.

⁶ *Salmo* 15:11; 41:3; 62:2.

⁷ *Salmo* 26:8.

consciência², que proíbe fazer aos outros aquilo que não queremos que nos façam a nós³. Como és misterioso, tu que habitas nas alturas⁴ em silêncio, só tu, Deus grande, derramando com a tua Lei incansável cegueiras punitivas sobre os desejos ilícitos, quando um homem, procurando a fama de eloquente, diante do juiz que é homem, perante uma multidão de homens, perseguindo o seu adversário com um ódio ferocíssimo, se preocupa, com toda a atenção, em não dizer por lapso de língua: ‘inter hominibus’⁵, mas não se preocupa em eliminar do meio dos homens outro homem, com o furor da sua mente.

[Persistência dos vícios da infância na idade adulta]

XIX. 30. Eu, pobre criança, jazia no limiar destes hábitos. E a luta desta arena era aquela em que temia cometer um barbarismo mais do que tomava cuidado, se o cometesse, em não ter inveja dos que o não cometiam. Digo-te e confesso-te, meu Deus, aquilo em que era elogiado por aqueles: agradar-lhes era então para mim viver honestamente. Pois não via o abismo de torpeza em que era lançado longe do teu olhar⁶. Mesmo entre eles que havia de mais abjecto do que eu, quando também a esses desagradava, enganando com inumeráveis mentiras o pedagogo, os professores e os meus pais por amor da brincadeira, pelo desejo de ver espectáculos frívolos e imitá-los com folgazã excitação? Também cometia furtos na despensa e na mesa dos meus pais, ou porque a gula o exigia, ou para ter que dar aos rapazes que me vendiam o seu jogo, embora se divertissem também muito com ele. Nesse jogo muitas vezes obtinha vitórias fraudulentas, sendo eu próprio vencido pela vã ambição da superioridade. Mas que coisa havia que eu não quisesse tanto sofrer e que tão atrozmente repreendesse, se o descobrisse, como aquilo que fazia aos outros? E, se fosse repreendido quando era descoberto, antes queria ser castigado do que ceder. É essa a inocência das crianças? Não, por certo que não é, meu Deus. Pois estas são as mesmas coisas que, começando nos pedagogos, nos professores, nas nozes¹, nos berlindes e nos passarinhos, acabam, quando se chega a adulto, nos prefeitos, nos reis, no dinheiro, nas propriedades, nos

¹ Lucas 15:11-32.

² Romanos 2:15.

³ Tobias 4:16; Mateus 7:12; Lucas 6:31.

⁴ Isaías 33:5.

⁵ Correctamente, deveria dizer-se *inter homines*.

⁶ Salmo 30:23.

escravos, tal como às vergastadas sucedem maiores castigos. Por isso, tu, nosso rei, apontaste a estatura da criança como símbolo de humildade, quando disseste: *Destes é o Reino dos Céus*².

[Agradecimento pelos bens recebidos na infância]

XX. 31. Mas a ti, Senhor, criador sublime e bom acima de todas as coisas, a ti que governas o universo, a ti, nosso Deus, te dou graças³, ainda que tivesses querido que eu fosse apenas criança. Porque mesmo então eu existia, vivia, e sentia, e cuidava da minha incolumidade, vestígio da secretíssima unidade da qual me vinha o ser, guardava com o sentido interior a integridade dos meus sentidos e, nesses mesmos pensamentos, pequenos e de pequenas coisas, deleitava-me com a verdade. Não queria ser enganado, tinha boa memória, instruía-me com a convivência, suavizava-me com a amizade, evitava a dor, a abjecção, a ignorância. Que havia em tal ser que não fosse digno de admiração e louvor? Mas todas essas coisas são dádivas do meu Deus. Não fui eu que as dei a mim mesmo: não apenas são coisas boas, mas, além disso, todas essas coisas sou eu. É bom quem me fez, e ele próprio é o meu bem e diante dele exulto⁴ por todos os bens com que me fez ser, ainda em criança. O meu pecado era procurar, não nele, mas nas suas criaturas, em mim e nos outros, prazeres, grandezas e verdades, e assim me precipitava na dor, na confusão e no erro. Graças te dou, minha doçura, e minha glória, e minha confiança, graças te dou, meu Deus, pelos teus dons; mas tu guarda-mos. Assim me guardarás, e crescerá e aperfeiçoar-se-á o que me deste, e eu serei contigo, porque também me deste o ser.

¹ Referência aos variados jogos infantis que recorriam às nozes como uma espécie de berlindes, ou de ‘malha’, ou com outras funções retratadas, e.g. no poema *Nux* (especialmente vv. 73-86), por alguns atribuído a Ovídio. Assim se compreende que a expressão ‘deixar as nozes’ (*relinquere nuces*) significasse ‘deixar a infância’.

² *Mateus* 19:14.

³ 2 *Coríntios* 2:14; 8:16; 9:15.

⁴ *Salmo* 2:11.

LIVRO II

[Recordação dos vícios da adolescência]

I. 1. Quero recordar as minhas deformidades passadas e as imundícies carnaís da minha alma, não porque as ame, mas para que te ame, meu Deus. Faço-o por amor do teu amor, rememorando os meus péssimos caminhos, na amargura da minha reflexão, para que te tornes doce para mim, doçura não falaciosa, doçura feliz e segura, e que me congrega da dispersão em que estou retalhado em pedaços, desvanecendo-me na multiplicidade por me afastar de ti, que és a unidade. Outrora desejei ardentemente saciar-me de baixeiras durante a minha adolescência e ousei embrenhar-me em variados e sombrios amores, e definhou a minha aparência e apodreci aos teus olhos¹, agradando-me a mim e desejando agradar aos olhos dos homens².

[O desatino dos dezasseis anos]

II. 2. E que era o que me deleitava senão amar e ser amado? Mas eu não mantinha uma relação de alma para alma, dentro dos limites luminosos da amizade, pelo contrário exalavam-se vapores do lodo da concupiscência da carne³, e do borbulhão da puberdade, e obnubilavam-me e ofuscavam-me o coração, de sorte que não se distinguia a serenidade da afeição das trevas da luxúria. Uma e outra efervesciam confusamente, e arrastavam a minha fraca idade pelos despenhadeiros das paixões, e mergulhavam-me no abismo dos vícios. Crescera sobre mim a tua ira, e eu não sabia. Ensurdecera com o ranger da cadeia da minha mortalidade, castigo para a soberba da minha alma, e afastava-me para longe de ti, e tu deixavas, e arremessavas-me, e eu derramava-me, e dispersava-me, e fervilhava nas minhas fornicções, e tu ficavas calado¹. Ó minha alegria que tardaste em chegar! Calavas-te então, e eu continuava a afastar-me de ti atrás de várias e várias estéreis sementes de dor, com um orgulhoso abatimento e um desassossegado cansaço.

¹ *Salmo 37:6; Zacarias 14:12.*

² *Salmo 78:10.*

³ *1 João 2:16.*

3. Quem poderia moderar a minha tribulação e tornar proveitosas as belezas fugazes das coisas inferiores, e fixar limites à sua suavidade, a fim de que os turbilhões da minha idade rebentassem junto do leito conjugal, se não podia neles encontrar a tranquilidade contida no objectivo de procriar filhos, segundo o que prescreve a tua Lei², Senhor, que asseguras também a propagação da nossa morte, e podes impor mão suave para amaciar a dureza dos espinhos excluídos do paraíso³? A tua onnipotência não está longe de nós⁴, ainda quando estamos longe de ti. Pelo menos eu devia ter prestado mais atenção ao som das tuas nuvens⁵: *Terão uma tribulação carnal deste género. Mas eu poupo-vos*⁶. E: *É bom para o homem não tocar em mulheres*⁷. E: *O que não tem esposa pensa nas coisas de Deus, em como há-de agradar-lhe; quem está unido em matrimónio pensa nas coisas que são do mundo, em como há-de agradar à esposa*⁸. Devia ter ouvido com mais atenção estas palavras, e, castrando-me, por causa do Reino dos Céus⁹, devia esperar, mais feliz, pelos teus abraços.

4. Mas eu, infeliz, vivia abrasado, indo atrás do ímpeto da minha corrente, abandonando-te, e transgredi todos os teus preceitos¹⁰, e não escapei aos teus castigos: e que mortal conseguiu evitá-lo? Com efeito, tu estavas sempre presente, castigando-me misericordiosamente, e aspergindo com dissabores tão amargos todos os meus deleites ilícitos, para que assim eu procurasse deleitar-me sem dissabores, e, quando tal me fosse possível, nada encontrasse além de ti, Senhor, além de ti que simulas dor no teu preceito¹¹ e castigas para curar¹², e nos matas para não morrermos para ti¹³. Onde estava eu e quão longe vivia exilado¹⁴ das delícias da tua morada¹⁵ naquele décimo sexto ano de idade da minha vida carnal, quando o desatino da lascívia desregrada, permitida pela torpeza humana, mas ilícita segundo as tuas leis, se apoderou do ceptro dentro de mim –

¹ *Isaiás* 42:14.

² *Génese* 1:28.

³ *Génese* 3:18.

⁴ *Actos* 17:27.

⁵ Por ‘nuvens’ entende Santo Agostinho os Apóstolos e as Sagradas Escrituras.

⁶ *1 Coríntios* 7:28.

⁷ *1 Coríntios* 7:1.

⁸ *1 Coríntios* 7:32-33.

⁹ *Mateus* 19:12.

¹⁰ *Levítico* 10:11.

¹¹ *Salmo* 93:20.

¹² *Oseias* 6:2.

¹³ *Deuterónimo* 32:39.

¹⁴ *Lucas* 15:13.

¹⁵ *Miqueias* 2:9.

e eu lhe estendi totalmente as mãos? Não tiveram cuidado os meus, vendo-me cair, em ampararem-me com o matrimónio, mas apenas se preocuparam com que eu aprendesse a fazer os melhores discursos e a persuadir com a palavra.

[A devassidão da adolescência. Expectativas dos pais]

III. 5. Foi nesse ano que se interromperam os meus estudos, enquanto, regressando eu de Madauro, cidade vizinha, na qual eu principiara a viver fora da minha terra para aprender literatura e oratória, se preparavam gastos para uma ausência mais distante em Cartago, mais por entusiasmo do que por recursos do meu pai, cidadão pouco abastado de Tagaste. A quem conto tudo isto? Não é a ti, meu Deus, mas é na tua presença que eu conto isto aos da minha espécie, o género humano, por mais pequena que seja a parte dele que possa deparar com estas minhas letras. E isso para quê? Para que eu, e todo aquele que isto ler, pensemos de quão profundo é preciso clamar a ti¹. E que há de mais próximo do que os teus ouvidos, se o coração se te confessa e a vida é segundo a fé²? Quem havia que não engrandecesse então com louvores a esse homem, meu pai, pelo facto de, acima das possibilidades dos bens familiares, gastar tudo aquilo que era necessário com o filho que se ausentava para tão longe, para estudar? Muitos cidadãos, de longe mais abastados, não tinham a mesma solicitude para com os seus filhos, quando, por outro lado, o meu pai não se preocupava em como cresceria eu para ti ou como seria casto, contanto que eu fosse diserto, ou, antes, me tornasse um deserto, privado do teu cultivo, ó Deus, que és o único verdadeiro e bom senhor do teu campo³, que é o meu coração.

6. Mas quando, interpondo-se uma pausa, por necessidade familiar, naquele décimo sexto ano, fiquei sem qualquer escola e comecei a estar com os meus pais, os espinhos da minha lascívia cresceram acima da minha cabeça, e não havia mão que os arrancasse. Mais ainda, quando o meu pai me viu nos banhos já púbere e revestido da inquieta adolescência, como se com isso comesse já a desfrutar dos netos, com alegria o comunicou a minha mãe, alegrando-se com a embriaguez em que este mundo se

¹ *Salmo* 129:1.

² *Habacuc* 2:4; *Romanos* 1:17; *Gálatas* 3:11; *Hebreus* 10:38.

³ *Mateus* 13:24-30.

esqueceu do seu criador, e em vez de ti amou a tua criatura¹, levado pelo vinho invisível da sua vontade, pervertida e inclinada para as coisas inferiores. Mas no peito de minha mãe já começaras o teu templo e iniciaras a tua santa habitação²: quanto a ele, era ainda catecúmeno, e há muito pouco tempo. E, por isso, ela exultou com santo temor e tremor³, e, embora eu ainda não fosse cristão, temeu por mim os caminhos tortuosos, por onde caminham aqueles que te voltam as costas e não a face⁴.

7. Ai de mim! E ousou dizer que tu te calaste, meu Deus, quando me afastava para mais longe de ti? Assim te calavas⁵ tu para mim? E de quem eram senão tuas as palavras que, por intermédio de minha mãe, tua fiel, cantaste aos meus ouvidos? Mas daí nenhuma desceu ao meu coração, de modo a que eu a pusesse em prática. Minha mãe, e no íntimo o recordo, queria instigar-me, com grande preocupação, a não fornicar e, sobretudo, a não cometer adultério com a mulher de ninguém. Estes conselhos pareciam-me mulheris, a que eu tinha vergonha de aquiescer. Mas eram conselhos teus, e eu não sabia, e julgava que tu te calavas e que falava aquela pela qual tu não te calavas⁶ para mim, e nela eras desprezado por mim, por mim, seu filho, filho da tua serva, e teu servo⁷. Mas não sabia, e ia para o abismo com tanta cegueira, que entre os meus companheiros me envergonhava de ser menos indecente, porque os ouvia vangloriando-se das suas maldades e gloriando-se tanto mais quanto mais abjectos fossem, e gostava de fazê-las não só pelo prazer mas também pelo louvor do que fazia. Que coisa é digna de vitupério senão o vício? Eu, para não ser vituperado, tornava-me mais vicioso, e, quando não havia com que me igualar aos depravados, fingia ter feito o que não fizera, para não parecer mais abjecto quanto mais inocente, e para não ser tido por tanto mais vil quanto mais casto.

8. Eis os companheiros com que fazia o percurso das praças desta Babilónia, e me revolvía nas suas imundícies como em cinamomo e unguentos preciosos⁸. E, no meio da imundície, calcava-me o inimigo⁹ invisível para que eu ficasse mais tenazmente atolado,

¹ Romanos 1:25.

² 1 Coríntios 3:16-17; Eclesiástico 24:14.

³ 2 Coríntios 7:15.

⁴ Jeremias 2:27.

⁵ Isaías 42:14.

⁶ Isaías 42:14.

⁷ Salmo 115:16(7).

⁸ Cântico 4:14.

⁹ Salmo 55:3.

e seduzia-me porque eu era seduzível. Ela, que escapara já do meio de Babilónia¹, mas caminhava com mais lentidão nos restantes aspectos, mãe da minha carne, por um lado persuadiu-me à castidade, por outro não cuidou de refrear com os laços da afeição conjugal, se o não podia cortar ao vivo, o que a meu respeito ouvira dizer a seu marido, e que já sentia ser pestilencioso e mais tarde perigoso; não cuidou disso, por ter medo de comprometer a esperança depositada em mim com as amarras do casamento, não a esperança da vida futura que tinha em ti, mas a esperança das letras que ambos os meus pais queriam ardentemente que eu conhecesse; ele, porque quase nada pensava em relação a ti, e muitas coisas frívolas em relação a mim; ela, porque considerava que aqueles estudos, seguidos na aquisição do saber, não só não constituiriam nenhum obstáculo, mas antes seriam alguma ajuda para te alcançar. Assim o conjecturo recordando, quanto sou capaz, a maneira de ser de meus pais. Afrouxavam-me também as rédeas para eu me divertir, indo além do que permitia uma severidade moderada em relação à dissolução das várias paixões, e em todas havia uma escuridão que me obstruía a tua serena verdade, meu Deus, e como que da minha gordura saía a minha iniquidade².

[O roubo das pêras]

IV. 9. Sem dúvida, Senhor, a tua Lei pune o furto³, e também a lei escrita no coração humano⁴, lei que nem sequer a própria iniquidade consegue apagar: que ladrão há que suporte com paciência outro ladrão? Nem um rico suporta um homem que a isso é levado pela necessidade. E eu quis cometer um furto e fi-lo sem ser impelido pela indigência, mas sim por penúria e fastio da tua justiça e fartura de iniquidade. Com efeito, furtei aquilo que tinha em abundância e muito melhor, e não queria fruir daquilo que desejava obter com o furto, mas sim do próprio furto e do pecado. Havia uma pereira junto da nossa vinha, carregada de frutos que não eram tentadores nem pelo aspecto, nem pelo sabor. Fomos sacudi-la e pilhá-la um grupo de jovens péssimos, já de noite, à hora até que tínhamos prolongado, por mau hábito, a brincadeira nas eiras, e trouxemos enormes quantidades, não para os nossos banquetes, mas para as deitarmos

¹ *Jeremias* 51:6.

² *Salmo* 72:7.

³ *Êxodo* 20:15; *Deuteronómio* 5:19.

⁴ *Romanos* 2:14-15.

aos porcos, ainda que tenhamos comido uma ou outra pêra, desde que fizéssemos o que nos apetecia, precisamente porque era proibido. Eis o meu coração, ó Deus, eis o meu coração do qual tiveste misericórdia no mais fundo do abismo. Diga-te agora o meu coração o que pretendia com isso, a ponto de eu ser mau sem motivo, e a causa da minha maldade não ser senão a maldade. Era feia, e eu ameí-a; ameí perder-me; ameí o meu defeito, não aquilo por que ansiava, mas ameí o meu próprio defeito, torpe alma que saltavas fora da tua base firme para a morte¹, não desejando alguma coisa por indecência, mas a própria indecência.

[Ninguém peca sem motivo]

V. 10. Todos os corpos belos têm, de facto, atractivos, como o ouro, a prata, e todas as coisas; e no sentido do tacto carnal é muito importante a harmonia; e cada um dos restantes sentidos é sensível a uma modalidade dos corpos; a honra temporal, bem como o poder de mandar e dominar, têm também o seu atractivo, de onde, por seu lado, nasce o desejo de vingança: e, todavia, para alcançar todas estas coisas não é preciso sair de ti, Senhor, nem desviarmo-nos da tua Lei. E a vida, que aqui vivemos, tem a sua sedução por causa de um certo grau de beleza que possui e da congruência com todas essas coisas belas, ainda as mais ínfimas. A amizade das pessoas, em afectuoso vínculo, é agradável por causa da união que faz de muitas almas. Por causa de todas estas coisas e outras da mesma natureza, comete-se pecado, quando, devido a uma inclinação imoderada para elas, embora sendo boas, se abandonam outras melhores e mais sublimes, como tu, Senhor nosso Deus, a tua verdade e a tua Lei². Também essas coisas inferiores têm os seus deleites, mas não são como o meu Deus que fez todas as coisas, porque nele se deleita o justo, e ele é a delícia dos rectos de coração³.

11. Quando, acerca de um crime, se indaga o motivo por que foi cometido, não é costume aceitá-lo senão quando se torna claro que ele pode ser o desejo de adquirir um daqueles bens a que chamamos inferiores ou o medo de os perder. Na verdade, esses bens são belos e esplêndidos, embora, por comparação com os bens superiores e celestiais, sejam abjectos e desprezíveis. Cometeu um homicídio. Porquê? Porque se

¹ *Judite* 4:10; *Eclesiástico* 39:36.

² *Salmo* 118:142.

³ *Salmo* 63:11.

apaixonou pela esposa ou pela propriedade do morto, ou quis roubar para ter de que viver, ou temeu que ele lhe tirasse coisa idêntica, ou, ofendido, ardeu em desejos de vingança. Cometeria, porventura, um homicídio sem motivo, pelo prazer do próprio homicídio? Quem acreditaria? Na verdade, conta-se acerca de um homem sem coração e extremamente cruel, ‘que ele era mau e cruel sem qualquer motivo’¹ – mas fica de antemão dito o motivo: ‘para que’, diz-se, ‘a inactividade lhe não entorpecesse a mão ou o ânimo’². E indague-se também isto: porquê assim? Para que, treinado na prática de crimes, uma vez tomada a cidade, se apoderasse de honras, poderes e riquezas, e não tivesse medo das leis nem dificuldades na vida, devido à escassez do seu património e à consciência dos seus crimes³. Nem o próprio Catilina amou os seus crimes, mas sim uma outra coisa, por cujo motivo os cometia.

[Só em Deus está o verdadeiro bem]

VI. 12. Que é que eu, pobre de mim, amei em ti, ó meu furto, ó meu crime, esse que cometi à noite, nos meus dezasseis anos de idade? Não eras belo, porque eras furto. Ou és sequer alguma coisa, para que eu fale contigo? Belos eram aqueles frutos que roubámos, porque eram uma criatura tua, ó mais belo de todos, criador de todas as coisas, Deus⁴ bom, Deus sumo bem e meu verdadeiro bem; belos eram aqueles frutos, mas não os desejou a minha alma miserável. Pois eu tinha em abundância frutos melhores, mas a esses colhi-os apenas para roubar. Depois de colhidos, deitei-os fora, banquetecendo-me apenas com a iniquidade de que desfrutava com satisfação. Se algum desses frutos entrou na minha boca, o que lhe dava sabor era o crime. E agora, Senhor meu Deus, procuro saber o que é que me deu prazer no furto e eis que não há beleza nenhuma: não digo como aquela que há na equidade e na prudência, nem sequer como a que há na mente do homem, na memória, nos sentidos e na vida vegetativa, nem como são belos os astros e esplêndidos nos seus lugares, e a terra e o mar cheios de seres vivos que, nascendo, sucedem aos que morrem; nem ao menos como uma certa beleza defeituosa e ensombrada que possuem os vícios enganadores.

¹ Salústio, *Conjuração de Catilina* 16,3.

² Salústio, *Conjuração de Catilina* 16,3.

³ Salústio, *Conjuração de Catilina* 5,7.

⁴ 2 *Macabeus* 1:24; Ambrósio, *Hinos* I 2,1 (PL 16, 1409).

13. Efectivamente, o orgulho imita a excelência, sendo tu o único Deus excelso¹ acima de todas as coisas. E a ambição que é que procura senão honras e glória, sendo tu o único digno de ser honrado acima de todas as coisas e glorioso para sempre? E a crueldade dos poderosos quer ser temida: mas quem deve ser temido senão apenas Deus, a cujo poder, nada, em nenhum tempo ou lugar, para nenhum lugar ou por nenhum meio, pode furtar-se ou subtrair-se? As carícias dos amantes querem reciprocidade: mas nada é mais carinhoso do que o teu amor e nada é amado mais salutarmente do que a tua verdade, mais formosa e luminosa que todas as coisas. E a curiosidade parece afectar o amor do saber, quando tu conheces sumamente todas as coisas. A ignorância e a estultícia escondem-se sob o nome de simplicidade e de inocência, porque nada se encontra mais simples do que tu. Que há de mais inocente do que tu, visto que são inimigas dos maus as suas próprias obras? E a preguiça deseja uma espécie de repouso: mas que descanso seguro existe além do Senhor? O luxo pretende ser chamado saciedade e abundância: mas tu és plenitude e abundância indefectível da incorruptível suavidade. A prodigalidade estende uma sombra de liberalidade: mas és tu quem distribui profusamente todos os bens. A avareza quer possuir muitas coisas: e tu possuis tudo. A inveja disputa a excelência: que há de mais excelente do que tu? A ira procura vingança: quem vinga com mais justiça do que tu? O temor abomina o insólito e o inesperado, contrários às coisas que são amadas, e procura garantir a segurança: pois que há de insólito para ti? Que há de inesperado? Ou quem separa de ti² aquilo que amas? Ou onde está uma segurança firme, senão em ti? A tristeza amofina-se, perdidas as coisas com que se regalava a cobiça, porque não queria que nada lhe fosse tirado, tal como a ti nada pode ser tirado.

14. Assim comete adultério³ a alma, quando se afasta de ti e fora de ti procura aquilo que não encontra puro e transparente, senão quando volta para ti. Perversamente te imitam todos aqueles que se distanciam de ti e se levantam contra ti. Mas, imitando-te, mesmo assim mostram que tu és o criador de toda a natureza e, por isso, não há para onde alguém se afaste totalmente de ti. Por conseguinte, que ameí eu naquele furto e em que é que imitei o meu Senhor, mesmo viciosa ou perversamente? Será que me apeteceu agir contra a lei ao menos por manha, já que não podia fazê-lo pela força, para imitar,

¹ *Job* 36:22; *Salmo* 77:35.

² *Romanos* 8:35.

³ *Salmo* 72:27.

sendo prisioneiro, uma liberdade estropiada, fazendo impunemente aquilo que não era lícito, mercê de um arremedo tenebroso de onnipotência? Eis aquele escravo que fugiu ao seu dono e suspira pela sombra¹. Ó podridão, ó monstro da vida e abismo da morte! Pôde apetecer-me o que não era lícito, não por outro motivo, senão porque não era lícito?

[Acção de graças pelo perdão dos pecados]

VII. 15. *Que retribuirei ao Senhor*², por a minha memória recordar estas coisas e a minha alma não temer por isso? Amar-te-ei, Senhor, e dar-te-ei graças e confessarei o teu nome³, porque me perdoaste tantas obras más e infames. À tua graça e à tua misericórdia devo teres derretido os meus pecados como se fossem gelo⁴. À tua graça devo também não ter cometido todos os males que não cometi: que podia não ter feito eu, que ameí até o crime gratuito? E proclamo que todas essas coisas me foram perdoadas, não só o mal que fiz por mim próprio, mas também o que não fiz guiado por ti. Quem de entre os homens há que, consciente da sua fraqueza, ouse atribuir às próprias forças a sua castidade e inocência, a ponto de te amar menos, como lhe sendo menos necessária a tua misericórdia, com que perdoas os pecados aos que se convertem a ti⁵? Aquele que, chamado por ti, seguiu a tua voz e evitou aquelas coisas que, lendo, me vê recordar e confessar, não se ria de eu, doente, ser sarado pelo médico que lhe proporcionou a ele não estar doente ou, antes, estar menos doente, e, por isso, deve amar-te tanto, ou ainda mais, porque, graças àquele por quem me vê despojado das enfermidades tão grandes dos meus pecados, vê que também graças a ele não foi enredado nas enfermidades igualmente grandes dos seus pecados.

[O prazer do convívio na prática do mal]

VIII. 16. Que fruto tive eu, pobre de mim, algum dia, naquelas coisas⁶ que agora me envergonho de recordar, sobretudo naquele furto em que ameí o furto em si, e nada

¹ Job 7:2.

² Salmo 115:12(3).

³ Salmo 53:8.

⁴ Eclesiástico 3:17.

⁵ Salmo 50:15.

⁶ Romanos 6:21.

mais, quando, por um lado, ele não era nada, e, por outro lado, eu era mais desgraçado por isso mesmo? E, todavia, sozinho eu não o teria cometido – assim recorro a minha disposição de então –, sozinho de modo algum eu o teria cometido. Portanto, nisso amei também a companhia daqueles com quem o cometi. Logo, amei alguma coisa mais do que o furto; ou, melhor, nenhuma coisa mais, porque também isso é nada. Mas o quê, realmente? Quem há que me revele, senão aquele que ilumina o meu coração¹ e dissipa as suas sombras? Porque é que me vem à mente indagar, analisar e considerar que, se então gostasse dos frutos que roubei e quisesse saboreá-los, poderia, mesmo sozinho, se conseguisse, cometer aquela iniquidade, com que chegaria ao meu prazer, e não inflamaria o prurido do meu apetite com o incitamento da cumplicidade dos meus companheiros? Mas, porque não estava naqueles frutos, o meu prazer estava na própria maldade cometida pela companhia dos que pecavam juntos.

[O contágio das más companhias]

IX. 17. E que afecto da alma era aquele? Decerto extremamente torpe, e aí de mim² que o tinha. Mas, então, o que era? *Quem entende os delitos?*³ Havia um riso, como se o coração fosse titilado, por enganarmos aqueles que não imaginavam que tais coisas fizéssemos e, de modo algum, as admitiam. Porque é que sentia prazer em não o fazer sozinho? Acaso porque ninguém facilmente se ri sozinho? De facto, ninguém facilmente o faz; mas às vezes o riso apodera-se também dos que estão sozinhos, quando ninguém está presente, se alguma coisa extremamente cómica se oferece aos sentidos ou ao espírito. Mas eu não o faria sozinho, não o faria, de maneira nenhuma, sozinho. Eis, aqui está diante de ti, meu Deus, a viva recordação⁴ da minha alma. Sozinho não faria aquele furto, em que não me apetecia aquilo que roubava, mas sim porque roubava: o que não me apeteceria, de modo algum, fazer sozinho, nem o faria. Ó amizade tão inimiga, imperscrutável sedução da mente, avidez de fazer mal por jogo e divertimento, e desejo do mal alheio sem nenhum prazer de proveito meu, nem de vingança! Mas quando há um que diz: ‘Vamos, façamos’, também se tem pudor de não ser impudente.

¹ *Eclesiástico* 2:10.

² *Job* 10:15.

³ *Salmo* 18:13.

⁴ *Números* 10:9.

[Todo o bem está em Deus]

X. 18. Quem desenvencilhará este nó tão retorcido e enredadíssimo? É feio. Não quero fixá-lo, não quero vê-lo. Quero-te a ti, justiça e inocência, bela e esplêndida para os olhos honestos e de insaciável saciedade. Junto de ti há muita tranquilidade e uma vida imperturbável. Quem entra em ti, entra no gozo do seu Senhor¹, e não temerá, e sentir-se-á optimamente naquele que é óptimo. Afastei-me de ti e andei errante² na adolescência, meu Deus, muitíssimo fora do caminho da tua estabilidade, e tornei-me para mim mesmo um terreno de indigência³.

¹ *Mateus* 25:21.

² *Salmo* 118:176.

³ *Lucas* 15:14.

LIVRO III

[Amar e ser amado]

I. 1. Vim para Cartago e estralejava à minha volta, de todos os lados, a *sartago* (frigideira)¹ dos amores criminosos. Ainda não amava e amava amar, e em tão profunda indigência detestava-me por ser menos indigente. Procurava que coisa amar, amando amar, e odiava a segurança, e o caminho sem armadilhas², porque tinha fome dentro de mim, do alimento interior, de ti mesmo, meu Deus, e, nessa fome, não sentia fome, mas estava sem desejo dos alimentos incorruptíveis, não porque estivesse saciado deles, mas porque quanto mais vazio estava tanto mais fastio tinha. E, por isso, a minha alma não estava de boa saúde, e atirava-se, ulcerosa, para fora de si, ávida de se roçar miseravelmente no contacto das coisas sensíveis. Mas, se estas não tivessem alma, por certo não seriam amadas. Amar e ser amado era-me mais doce, se gozasse também do corpo de quem me amava. Por isso, manchava o veio da amizade com as imundícies da concupiscência e obscurecia a sua brancura com as nuvens infernais da luxúria, e, apesar disso, hediondo e desonesto, ardentemente desejava, com vaidade de sobra, ser elegante e civilizado. Caí também no amor, em que desejava ser apanhado. *Meu Deus, minha misericórdia*³, com quanto fel, por vossa bondade, me aspergiste aquela suavidade, porque não só fui amado, mas também cheguei secretamente ao vínculo do prazer e, satisfeito, me prendia com penosos laços para ser açoitado com as ardentes varas de ferro⁴ do ciúme⁵, das desconfianças, dos receios, das iras, e das rixas¹.

[Paixão pelo teatro]

II. 2. Arrebatavam-me os espectáculos teatrais cheios de representações das minhas misérias e das faúlhas do meu fogo. Porque é que o homem quer sofrer aí, quando assiste à representação de coisas tristes e trágicas que, no entanto, não quereria sofrer?

¹ Agostinho joga com a semelhança fonética entre as palavras *Carthago* e *sartago*.

² *Sabedoria* 14:11.

³ *Salmo* 58:18.

⁴ *Salmo* 2:9.

⁵ *Salmo* 78:5.

E, todavia, enquanto espectador, com isso, quer sofrer a dor, e a mesma dor é o seu prazer. Que coisa é senão uma pasmosa loucura? Com efeito, tanto mais cada um se comove com isso, quanto menos são está de tais afectos, embora seja costume dizer que, quando o próprio sofre, é uma desgraça, e que, quando se compadece com os outros, é compaixão. Mas, enfim, que compaixão há em coisas fingidas e cénicas? Com efeito, o espectador não é chamado a socorrer, mas apenas convidado a condoer-se, e mais aplaude o actor de tais representações, quando mais sofre. E, se aquelas calamidades humanas, quer antigas, quer fingidas, são representadas de tal modo que o espectador não sofre, ele vai-se daí embora aborrecido e criticando; se, porém, sofrer, fica atento e chora lágrimas de contente.

3. Portanto, ama-se também a dor. Sem dúvida, todo o homem deseja o prazer. Porventura, não agradando a ninguém ser infeliz, agrada-lhe, no entanto, ser compassivo, e, porque isso implica sofrimento, por esse motivo se ama a dor? E isto deriva daquele veio da amizade. Mas para onde vai? Para onde flui? Porque corre ele para uma torrente de pez a ferver, para os ardores horríveis dos negros prazeres em que se transforma e converte por vontade própria, desviado e afastado da serenidade celestial? Logo, deve rejeitar-se a compaixão? De modo nenhum. Portanto, às vezes, deve amar-se a dor. Mas acautela-te da imundície, ó minha alma, sob a protecção do meu Deus, Deus dos nossos pais, digno de ser louvado e superexaltado por todos os séculos², acautela-te da imundície. Nem mesmo agora deixo de me compadecer; mas, nesse tempo, nos teatros, alegrava-me com os amantes, quando se desfrutavam por meio das suas obscenidades, embora as representassem imaginariamente no jogo cénico; mas, quando se perdiam, contristava-me, como que compassivo; e ambas as coisas me delectavam. Agora, porém, mais me compadeço de quem sente prazer na maldade do que de quem padece agruras por dano de um prazer pernicioso e perda de uma felicidade lamentável. Esta é, sem dúvida, uma compaixão mais verdadeira, mas não é nela que a dor se compraz. Porque, embora mereça aprovação quem se compadece do infeliz por dever de caridade, todavia, quem é fraternalmente compassivo preferiria não ter de se compadecer. Pois se há uma benevolência malévola, o que não é possível, então pode aquele, que com verdade e sinceridade se compadece, desejar até que haja

¹ *Gálatas* 5:20

² *Daniel* 3:52-55.

infelizes para se compadecer. Portanto, alguma dor deve merecer aprovação, mas nenhuma deve ser amada. Por isso, tu, Senhor e Deus, que amas as almas, compadeceste de uma forma infinitamente mais pura e incorruptível do que nós, precisamente porque não és atingido por nenhuma dor. E quem é capaz disso?¹

4. Mas eu, então um infeliz, amava sofrer e procurava ter de que sofrer, quando na desgraça alheia, falsa e representada, me agradava mais e atraía com mais força o desempenho do actor que me fazia correr lágrimas. Mas que admira isto, quando eu, infeliz ovelha² desgarrada do teu rebanho³ e não consentindo a tua vigilância, me maculava de repugnante sarna⁴? E daí vinham os amores da dor, não para ser invadido mais profundamente por ela – de facto não gostava de padecer as mesmas coisas que via representar –, mas para que, ouvidas elas e imaginadas, como que por elas fosse roçado à superfície: no entanto, seguia-se-lhes, como aos que se arranham com as unhas, um ferimento abrasador, e um fluxo, e um prurido asqueroso. Esta minha vida assim, era porventura vida, meu Deus?

[Envolvimento e rejeição dos arruaceiros]

III. 5. Sobre mim voava à minha volta, de longe, a tua fiel misericórdia. Em quantas iniquidades me consumi, seguindo uma sacrílega curiosidade, de tal modo que ela me afastava de ti e me conduzia para os mais baixos, desleais e enganadores obséquios dos demónios, aos quais imolava⁵ as minhas más acções, e em todas tu me flagelavas⁶! Numa celebração das tuas solenidades, dentro das paredes da tua Igreja, tive também a ousadia de desejar ardentemente e pôr em prática um stratagem para obter frutos de morte⁷: por isso me açoitaste com pesados castigos, mas nada em comparação com a minha culpa, ó tu, grandíssima misericórdia minha, meu Deus⁸, meu refúgio⁹ contra os terríveis perseguidores, nos quais andei errante, com o pescoço altivo, afastando-me

¹ 2 *Coríntios* 2:16.

² Vergílio, *Éclogas* 3,3.

³ *Salmo* 118:176; *Mateus* 18:22; *Lucas* 15:4-6; 1 *Pedro* 2:25.

⁴ *Levítico* 22:22.

⁵ *Deuterónimo* 32:17; 1 *Coríntios* 10:20.

⁶ *Salmo* 72:14.

⁷ *Romanos* 7:5.

⁸ *Salmo* 58:18.

⁹ *Salmo* 143:2.

para longe de ti, amando os meus caminhos e não os teus, amando a minha fugitiva liberdade.

6. Tinham aqueles estudos, que se chamavam honestos, uma orientação voltada para os pleitos forenses¹, de sorte que eu me evidenciasse neles, sendo tanto mais digno de louvor quanto mais fraudulento. Tamanha é a cegueira dos homens que até da cegueira se vangloriam. E eu já era o maior na escola do retor e orgulhosamente me regozijava e inchava com a vanglória, embora muito mais pacato, Senhor, tu sabes², e totalmente apartado das eversões que cometiam os eversores³ – este nome sinistro e diabólico é como uma insígnia de urbanidade – entre os quais eu vivia com impudente pudor, porque não era como eles. E às vezes estava com eles, e comprazia-me na amizade daqueles de cujas obras me mantinha sempre afastado, isto é, das eversões com que descaradamente surpreendiam o acanhamento dos recém-chegados, para os ridicularizarem, sem motivo, zombando deles e com isso apascentando as suas malévolas alegrias. Nada é mais semelhante aos actos dos demónios do que esse acto. Que nome lhes seria dado com mais propriedade do que o de eversores, eles próprios sendo os primeiros a ser totalmente evertidos e pervertidos, ridicularizados e seduzidos ocultamente pelos espíritos enganadores, precisamente pelo próprio facto de gostarem de ridicularizar e enganar os outros?

[A leitura do *Hortênsio* de Cícero e o interesse pela filosofia]

IV. 7. Entre eles, então, numa idade periclitante, aprendia eu os livros de eloquência, na qual pretendia evidenciar-me, com um objectivo condenável e frívolo, por satisfação da vaidade humana, e, segundo a costumada ordem de aprendizagem, chegara a um livro de um tal Cícero, cuja língua quase todos admiram, mas não assim o coração. Esse livro contém uma exortação à filosofia e intitula-se *Hortênsio*⁴. Foi esse livro que mudou os meus afectos e voltou para ti, Senhor, as minhas preces, e fez outros os meus votos e os meus desejos. Repentinamente se me tornou vil toda a vã esperança, e intensamente desejava com incrível ardor do coração a imortalidade da sabedoria e começava a

¹ Ovídio, *Fastos* IV 188; *Remédios* 670.

² *Tobias* 8:9; *João* 21:15-16.

³ Trata-se de grupos de estudantes que se entretinham a provocar desacatos e a aplicar praxes aos recém-chegados.

⁴ Composto em 45 a.C., subsistem apenas fragmentos, ainda que numerosos, deste diálogo de Cícero, grande parte dos quais nas obras de Agostinho.

levantar-me para voltar a ti¹. Não era para aperfeiçoar a língua – coisa que eu parecia comprar com o dinheiro de minha mãe, ao fazer dezanove anos de idade, tendo já falecido meu pai havia dois anos – não era pois para refinar a língua que eu manuseava aquele livro, nem ele me convencera quanto ao estilo, mas quanto àquilo que dizia.

8. Como desejava, meu Deus, como desejava ardentemente voar das coisas terrenas para ti, e não sabia o que operavas em mim! Junto de ti está a sabedoria². Amor da sabedoria³, pelo qual me inflamavam aquelas páginas, diz-se, com uma palavra grega, filosofia. Servindo-se da filosofia, há quem seduza, colorindo e disfarçando os seus erros sob um grande, suave e honesto nome, e quase todos os que assim eram, naqueles tempos e nos anteriores, são referidos e indicados naquele livro, e aí também se põe de manifesto aquela salutar advertência do teu espírito, escrita por intermédio do teu servo bom e piedoso: *Vede que ninguém vos engane com a filosofia e a vã sedução, segundo a tradição humana, segundo os elementos deste mundo, e não segundo Cristo, porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade*⁴. E eu, naquele tempo, tu o sabes⁵, luz do meu coração, como ainda não conhecia estas palavras do teu Apóstolo, deleitava-me somente naquela exortação, porque, com a sua exposição, era levado a amar, a procurar e a alcançar, a agarrar e a abraçar com força, não esta ou aquela seita, mas a própria sabedoria, qualquer que ela fosse; e eu inflamava-me e ardia de desejo, e em tão grande fervor só uma coisa me desalentava, é que o nome de Cristo não estava lá, porque este nome, segundo a tua misericórdia, Senhor⁶, este nome do meu Salvador, teu filho, tinha-o piedosamente bebido o meu tenro coração com o leite de minha mãe, e o retinha no mais profundo de si, e tudo aquilo que houvesse sem este nome, embora douto, polido e verídico, não arrebatava todo o meu ser.

[A Bíblia e os autores profanos]

V. 9. Por isso, decidi aplicar o meu espírito às Sagradas Escrituras e ver que tais eram. E eis que vejo uma coisa não manifesta para os orgulhosos, nem clara para as crianças⁷,

¹ Lucas 15:18, 2

² Job 12:13, 16.

³ Cícero, *Hortênsio* (Boécio, *De Differentiis Topicis* PL 64, 1185, 1195).

⁴ *Colossenses* 2:8-9.

⁵ *Tobias* 3:16; 8:9; *Salmo* 68:6; *João* 21:15-16.

⁶ *Salmo* 24:7.

⁷ *Tiago* 4:6; *1 Pedro* 5:5.

mas humilde no começo, sublime na continuação e coberta de mistérios, e eu não era pessoa que pudesse entrar nela ou inclinar a minha altivez para os seus passos. Não o senti assim como agora ao escrever, quando me apliquei à Escritura, mas ela me pareceu indigna de ser comparada com a majestade de Cícero. A minha inchação rejeitava o seu estilo, e a minha vista não penetrava no seu interior¹. Contudo, era ela que crescia com os pequeninos, mas eu não me dignava ser pequenino², e, inchado de orgulho, a mim mesmo me parecia magnífico.

[Adesão ao maniqueísmo]

VI. 10. E, assim, caí nas mãos de uns homens orgulhosamente tresvariados³, extremamente carnis, e palradores, em cujas bocas estavam os laços do diabo⁴ e um visco amassado com uma mistura das sílabas do teu nome e do Senhor Jesus Cristo e do Espírito Santo, nosso Paráclito Consolador⁵. Estes nomes não se afastavam da sua boca⁶, mas só com o som e o ruído da língua; de resto, o seu coração estava vazio da verdade. E diziam: ‘Verdade e verdade’, e muito me falavam dela, e não estava em nenhum lado dentro deles, mas diziam mentiras não somente sobre ti, que és verdadeiramente a verdade⁷, mas também sobre os elementos deste mundo⁸, tua criatura; eu devia ter passado adiante dos filósofos, mesmo dos que diziam a verdade sobre esses elementos, por causa do teu amor, meu Pai, sumamente bom, beleza de tudo o que é belo. Ó Verdade, Verdade, quão intimamente a medula da minha alma suspirava por ti, quando eles te repercutiam em mim, com frequência e por múltiplos modos, só com a voz ou com muitos e enormes livros! E eram estas as bandejas em que me serviam, em vez de ti, a mim que tinha fome de ti, o sol e a lua, obras tuas, belas, mas no entanto obras tuas, não tu, nem sequer as primeiras. Com efeito, as tuas obras espirituais são anteriores a estas, corpóreas, embora luminosas e do firmamento. Mas eu

¹ *Provérbios* 7:27.

² *Mateus* 18:3.

³ O maniqueísmo é uma religião fundada por Mani, baseada na concepção dualista do gnosticismo do qual se inspira. Sob a diversidade de elementos que o constituem, o maniqueísmo permaneceu sempre fiel à doutrina metafísica de dois princípios ou substâncias, co-eternas e diametralmente opostas: o bem, que é Deus, espírito e luz; e o mal, que é o Diabo, a matéria, as trevas.

⁴ 1 *Timóteo* 3:7; 2 *Timóteo* 2:26.

⁵ *João* 14:16.

⁶ *Josué* 1:8.

⁷ *João* 14:6.

⁸ *Colossenses* 2:8.

tinha fome e sede¹, não daquelas obras, mas de ti mesma, de ti, ó verdade, em que não há mudança, nem sombra de movimento². E serviam-me ainda, naquelas bandejas, fantasias esplêndidas, com as quais já era melhor amar este sol, real, pelo menos para estes olhos, do que aquelas coisas falsas para o espírito enganado pelos olhos. E, todavia, porque julgava seres tu, comia, não avidamente por certo, porque nem tinha na minha boca o sabor de ti, como tu és – tão-pouco eras tu aquelas frívolas invenções – nem me alimentava delas, mas exauria-me cada vez mais. Nos sonhos, a comida é muito parecida com os alimentos de quem está acordado, mas dela não se alimenta quem está a dormir: porque está a dormir. Mas essas coisas de modo algum eram semelhantes a ti, como agora me disseste, porque eram fantasmas corporais, corpos falsos; mais reais que eles são estes corpos verdadeiros que vemos com a visão carnal, sejam eles celestes ou terrestres: com os animais e as aves vemos estes corpos e são mais reais do que quando os imaginamos. E, mais uma vez, com mais certeza os imaginamos do que quando a partir deles supomos outros maiores e infinitos que absolutamente não existem. Em que espécie de frivolidades me apascentava eu nesse tempo, e não me alimentava. Mas tu, meu amor, em quem desfaleço³, para ser forte⁴, tu nem és esses corpos que vemos, embora estejam no firmamento, nem aqueles que aí não vemos, porque tu os criaste e não os tens entre as tuas mais sublimes criaturas. Portanto, quão longe estás daquelas minhas fantasias, das fantasias corporais, que não existem em absoluto! Do que estes, são mais reais as fantasias daqueles corpos que existem, e do que estas fantasias, são mais reais os corpos apesar de não serem tu. Mas também não és a alma, que é a vida dos corpos – por isso, melhor é a vida dos corpos e mais real que os corpos – mas tu és a vida das almas, a vida das vidas, vives e não mudas⁵, vida da minha alma⁶.

11. Onde estavas pois, para mim, nessa altura, e a que distância? Eu peregrinava longe de ti, excluído até das bolotas dos porcos que eu apascentava com bolotas⁷. Quanto melhores não eram as fabulazinhas dos gramáticos e dos poetas do que aqueles embustes! Porque os versos, a poesia, e Medeia a voar⁸ eram, sem dúvida, mais úteis do

¹ Mateus 5:6; 1 Coríntios 4:11.

² Tiago 1:17.

³ Salmo 118:81.

⁴ 2 Coríntios 12: 10.

⁵ Malaquias 3:6.

⁶ Provérbios 3:22.

⁷ Lucas 15:16.

⁸ Ácio, *Medea* (fr.397 Warmington; fr. 407 Ribbeck).

que os cinco elementos variegadamente disfarçados por causa dos cinco antros de trevas¹, que de forma alguma existem e matam quem crê neles. Os versos e a poesia também os transformo em verdadeira comida; embora recitasse Medeia a voar, não afirmava isso, e, embora o ouvisse recitar, não acreditava nisso: mas naquelas coisas acreditei. Ai! Ai! Por que degraus fui levado para as profundas do inferno², debatendo-me e inquietando-me com a falta da verdade, embora te procurasse, meu Deus – a ti confesso, a ti que te compadeceste de mim, que ainda me não confessava a ti – embora te procurasse, não segundo o entendimento da mente, com que me fizeste ser superior aos animais irracionais, mas segundo o sentir da carne. Mas tu eras mais interior do que o íntimo de mim mesmo e mais sublime do que o mais sublime de mim mesmo. Encontrei aquela mulher desavergonhada³, desprovida de prudência, enigma de Salomão, sentada numa cadeira à porta de casa e que dizia: comei a vosso gosto dos pães ocultos e bebei da água doce escondida⁴. Esta seduziu-me, porque me encontrou fora de casa, habitando nos olhos da minha carne e ruminando em mim as coisas que com eles devorava.

[Os absurdos da doutrina maniqueísta]

VII. 12. Eu ignorava outra coisa, aquilo que verdadeiramente é, e como que era levado, um tanto subtilmente, a sufragar àqueles estultos enganadores, quando me perguntavam de onde vinha o mal, e se Deus era delimitado por uma forma corpórea e se tinha cabelos e unhas, e se devia ser tido por justo quem tivesse várias esposas ao mesmo tempo e matasse seres humanos e oferecesse sacrifícios de animais. Eu, que ignorava estas coisas, perturbava-me com elas, e, apartando-me da verdade, parecia-me caminhar para ela, porque não sabia que o mal não é senão a privação do bem, até ao ponto de não ser absolutamente. E como podia vê-lo eu, cujos olhos não conseguiam ver para além do corpo e cujo espírito não via para além dos fantasmas? E não sabia que Deus é

¹ A geografia mítica do *reino das trevas*, no maniqueísmo, apresenta cinco regiões concêntricas. Na zona mais periférica estão as ‘trevas exteriores, imensas e com seus rebentos’. A seguir vem a região das ‘águas lamacentas e turvas’. Depois a região dos ‘ventos impetuosos’ e, imediatamente a seguir, a região do ‘fogo corruptível, com os seus chefes e nações’. A zona mais interior é a ‘região do fumo’, onde mora ‘uma raça caliginosa, cheia de fuligem’, e em cujo centro está o Príncipe dos Demônios (cf. *Contra a Carta chamada ‘Do Fundamento’*, 28; *Acerca dos costumes dos Maniqueus...*, II, 9, 14; *Contra Fausto*, XXI, 1).

² *Provérbios* 9:18.

³ Esta ‘mulher’ representa a seita maniqueísta, a que Agostinho pertenceu entre 374 e 383.

⁴ *Provérbios* 9:5,13-17.

espírito¹, que não tem membros em comprimento e largura, que não tem matéria, porque a matéria é menor na parte que no todo, e, se for infinita, é menor numa parte delimitada por um espaço definido do que pelo infinito, e não está toda em toda a parte, tal como o espírito, tal como Deus. E ignorava inteiramente que coisa há em nós, segundo a qual somos, e segundo a qual na Escritura é dito com verdade que somos à imagem de Deus².

13. E não conhecia a verdadeira justiça interior que não julga segundo o costume, mas segundo a lei rectíssima de Deus onnipotente, na qual seriam formados os costumes dos vários lugares e épocas, em conformidade com esses lugares e essas épocas, sendo a própria lei, em toda a parte e sempre, não uma num lugar, e outra em outro lugar, segundo a qual seriam justos Abraão, Isaac, Jacob, Moisés, David, e todos aqueles que foram louvados por Deus; mas são considerados iníquos pelos ignorantes que julgam segundo a duração humana³ e avaliam todos os costumes do género humano pela bitola dos seus costumes, como se alguém, leigo em armaduras, não sabendo o que é adequado a cada parte do corpo, quisesse proteger a cabeça com a polaina e calçar um capacete, e se queixasse de que não se adaptam convenientemente, ou, num dia em que é declarado feriado da parte da tarde, alguém barafustasse por não lhe ser permitido vender alguma coisa, já que lhe foi autorizado da parte da manhã, ou visse na mesma casa um escravo tocar com as mãos em alguma coisa que não é permitido tocar àquele que serve à mesa, ou fazer atrás dos estábulos o que não é permitido fazer diante dos comensais, e se indignasse por não ser atribuído o mesmo em toda a parte e a todos, sendo uma só a casa e a família. São assim aqueles que se indignam ao ouvirem dizer que, naquele tempo, foi permitido aos justos alguma coisa que, neste tempo, não é permitida aos justos, e ainda porque àqueles Deus preceituou uma coisa e a estes outra, conforme as circunstâncias temporais, quando uns e outros serviam à mesma justiça, embora vejam num só homem, num só dia e numa só casa, uma coisa convir a um membro, outra a outro, e que antes foi lícita uma coisa e, uma hora depois, já não é, e que num recanto é permitida ou mandada determinada coisa que em outro, mesmo ao lado, é proibida e castigada. Acaso a justiça é variável e mutável⁴? Mas os tempos a que a justiça preside

¹ João 4:24.

² Génesis 1:27.

³ 1 Coríntios 4:3.

⁴ Vergílio, *Eneida* IV 569.

não vão a par, porque são tempos. Os homens, porém, cuja vida sobre a terra é breve¹, porque não conseguem compaginar no mesmo sentido as circunstâncias de séculos anteriores e de outras gentes, circunstâncias que não experimentaram, juntamente com as que experimentaram, mas podem facilmente ver num só corpo, em um só dia, em uma só casa, a que membro, a que momentos, a que partes ou pessoas se adequa uma coisa, escandalizam-se com aqueles tempos e submetem-se a estes.

14. Nesse tempo eu não sabia nem me dava conta dessas coisas, e de todos os lados elas me batiam nos olhos e eu não as via; e recitava poemas e não me era lícito situar um pé qualquer em qualquer posição, mas num tipo de metro de uma maneira, e noutro tipo de outra maneira, e em determinado verso o mesmo pé, mas não em todas as posições; e a mesma teoria, segundo a qual eu recitava, não dizia uma coisa aqui, outra ali, mas todas em sintonia. E eu não via que a justiça a que serviam esses varões, bons e santos, tinha, de forma muito mais excelente e sublime, em sintonia todas as coisas que preceitua e que não varia em nenhuma das suas partes, e, todavia, não tem todas as coisas em simultâneo nas várias épocas, mas distribui e preceitua em cada época o que lhe é próprio. E eu, cego, censurava os santos Patriarcas que não só usavam do presente como Deus lhes mandava e inspirava, mas também preanunciavam o futuro, como Deus lho revelava.

[O que é detestável no maniqueísmo]

VIII. 15. Acaso em algum tempo ou lugar é injusto amar a Deus de todo o coração, de toda a alma, com toda a mente, e o próximo como a ti mesmo²? Por conseguinte, as torpezas que são contra a natureza, sempre e em toda a parte devem ser repudiadas e castigadas, como foram as dos habitantes de Sodoma. Ainda que todos os povos as cometessem, seriam réus do mesmo crime segundo a lei divina, que não fez os homens de molde a usarem de si desse modo. Viola-se, efectivamente, a própria sociedade que devemos ter com Deus, quando a mesma natureza, de que ele é autor, se polui na perversidade do prazer. Os crimes que são contra os costumes humanos devem ser evitados, tendo em conta a diversidade de costumes, para que nenhum apetite de um

¹ *Sabedoria* 15:9.

² *Mateus* 22:37, 39; *Marcos* 12:30, 33; *Lucas* 10:27.

cidadão ou estrangeiro viole o pacto estabelecido entre si por costume ou lei de uma cidade ou de uma nação. Torpe é, com efeito, toda a parte que não é congruente com o seu todo. Mas, quando Deus ordena alguma coisa contra o costume ou o pacto de quem quer que seja, embora nunca aí tenha sido praticada, deve ser posta em prática, e, se omissa, deve ser instaurada, e, se não tinha sido instituída, deve ser instituída. Na verdade, se é lícito a um rei ordenar, na cidade em que reina, alguma coisa que ninguém antes dele, nem ele próprio, jamais ordenara, e é obedecido sem irem contra a sociedade daquela cidade, mais ainda, não é obedecido contra essa sociedade – é pacto geral da sociedade humana obedecer aos seus reis – quanto mais não deve obedecer sem hesitação toda a criatura a Deus, seu rei, naquilo que ele ordenar! Assim como nos potentados da sociedade humana o maior vem antes do menor para ser obedecido, assim Deus vem antes de todos.

16. De igual modo, nos delitos, quando há desejo de fazer mal por insulto ou ofensa, e uma e outra coisa por vingança, como um inimigo ao seu inimigo, ou para conseguir um bem alheio, como um salteador ao viandante, ou para evitar um mal, como em relação àquele que se teme, ou por inveja, como o desgraçado ao bem sucedido, ou como o bem sucedido em relação àquele que teme que se lhe iguale, ou lhe dói vê-lo igual, ou somente pelo prazer do mal alheio, como os espectadores dos jogos de gladiadores, ou como os que criticam e zombam de quem quer que seja. Estes são os pontos essenciais da iniquidade, que pululam devido ao desejo de dominar, ver e sentir¹, ou devido a um ou dois deles ou de todos em conjunto, e vive-se mal contra os três mais sete, o saltério de dez cordas², o teu decálogo, Deus altíssimo³ e dulcíssimo. Mas que torpezas há contra ti que não és corruptível? Ou que delitos contra ti, a quem não é possível fazer mal? Mas castigas aquilo que os homens praticam contra si mesmos, porque mesmo quando pecam contra ti, é contra as suas almas que agem impiamente, e a iniquidade mente a si mesma⁴, seja corrompendo, seja pervertendo a sua natureza, que tu fizeste e ordenaste, ou usando imoderadamente de coisas permitidas, ou desejando ardentemente coisas não permitidas *para um uso que é contra a natureza*⁵; ou são réus os que em

¹ 1 João 2:16.

² Salmo 32:2; 143:9.

³ Salmo 9:3; 91:2.

⁴ Salmo 26:12.

⁵ Romanos 1:26.

intenção e palavras se enfurecem contra ti e recalcitram contra o teu aguilhão¹, ou quando, quebrando os limites da sociedade humana, se alegram, audazes, com privadas conciliações ou rupturas, ao sabor do que lhes agrada ou os ofende. E tudo isto se faz ao mesmo tempo que tu és abandonado, fonte da vida², que és o único e verdadeiro criador e governador do universo, e com privada soberba se ama em parte uma só falsidade. E, assim, em humilde piedade voltamos a ti, e tu purificas-nos do mau costume e és propício para com os pecados³ dos que a ti se confessam, e ouves os gemidos dos prisioneiros⁴ e libertas-nos das cadeias que para nós fizemos, contanto que não levantemos contra ti os cornos⁵ da falsa liberdade, com a avareza de possuir mais e com o dano de tudo perder, amando mais o nosso próprio bem, do que a ti, que és o bem de todos.

[Distinção entre os pecados: juízo de Deus e juízo dos homens]

IX. 17. Mas entre as torpezas e os delitos e tantas iniquidades estão os pecados dos que avançam no caminho da perfeição, pecados que os que bem julgam censuram, segundo a regra da perfeição, e louvam na esperança de que produzam fruto, como o trigo verde da seara. E alguns são semelhantes à torpeza ou ao delito e não são pecados, porque não te ofendem a ti, Senhor nosso Deus, nem vão contra a aliança social, como quando são procuradas algumas coisas para utilidade da existência em conformidade com o tempo, sem que seja claro se o motivo é a ganância da posse, ou como quando o poder instituído aplica sanções levado pelo zelo de corrigir, sem que seja claro se é movido pelo desejo de fazer mal. Por isso, muitas coisas que pareceriam aos homens não dever ser aprovadas, foram aprovadas pelo teu testemunho, e muitas coisas louvadas pelos homens são condenadas pelo teu testemunho, pois que muitas vezes uma coisa é a aparência do facto, e outra a intenção do agente e as circunstâncias de um tempo oculto. Quando, todavia, repentinamente ordenas algo de inusitado ou imprevisto, ainda que alguma vez o tenhas proibido, e embora ocultes por um tempo a causa da tua ordem, e ela vá contra o pacto de sociedade de alguns homens, quem duvidará pô-la em prática, quando é justa a sociedade humana que te serve? Mas bem-aventurados os que sabem

¹ *Actos* 9:5; 26:14.

² *Jeremias* 2:13.

³ *Salmo* 77:38; 78:9.

⁴ *Salmo* 101:21.

⁵ *Salmo* 74:5-6.

que foste tu que mandaste. Os que te servem fazem todas as coisas, já para proporcionar o que é necessário ao presente, já para preanunciar o futuro.

[Teorias ridículas dos Maniqueus sobre os frutos da terra]

X. 18. Ignorando eu estas coisas, zombava daqueles teus santos servos e Profetas. E que fazia eu, quando me ria deles, senão ser ridicularizado por ti, lentamente e pouco a pouco levado a tais ridicularias que acreditava que um figo, ao ser cortado, chorava com a árvore sua mãe lágrimas de leite? Se algum santificado comesse esse figo colhido não por crime seu, sem dúvida, mas alheio, misturaria na sua barriga e exalaria dele anjos, ou mais ainda, partículas de Deus, gemendo em oração ou arrotando: estas partículas do supremo e verdadeiro Deus continuariam ligadas naquele fruto, se os santos eleitos as não libertassem com os seus dentes e o seu estômago. Eu, infeliz, acreditei que devia ter-se mais piedade com os frutos da terra¹ do que com os seres humanos para os quais aqueles tinham nascido. Se alguém com fome, não sendo maniqueu, o pedisse, pareceria ser condenado à pena de morte aquele bocado, se lhe fosse dado².

[As lágrimas e o sonho de Mónica]

XI. 19. E do alto lançaste³ a tua mão e desta profunda escuridão *arrancaste a minha alma*⁴, chorando por mim minha mãe, tua fiel, diante de ti, mais do que choram as mães nas exéquias do corpo. Ela via a minha morte na fé e no espírito⁵ que eu recebera de ti, e tu ouviste-a, Senhor, ouviste-a e não desprezaste as suas lágrimas, quando irrigavam profusamente a terra debaixo dos seus olhos em todo o lugar da sua oração: ouviste-a. Pois donde veio aquele sonho com que a consolaste, para que acedesse a viver comigo e

¹ Romanos 9:15.

² O mito cosmogónico do maniqueísmo afirmava que depois da Batalha originária entre a Luz e as Trevas aquela ficara aprisionada na matéria, como numa grande Cruz Cósmica. Na Terra, as maiores porções de luz concentravam-se nos vegetais, nas flores e nos frutos. Por isso, a felicidade destas réstias de luz em êxodo nos elementos materiais estava em ser digerida por um *eleito* e libertar-se completamente do cárcere no *altar dos seus intestinos*. Por isso, os Maniqueus eram vegetarianos: não comiam carne nem bebiam vinho. Esta doutrina tinha outras implicações: a reencarnação mais desejável não era num *eleito* maniqueu, contrariamente ao que seria de esperar, mas em melões, melancias, pepinos, leitugas, porque os *eleitos*, na *fábrica dos seus estômagos*, transformavam em anjos a luz neles prisioneira. Este regime tinha por isso um sentido soteriológico: comer era um rito sagrado e digerir os alimentos era ser participante na obra da redenção. Agostinho, porém, reduz esta operação a uma comezaina seguida de arrotos, para melhor poder desacreditar os Maniqueus (cf. *Contra Faustum*, II, 5; V, 10; VI, 6; *De natura boni*, 44; *De moribus...*, II, 15, 36; *De haeresis*, 46, 12).

³ Salmo 143:7.

⁴ Salmo 85:13.

⁵ Gálatas 5:5.

a ter comigo a mesma mesa em casa? O que começara por não querer, repudiando e detestando as blasfêmias do meu erro. Viu, com efeito, de pé, numa espécie de régua de madeira, um jovem que vinha em direcção a ela, resplandecente, alegre e sorrindo-lhe, estando ela acabrunhada e consumida de tristeza¹. Como ele lhe perguntasse as causas da sua tristeza e das suas lágrimas diárias, para informar, como é costume, não para saber, e como ela respondesse que chorava a minha perdição, ele ordenou e advertiu, para que ficasse tranquila, que reparasse e visse que onde ela estava estava também eu. Quando ela reparou, viu-me² a seu lado de pé na mesma régua. Porquê isto, senão porque os teus ouvidos estavam junto do seu coração³, ó tu, bom e onnipotente, que cuidas de cada um de nós, como se cuidasses de um só, e, de todos, como de cada um?

20. De onde veio também o facto de que, contando ela a sua visão, e tentando eu interpretá-la mais no sentido de que ela não perdesse a esperança de vir a ser o que eu era, ela imediatamente, sem hesitação, me disse: Não, não me foi dito: ‘onde está ele, aí estarás também tu’, mas sim: ‘onde tu estás, aí também ele estará’. Confesso-te, Senhor, a minha recordação, tanto quanto me lembro – o que muitas vezes tenho referido – fiquei mais impressionado com esta resposta dada por minha mãe acordada, porque não se perturbou com uma interpretação errada, mas verosímil, e tão depressa viu o que devia ser visto – e que de facto eu não vira antes de ela o ter dito – mais do que com o próprio sonho, com que foi predito àquela piedosa mulher uma alegria que havia de acontecer tanto tempo depois, para a consolar da sua inquietação daquele momento. Na verdade, seguiram-se quase nove anos, durante os quais eu me revolvi naquele lamaçal do abismo⁴ e nas trevas da falsidade, procurando muitas vezes sair de lá e sendo mais gravemente esmagado, ao passo que ela, casta viúva, pia e sóbria⁵, como aquelas que amas, já de facto mais contente com a esperança, mas não menos solícita nas lágrimas e nos gemidos, não cessava, em todas as horas das suas orações, de chorar por mim diante de ti, e à tua presença chegavam as suas orações⁶, e, todavia, deixavas-me ainda revolver e envolver naquela escuridão.

¹ *Lamentações* 1:13.

² *Lamentações* 1:12.

³ *Salmo* 9A:38 (10B:17).

⁴ *Salmo* 68:3.

⁵ *Tito* 2:5.

⁶ *Salmo* 87:3.

[Resposta de um bispo sobre a futura conversão de Agostinho]

XII. 21. E, entretanto, deste-me outra resposta que eu recordo. Passo adiante muitas coisas, porque me apresso em chegar àquilo que mais me impele a confessar-me a ti, e de muitas coisas não me lembro. Deste, pois, outra resposta por intermédio de um sacerdote teu, um bispo alimentado no seio da Igreja e exercitado nos teus Livros. Como aquela mulher lhe pedisse que ele se dignasse falar comigo e refutar os meus erros e desensinar-me o mal e ensinar-me o bem – fazia isto com aqueles que achasse idóneos – ele não quis, sem dúvida sabiamente, como percebi depois. Retorquiu ele que eu era ainda indócil, porque estava inchado com a novidade daquela heresia e já tinha desorientado muitos ignorantes com algumas questõezinhas, segundo ela lhe indicara. Mas disse: ‘Deixa-o onde está. Apenas pede por ele ao Senhor: ele mesmo, lendo, descobrirá que erro é aquele e quanta é a sua impiedade.’ Ao mesmo tempo, contou que, quando era pequeno, fora dado por sua mãe, enganada, aos Maniqueus, e que não só lera quase todos os livros deles, mas também os copiara, e que se lhe tinha tornado evidente, sem ninguém disputar com ele e o convencer, quanto aquela seita devia ser evitada: e assim a abandonara. Tendo ele dito estas coisas, e não querendo ela aquiescer, mas insistindo, pedindo mais e chorando abundantemente, para que ele me visse e disputasse comigo, ele, já irritado e farto, disse: ‘Vai-te embora; assim vivas tu! Não pode ser possível que se perca o filho destas lágrimas.’ Ela, em conversas comigo, recordava muitas vezes que tinha recebido esta resposta como se fosse vinda do céu.

LIVRO IV

[Quando e como seduzia os outros]

I. 1. Durante esse mesmo tempo, nove anos, desde os dezanove aos vinte oito anos de idade, éramos seduzidos e seduzíamos, enganados e enganando em várias ambições, publicamente por meio das disciplinas a que chamam liberais, e ocultamente sob o falso epíteto de religião, aqui orgulhosos, ali supersticiosos, em toda a parte ociosos, por aqui seguindo a inanidade da glória popular até aos aplausos do teatro e aos certames de poesia, e às competições de coroas de feno, e às futilidades dos espectáculos, e à intemperança nos prazeres, por ali procurando purificar-nos desta sordidez, levando alimentos àqueles que se chamavam eleitos e santos, com que eles, na oficina da sua pança, fabricassem anjos e deuses, pelos quais fôssemos libertados. E seguia e praticava isto com os meus amigos por mim e comigo enganados. Riam-se de mim os arrogantes, ainda não prostrados e esmagados salutarmente por ti, meu Deus, enquanto eu te confessava as minhas torpezas em teu louvor¹. Permite-me, peço, e concede-me que eu percorra com a memória actual os meandros passados do meu erro e te imole uma vítima de júbilo². Que sou eu para mim sem ti, senão um guia que conduz ao abismo? Ou que sou eu, quando estou bem, senão uma criança que suga o teu leite³ ou frui de ti como alimento que não se corrompe⁴? E quem é o homem, qualquer homem, sendo homem? Mas zombem de mim os fortes e os poderosos, e nós, fracos e desamparados⁵, confessemos-nos a ti.

[Ensina retórica, arranja uma concubina e recusa sacrifícios para obter uma vitória]

II. 2. Naqueles anos ensinava retórica e, vencido eu mesmo pela cobiça, vendia a vitoriosa loquacidade. Preferia, contudo, Senhor, tu o sabes¹, ter bons discípulos, como os que se dizem bons, e, sem engano, enganos lhes ensinava, não para que agissem

¹ *Salmo* 105:47.

² *Salmo* 26:6.

³ *Deuterónimo* 33:19; *Isaías* 60:16.

⁴ *João* 6:27.

⁵ *1 Coríntios* 4:10; *Salmo* 73:21.

contra a vida de um inocente, mas em defesa da de um culpado². E, Deus, tu viste de longe, resvalando em terreno escorregadio e cintilando entre muito fumo³, a minha fé, que eu manifestava naquele magistério aos que amam a vaidade e procuram a mentira⁴, eu, seu companheiro. Naqueles anos tinha uma conhecida, não segundo uma união que se chama legítima, mas que um vago ardor insensato tinha procurado; apesar de tudo, uma a quem eu guardava fidelidade conjugal; sem dúvida, para que nela eu pudesse experimentar para meu exemplo, qual é a distância entre a forma de uma aliança conjugal, contraída com vista à procriação, e um pacto de amor libidinoso, onde a prole nasce mesmo contra a vontade, embora, uma vez nascida, nos force a amá-la.

3. Recordo também, uma vez em que me apeteceu entrar num certame de poesia dramática, não sei que arúspice mandou-me perguntar que lhe queria eu dar de recompensa para vencer, e eu, detestando e repudiando aqueles abomináveis ritos, respondi que, ainda que a coroa fosse de ouro imperecível, eu não permitiria que se matasse uma mosca pela minha vitória. Porque ele, nos seus sacrifícios, tinha intenção de matar animais e parecia pretender com essas honras convidar os demónios para votarem a meu favor. Mas não foi por casto amor para contigo que repudiei esta maldade, Deus do meu coração⁵. Com efeito, não sabia amar-te, não sabia pensar senão em fulgores corpóreos. A alma que suspira por tais invenções não comete adultério para contigo⁶, confiando em falsidades e apascentando ventos⁷? Mas, enfim, eu não queria que se oferecessem sacrifícios aos demónios por mim, aos quais eu me sacrificava a mim mesmo naquela superstição. Que outra coisa é apascentar ventos⁸, senão apascentar aqueles mesmos, isto é, errando, ser para eles motivo de gozo e de troça?

[Conselho de um velho médico para que abandone a astrologia]

¹ *Tobias* 8:9; *João* 21:15-16.

² Cícero, *De officiis* II 51.

³ *Isaías* 42:3; *Mateus* 12:20.

⁴ *Salmo* 4:3.

⁵ *Salmo* 72:26.

⁶ *Salmo* 72:27.

⁷ *Provérbios* 10:4.

⁸ *Provérbios* 10:4.

III. 4. Por isso eu, sem embuste, não cessava de consultar aqueles embusteiros a que chamam astrólogos, porque quase não usavam de nenhum sacrifício e não dirigiam nenhuma prece a nenhum espírito por causa da adivinhação. O que a piedade cristã e verdadeira logicamente repudia e condena. Na verdade, Senhor, é bom confessar-te¹ e dizer: *Tem compaixão de mim, cura a minha alma, porque pequei contra ti*², e não abusar da tua indulgência para ter liberdade de pecar, mas recordar as palavras do Senhor: *Eis que estás curado; não voltes a pecar, para que nada de pior te aconteça*³. Toda essa sanidade tentam eles destruí-la ao dizerem: ‘A causa inevitável de pecares vem-te do céu’; e: ‘Foi Vénus que fez isto, ou Saturno ou Marte’, para que, enfim, fique sem culpa o homem, e a carne, e o sangue⁴, e a soberba podridão, devendo ser culpado o criador e ordenador do céu e dos astros. E quem é este senão o nosso Deus, suavidade e origem da justiça, tu que *retribuirás a cada um consoante as suas obras*⁵ e *não desprezas um coração contrito e humilhado*⁶?

5. Havia nesse tempo um homem sagaz, grande especialista na ciência médica e, graças a ela, muito célebre, o qual, como procônsul⁷, mas não como médico, colocou, com a sua própria mão, a coroa agonística, na minha cabeça doente. De facto, és tu que curas essa doença, tu que resistes aos orgulhosos e dás a graça aos humildes⁸. Será que não me assististe por intermédio daquele ancião ou desististe de curar a minha alma? Visto que eu me tornara mais familiar a ele e prestava uma atenção contínua e fixa às suas conversas – sem a elegância de palavras eram agradáveis e sérias, graças ao vigor dos seus pensamentos – um dia em que descobriu por uma conversa minha que eu me dedicava aos livros dos horóscopos, benigna e paternalmente admoestou-me a que os deitasse fora e não desperdiçasse em vão, com aquela futilidade, uma aplicação e um esforço necessários para as coisas úteis, dizendo que também ele tinha aprendido aquelas coisas, a ponto de ter querido, nos primeiros anos da sua vida, fazer disso uma profissão com que ganhasse a vida, e, se tinha entendido Hipócrates, também, sem

¹ Salmo 91:2.

² Salmo 40:5.

³ João 5:14.

⁴ Mateus 16:17; 1 Coríntios 15:50.

⁵ Salmo 61:13; Mateus 16:27; Romanos 2:6.

⁶ Salmo 50:19.

⁷ Deve tratar-se de Vindiciano, amigo do imperador Valentiniano I e homem de muito saber, procônsul da *Africa* (cf. Livro VII. VI. 8).

⁸ Tiago 4:6; 1 Pedro 5:5.

dúvida, podia entender aqueles livros: e, todavia, não foi por outro motivo que, depois, pondo-os de parte, seguiu a medicina, senão porque tinha descoberto que eram inteiramente falsos e não queria, como homem sério, angariar sustento enganando as pessoas. ‘Ora tu, disse ele, tens a retórica para te sustentares entre as pessoas, és sequeiro desta falácia por livre curiosidade, não por necessidade. Deves, a esse respeito, confiar em mim, que me empenhei em aprender tão perfeitamente essa falsidade, tanto mais que eu quis viver exclusivamente dela.’ Como eu lhe perguntasse que causa então fazia com que fossem preditas muitas coisas verdadeiras, ele respondeu, na medida do possível, que isso era fruto da força do acaso largamente difundida na natureza. Se, das páginas de um poeta qualquer que compõe e pretende uma coisa muito diversa, sai com frequência, quando alguém casualmente o consulta, um verso admiravelmente em consonância com a situação¹, ele dizia que não era de admirar que da alma humana, que ignora o que nela é feito por uma espécie de inspiração superior, ressoasse alguma coisa não por arte, mas por acaso, que correspondesse às coisas e aos factos de quem fazia a consulta.

6. E foi a partir dele ou por meio dele que me proporcionaste esta visão e delineaste na minha memória o que depois eu próprio por mim mesmo devia procurar. Então, porém, nem ele nem o meu caríssimo Nebrídio, um jovem muito bom e muito sensato, que zombava de todo aquele género de adivinhações, me puderam persuadir a abandonar estas coisas, porque me movia mais a autoridade dos próprios autores, e ainda não encontrara nenhuma prova inabalável como a que eu procurava, com que se me tornasse claro, sem ambiguidade, que aquelas coisas verdadeiras, que eram ditas por eles quando consultados, eram ditas por acaso ou por sorte, não por saber de quem observava os astros.

[Doença, baptismo e morte de um amigo]

IV. 7. Naqueles anos em que pela primeira vez começava a ensinar no município em que nasci, arranjava um amigo extremamente querido, companheiro de estudos, da minha idade e, como eu, em plena flor da adolescência. Crescera comigo desde menino,

¹ Alusão às *sortes Vergilianae*: abria-se a obra de Vergílio ao acaso, para se encontrarem respostas acerca do futuro no verso sobre o qual pousassem os olhos. Tal prática vulgarizou-se desde o séc. II. Havia mesmo cópias da *Eneida* nos templos, destinadas a esse fim.

juntos fôramos à escola, juntos tínhamos brincado. Mas não era ainda um amigo assim como é a verdadeira amizade, embora nem sequer o fosse nesse momento, porque a amizade não é verdadeira senão quando tu a aglutinas entre aqueles que estão unidos a ti pela caridade difundida *nos nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi dado*¹. Mas era extremamente doce, acalentada ao calor de estudos semelhantes. Pois até o desviara da verdadeira fé, que na adolescência ele tinha nem sincera nem profundamente, para fábulas supersticiosas e perniciosas, por causa das quais minha mãe chorava por mim. Agora, já homem, andava comigo espiritualmente no erro, e a minha alma não podia prescindir dele. E eis que tu, seguindo no encalço dos teus fugitivos, Deus das vinganças² e ao mesmo tempo fonte das misericórdias, que nos voltas para ti³ por processos admiráveis, eis que tu o tiraste desta vida, quando mal tinha completado um ano na minha amizade, suave para mim acima de todas as suavidades da minha vida de então.

8. Quem poderá enumerar os teus louvores⁴ que experimentou exclusivamente em si? Que fizeste, então, meu Deus, e como é insondável⁵ o abismo dos teus juízos⁶? Estando ele cheio de febre, ficou de cama durante muito tempo sem dar acordo de si, num suor mortal, e, perdida a esperança de recuperação, foi baptizado estando inconsciente, sem que eu me preocupasse, e presumindo que a sua alma conservaria mais o que tinha recebido de mim, não aquilo que se fazia no seu corpo, estando ele inconsciente. Mas foi muito diferente. Com efeito, recuperou e ficou de saúde, e imediatamente, logo que pude falar com ele — e pude assim que ele pôde, uma vez que eu não saía de ao pé dele e dependíamos muitíssimo um do outro — tentei junto dele pôr a ridículo o baptismo, como se também ele estivesse disposto a fazê-lo, baptismo que recebera completamente ausente de mente e sentidos. Mas ele já tinha sido informado de o ter recebido. Ora, assim me repulsou como a um inimigo e admoestou com admirável e repentina liberdade a que, se quisesse ser seu amigo, deixasse de lhe dizer tais coisas. Eu, pela minha parte, estupefacto e perturbado, deixei para mais tarde os meus sentimentos, até que ele convalescesse primeiro e estivesse na posse das suas forças, para que eu com ele

¹ Romanos 5:5.

² Salmo 93:1.

³ Salmo 50:15.

⁴ Salmo 105:2.

⁵ Romanos 11:33.

⁶ Salmo 35:7.

pudesse tratar o que queria. Mas ele foi arrancado à minha demência, a fim de que, junto de ti, fosse conservado para minha consolação: poucos dias depois, estando eu ausente, é de novo tomado pelas febres e morre.

9. Com esta dor fez-se trevas o meu coração¹, e tudo o que via era morte. E a pátria era para mim um suplício, e a casa paterna uma incrível infelicidade, e tudo aquilo, que com ele partilhara, sem ele se tornara num horrível tormento. De todos os lados o esperavam os meus olhos, mas ele não aparecia; e eu odiava todas as coisas, porque não o tinham e já não me podiam dizer: ‘Ele vem aí’, como quando estava vivo e se ausentava. Eu próprio me tornara para mim uma questão magna e perguntava à minha alma porque estava triste e porque se perturbava tanto dentro de mim, e ela nada sabia responder-me. E se eu dizia: ‘Espera em Deus’², com razão ela não acedia, porque era mais real e melhor aquele homem, amigo caríssimo, que eu perdera, do que um fantasma em que a mandava esperar. Só as lágrimas me eram doces e substituíram o meu amigo nas delícias da minha alma³.

[As lágrimas: consolação dos infelizes]

V. 10. E agora, Senhor, já isso passou e com o tempo suavizou-se a minha ferida. Acaso posso ouvir de ti, que és a Verdade⁴, e levar o ouvido do meu coração aos teus lábios para que me digas porque é que chorar é consolador para os infelizes? Porventura tu, estando embora presente em toda a parte, afastaste para longe de ti as nossas desgraças, e permaneces tu em ti mesmo⁵, enquanto nós andamos às voltas no meio das provações? E, no entanto, se não chorássemos aos teus ouvidos, nenhum resíduo ficaria da nossa esperança. Como é que, por conseguinte, da amargura da vida se colhe um fruto suave como é gemer, e chorar, e suspirar, e lamentar-se? Acaso essa doçura está em que esperamos que nos ouças? Isso é verdade nas preces, porque têm o desejo de alcançar. Mas é o mesmo na dor de uma perda e no luto que então me cobria? Porque eu não esperava que ele voltasse a viver nem era isso o que eu pedia com lágrimas, mas somente sofria e chorava. Desditoso eu era e perdera a minha alegria. Acaso chorar é

¹ *Lamentações* 5:17.

² *Salmo* 41:6, 12; 42:5.

³ *Salmo* 138:11; *Provérbios* 29:17.

⁴ *João* 14:6.

⁵ *Sabedoria* 7:27.

coisa amarga e deleita-nos por causa da aversão pelas coisas em que antes nos comprazíamos e agora aborrecemos?

[Quanta dor na morte do amigo!]

VI. 11. Mas porque falo disto? Já não é agora tempo de fazer perguntas mas de me confessar a ti. Desditoso eu era, e desditoso é todo o espírito acorrentado pela amizade das coisas mortais, e é dilacerado quando as perde, e então sente a desdita que o torna desditoso mesmo antes de as perder. Assim era eu naquele tempo, e chorava com toda a amargura, e na amargura¹ repousava. Assim desditoso eu era e tinha a minha própria vida desditosa por mais querida do que aquele meu amigo. De facto, embora quisesse trocá-la, todavia não queria perder mais do que a ele, e não sei se queria fazê-lo mesmo por ele, como se diz acerca de Orestes e Pílates, se não é ficção, que queriam morrer um pelo outro, ou ambos ao mesmo tempo, porque para eles pior que a morte era não viverem ao mesmo tempo. Mas em mim não sei que sentimento tinha nascido absolutamente oposto a esse, e havia em mim um gravíssimo tédio da vida e medo de morrer. Creio que quanto mais o amava, tanto mais odiava e temia a morte, que me tirara, como atrocíssima inimiga, e julgava que ela de repente havia de consumir todos os homens, já que pôde consumi-lo a ele. Era eu exactamente assim, lembro-me. Eis o meu coração, ó meu Deus, ei-lo por dentro; vê, porque me lembro, tu, minha esperança², que me purificas da impureza de tais afeições, dirigindo para ti os meus olhos e *libertando da armadilha os meus pés*³. Admirava-me de que os restantes mortais vivessem, visto que aquele, que eu amava como se não houvera de morrer, tinha morrido e admirava-me mais de que eu continuasse a viver depois de ele morrer, visto que eu era o outro ele. Bem disse alguém, em relação a um amigo seu, que ele era metade da sua alma⁴. Porque eu sentia que a minha alma e a alma dele eram uma só alma em dois corpos⁵, e por isso a vida era para mim um horror, porque eu não queria

¹ Job 3:20; 23:2; Isaías 38:15.

² Salmo 70:5.

³ Salmo 24:15.

⁴ Horácio, *Odes* I 3,8.

⁵ Ovídio, *Tristes* IV 4, 72.

viver por metade, e talvez por isso temia morrer, para que não morresse totalmente aquele que eu muito amara¹.

[Incapaz de suportar a dor, parte para Cartago]

VII. 12. Ó demência que não sabes amar os homens humanamente! Ó homem estulto que sofres excessivamente por causa das coisas humanas! Isso era eu então. E assim angustiava-me, suspirava, chorava, perturbava-me, e não havia repouso nem conselho. Porque trazia a minha alma despedaçada e ensanguentada, incapaz de ser levada por mim, e não encontrava onde colocá-la. Não encontrava repouso nos bosques amenos, nem nos jogos e no canto, nem nos lugares perfumados, nem nos aparatosos banquetes, nem no prazer da alcova e do leito, nem finalmente nos livros e nos versos. Todas as coisas eram horríveis, e a própria luz, e tudo aquilo que não era o que ele era, era insuportável e odioso, tirante o gemido e as lágrimas: pois somente aí encontrava algum repouso. Mas quando daí era arrancada a minha alma, ela pesava sobre mim como um enorme fardo de infelicidade. A ti, Senhor, devia ser elevada² e curada, eu sabia, mas não queria nem podia, tanto mais porque tu não eras para mim algo de sólido e firme quando pensava em ti. Na verdade não eras tu, mas um vão fantasma, e o meu erro era o meu Deus. Se tentava colocá-la aí, para que repousasse, ela escorregava pelo vazio e de novo se precipitava sobre mim, e eu ficara a ser para mim mesmo um lugar infeliz onde não podia estar nem de onde me podia ir embora. Para onde fugiria de si mesmo o meu coração? Para onde fugiria eu de mim mesmo? Para onde não iria eu mesmo atrás de mim? E todavia fugi da pátria³. Menos o procuravam os meus olhos onde não costumavam vê-lo. E vim de Tagaste para Cartago.

[A dor suavizada pelo tempo e pelo convívio com os amigos]

VIII. 13. Não está ocioso o tempo nem ociosamente passa pelos nossos sentimentos: no espírito opera efeitos surpreendentes. Eis que vinha e ia dia a dia⁴, e vindo e indo

¹ Em *Retractationes* II. VI. 2, Agostinho diz que este passo lhe parece mais uma *declamatio levis* (declamação ligeira) do que uma *gravis confessio* (confissão séria). E declara que a *ineptia* (tolice) de que deu provas só ficou atenuada pelo advérbio 'talvez' (*forte*).

² *Salmo* 24:1.

³ Lucrécio, *Da natureza das coisas* III 1068-1069; Horácio, *Odes* II 16, 19-20; Sêneca, *Da tranquilidade da alma* 2.14.

⁴ *Salmo* 60:9; 95:2; *Eclesiástico* 5:8; *Isaías* 58:2; *2 Coríntios* 4:16.

semeava em mim outras esperanças e outras memórias e pouco a pouco me ressarcia com os vários prazeres de outrora, aos quais cedia aquela minha dor; mas não ocupavam o seu lugar outras dores, mas sim outras causas de outras dores. De facto, como é que tão facilmente aquela dor me penetrara no íntimo, senão porque eu derramara a minha alma na areia, amando um ser mortal como se não houvera de morrer? O que mais me recompunha e recobrava eram as consolações de outros amigos, com os quais amava o que em vez de ti amava, e isto era uma enorme fábula e uma longa mentira, que, com o seu adúlterino afago, corrompia a nossa mente, que supurava nos nossos ouvidos¹. Mas essa fábula para mim não morria, se morresse um dos meus amigos. Havia outras coisas que entre eles mais me cativavam o espírito, como conversar, e rir, e sermos amavelmente condescendentes uns com os outros, e lermos juntos livros bem escritos, chalacearmos juntos, e juntos falarmos de coisas sérias, discordarmos às vezes sem rancor, como uma pessoa discorda consigo mesma, e com a raríssima discórdia condimentar muitíssimas concórdias, ensinarmos algumas coisas uns aos outros, aprendermos uns com os outros, com melancolia termos saudade dos ausentes, recebermos com alegria os que chegavam: com estes e outros sinais desta natureza, que, nascidos do coração de quem amava e de quem retribuía o amor, se manifestavam por intermédio do semblante, da voz, dos olhos e de outros mil movimentos gratíssimos, se fundiam os nossos espíritos com essas acendalhas, por assim dizer, e de muitos se fazia um só.

[A amizade humana. Amar em Deus]

IX. 14. É isto o que se ama entre os amigos, e ama-se de tal modo que a consciência humana é ré de si mesma, se não amar a quem lhe corresponde no amor, ou se não corresponder no amor a quem a ama, nada procurando no seu corpo senão indícios de bem querer. Daí vem aquele sofrimento, quando alguém morre, e a escuridão da dor, e o coração repassado de uma doçura que se tornou amargura, e a morte dos vivos por se ter perdido a vida dos que morreram. Bem-aventurado quem te ama², e ao seu amigo em ti, e ao seu inimigo³ por causa de ti. Só não perde nenhum ente querido aquele para quem todos são queridos naquele que nunca se perde. E quem é esse senão o nosso Deus, o

¹ 2 *Timóteo* 4:3-4.

² *Tobias* 13:18.

³ *Mateus* 5:44; *Lucas* 6:27.

Deus *que fez o céu e a terra*¹ e os enche², porque, enchendo-os, os criou? A ti ninguém te perde, a não ser quem te abandona, e, porque te abandona, para onde vai ou para onde foge³ senão de ti, benevolente, para ti, irado? Pois, onde não depara com a tua Lei no seu castigo? *E a tua Lei é verdade*⁴ e a verdade és tu⁵.

[Efemeridade das criaturas]

X. 15. *Deus das virtudes, faz-nos voltar a ti e mostra-nos a tua face, e seremos salvos*⁶. Com efeito, para onde quer que se volte a alma do homem, é para seu sofrimento que se fixa em outro lugar que não seja em ti, embora se fixe em coisas belas fora de ti e fora de si, que, no entanto, não existiriam se de ti não recebessem o ser. Elas nascem e morrem⁷, e nascendo como que começam a ser, e crescem para se aperfeiçoar, e uma vez perfeitas envelhecem e morrem: e nem todas elas envelhecem mas todas morrem. Logo, quando nascem e tendem a ser, quanto mais rapidamente crescem para ser, tanto mais se apressam para não ser. Assim é a sua medida. Tão grande medida lhes deste, porque são partes de coisas que não são todas simultaneamente, mas, desaparecendo e sucedendo-se, constituem todas o universo de que são partes. É assim também o que se passa com a nossa fala por meio de sinais sonoros. Não haverá conversa completa se uma palavra não desaparecer, quando tiver feito ressoar as suas sílabas, para que outra lhe suceda. Louve-te a minha alma⁸ por todas essas coisas, Deus, criador de todas elas⁹, mas não se prenda nelas com o visco do amor, por meio dos sentidos do corpo. Porque elas vão para onde iam, para o não ser, e dilaceram-na com desejos pestilentos, porque ela própria quer ser e deseja repousar naquilo que ama. Nessas coisas, porém, não há onde, porque não permanecem: fogem, e quem as segue com o sentido da carne? Ou quem as apreende, mesmo quando estão presentes? Lento é o sentido da carne, porque é sentido da carne. Essa a sua medida. Ele é suficiente para aquilo para que foi feito, mas não é suficiente para apreender aquilo que transcorre desde um início devido até a um fim devido. Na tua palavra, pela qual são criadas, ouvem dizer: ‘Daqui e até aqui’.

¹ Salmo 145:5-6; Génesis 1:1.

² Jeremias 23.24.

³ Salmo 138:7.

⁴ Salmo 118:142.

⁵ João 14:6.

⁶ Salmo 79:8.

⁷ Salústio, *Bellum Iugurthinum* 2, 3.

⁸ Salmo 145:2.

⁹ 2 Macabeus 1:24; Ambrósio, *Hinos* I 2,1 (PL 16, 1409).

[A instabilidade das criaturas. Só Deus é estável]

XI. 16. Não queiras ser vã, ó minha alma, e ensurdecer no ouvido do coração com o tumulto da tua vanidade. Ouve também tu: é o próprio Verbo que chama para que voltes, e aí é o lugar do repouso imperturbável, onde não é abandonado o amor, se ele mesmo não abandona. Eis que se vão umas coisas para que outras lhes sucedam e o universo inferior se mantenha coeso em todas as suas partes. ‘Acaso eu me afasto para algum lugar?’, diz o Verbo de Deus. Aí fixa a tua morada¹, aí entrega tudo aquilo que daí recebeste, ó minha alma, ao menos quando cansada de enganos. Confia à verdade tudo aquilo que te vem da verdade, e nada perderás, e reflorescerá o que há de apodrecido em ti, e serão curadas todas as tuas debilidades², e serão restauradas, e renovadas³, e consolidadas em ti todas as coisas que em ti são transitórias, e não te arrastarão consigo para onde descem, mas estarão contigo e permanecerão naquele que está e permanece para sempre, Deus⁴.

17. Porque é que, pervertida, vais atrás da tua carne? Que ela te siga a ti, convertida. Tudo o que sentes, por meio dela, é em parte, e ignoras o todo de que estas coisas são parte, e todavia deleitam-te. Mas, se o sentido da tua carne fosse apto para apreender o todo e, para teu castigo, não tivesse recebido também ele uma justa medida numa parte do universo, queres que tudo aquilo que existe passasse na tua presença, para que todas as coisas mais te agradassem. Com efeito, aquilo que pronunciamos, ouve-lo por meio do mesmo sentido da carne e não queres que as sílabas estejam todas em simultâneo, mas que passem, para que venham outras e tu ouças o todo. Assim todas as coisas das quais consta uma coisa qualquer – e não estão em simultâneo aquelas coisas de que consta – todas as coisas, se puderem ser sentidas em conjunto, deleitam sempre mais do que cada uma isoladamente. Mas muito melhor do que elas é aquele que fez todas as coisas, *e ele é o nosso Deus*⁵, e não desaparece porque nada lhe sucede.

¹ João 14:23.

² Mateus 4:23.

³ Salmo 102:3, 5.

⁴ Salmo 101:13, 27; Hebreus 1:11; Pedro 1:23.

⁵ Salmo 99:3.

[O amor das criaturas em Deus]

XII. 18. Se te agradam os corpos, louva a Deus por causa deles¹ e volta o teu amor para o seu artífice, para que não desagrades tu naquilo que te agrada. Se te agradam as almas, sejam amadas em Deus, porque também elas são mutáveis e é nele que, fixas, recebem estabilidade: de outro modo passariam e pereceriam. Portanto, nele sejam amadas, e arrebatada contigo até ele aquelas que puderes e diz-lhes: ‘Amemo-lo: foi ele quem fez estas coisas² e não está longe.’ Porque ele não se foi embora³ depois de criar, mas é graças a ele que existem nele⁴. Eis onde ele está: está onde está o sabor da verdade. É íntimo ao coração, mas o coração afastou-se⁵ dele. *Voltaí, prevaricadores, ao coração*⁶ e uni-vos àquele que vos criou. Estai com ele, estareis firmes; repousai nele e encontrareis repouso. Para onde ides por pedregoso caminho? Para onde ides?⁷ O bem que amais dele procede: mas, na medida em que é por relação a ele, é bom e suave; mas será justamente amargo, porque é injustamente amado, tudo aquilo que provém dele, quando ele é abandonado. Para quê andardes ainda e ainda mais por caminhos difíceis⁸ e penosos? O repouso não está onde o procurais. Procurai o que procurais, mas isso não está onde procurais. Procurais a felicidade na região da morte⁹: não está aí. Como poderá estar a felicidade onde nem sequer há vida?

19. E desceu para aqui a nossa própria vida¹⁰, e assumiu a nossa morte, e matou-a¹¹ com a abundância da sua vida, e, qual trovão, gritou que voltemos daqui para ele, para aquele recôndito de onde ele veio para junto de nós, primeiro para o ventre virginal, onde celebrou as suas núpcias com ele a criatura humana, carne mortal, para não ser sempre mortal; e daí, *como o esposo, que sai do seu tálamo, exultou como um gigante para percorrer o caminho*¹². Pois não tardou, mas correu gritando com palavras e acções, com a morte, a vida, a descida, a subida¹³, gritando que voltemos a ele. E foi-se embora

¹ Salmo 145:2.

² Salmo 99:3.

³ Actos 17:27.

⁴ Romanos 11:36.

⁵ Salmo 118:176.

⁶ Isaías 46:8.

⁷ Salmo 138:7.

⁸ Sabedoria 5:7.

⁹ Isaías 9:2; Mateus 4:16.

¹⁰ João 6:33, 41.

¹¹ 2 Timóteo 1:10.

¹² Salmo 18:6.

¹³ Efésios 4:9-10.

dos nossos olhos¹, para que voltemos ao coração² e o encontremos. Partiu *e ei-lo que está aqui*³. Não quis ficar connosco durante muito tempo e não nos abandonou. Partiu para o lugar de onde nunca se afastou, porque o mundo por ele foi criado, e estava neste mundo⁴, *e veio a este mundo salvar os pecadores*⁵. A ele se confessa a minha alma e ele cura-a, porque pecou contra ele⁶. *Filhos dos homens, até quando sereis duros de coração?*⁷ Não quereis, porventura, depois da descida da vida, subir e viver? Mas para onde subis, quando estais nas alturas e pusestes no céu a vossa boca⁸? Descei para subirdes e subirdes até junto de Deus. Pois caístes subindo contra Deus. Diz-lhes estas coisas, para que chorem no vale de lágrimas⁹, e assim arrebatam-os contigo para Deus, porque pelo espírito dele lhes dizes estas coisas, se as dizes inflamado no fogo da caridade.

[Porque se ama?]

XIII. 20. Não conhecia então estas coisas e amava as coisas belas inferiores, e ia para o abismo¹⁰, e dizia aos meus amigos: ‘Acaso alguma coisa amamos a não ser o belo? Mas que é o belo? E que é a beleza? Que é que nos atrai e nos une às coisas que amamos? Se nelas não houvesse graça e formosura, de nenhum modo nos atrairiam para si.’ E reparava e via nos próprios corpos que uma coisa era, por assim dizer, o todo e, por isso, belo, outra coisa era o que ficava bem, porque de forma apta se adequava a alguma coisa, como a parte do corpo ao seu todo, ou como o calçado ao pé, e outras coisas idênticas. Esta consideração brotou no meu espírito, do íntimo do meu coração, e escrevi os livros *Da Beleza e do Apto*¹¹, creio que dois ou três; tu sabes, Deus¹²: já se me escapou. Com efeito já não os temos, pois extraviaram-se, não sei como.

¹ Lucas 24:51; Actos 1:9.

² Isaías 46:8.

³ Mateus 24:23; Marcos 13:21.

⁴ João 1:10.

⁵ 1 Timóteo 1:15, 23.

⁶ Salmo 40:5.

⁷ Salmo 4:3.

⁸ Salmo 72:9.

⁹ Salmo 83:6-7.

¹⁰ Isaías 31:6.

¹¹ *De Pulchro et apto*, obra de que nada mais se sabe. Também se ignora quem era o orador Hiério a quem Agostinho a dedicou.

¹² Salmo 68:6.

[O tratado *Da Beleza e do Apto* dedicado a Hiério]

XIV. 21. Que é, porém, que me levou, Senhor meu Deus, a dedicar esses livros a Hiério, um orador da cidade de Roma? Eu não o conhecia pessoalmente, mas amara essa pessoa pela fama da sua doutrina, brilhante fama a dele, e ouvira referir algumas palavras dele e tinham-me agradado. Mas mais me agradava, porque agradava aos outros e, cheios de admiração, o cumulavam de louvores, porque, sendo originário da Síria, formado primeiramente na eloquência grega, se tinha tornado depois um orador de renome também na latina, e era o maior conhecedor das matérias respeitantes ao estudo da filosofia. É louvada uma pessoa e é amada, ainda que ausente. Acaso é pela boca de quem o louva que entra aquele amor no coração do ouvinte? De modo algum; mas é devido a um amante que outro se inflama. Segue-se que é amado quem é louvado, quando se acredita que não é louvado pelo coração falacioso de quem o louva, isto é, quando louva quem o ama.

22. Assim então eu amava as pessoas segundo o critério humano; não segundo o teu, meu Deus, no qual ninguém se engana. Mas porque não admirava Hiério como a um auriga célebre, como a um caçador tornado famoso pela afeição popular, mas de forma muito diferente e séria, e tal como também eu gostaria de ser admirado? Mas eu não gostaria de ser admirado e amado como os actores, embora também eu os admirasse e amasse, mas preferindo ser desconhecido a ser assim conhecido, e ser odiado a ser assim amado. Onde se distribuem estes pesos dos vários e diversos amores numa só alma? Como é que eu amo no outro aquilo que, por outro lado, se me não fosse odioso, eu não evitaria e rejeitaria em virtude de cada um de nós ser homem? Não é, com efeito, da mesma maneira que um bom cavalo é amado por alguém que não quisesse ser cavalo, ainda que pudesse sê-lo, e isso diga-se do actor que é da mesma natureza que nós. Portanto, amo no homem aquilo que odeio ser, sendo eu homem? Grande abismo é o próprio homem, cujos cabelos tu, Senhor, tens contados¹ e não se diminuem sem ti. E todavia os seus cabelos são mais fáceis de contar que os afectos e as emoções do seu coração.

¹ Mateus 10:30.

23. Mas aquele retor era daquele género que eu amava a ponto de querer ser como ele; enganava-me a vaidade e deixava-me arrastar por qualquer vento¹, mas ocultissimamente era dirigido por ti. E como é que sei, e como é que te confesso, com toda a certeza, que o amava mais por causa do amor dos que o admiravam do que por causa das próprias coisas pelas quais era admirado? Porque, se em vez de o admirarem, o vituperassem, e, vituperando-o e desprezando-o, contassem as mesmas coisas, eu não me apaixonaria por ele e não me entusiasmaria e, no entanto, as coisas não seriam outras, nem ele seria outro, mas outro seria apenas o afecto dos narradores. Eis onde jaz a minha alma frágil que ainda não está unida à solidez da verdade. Assim como sopraram as brisas das línguas vindas do peito dos que emitem opiniões, assim também ela é levada e trazida, vira-se para um lado e para outro, obscurece-se-lhe a luz e não vê a verdade. Mas ela está diante de nós. Para mim, era importante se o meu estilo e os meus estudos chegassem ao conhecimento desse personagem: e se merecessem a sua aprovação, cresceria o meu entusiasmo; mas se ele os desaprovasse, seria ferido meu coração, vazio e vazio da tua solidez. E, no entanto, o *Tratado sobre o Belo e o Apto*, pretexto que me levava a escrever-lhe, ocupava agradavelmente o meu espírito sob o aspecto da minha contemplação e admirava-o sem ninguém que o louvasse.

[As imagens corpóreas: obstáculo à compreensão da transcendência]

XV. 24. Mas ainda não via a importância desta tão grande questão na tua arte, ó Onnipotente, o único que fazes maravilhas², e ia o meu espírito através das formas corpóreas e, com as formas corpóreas, definia, e distinguia, e fundamentava o belo como aquilo que convém por si mesmo, e o apto como aquilo que convém como algo que se adapta a alguma coisa. E voltei-me para a natureza do espírito, mas a ideia errada que tinha acerca das coisas espirituais não me deixava ver a verdade. Entrava-me pelos olhos dentro a força da verdade, mas eu desviava a minha mente palpitante do incorpóreo para as figuras e as cores e para as grandezas físicas e, já que não podia vê-las no espírito, julgava não poder ver o mesmo espírito. E, amando eu a paz na virtude, mas odiando a discórdia no vício, notava naquela a unidade, nesta uma certa divisão, e naquela unidade parecia-me consistir a mente racional e a natureza da verdade e do

¹ *Epístolas* 4:14.

² *Salmo* 71:18; 135:4.

sumo bem, mas nesta divisão da vida irracional era de opinião, pobre de mim, que havia não sei que substância e natureza do sumo mal, que não só era substância, mas absolutamente era vida, que não provinha de ti, ó meu Deus, de quem provêm todas as coisas¹. E àquela chamava eu mónade, como mente assexuada, e a esta díade², ira na más acções, luxúria nos vícios, sem saber o que dizia. Porque não sabia, nem aprendera que nenhuma substância é um mal, nem que a nossa própria mente é o sumo e incommutável bem.

25. Assim como existem más acções se é mau o movimento do espírito em que consiste o impulso, e se se precipita sem moderação e desordenadamente, e existe vício, se é imoderada a afeição da alma com que se saboreiam os prazeres carnaís, assim também os erros e as opiniões falsas contaminam a vida, se está viciada a própria mente racional. Assim era ela nesse tempo em mim que não sabia que ela devia ser iluminada por outra luz para participar da verdade, porque não é ela própria a essência da verdade, porque tu iluminarás a minha lucerna, Senhor; meu Deus, iluminarás as minhas trevas³, e *da tua plenitude todos nós recebemos*⁴. Pois tu és *a luz verdadeira que ilumina todo o homem que vem a este mundo*⁵, porque em ti *não há mutação nem sombra de movimento*⁶.

26. Mas eu fazia esforço em direcção a ti e era repellido por ti⁷, para que sentisse o sabor da morte⁸, porque tu resistes aos soberbos⁹. Que maior soberba pode haver do que eu afirmar, com inaudita demência, que sou por natureza aquilo que tu és? Sendo eu mutável e sabendo disso manifestamente pelo facto de que pretendia ser sábio, a fim de, sendo mau, me tornar melhor, antes queria, no entanto, opinar que até tu eras mutável, do que eu não ser aquilo que tu és. E, assim, era repellido, e tu resistias à minha enfatuada obstinação, e eu imaginava formas corpóreas, e, sendo carne, acusava a carne,

¹ Romanos 11:36; 1 Coríntios 8:6.

² Os termos mónade e díade são de origem pitagórica. O primeiro significa a Unidade primordial numerante, simples e indivisível, ao mesmo tempo par-ímpar, e, por isso, determinante da díade, isto é, da realidade dual, diversa, múltipla, numerada e estruturada em pares de opostos (cf. a *tábua dos opostos*). Alguns autores cristãos dos primeiros séculos, como Orígenes, utilizaram a noção de mónade para se referirem a Deus Pai. Para o dualismo gnóstico e, por conseguinte, para os Maniqueus, a mónade era identificada com Deus Pai da Luz, e a díade com a matéria indeterminada, princípio maligno, invasor e divisor, que torna o homem detentor de duas almas em luta.

³ Salmo 17:29.

⁴ João 1:16.

⁵ João 1:9.

⁶ Tiago 1:17.

⁷ Salmo 42:2.

⁸ Mateus 16:28; Marcos 8:39.

⁹ Tiago 4:6; 1 Pedro 5:5.

e, sopro errante, não voltava a ti¹, e, caminhando, caminhava para aquilo que não é, nem em ti nem em mim, nem no corpo, nem me era sugerido pela tua verdade, mas congeminado pela minha vaidade a partir do corpo, e dizia aos pequeninos, teus fiéis, meus concidadãos, dos quais sem saber me exilava, dizia-lhes, palavroso e inepto: ‘Porque é que erra a minha alma, sendo Deus que a fez?’ E não admitia que me retorquisses: ‘Porque é que, portanto, Deus erra?’ E porfiava que a tua incomutável substância era obrigada a errar, de preferência a confessar que a minha, que era mutável, se tinha desviado por si própria, e por castigo errava.

27. Tinha eu talvez vinte seis ou vinte sete anos de idade quando escrevi esses tratados, revolvendo dentro de mim aquelas ficções corpóreas que estalejavam aos ouvidos do meu coração, ficções que eu, ó doce verdade, aplicava à tua melodia interior, reflectindo *Sobre o Belo e o Apto*, e desejando que tu estivesse presente e ouvir-te, e alegrava-me com alegria por causa da voz do esposo²; mas não conseguia, porque era arrebatado para fora de mim pelas vozes do meu erro, e pelo peso da minha soberba era afundado no abismo. Pois tu não davas ao meu ouvido gozo e alegria, nem exultavam os meus ossos, porque não tinham sido humilhados³.

[Categorias aristotélicas e as artes liberais]

XVI. 28. E que me aproveitava⁴ ter lido sozinho e compreendido pelos meus vinte anos, quando me chegou às mãos uma obra de Aristóteles a que se dá o título de *Dez Categorias*⁵ – a cujo nome eu ficava de boca aberta, suspenso de não sei quê de grandioso e divino, quando um retor de Cartago, meu professor, e outros que eram tidos por sábios, as citavam com as bochechas estalando de vaidade? Tendo-as debatido com aqueles que diziam tê-las entendido dificilmente, graças ao ensino de mestres muito eruditos que não apenas falavam mas ainda desenhavam no chão muitos esquemas, eles nada me puderam dizer a esse respeito, senão o que eu sozinho aprendera lendo; e bastante claramente me pareciam falar das substâncias, como é o homem, e o que é que nelas há, como é a figura do homem, qual é a sua estatura, quantos pés mede, e qual o

¹ Salmo 77:39.

² João 3:29.

³ Salmo 50:10.

⁴ Eclesiastes 2:15.

⁵ Traduzida para Latim por Mário Vitorino (cf. Livro VIII. II. 3). Agostinho escreveu um tratado sobre as dez categorias de Aristóteles, que se perdeu.

seu parentesco, de quem é irmão, onde se encontra estabelecido, ou quando nasceu, ou se está de pé ou sentado, ou calçado ou armado, ou se faz ou sofre alguma coisa, e tudo o que há nestas nove categorias, de que dei alguns exemplos, ou se encontram, em número incalculável, na própria categoria de substância.

29. Que me aproveitava isto, uma vez que até me prejudicava, procurando eu compreender-te a ti, meu Deus, maravilhosamente simples e inmutável – considerando tudo o que existe absolutamente incluído naqueles dez predicamentos – como se também tu estivesses subordinado à tua grandeza ou beleza, de modo que estes existissem em ti, como numa espécie de suporte, como sucede com o corpo, quando a tua grandeza e a tua beleza és tu mesmo, ao passo que o corpo não é grande nem belo pelo facto de ser corpo, porque, embora menos grande e menos belo, todavia continuaria a ser corpo? Era, pois, falsidade o que de ti eu pensava, não verdade, e fantasias da minha miséria, não firmeza da tua beatitude. Ordenaras, e assim se cumpria em mim que a terra me produzisse espinhos e abrolhos e que com o trabalho obtivesse o meu pão¹.

30. E que me aproveitava, sendo eu então um escravo péssimo dos maus desejos, ter lido e compreendido por mim mesmo todos os livros que pude ler sobre as chamadas artes liberais? E neles encontrava prazer, mas não sabia de onde vinha o que neles havia de verdadeiro e de certo. Tinha as costas voltadas para a luz, e a face para as coisas que são iluminadas: por isso a minha face, que via as coisas iluminadas, não era iluminada. Tudo aquilo que, sem ninguém que mo ensinasse, compreendi sem grande dificuldade, sobre a arte de falar e de discutir, sobre a dimensão das figuras, sobre a música e sobre os números, tu o sabes, Senhor² meu Deus, porque a rapidez em compreender e a subtilidade em distinguir são um dom que vem de ti. Mas eu não te oferecia sacrifícios³ por isso. E, assim, não servia à minha utilidade mas antes à minha perdição, porque me esforcei por ter em meu poder tão grande parte da minha riqueza e não guardava para ti a minha força⁴, mas parti de junto de ti para um país longínquo, para a dissipar em desejos depravados¹. Com efeito, que me aproveitava uma coisa boa, se não usava bem dela? Não sentia que mesmo pessoas aplicadas e dotadas tinham muita dificuldade em

¹ *Génese* 3:18-19.

² *Tobias* 3:16; *Salmo* 68:6.

³ *Salmo* 53:8.

⁴ *Salmo* 58:10.

entender aquelas artes, senão quando me esforçava por explicar-lhas e era a melhor de entre elas que seguia a minha exposição menos lentamente.

31. Mas que me aproveitava a mim que julgava que tu, Senhor, Deus, Verdade, és um corpo luminoso e infinito e eu uma parcela desse corpo? Que enorme perversidade! Mas eu era assim e não tenho vergonha de te confessar, meu Deus, as tuas misericórdias² para comigo e de te invocar, porque não me envergonhei então de professar diante dos homens as minhas blasfêmias e ladrar contra ti³. Que me aproveitava então o meu talento ágil por entre essas doutrinas e tantos livros enredadíssimos compreendidos sem nenhuma ajuda de magistério humano, quando errava, abjectamente e com sacrílega torpeza, em relação à doutrina da piedade? Ou em que é que tanto prejudicava aos teus pequeninos um talento muito menos ágil, contanto que não se afastassem de ti, a fim de ganharem penas, em segurança, no ninho⁴ da tua Igreja, e fazerem crescer as asas da caridade com o alimento de uma sã doutrina⁵? Ó Senhor nosso Deus, esperemos sob a protecção das tuas asas, e protege-nos⁶ e leva-nos. Levar-nos-ás desde pequeninos e até à velhice nos levarás⁷, porque a nossa firmeza é firmeza quando és tu, mas quando é nossa, então é fraqueza. Junto de ti vive sempre o nosso bem, e porque daí nos afastámos, nos pervertemos. Voltemos já, Senhor, para não sucumbirmos, porque vive em ti sem nenhum defeito o nosso bem, que és tu mesmo⁸, e não tememos que não haja para onde voltemos, porque daí nos precipitámos; mas na nossa ausência não se desmorona a nossa morada, que é a tua eternidade.

¹ Lucas 15:13, 30.

² Salmo 106:8, 15, 21, 31.

³ Judite 11:15.

⁴ Salmo 83:4.

⁵ Job 39:26.

⁶ Salmo 16:8; 35:8; 56:2; 60:5; 62:8.

⁷ Isaías 46:4; *Eclesiástico* 6:18.

⁸ Salmo 101:28; *Hebreus* 1:12.

LIVRO V

[Convite ao louvor de Deus]

I. 1. Da mão da minha língua¹ que formaste e incitaste a confessar o teu nome², recebe o sacrifício³ das minhas confissões, e sara todos os meus ossos⁴ e que eles digam: *Senhor, quem semelhante a ti?*⁵ Quem a ti se confessa não te informa do que em si se passa, porque o coração fechado não exclui o teu olhar, nem a dureza dos homens repele a tua mão, mas tu a amoleces quando queres, compadecendo-te ou castigando, e não há quem se possa esconder do teu calor⁶. Mas louve-te a minha alma⁷, para que te ame, e confesse as tuas misericórdias⁸, para que te louve. Não cessam nem calam os teus louvores todas as criaturas do universo, nem todos os seres espirituais por meio da sua boca voltada para ti⁹, nem os seres animados ou inanimados por intermédio da boca daqueles que os contemplam, para que a nossa alma, deixando a lassidão, se eleve para ti, apoiando-se nas coisas que fizeste e caminhando para ti que admiravelmente as fizeste¹⁰: e aí está o verdadeiro alento e a verdadeira fortaleza.

[Os iníquos não conseguem evitar a presença de Deus: devem converter-se a ele]

II. 2. Vão-se embora e fujam de ti¹¹ os iníquos com a sua inquietação. E tu vê-los e penetras as suas sombras e eis que são belas todas as coisas juntamente com eles e eles são feios. E em que te puderam fazer mal? Ou em que é que aviltaram o teu império, justo e intacto, desde os céus até às coisas mais ínfimas? Para onde fugiram, fugindo da

¹ *Provérbios* 18:21.

² *Salmo* 53:8; 98:3.

³ *Macabeus* 1:26.

⁴ *Salmo* 6:3.

⁵ *Salmo* 34:10.

⁶ *Salmo* 18:7.

⁷ *Salmo* 118:175; 145:2.

⁸ *Salmo* 106:8, 15, 21, 31.

⁹ *Tobias* 3:14; *Salmo* 50:15.

¹⁰ *Salmo* 71:18; 135:4.

¹¹ *Salmo* 67:2.

tua face¹? Ou onde é que tu não os encontras? Mas, para que te não vissem, fugiram de ti que os vês a eles, e, cegos, esbarrassem contigo – porque não abandonas nada do que fizeste² – esbarrassem contigo os injustos e justamente fossem castigados, subtraindo-se à tua brandura e esbarrando na tua rectidão e caindo no teu rigor. Porque ignoram que estás em toda a parte, que nenhum espaço te delimita, e só tu estás presente mesmo àqueles que se fazem distantes de ti³. Convertam-se, pois, e procurem-te, porque tu não abandonaste a tua criatura⁴ como eles abandonaram o seu criador. Convertam-se eles e eis-te aí no seu coração, no coração dos que a ti se confessam, e se lançam em ti, e choram no teu regaço após os seus difíceis caminhos⁵: e tu, fácil, enxugarás as suas lágrimas⁶, e eles choram ainda mais e alegram-se nas suas lágrimas, porque tu, Senhor, não um homem qualquer, a carne e o sangue⁷, mas tu, Senhor, tu que os criaste, os reconfortas e consolas. E onde estava eu quando te procurava? E tu estavas diante de mim, mas eu afastara-me de mim e não me encontrava: e muito menos a ti!

[O maniqueu Fausto e os filósofos que não conhecem o Criador por meio das criaturas]

III. 3. Na presença do meu Deus fale eu daquele vigésimo nono ano da minha idade. Já tinha vindo para Cartago um bispo maniqueu, de nome Fausto⁸, grande armadilha do diabo⁹, e muitos caíam nela por meio da sedução da sua maviosa eloquência. Embora eu já a admirasse, distinguia-a da verdade do conteúdo que estava ávido de aprender e não olhava ao prato do estilo mas à ciência que me dava a comer o célebre Fausto de grande nomeada entre eles. A sua reputação fizera-me constar que era doutíssimo em todos os conhecimentos honestos e sumamente instruído nas artes liberais. E como eu tinha lido muitas coisas dos filósofos e as conservava na memória, comparava algumas delas com aquelas longas fábulas dos Maniqueus, e parecia-me mais verdadeiro aquilo que disseram aqueles que apenas conseguiram chegar ao ponto de poderem considerar o

¹ Salmo 138:7.

² Sabedoria 11:25.

³ Salmo 72:27.

⁴ Salmo 9:11.

⁵ Sabedoria 5:7.

⁶ Apocalipse 7:17; 21:4.

⁷ Mateus 16:17; 1 Coríntios 15:50.

⁸ Fausto de Milevo, filho de camponeses, natural da pequena cidade de Milevo, no Norte de África, depois de ter aderido ao maniqueísmo tornou-se uma das suas sumidades. Tendo ascendido ao grau de eleito e tornado bispo, estava obrigado à *transmissão da gnose*, isto é, ao mandato missionário. Agostinho esperou vários anos pela sua vinda.

⁹ 1 Timóteo 3:7; 2 Timóteo 2:26.

mundo, embora não tenham encontrado de modo algum o seu Senhor¹. Porque tu és grande, Senhor, e reparas nas coisas humildes, ao passo que conheces de longe as excelsas², e não te aproximas senão dos contritos de coração³, e não te deixas encontrar pelos soberbos, mesmo que eles com curiosa perícia contem as estrelas e as areias, e meçam os espaços siderais, e investiguem os percursos dos astros.

4. Com a sua inteligência investigam estas coisas, e com o talento que lhes deste não só descobriram muitas delas, mas também preanunciaram, muitos anos antes, os eclipses dos dois luminares, o sol e a lua, em que dia, a que horas, qual devia ser a sua dimensão, e não se enganaram no número. E assim sucedeu como preanunciaram, e passaram a escrito as regras pesquisadas, e hoje lêem-se e a partir delas preanuncia-se em que ano, mês do ano, dia do mês, e hora do dia, e em que parte da sua luz a lua ou o sol terão um eclipse: e assim sucederá, como é preanunciado. E admiram-se destas coisas e ficam maravilhadas as pessoas que as ignoram, e exultam, e enaltecem-se os que as sabem e, pela sua ímpia soberba, afastando-se e eclipsando-se da tua tão grande luz, prevêem com antecedência um eclipse do sol futuro, e, no presente, não vêem o seu próprio eclipse – pois não procuram piedosamente saber de onde recebem o talento com que tais coisas procuram – e descobrindo que tu as fizeste não se entregam a ti, para que continuem a ser aquilo que os fizeste, e não sacrificam a ti aquilo em que eles próprios se tornaram⁴, nem imolam os seus enaltecimentos como se fossem aves, nem as suas curiosidades como peixes do mar, com os quais percorrem as secretas sendas do abismo, nem as suas luxúrias⁵ como se fossem animais do campo⁶, para que tu, Deus, fogo devorador, consumas⁷ as suas preocupações mortas recriando-os imortalmente.

5. Mas não conhecem o caminho⁸, que é o teu Verbo, por quem fizeste aqueles seres⁹ que eles contam, e a eles mesmos que contam, e o sentido com que vêem aquilo que contam, e a mente graças à qual contam; e a tua sabedoria não tem conta¹⁰. Mas o

¹ *Sabedoria* 13:9.

² *Salmo* 137:6.

³ *Salmo* 33:19.

⁴ *Salmo* 99:3.

⁵ *1 João* 2:16.

⁶ *Salmo* 8:8-9.

⁷ *Deuteronómio* 4:24; *Hebreus* 12:29.

⁸ *João* 14:6.

⁹ *João* 1:1, 3.

¹⁰ *Salmo* 146:5.

próprio Unigénito fez-se para nós sabedoria, e justiça, e santificação¹, e foi contado entre nós e pagou tributo a César². Não conhecem este caminho por onde podem descer de si para ele e por ele subir até ele. Não conhecem este caminho e julgam que são excelsos e resplandecentes juntamente com as estrelas, e eis que se precipitaram na terra, e obscureceu-se o seu coração insensato. E dizem muitas coisas verdadeiras acerca da criatura, e não procuram piedosamente a verdade, o autor da criatura, e por isso não encontram, ou se encontram, conhecendo a Deus não o adoram como Deus, nem lhe dão graças e desvanecem-se nos seus pensamentos, e dizem que são sábios, atribuindo a si mesmos o que é teu, e, por isso, esforçam-se, com a mais perversa das cegueiras, por te atribuir o que é teu, isto é, acumulando mentiras sobre ti que és a Verdade³, e mudando a glória do Deus incorrupto na semelhança da imagem de um homem corruptível, e das aves, e dos quadrúpedes, e das serpentes, e convertem a tua verdade em mentira, e adoram e servem a criatura em vez do Criador⁴.

6. Todavia eu fixava na memória muitas coisas verdadeiras que eles diziam a partir da observação das criaturas e encontrava nisso uma explicação racional dada por meio dos números e da sucessão das estações e dos testemunhos visíveis dos astros, e comparava-a com as afirmações de Maniqueu, que, em delírio, sobre estas questões escreveu muita coisa prolixamente, e não encontrava aí a explicação nem dos solstícios e dos equinócios, nem dos eclipses dos dois luminares, nem nada de semelhante que eu aprendera nos livros da sabedoria mundana. Aí mandavam-me crer, mas isso não ia ao encontro das explicações descobertas pelos cálculos e pelos meus olhos, pois era muito diferente.

[Desejo profundo do conhecimento de Deus]

IV. 7. Acaso, Senhor Deus da verdade⁵, quem quer que conheça estas coisas, já te agrada por isso? Infeliz do homem que conhece tudo isso, mas te desconhece; bem-aventurado aquele que te conhece, ainda que desconheça tudo isso; quem te conhecer a ti e a essas coisas não é mais bem-aventurado por causa delas, mas por ti e somente é

¹ 1 *Coríntios* 1:30.

² *Marcos* 12:14.

³ *João* 14:6.

⁴ *Romanos* 1:21-25.

⁵ *Salmo* 30:6.

bem-aventurado se, conhecendo-te, te glorificar como tal, e te der graças, e não se desvanecer nos seus pensamentos¹. Pois, assim como quem sabe que possui uma árvore e te dá graças pela sua utilidade, embora não saiba quantos côvados tem de altura ou por que largura se estende, é melhor do que aquele que a mede e conta todos os seus ramos mas não a possui, nem conhece nem ama o seu Criador – assim também é o fiel, que possui todas as riquezas do mundo e as possui como se nada possuísse², unindo-se a ti a quem todas as coisas servem, embora não conheça nem sequer o curso da Ursa Maior: é insensato duvidar de que ele é melhor do que quem mede o céu, conta as estrelas e pesa os elementos, e se esquece de ti que dispuseste todas as coisas com medida, número e peso³.

[A ignorância dos Maniqueus torna duvidosa toda a sua doutrina]

V. 8. Mas quem pedia, a um tal Maniqueu, que escrevesse também estas coisas sem cujo conhecimento se podia aprender a piedade? Tu disseste ao homem: Eis que a sabedoria é a piedade⁴. Àquela ele poderia desconhecê-la, embora conhecesse perfeitamente todas essas coisas. Mas, atrevendo-se a ensiná-las descaradamente porque não sabia, não poderia de forma alguma conhecer a piedade. Com efeito, é vaidade ostentar estas coisas mundanas mesmo conhecidas, mas é piedade confessar o teu louvor. Por isso, ele, inflectindo para este assunto, falou muito sobre essas coisas, a fim de que, refutado por aqueles que as tinham aprendido a fundo, se ficasse a conhecer manifestamente o que valia o seu pensamento nos restantes aspectos mais obscuros. Não quis ser tido em pouca conta, mas empenhou-se em persuadir que nele estava pessoalmente, com a plenitude da sua autoridade, o Espírito Santo, consolador e enriquecedor dos teus fiéis. E assim, sendo apanhado a dizer coisas erradas acerca do céu e das estrelas, e dos movimentos do sol e da lua, embora tais aspectos não digam respeito à doutrina da religião, tornar-se-ia, todavia, evidente que os seus atrevimentos eram sacrílegos, visto que não só era nisso ignorante, mas também dizia falsidades com uma vaidade e uma soberba tão extravagante que ousava atribuí-las a si mesmo como pessoa divina.

¹ *Romanos* 1:21.

² *2 Coríntios* 6:10.

³ *Sabedoria* 11:21.

⁴ *Job* 28:28.

9. Quando me apercebo de que um cristão, este ou aquele irmão, ignora essas coisas e as confunde umas com as outras, ouço pacientemente esse homem a expor a sua opinião e não vejo em que lhe é prejudicial se não sabe, porventura, o lugar e o modo de ser¹ da criatura corporal, desde que não creia em coisas indignas a teu respeito, Senhor, criador do universo². Prejudica-o, porém, se pensa que isto pertence à essência da doutrina da piedade e ousa afirmar pertinazmente aquilo que ignora. Mas mesmo tal enfermidade é suportada pela mãe caridade no berço da fé, até que o homem novo³ chegue ao estado de homem perfeito e não possa ser arrastado pelo vento de qualquer doutrina⁴. Naquele, porém, que de tal modo se atreveu a tornar-se mestre, mentor, guia e chefe daqueles a quem convenceu destas coisas, a ponto de aqueles que o seguem julgarem que seguem não um homem qualquer, mas o teu Espírito Santo, quem não pensaria que nele não deve ser rejeitada e afastada para longe tão grande demência, se em algum aspecto se provasse que tinha dito coisas erradas? Mas eu ainda não descobrira claramente se se podia explicar, segundo as suas palavras, a sucessão dos dias e das noites, mais longos e mais curtos, e a alternância da própria noite e do próprio dia, e os eclipses dos dois luminares, e outros fenómenos do mesmo género que eu lera em outros livros, de tal modo que, se fosse possível fazê-lo, se me tornaria duvidoso se as coisas se passavam desta forma ou daquela, mas anteporia à minha convicção a autoridade dele por causa da sua santidade, em que eu acreditava.

[A eloquência de Fausto e o seu desconhecimento das artes liberais]

VI. 10. E durante quase nove anos em que o meu espírito instável ouviu os Maniqueus, com ardentíssimo desejo esperava a vinda desse Fausto. Efectivamente os outros, que eu por acaso encontrara, e que soçobravam nas perguntas que eu lhes lançava sobre tais coisas, prometiam-me o tal Fausto, cuja presença e uma troca de pontos de vista com toda a facilidade desenredariam clarissimamente estas questões e outras maiores que eu lhe perguntasse. Por isso, quando ele chegou, verifiquei que era um homem simpático, de palavra agradável, que papagueava muito mais suavemente as mesmas coisas que

¹ ‘Lugar’ e ‘modo de ser’ (*situs e habitus*) são duas das categorias aristotélicas. Cf. nota a Livro X 16. ??????

² 2 *Macabeus* 1:24; Ambrósio, *Hinos* I 2,1 (PL 16, 1409).

³ *Efésios* 4:24.

⁴ *Efésios* 4:13-14.

eles costumam dizer. Mas de que servia para a minha sede aquele servidor elegantíssimo de taças tão preciosas? Já de tais coisas estavam fartos os meus ouvidos, e não me pareciam ser melhores por serem ditas de melhor forma, nem verdadeiras por serem expressivas, nem a sua alma sábia, por ser harmonioso o seu aspecto e de bom estilo a sua linguagem. Aqueles que mo prometiam não eram bons avaliadores das coisas, e parecia-lhes prudente e sábio porque os deleitava com as suas palavras. Conheci outro género de pessoas que suspeitam da verdade e não querem reconhecê-la quando é apresentada em linguagem ataviada e exuberante. A mim ensinara-me o meu Deus, por modos maravilhosos e secretos, e acredito que foste tu que me ensinaste, pelo facto de ser verdadeiro o que me ensinaste, e ninguém além de ti é mestre da verdade onde quer que e de onde quer que resplandeça. Já eu, portanto, aprendera de ti que nem uma coisa devia parecer ser dita verdadeira por ser dita com eloquência, nem falsa por soarem sem cadência os signos articulados nos lábios; e, por outro lado, não devia parecer verdadeira, por ser enunciada sem elegância, nem falsa por ser a linguagem esplêndida; eu aprendera que a sabedoria e a insensatez são como alimentos, úteis e inúteis, podendo ser servidos em palavras ornadas ou sem ornamento, como dois alimentos em louça urbana ou rústica.

11. Por conseguinte, a minha avidez, com que durante tanto tempo tinha esperado esse homem, deleitava-se de facto no movimento e na animação da sua exposição e nas palavras adequadas que lhe ocorriam com facilidade para vestir o seu pensamento. Deleitava-me, no entanto, e com muitas coisas ou por causa delas admirava-o e enaltecia-o; mas não levava a bem que no meio da assembleia que o escutava não me fosse permitido interpelá-lo e partilhar com ele as preocupações dos meus problemas, conversando familiarmente, ouvindo e perguntando. Quando pude e comecei a ocupar os seus ouvidos, na companhia dos que me eram íntimos, no momento em que não ficava mal trocar impressões, e expus o que me preocupava, verifiquei, em primeiro lugar, que o indivíduo não dominava as artes liberais, a não ser a gramática, e essa mesma de uma forma vulgar. E, como lera alguns discursos de Cícero e pouquíssimas obras de Séneca e alguma coisa dos poetas e dos escritores da sua seita, se é que alguns livros havia escritos com elegância em Latim, e como tinha prática quotidiana de falar em público, daí lhe vinha conversa de sobra, que se tornava mais receptiva e sedutora com a ajuda do seu talento e uma certa graça natural. É, de facto, assim como recordei, ó

Senhor meu Deus, árbitro da minha consciência? Diante de ti está o meu coração¹ e a minha recordação², tu que então me conduziás no mistério da tua providência, e diante da minha face já colocavas³ os meus erros desonestos para que os visse e odiasse.

[Abandono progressivo do maniqueísmo]

VII. 12. Na verdade, depois que descobri que ele ignorava as artes liberais em que eu o julgava notável, comecei a perder a esperança de que ele me pudesse abrir e desvendar aquilo que me preocupava; mesmo sendo ignorante dessas coisas podia possuir a verdade da piedade, mas só no caso de não ser maniqueu. Com efeito, os seus livros estão cheios de longuíssimas fábulas acerca do céu, e dos astros, e do sol, e da lua: eu já não acreditava que ele pudesse explicar subtilmente aquelas coisas, que era de facto o que eu desejava, comparando as fundamentações dos seus números com as que eu lera noutras obras, para ver se eram mais como se continham nos livros de Maniqueu, ou se, ao menos, daí se tirava uma explicação idêntica. Quando trouxe isso à consideração e à discussão, ele, muito modestamente, nem sequer ousou meter ombros à carga. Bem sabia que ignorava estas coisas e não teve pejo em confessá-lo. Não era da raça dos palavrosos que eu tinha suportado em grande número, esforçando-se por me ensinar sem nada dizerem. Este tinha coração, embora não recto para contigo⁴, pelo menos não demasiado incauto para consigo mesmo. Não era inteiramente inexperiente da sua imperícia e não quis, disputando temerariamente, ser encurralado em questões de onde não houvesse saída alguma ou de onde não lhe fosse fácil voltar atrás: por isso mesmo me agradou ainda mais. Mais bela do que aquelas coisas que eu desejava conhecer é a modéstia de um espírito que não dissimula. E em todas as questões mais difíceis e mais subtis, eu verificava que ele era assim.

13. Desencorajado, portanto, o entusiasmo que eu pusera nos livros de Maniqueu, perdendo cada vez mais a esperança nos seus restantes mestres, já que aquele tão famoso se mostrou assim ignorante em muitas questões que me atormentavam, comecei a dar-me com ele por causa do interesse que o inflamava pelas letras que eu, então já

¹ *Actos* 8:21.

² *Números* 10:9.

³ *Salmo* 49:21.

⁴ *Salmo* 77:37; *Actos* 8:21.

retor em Cartago, ensinava aos adolescentes, e a ler com ele, fosse o que ele queria ouvir, fosse o que eu julgava conforme à sua maneira de ser. Mas todo o empenho com que eu decidira progredir naquela seita se desmoronou completamente ao conhecer aquele homem, não a ponto de me afastar totalmente deles, mas, como quem não encontra nada melhor do que aquilo a que de qualquer modo me tinha lançado, decidira por enquanto dar-me por satisfeito, a não ser que, porventura, brilhasse alguma coisa que devesse ser preferida. Assim, aquele Fausto, que para muitos constituiu um laço mortal¹, começara já, sem querer nem saber, a desprender-me daquele em que eu fora apanhado. Porque as tuas mãos, meu Deus, no recôndito da tua providência, não abandonavam a minha alma, e do sangue do coração de minha mãe, pelas suas lágrimas, dia e noite, te eram oferecidos sacrifícios por mim, e tu procedeste para comigo de forma admirável². Foste tu que o fizeste, meu Deus. Os passos do homem são dirigidos pelo Senhor, é ele que escolherá o seu caminho³. Ou que procura da salvação existe fora da tua mão que regenera o que criaste?

[Partida para Roma contra a vontade da mãe]

VIII. 14. Comigo fizeste, portanto, com que me persuadissem a ir para Roma e a ensinar antes aí aquilo que ensinava em Cartago. E de onde me veio essa persuasão, não deixarei de o confessar a ti, porque também aí se devem meditar e enaltecer os teus altíssimos desígnios e a tua presentíssima misericórdia para conosco. Não quis ir para Roma, porque os amigos, que a isso me persuadiram, me prometiam maiores vencimentos e maior dignidade – ainda que tais coisas também influenciassem então o meu espírito – mas o maior motivo de todos e quase único era que ouvia dizer que lá os adolescentes frequentavam os estudos de uma forma mais pacata e se controlavam graças à aplicação mais rigorosa da disciplina, de forma a não invadirem a cada passo e turbulentamente as aulas daquele que não é seu mestre e a não serem admitidos expressamente sem a sua autorização. Pelo contrário, em Cartago, há um abuso vergonhoso e desregrado entre os estudantes: irrompem descaradamente e, em fúria, perturbam a ordem que cada um estabeleceu para proveito dos alunos. Cometem muitas insolências com uma estupidez inacreditável, devendo ser punidos por lei, se os não

¹ *Salmo* 17:6; *Provérbios* 21:6.

² *Joel* 2.26.

³ *Salmo* 36:23.

protegesse o costume, mostrando que são tanto mais desgraçados quanto fazem como se fosse lícito aquilo que, segundo a tua eterna Lei, nunca será lícito, e impunemente julgam fazê-lo, quando são punidos pela própria cegueira ao fazê-lo, e padecem coisas incomparavelmente piores do que aquelas que fazem. Por conseguinte, eu que não quis, quando era estudante, ter tal comportamento, era obrigado a suportá-lo nos outros como professor; e, por isso, me apetecia ir para onde me indicavam não sucederem tais abusos todos aqueles que o sabiam. Mas tu, minha esperança, e meu quinhão na terra dos vivos¹, para que eu mudasse de lugar para minha salvação², em Cartago chegavas-me o aguilhão para me arrancares de lá, e em Roma propunhas-me engodos que me atraíssem, servindo-te de pessoas que amam a vida morta, fazendo de um lado loucuras, prometendo do outro vaidades, e, para endireitar os meus passos³, utilizavas secretamente a perversidade, a deles e a minha. Com efeito, aqueles que perturbavam o meu sossego estavam cegos de uma raiva hedionda, e os que me incitavam a outra coisa saboreavam a terra⁴, enquanto eu, que aqui rejeitava uma verdadeira infelicidade, buscava lá uma falsa felicidade.

15. Mas porque saía daqui e ia para lá, tu o sabias, Deus, e não mo indicavas nem à minha mãe, que chorou atrozmente a minha partida e me acompanhou até ao mar. Mas enganei-a, porque me agarrava com toda a força para me fazer voltar consigo ou partir ela comigo, e eu fingi que não queria deixar um amigo até que, soprando o vento, ele se fizesse ao mar. E menti a minha mãe e a tal mãe, e escapei-me, porque tu misericordiosamente me perdoaste isso, protegendo-me, a mim cheio de execráveis imundícies, desde as águas do mar até à água da tua graça e, lavando-me nela, secassem os rios dos olhos de minha mãe, com que, todos os dias, por mim regava a terra debaixo do seu rosto. Recusando-se a voltar para casa sem mim, dificilmente consegui convencê-la a que ficasse durante a noite num lugar próximo do nosso barco, que era a memória⁵ onde estava sepultado S. Cipriano. Mas nessa noite eu parti às escondidas, ela não; ficou rezando e chorando. E que te pedia, meu Deus, em tantas lágrimas, senão que

¹ *Salmo* 141:6.

² *Salmo* 34:3.

³ *Salmo* 39:3.

⁴ *Filipenses* 3:19.

⁵ ‘Chamam-se *memórias* ou *evocações* os sepulcros dos mortos que se singularizam porque chamam à memória aqueles que foram subtraídos aos olhos dos vivos pela morte, e nos fazem pensar neles, evocando-os, a fim de que não sejam também subtraídos aos corações pelo esquecimento.’ (Agostinho, *De Cura pro mortuis gerenda* 1, 18, *PL* 40, 596).

me não deixasses navegar? Mas tu, com um desígnio mais profundo, atendendo ao ponto principal do seu desejo, não cuidaste do que então ela pedia, para fazeres de mim aquilo que ela pedia sempre. Soprou o vento e encheu as nossas velas e fez desaparecer dos nossos olhos a praia, onde ela de manhã enlouquecia de dor, e de queixumes e gemidos enchia os teus ouvidos que os não ouviam, levando-me tu às minhas paixões para acabar com as mesmas paixões, e castigando com o justo flagelo da dor o seu desejo carnal. Como todas as mães, gostava da minha presença junto de si, mas muito mais do que muitas, e ignorava o que lhe preparavas de alegrias com a minha ausência. Ela não sabia, e por isso chorava e se lamentava, e nesses tormentos denunciava o que nela havia de Eva, procurando com gemidos aquele que ela com gemidos dera à luz¹. E depois de me acusar de falsidade e crueldade, voltando de novo a implorar-te por mim, partiu para a sua vida e eu para Roma.

[À beira da morte por causa de uma febre]

IX. 16. E eis que aí sou apanhado pelo flagelo da dor corporal e ia-me já desta vida², levando comigo todos os males que cometera contra ti, contra mim e contra os outros, muitos e graves males por cima da algema do pecado original, com que todos morremos em Adão³. Nenhum deles me tinhas perdoado em Cristo, nem ele tinha destruído na sua cruz as inimizades⁴ que eu contraíra contigo com os meus pecados. E como as destruiria na cruz de um fantasma, que eu cria que ele era? Tão falsa, por conseguinte, me parecia a morte da sua carne, como verdadeira era a de minha alma, e tão verdadeira era a morte da sua carne, como falsa era a vida da minha alma, que não acreditava nisso. E agravando-se as febres, já ia e me perdia. Para onde iria, se então daqui me fosse, senão para o fogo⁵ e para os tormentos merecidos pelos meus actos na verdade da ordem por ti estabelecida? Minha mãe ignorava essas coisas e no entanto, ausente, rezava por mim. Tu, porém, presente em toda a parte onde ela estava, ouvia-la, e onde eu estava amiseravas-te de mim, para que eu, ainda doente do meu coração sacrílego, recuperasse a saúde do meu corpo. E no meio de tão grande perigo não desejava o teu baptismo, e era melhor em criança quando o implorei à piedade de minha mãe, como já recordei e

¹ *Gênesis* 3:16.

² *Job* 7:9.

³ *1 Coríntios* 15:22.

⁴ *Efésios* 2:14, 16.

⁵ *Mateus* 25:41.

confessei¹. Mas tinha crescido na minha vergonha, e, demente, zombava dos conselhos da tua medicina, tu que não me deixaste morrer duas vezes nesse estado. Se o coração de minha mãe fosse atingido por tal golpe, jamais havia de se curar. Pois não consigo exprimir o que se passava a meu respeito no seu coração, e com muito maior solicitude me dava à luz espiritualmente do que me tinha dado fisicamente².

17. Por isso, não vejo como se curaria se a minha morte em tal estado trespassasse as entranhas do seu amor. E onde estariam tantas e tão frequentes preces ininterruptas³? Em parte nenhuma senão junto de ti. Acaso tu, Deus de misericórdia⁴, desprezarias o coração contrito e humilhado⁵ de uma viúva casta e sóbria, assídua nas esmolas, tão prestável e pronta a servir os teus fiéis, que nenhum dia passava sem oferecer a oblação diante do teu altar, que duas vezes ao dia, de manhã e à tarde, ia à tua igreja sem nunca faltar, não para conversas inúteis e chocarrices de velhas, mas para te ouvir nos teus sermões e tu a ela nas suas orações? Haverias tu, cujo dom a fazia como era, de desprezar e excluir do teu auxílio as suas lágrimas com que te não pedia ouro e prata, nem bem algum variável e instável, mas sim a salvação da alma de seu filho? De modo nenhum, Senhor, muito pelo contrário, tu estavas presente e ouvias e agias pela ordem em que predestinaras que devias agir. Longe de mim pensar que tu a enganavas naquelas tuas visões e respostas, as que eu já referi e as que não referi, que ela conservava no seu peito fiel e, rezando sempre, te apresentava como assinadas por ti⁶. E, porque a tua misericórdia é para sempre⁷, dignas-te fazer-te devedor mesmo das tuas promessas àqueles a quem perdoas todas as dívidas⁸.

[Erros antes de aderir à doutrina do Evangelho]

¹ Cf. Livro I. XI. 17.

² *Gálatas* 4:19.

³ 1 *Tessalonicenses* 5:17.

⁴ 2 *Coríntios* 1:3.

⁵ *Salmo* 50:19.

⁶ *Colossenses* 2:14.

⁷ *Salmo* 117:1; 137:8.

⁸ *Mateus* 18:32.

X. 18. Restabeleceste-me, pois, daquela doença e salvaste o filho da tua serva¹, por enquanto no corpo, para que houvesse a quem dar uma saúde melhor e mais segura. Já em Roma juntava-me àqueles santos enganados e enganadores: não apenas aos seus ouvintes, a cujo número pertencia aquele em casa de quem estivera durante a doença e a convalescença, mas ainda àqueles a quem chamam eleitos². Ainda me parecia que não somos nós que pecamos, mas sim que peca em nós não sei que outra natureza, e comprazia-me que o meu orgulho ficasse de fora da culpa, e, quando eu fizesse algum mal, não confessar que eu o tinha feito, para poderes curar a minha alma, porque pecava contra ti³; pelo contrário, gostava de me desculpar e acusar não sei o quê que estava comigo e não era eu. E, contudo, eu era um todo e contra mim me dividira a minha impiedade⁴, e esse pecado era tanto mais incurável quanto eu julgava não ser pecador, e era uma execrável iniquidade antes querer que tu, Deus onipotente⁵, fosses vencido em mim para minha perdição, do que eu por ti para minha salvação. Ainda não tinhas colocado uma sentinela diante da minha boca e a porta da temperança em torno dos meus lábios, para que o meu coração não caísse em palavras de maldade para escusar as escusações nos pecados com aqueles que praticam a iniquidade, e por isso ainda emparelhava com os seus eleitos⁶, mas já sem esperança de poder tirar algum proveito daquela falsa doutrina, e já conservava com tibieza e negligência aquelas mesmas coisas com que decidira contentar-me se nada de melhor encontrasse.

19. Com efeito, ocorreu-me também a ideia de que mais prudentes que os outros tinham sido os filósofos a que chamavam Acadêmicos⁷, que eram de opinião de que se deve

¹ *Salmo* 85:16; 115:16(7).

² A hierarquia maniqueia copiava de certo modo a hierarquia da Igreja católica. Como esta, e também como a gnose, o maniqueísmo divide os homens em função de uma adesão iniciática. Fora da seita estão os *mundanos* não-iniciados, que vivem ignorantes da sua condição. À iniciação podem ser admitidos homens, mulheres e até mesmo crianças. O primeiro grau de iniciação na seita é o de *ouvinte*, ou *acusmático* (i.e., aquele que escuta; são *filhos do exame*). Os ouvintes estão obrigados à *justiça do dom* (dar sustento aos *eleitos* missionários) e à oração diária ao Sol. O segundo grau é o de *eleito*: são os *filhos do segredo*. Estes obrigam-se à *justiça do corpo*: observar a doutrina dos três selos: selo da boca, selo da mão, selo do seio. Mas entre os eleitos há aqueles que apenas procuram a sua própria santificação. Uns decidem trabalhar pela salvação dos outros na *transmissão do conhecimento*; alguns destes são ordenados diáconos, outros sacerdotes: são os *filhos da inteligência*. Mais acima na hierarquia estão 72 bispos: são os *filhos da ciência*. Acima destes estão os doze mestres, *filhos da doçura*. No cume da hierarquia está um ‘chefe da religião’, que representa o próprio Mani, ou seja, o Espírito Santo Paráclito.

³ *Salmo* 40:5.

⁴ *Mateus* 12.26.

⁵ *Gênesis* 17:1.

⁶ *Salmo* 2:3-4.

⁷ Os Acadêmicos são os sucessores de Platão, na Academia, que, esquecendo a lição dialéctica do mestre, introduziram um dualismo radical entre o mundo sensível e o mundo inteligível (Arcesilau de Pítano, Eólia, n. 315 a.C. - m. 241 a.C.) e, reservando a ciência para o inteligível, concluíram que do sensível não pode haver saber, mas tão-só opiniões, pelo que a melhor atitude é a suspensão (*epoché*) de todos os juízos. O sábio deve abster-se de aprovar seja o que for e a felicidade consiste simplesmente na procura da verdade. Este ceticismo e

duvidar de tudo e sustentavam que a verdade não pode ser apreendida pelo homem¹. A mim, tal como se pensava em geral a seu respeito, parecia-me que a sua perspectiva era lúcida, porque ainda não tinha compreendido a sua intenção. E tomei a liberdade de censurar o meu hospedeiro por causa da excessiva confiança que senti que ele depositava nas fábulas de que estão cheios os livros dos Maniqueus. Vivia, contudo, mais familiarmente na amizade deles do que na das outras pessoas que não pertencessem àquela heresia. Não a defendia com o fervor de antigamente, mas, no entanto, a convivência com eles – Roma dá guarida a muitos deles – fazia com que eu fosse mais negligente em procurar outra coisa, sobretudo porque não tinha esperança de poder encontrar a verdade na tua Igreja, Senhor do céu e da terra², criador de todas as coisas visíveis e invisíveis³, de onde eles me tinham afastado e muito, e parecia-me muito ignóbil crer que tu tinhas figura de corpo humano e que eras delimitado pelo perfil corporal dos nossos membros. E porque, querendo pensar no meu Deus, não sabia pensar senão em massas corpóreas – pois nada me parecia existir que não fosse assim – essa era a maior e quase única causa do meu inevitável erro.

20. E daí pensar também que existia uma espécie de substância do mal idêntica, e que tinha a sua massa negra e informe, quer fosse espessa, a que se chamava terra, quer tênue e subtil, como o corpo do ar: substância que se imagina como uma mente maligna que rasteja através da terra. E porque a piedade, qualquer que ela fosse, me obrigava a crer que um Deus bom não tinha criado nenhuma natureza má, colocava em lugares opostos duas massas, ambas infinitas, mas a má num sítio mais apertado, e a boa num mais amplo, e a partir deste princípio pestilento seguiam-me os restantes sacrilégios. Como o meu espírito se esforçasse por recorrer à fé católica, era rechaçado, porque a fé católica não era o que eu pensava ser. E mais piedoso me parecia ser eu, se, meu Deus, a quem confessam as tuas misericórdias⁴ para comigo, eu cresse que mesmo de todas as partes és infinito, embora de uma só, aquela por onde se opunha a ti a massa do mal, fosse obrigado a declarar que és finito – mais piedoso me parecia ser eu do que supor que és delimitado de todas as partes segundo a forma de um corpo humano. Parecia

relativismo práticos foram mitigados pelos neo-acadêmicos Carnéades de Cirene e Clitómaco, com a introdução da noção de *probabilidade*.

¹ Cícero, *Academica* 1, 18 e 31.

² *Gênesis* 24:3.

³ *Colossenses* 1:16.

⁴ *Salmo* 106:8, 15, 21, 31.

melhor crer que tu não criaste nenhum mal – mal que, na minha ignorância, não só se me afigurava uma substância, mas também uma substância corpórea, porque não era capaz de conceber que a mente pensasse se ela própria não fosse um corpo subtil, que, no entanto, se difunde pelos espaços – antes isso do que crer que de ti derivava a natureza do mal como eu a concebia. E julgava que o nosso Salvador, teu Unigénito, emanava, como de uma massa de entre a tua mais resplandecente massa, para nossa salvação, de tal modo que em mais nada cria a seu respeito senão no que conseguia imaginar na minha vã fantasia. E assim julgava que a sua natureza não podia nascer, como é, da Virgem Maria, se não se misturasse com o corpo. Por outro lado, não via que aquilo que imaginava se misturava e não se inquinava. Receava, por isso, crer que tinha nascido na carne, para não ser forçado a crer que tinha sido inquinado pela carne. Agora os teus fiéis espirituais com brandura e caridade rir-se-ão de mim, se lerem estas minhas confissões; mas eu era assim.

[Aproximação do catolicismo]

XI. 21. Depois estava convencido de que não era possível defender aquilo que eles criticavam nas tuas Escrituras, mas às vezes vinha-me o desejo de fazer uma consulta sobre cada ponto em particular a um especialista nesses Livros e ver o que ele pensava sobre o assunto. Já mesmo em Cartago me começavam a impressionar os discursos de um certo Elpídio, que, em público, dissertava contra os mesmos Maniqueus, apresentando tais aspectos das Escrituras que não era fácil refutar. A mim parecia-me fraca a resposta deles; não a exprimiam facilmente em público, mas só a nós no maior segredo, dizendo que as Escrituras do Novo Testamento foram falseadas por não sei quem que quisera enxertar a lei judaica na lei cristã, mas não apresentando eles mesmos nenhum exemplar isento de falsificação. Mas a mim, completamente tolhido e sufocado, como que me esmagavam aquelas duas massas, imaginando-as eu coisas materiais, sob cujo peso, ofegando pela brisa límpida e simples da tua verdade, não podia respirar.

[Comportamento fraudulento dos estudantes de Roma para com os seus mestres]

XII. 22. Começava decididamente a pôr em prática aquilo que fora o motivo da minha vinda, ensinar em Roma a arte retórica, e, primeiramente, a juntar em minha casa alguns

alunos, aos quais e por meio dos quais começava a tornar-me conhecido. Imediatamente tomo conhecimento de que em Roma se fazem outras coisas a que não estava sujeito em África. Pois, de facto, não me foi revelado que, em Roma, aqueles adolescentes perdidos punham em prática as mesmas eversões¹. ‘Mas, inesperadamente, dizem-me, para não pagarem ao professor, muitos adolescentes combinam entre si e mudam-se para outro, quebrando o seu compromisso, e tendo em conta de nada a justiça por amor ao dinheiro.’ Odiava-os o meu coração, embora com um ódio não perfeito². E odiava talvez aquilo que havia de sofrer da parte deles, mais do que o facto de fazerem coisas ilícitas a quem quer que fosse. Esses tais são, sem dúvida, infames e divorciam-se de ti³, comprazendo-se em sucessivos roubos de tempo e no lucro vil que, quando se agarra, suja a mão, e abraçando o mundo fugidio, desprezando-te a ti que permaneces, e chamas, e perdoas à alma humana pecadora quando volta para ti. Ainda agora odeio essa gente perversa e mal formada, embora os ame para os corrigir, a fim de que prefiram ao dinheiro o próprio ensinamento que adquirem, e a este te prefiram a ti, Deus, Verdade, e abundância de bem autêntico, e paz sem mácula. Mas, então, era mais por causa de mim que não queria suportar os maus, do que por causa de ti queria torná-los bons.

[Professor de retórica em Milão; junto de Ambrósio]

XIII. 23. E, assim, depois que de Milão foi comunicado ao prefeito da cidade de Roma que fosse contratado um professor de retórica para aquela cidade, sendo concedida a possibilidade de utilizar a mala-posta imperial, eu mesmo solicitei, por intermédio daqueles que se embriagavam com as futilidades dos Maniqueus – ia-me embora para me livrar deles, mas nem eles nem eu o sabíamos – solicitei que, aprovado com a apresentação de um discurso, o prefeito, que então era Símaco⁴, me enviasse a mim. E fui para Milão, para junto do bispo Ambrósio, famoso entre os melhores em toda a terra, teu devoto adorador, cujos discursos naquele tempo distribuíam ao teu povo zelosamente a flor do trigo⁵, e a alegria do azeite⁶, e a sóbria ebriedade do vinho¹. Para

¹ Cf. Livro III. III. 6.

² *Salmo* 138:22.

³ *Salmo* 72:27.

⁴ Aurélio Símaco (c. 340 - c. 402), grande orador e prosador pagão, admirado mesmo por cristãos como Ambrósio e Prudêncio. Teve carreira política de relevo.

⁵ *Salmo* 80:17; 147:14.

⁶ *Salmo* 44:8.

junto dele era conduzido por ti e sem saber, a fim de que por ele, cientemente, fosse conduzido a ti. Aquele homem de Deus² recebeu-me paternalmente e acolheu a minha vinda com todo o amor de bispo. E eu comecei a gostar dele, a princípio não como mestre da verdade, que eu não tinha nenhuma esperança de encontrar na tua Igreja, mas como homem afável para comigo. E ouvia-o com interesse a pregar ao povo, não com a intenção com que devia ouvi-lo, mas como que examinando a sua eloquência para ver se correspondia à sua fama, ou se a sua fluência era maior ou menor do que se dizia, e ficava suspenso das suas palavras, com toda a atenção, mas sem interesse pelo conteúdo que eu desprezava, e deleitava-me com a suavidade da linguagem, embora mais erudita, menos radiosa e agradável do que a de Fausto no que diz respeito ao modo de falar. De resto, não havia nenhuma comparação quanto ao conteúdo: pois um vagueava por entre as falácias dos Maniqueus, o outro ensinava sãmente a salvação. Mas a salvação está longe dos pecadores³, como eu era nesse tempo. Todavia, pouco a pouco, ia-me aproximando, sem saber.

[Abandono dos erros por influência de Ambrósio]

XIV. 24. Embora me esforçasse, não por aprender o que ele dizia, mas apenas por ouvir como dizia – ficara-me esta inane preocupação visto que perdera a esperança de que fosse acessível ao homem o caminho para ti – no entanto, chegava-me ao espírito, juntamente com as palavras de que eu gostava, também o conteúdo que eu punha de lado; na verdade, não podia separar uma coisa da outra. E, enquanto abria o coração para apreender com quanta eloquência se exprimia, da mesma maneira entrava nele, embora gradualmente, com quanta verdade o fazia. Em primeiro lugar, começara já a parecer-me que essas mesmas coisas eram defensáveis, e considerava que a fé católica, em favor da qual tinha julgado que nada se podia dizer contra os ataques dos Maniqueus, se podia afirmar sem acanhamento, sobretudo depois de ter ouvido explicar um ou outro passo obscuro do Antigo Testamento, cuja interpretação literal me matava⁴. Explicados, assim, espiritualmente vários passos daqueles Livros, começava a censurar o meu desespero, pelo menos aquele que me levava a crer que não era possível de forma

¹ Salmo 4:8; Ambrósio, *Hinos* I 7, 23-24 (PL 16, 1411); *De Cain et Abel* I, 5(19), PL 14, 326; *De Fuga saeculi*, PL 14, 591.

² 4 Reis 1:9; 1 Timóteo 6:11; 2 Timóteo 3:17.

³ Salmo 118.155.

⁴ 2 Coríntios 3:6.

alguma resistir àqueles que detestavam e escarneciam da Lei e dos Profetas¹. Mas não sentia ainda que devia seguir a via católica pelo facto de que esta podia ter os seus doutos defensores que refutavam sem absurdo as suas objecções, nem que devia ser condenado aquilo que eu seguia pelo facto de que eram equivalentes as partes da defesa. Assim, a via católica não me parecia vencida, mas sem que aparecesse ainda como vencedora.

25. Apliquei então, com todas as forças, o meu espírito a ver se era de algum modo possível, com alguns argumentos seguros, convencer os Maniqueus de falsidade. Ora, se pudesse conceder uma substância espiritual, imediatamente todas aquelas invenções seriam desfeitas e expulsas do meu espírito: mas não podia. Contudo, reflectindo e comparando mais e mais, começava a julgar que em relação ao corpo deste mundo e a toda a natureza que o sentido carnal atingia, a maioria dos filósofos tinha opiniões muito mais prováveis. Assim, à maneira dos filósofos da Academia, como vulgarmente se crê, duvidando de tudo e flutuando no meio de tudo, decidi abandonar os Maniqueus, julgando que durante o tempo da minha dúvida não devia permanecer naquela seita a que já antepunha alguns filósofos: todavia, recusava-me absolutamente a confiar a cura da doença da minha alma² a esses filósofos, porque não existia neles o nome salvador de Cristo. Decidi, por isso, finalmente, ser catecúmeno na Igreja Católica, segundo a tradição de meus pais, até que alguma certeza brilhasse, para onde eu dirigisse os meus passos.

¹ *Mateus* 5:17; 7:12; *Lucas* 16:16.

² *Mateus* 9:35; *Lucas* 9:1.

LIVRO VI

[Nem católico nem maniqueu]

I. 1. *Minha esperança desde a juventude*¹ onde estavas, para mim, e para onde te afastaras²? Acaso não me tinhas criado e não só me tinhas diferenciado dos quadrúpedes, mas também me tinhas feito mais sábio que as aves do céu³? Eu caminhava nas trevas⁴ e em terreno resvaladiço⁵, buscava-te fora de mim e não te encontrava, Deus do meu coração⁶; chegara ao profundo do mar⁷, e desanimava, e desesperava de encontrar a verdade. Entretanto, para junto de mim viera minha mãe, forte em piedade, seguindo-me por terra e por mar⁸, e em todos os perigos confiante em ti. Nos perigos do mar era ela que animava os próprios marinheiros – os quais costumam tranquilizar os passageiros desconhecedores do abismo, quando estes se sentem inseguros – prometendo-lhes que chegariam a salvo ao fim da viagem, porque tu lhe prometeras isso a ela, numa visão⁹. E encontrou-me quando eu corria grave perigo, desesperando da procura da verdade, mas contudo, ao dar-lhe conta de que já não era maniqueu, mas também não era cristão católico, ela não exultou de alegria, como quem ouve algo de inesperado, porque estava certa dessa parte da minha miséria, na qual me chorava como morto, mas devendo ressuscitar para ti, e no esquife do seu pensamento me apresentava a ti, para que dissesses ao filho da viúva: ‘Jovem, eu te ordeno, levanta-te’, e ele voltasse a viver, e começasse a falar, e tu o entregasses a sua mãe¹. Não vibrou, portanto, de efusiva alegria o seu coração ao ouvir que em grande parte já estava feito aquilo por que todos os dias chorava diante de ti para que acontecesse: que eu ainda não tinha alcançado a verdade, mas que já me tinha libertado da falsidade; mais ainda, porque estava certa de que lhe darias também o que restava, pois tudo prometeras, respondeu-me, com toda a tranquilidade e com o peito cheio de esperança,

¹ *Salmo* 70:5.

² *Salmo* 9B:22 (10A:1).

³ *Job* 35: 10-11.

⁴ *Isaías* 50:10.

⁵ *Salmo* 34:6.

⁶ *Salmo* 72:26.

⁷ *Salmo* 67:23.

⁸ Vergílio, *Eneida* IX 492-493.

⁹ *Actos* 27:20, 23-24.

que cria em Cristo que, antes de emigrar desta vida, havia de me ver fiel católico. Isto me disse a mim. A ti, fonte de misericórdia, dirigia orações e lágrimas mais frequentes, para que apressasses a tua ajuda² e iluminasses as minhas trevas³; acorria com mais zelo à igreja e ficava suspensa dos lábios de Ambrósio, fonte de água que jorra para a vida eterna⁴. Amava-o como a um anjo de Deus⁵, porque soubera que eu, entretanto, já tinha sido levado por ele àquela incerta flutuação, através da qual ela estava certa de que eu havia de passar da doença para a saúde, percorrendo ainda um período mais atribulado, como por um acesso que os médicos chamam crítico.

[Oferendas nos túmulos dos mártires]

II. 2. E assim, como trouxesse aos túmulos dos santos, como costumava fazer em África, papas, pão e vinho puro, e fosse impedida pelo porteiro, quando soube que fora o bispo que o tinha proibido, acatou a proibição com tanta devoção e obediência, que eu próprio me admirava de como tão facilmente se tornou antes acusadora do seu costume, do que contestadora daquela proibição. A intemperança não assediava o seu espírito, nem o amor do vinho a estimulava a odiar a verdade, como à maior parte dos homens e mulheres, que, perante um cântico à sobriedade, sentem náuseas como os bêbedos diante de uma beberagem aguada: mas ela, como trouxesse o cesto com as oferendas habituais para serem provadas e distribuídas, não tinha para si mais do que um copinho, misturado à medida do seu paladar, bastante sóbrio, que tomava por cortesia; e, se eram muitos os túmulos dos defuntos que pareciam dever ser honrados daquele modo, levava consigo o mesmo copinho, de que se servia em todos os sítios, para o partilhar com os presentes, já não apenas aguadíssimo mas também morníssimo, em pequenos sorvos, porque procurava a devoção, não o prazer. Por isso, quando descobriu que o ilustre pregador e bispo insigne em piedade ordenara que tais coisas não fossem postas em prática, nem mesmo por aqueles que sobriamente o faziam, para não se dar ocasião aos bêbedos de se ingurgitarem, e porque aquela espécie de banquetes fúnebres eram muito

¹ *Lucas* 7:12-15.

² *Salmo* 7:11; 37:23; 69:2.

³ *Salmo* 17:29.

⁴ *João* 4:14.

⁵ *Gálatas* 4:14.

semelhantes à superstição dos gentios¹, absteve-se deles de muito bom grado, e, em vez do cesto cheio de frutos terrenos, aprendera a levar aos túmulos dos mártires o coração cheio de votos mais puros, e de tal modo que desse aos necessitados o que podia, embora aí se celebrasse a comunhão do corpo do Senhor, pois foi por imitarem a sua paixão que os mártires foram imolados e coroados com o martírio. E, contudo, Senhor meu Deus – e quanto a isso é assim que está o meu coração na tua presença² – parece-me que minha mãe talvez não tivesse cedido facilmente à supressão deste costume, se tivesse sido proibida por outro a quem ela não amasse como a Ambrósio. Amava-o muitíssimo por causa da minha salvação, e ele a ela por causa da sua religiosíssima maneira de viver, na forma como frequentava a igreja, tão fervorosa espiritualmente³ em boas obras⁴, de tal maneira que muitas vezes, ao ver-me, rompia em louvores a ela, felicitando-me por ter tal mãe, não sabendo ele que filho tinha ela em mim, que duvidava de tudo e pensava ser de todo impossível encontrar uma via para a vida⁵.

[Ocupações de Ambrósio]

III. 3. E já não gemia nas minhas orações, para que me socorresses, mas o meu espírito estava aplicado à procura e inquieto em discutir, e considerava Ambrósio um homem mundanamente feliz, honrado como era por pessoas de tão grande autoridade: apenas o seu celibato me parecia penoso. Não podia imaginar, nem tinha experimentado, que esperanças trazia consigo, que combates travava contra as tentações da sua própria superioridade, que consolações tinha na adversidade, ou que saborosos deleites a sua boca, oculta no seu coração, ruminava no teu pão. Nem ele conhecia a minha inquietação nem o abismo do meu perigo. E eu não lhe podia perguntar o que queria, como queria, porque me afastavam dos seus ouvidos e da sua boca catervas de problemas das pessoas que ele ajudava nas suas debilidades: quando não estava com elas, que era pouquíssimo tempo, ou alimentava o seu corpo com o necessário sustento, ou o seu espírito com a leitura. Mas, quando lia, os olhos percorriam as páginas, e o seu coração penetrava o sentido, enquanto a voz e a língua se mantinham em repouso.

¹ Entre 13 e 21 de Fevereiro celebravam-se em Roma os *Parentalia*, festival em honra dos mortos. As famílias lembravam os parentes desaparecidos, nomeadamente com oferendas de alimentos junto dos túmulos, numa cerimónia realizada no último desses dias (*Feralia*). Cf. Ovídio, *Fastos* II 533 ss.

² *Salmo* 18:15.

³ *Actos* 18:25; *Romanos* 12:11.

⁴ 1 *Timóteo* 5:10; 6:18.

⁵ *Salmo* 15:10; *Provérbios* 6:23; 10:17; *Jeremias* 21:8; *Actos* 2:28.

Muitas vezes, estando nós presentes – pois ninguém era impedido de entrar, nem era costume que quem chegava se fizesse anunciar – assim o vimos ler em silêncio e nunca de outra forma, e, sentando-nos durante um longo silêncio – tão concentrado como estava, quem ousaria perturbá-lo? – íamo-nos embora e presumíamos que ele, durante o escasso tempo que reservava para alimentar a sua mente, não queria, livre do tumulto dos assuntos alheios, ser desviado para outra coisa e que talvez temesse que um ouvinte suspenso e atento, se o autor que ele lia colocasse alguma questão mais obscura, o obrigasse a dar uma explicação ou a dissertar sobre questões mais difíceis, e, gastando tempo com isso, a ler menos livros do que desejava, embora a necessidade de poupar a voz, que com muita facilidade se lhe enrouquecia, pudesse ser uma razão mais justa para ler em silêncio. Mas, fosse qual fosse a intenção com que o fazia, um homem como ele sem dúvida alguma o fazia com boa intenção.

4. O certo é que não se me proporcionava nenhuma oportunidade de fazer as minhas perguntas ao teu tão santo oráculo que era o peito dele, sobre aquilo que eu desejava, a não ser quando devia ouvir uma resposta breve. As minhas inquietações procuravam vivamente que ele estivesse disponível, para que se derramassem diante dele, mas nunca o encontravam assim. Todos os domingos o ouvia a explicar ao povo rectamente a palavra da verdade¹, e cada vez mais se me confirmava que era possível desfazer os nós das astuciosas calúnias que aqueles enganadores urdiam contra os Livros divinos. Quando descobri que o facto de o homem ter sido criado por ti à tua imagem² não era entendido pelos teus filhos espirituais, que pela tua graça fizeste nascer de novo da Igreja Católica, nossa mãe, de tal modo que cressem e concebessem que és delimitado pela forma do corpo humano, embora não suspeitasse nem mesmo tenuemente nem em enigma³ como seria uma substância espiritual, todavia, com alegria me envergonhei por ter ladrado durante tantos anos, não contra a fé católica, mas contra as ilusões dos pensamentos carnaís. E tanto mais temerário e ímpio tinha sido, quanto dissera, acusando, o que devia dizer, questionando. Porque tu, ó altíssimo⁴ e próximo, secretíssimo e presentíssimo, que não tens uns membros maiores e outros menores, mas em toda a parte estás todo e não estás em lugar nenhum, não és de facto essa forma

¹ 2 *Timóteo* 2:15.

² *Génese* 1:26-27; 9:6.

³ 1 *Coríntios* 13:12.

⁴ *Salmo* 9:3; 91:2.

corpórea, e, no entanto, fizeste o homem à tua imagem¹: ele, sim, da cabeça aos pés está num lugar.

[As Escrituras interpretadas pela Igreja]

IV. 5. Não sabendo, pois, como subsistia esta tua imagem, devia, como quem bate à porta², propor o modo como se deve crer, e não opor-me com insolência, como se assim se cresse. Por conseguinte, quanto mais aguda era a preocupação, que roía o meu íntimo, sobre a verdade a que me devia agarrar, tanto mais me envergonhava de ter sido iludido e enganado durante tanto tempo com a promessa de certezas e de, com pueril erro e entusiasmo, ter tagarelado tantas incertezas como se certezas fossem. Mais tarde tornou-se-me evidente que eram falsidades. Todavia, era certo que eram incertezas e que em determinada altura tinham sido assumidas por mim como certezas, quando acusava a tua Igreja Católica com cegas disputas, embora ainda a não tivesse descoberto como mestra da verdade, sabia no entanto que ela não ensinava aquilo de que gravemente eu a acusava. E assim me envergonhava, e arrependia, e me alegrava, meu Deus, porque a tua Igreja, única, corpo do teu filho único³, na qual me foi inculcado em criança o nome de Cristo, não apreciava esses disparates infantis, nem tinha na sua sã doutrina nada que te empurrasse, a ti, criador de todas as coisas⁴, para um espaço, embora sublime e amplo, todavia limitado por todos os lados pela figura dos membros humanos.

6. Alegrava-me também que as antigas Escrituras da Lei e dos Profetas⁵ não me fossem apresentadas para serem lidas com aquele olhar com que antes me pareciam absurdas, quando acusava os teus santos de assim as entenderem; mas não era assim que as entendiam. Alegrava-me ao ouvir Ambrósio dizer muitas vezes nos seus sermões ao povo, como se recomendasse insistentemente uma regra: *a letra mata, o espírito vivifica*⁶, quando, removido o véu⁷ místico, descerrava espiritualmente aqueles aspectos que, tomados à letra, pareciam ensinar a perversidade, nada dizendo que me ofendesse,

¹ *Génese* 1:26-27; 9:6.

² *Mateus* 7:7.

³ *Colossenses* 1:18, 24.

⁴ *2 Macabeus* 1:24; Ambrósio, *Hinos* I 2,1 (PL 16, 1409).

⁵ *Mateus* 5:17; 7:12; *Lucas* 16:16.

⁶ *2 Coríntios* 3:6.

⁷ *2 Coríntios* 3:14.

embora dissesse coisas que eu ainda ignorava se eram verdadeiras. Impedia o meu coração de qualquer tipo de assentimento temendo o precipício e, com esta suspensão, me matava muito mais. Queria estar tão certo daquilo que não via, como estava certo de que sete e três são dez. Mas não era tão alucinado que cuidasse que nem sequer isto se pode compreender, mas assim como compreendia isto, assim também desejava compreender as restantes coisas, seja as corporais que não estavam diante dos meus sentidos, seja as espirituais, sobre as quais não sabia pensar senão corporalmente. Podia curar-me, crendo, para que, mais limpo, o olhar da minha mente fosse de algum modo dirigido para a tua verdade, que permanece para sempre¹ e sob nenhum aspecto é defectível; mas, tal como costuma acontecer que quem tem experiência de um mau médico receia confiar-se até a um bom, assim se passava com a saúde da minha alma, que, por um lado, não se podia curar senão crendo, e, por outro lado, para não crer em falsidades recusava curar-se, resistindo às tuas mãos², tu que preparaste os medicamentos da fé e os espalhaste sobre as doenças do mundo inteiro e lhes conferiste tanta autoridade.

[Autoridade e utilidade das Sagradas Escrituras]

V. 7. Dando já preferência desde então à doutrina católica, sentia que nela se mandava, com maior contenção e sem falácia, que se cresse naquilo que não se demonstrava — quer existisse alguma coisa, mas não para qualquer um, quer não existisse; pelo contrário, sentia que entre os Maniqueus se escarnecia da credulidade com temerária promessa de ciência e a seguir se impunha que se acreditasse em tantas coisas totalmente fabulosas e absurdas, porque não se podiam demonstrar. Depois, Senhor, tu, pouco a pouco, tocando e ordenando o meu coração com mão suavíssima e misericordiosíssima, considerando eu quão numerosas eram as coisas em que acreditava sem que eu as visse ou estivesse presente ao serem feitas, como tantas coisas na história dos povos, tantas sobre lugares e cidades que nunca vira, tantas em relação à amigos, tantas quanto a médicos, tantas sobre estas ou aquelas pessoas, tantas coisas em que, se não acreditássemos, absolutamente nada faríamos nesta vida, e finalmente, considerando eu quão inabalavelmente conservava fixo na minha convicção de que pais

¹ *Salmo* 116:2.

² *Salmo* 16:8; *Daniel* 4:32.

tinha nascido, coisa que eu não podia saber se não tivesse acreditado no que ouvia – convenceste-me de que devem ser culpados não aqueles que crêem nos teus Livros, que tu com tanta autoridade implantaste entre quase todos os povos, mas sim aqueles que não crêem, e de que nem sequer deviam ser ouvidos, se porventura me dissessem: ‘Como sabes que esses Livros foram concedidos ao género humano pelo espírito do Deus único e verdadeiro?’ Era sobretudo nisso que devia crer, porque nenhuma argumentação das questões caluniosas ao longo de tantos escritos que lera de filósofos que se contradizem pôde forçar-me a não crer, alguma vez, que tu és, fosses o que fosses, que eu ignorava, ou que o governo das coisas humanas¹ te pertence.

8. Mas algumas vezes acreditava com mais força, outras com mais fraqueza, mas sempre acreditei que tu és e cuidas de nós, posto que ignorava o que devia pensar acerca da tua substância ou qual o caminho que conduz ou reconduz a ti e, por isso, sendo nós fracos² para encontrar a verdade com a limpidez da razão, e sendo necessária a autoridade das Escrituras, começava então a acreditar que, de nenhum modo, tu havias de dar tão excelsa autoridade à Escritura por todo o mundo, se não quisesses que por ela crêssemos em ti e por ela te procurássemos. O absurdo que me costumava chocar naquelas Escrituras, ao ouvir muitos dos seus passos explicados de uma forma provável, atribuí-a agora à profundidade dos mistérios, e tanto mais venerável e digna de fé me aparecia a sacrossanta autoridade, quanto era acessível à leitura de todos e guardava a dignidade do seu segredo numa compreensão mais profunda, oferecendo-se a todos em palavras claríssimas e num estilo humílimo, e exercitando o esforço daqueles que não são leves de coração³, para a todos receber no seu democrático seio e, através de passagens estreitas, arrastar uns poucos até junto de ti, mas muito mais do que seria se não fosse eminente o prestígio da sua autoridade e não absorvesse as multidões no regaço da sua santa humildade. Eram estes os meus pensamentos e tu estavas junto de mim, eu suspirava e tu ouvias, flutuava e tu seguravas o leme, caminhava pela via larga do mundo⁴ e não me abandonavas.

¹ Cícero, *Da natureza dos deuses* 2, 3.

² Romanos 5:6.

³ Eclesiástico 19:4.

⁴ Mateus 7: 13-14.

[Um mendigo feliz]

VI. 9. Aspirava às honras, aos lucros, ao casamento, e tu escarnecias de mim¹. Padecia nesses desejos dificuldades muito amargas, sendo-me tu propício tanto mais, quanto menos permitias que eu sentisse a doçura do que não eras tu. Vê o meu coração, Senhor², que quiseste que eu recordasse isto e to confessasse. Una-se agora a ti a minha alma³ que livraste do visco tão pegajoso da morte. Que desgraçada era! E tu picavas no ponto mais sensível da ferida, para que, abandonando tudo, se voltasse para ti⁴, que estás acima de todas as coisas⁵ e sem o qual todas elas seriam nada, se voltasse e fosse curada⁶. Como eu era miserável e como fizeste com que eu sentisse a minha miséria naquele dia em que, preparando-me para recitar ao imperador um panegírico em que diria muitas mentiras, e, mentindo, fosse aplaudido por aqueles que o sabiam, e o meu coração anelava por tais coisas e ardia na febre dos pensamentos que o consumiam, passando por uma rua de Milão reparei num pobre mendigo já bem bebido, creio eu, folgazão e cheio de alegria. Eu gemi e falei, com os amigos que estavam comigo, sobre as muitas dores da nossa insensatez, porque com todos os nossos esforços, em que eu então me afadigava, arrastando sob o aguilhão das paixões o fardo da minha infelicidade e aumentando-o porque o arrastava, nada mais pretendíamos senão atingir uma alegria estável, onde aquele mendigo tinha chegado antes de nós, que talvez nunca lá chegaríamos. Eu, por tão difíceis caminhos e rodeios, para chegar à alegria de uma felicidade efêmera, suspirava por aquilo que ele tinha alcançado com umas moeditas, pouquinho e mendigadas. Com efeito, não tinha ele uma alegria verdadeira: mas eu, com aquelas ambições, buscava uma coisa muito mais falsa. E ele, pelo menos, estava feliz, e eu angustiado; ele seguro, eu cheio de medo. E se alguém me perguntasse se eu preferia exultar ou recluir, eu responderia: ‘Exultar’. E se de novo perguntasse se eu preferia ser como ele ou como eu era nesse tempo, preferia ser eu, consumido de preocupações e receios. Mas respondia isso por perversidade; ou por verdade? E não devia antepor-me a ele por ser mais douto, pois que daí não me vinha alegria, mas daí

¹ *Salmo* 2:4; 36:13; *Sabedoria* 4:18.

² *Lamentações* 1:9, 11, 20; 2:20.

³ *Salmo* 62:9.

⁴ *Salmo* 21:28; 50:15

⁵ *Romanos* 9:5.

⁶ *Isaías* 6:10; *Mateus* 13:15; *João* 12:40; *Actos* 28:27..

procurava com que agradar aos homens, não para os ensinar, mas apenas para lhes agradar. Por isso, tu, com a vara¹ da tua disciplina, quebravas os meus ossos².

10. Afastem-se, pois, da minha alma³ os que lhe dizem: ‘Há uma diferença no motivo da alegria de cada um. Alegrava-se o mendigo com a bebedeira, tu desejavas alegrar-te com a glória.’ Com que glória, Senhor? A que não está em ti⁴. Com efeito, assim como a sua alegria não era verdadeira, assim também a glória não era verdadeira, e mais arruinava a minha mente. Ele, naquela mesma noite, havia de digerir a sua embriaguez, eu tinha dormido e tinha-me levantado, e havia de dormir e de me levantar⁵ com a minha; vê quantos dias! Há uma diferença no motivo da alegria de cada um, eu sei, e a alegria da esperança fiel está incomparavelmente distante daquela vaidade. Mas também entre nós havia distância: é que ele era mais feliz, não tanto porque se desfazia em contentamento, ao passo que eu me desentranhava em preocupações, mas também porque ele adquirira o vinho desejando felicidade aos outros, enquanto eu procurava o orgulho mentindo-lhes. Fiz então muitas considerações a este propósito aos meus amigos e muitas vezes advertia nelas para ver como eu ia e verificava que não ia bem, e sofria e aumentava o mal, e se algo de próspero me sorria, enfadava-me pegar-lhe, porque, por assim dizer, voava antes de lhe tocar.

[Alípio e os jogos circenses]

VII. 11. Lamentávamo-nos por causa destas coisas que juntos vivíamos como amigos, e, em especial e com grande intimidade, conversava sobre elas com Alípio e Nebrídio. Alípio⁶ era natural do mesmo município que eu, nascido de uma importante família municipal, mais novo do que eu. Tinha sido meu discípulo quando comecei a ensinar na nossa cidade e, depois, em Cartago, e gostava muito de mim porque eu lhe parecia bom e sabedor, e eu dele pela sua grande inclinação para a virtude, que se salientava bastante na sua pouca idade. Todavia a voragem dos costumes de Cartago, onde fervilham os espectáculos frívolos, tinha-o absorvido na demência dos jogos circenses. Mas como

¹ *Salmo* 22:4.

² *Salmo* 41:11; 52:6.

³ *Jeremias* 6:8.

⁴ *1 Coríntios* 1:31.

⁵ *Mateus* 9: 24-25.

⁶ Santo Alípio, um dos mais caros amigos de Agostinho, foi eleito bispo de Tagaste em 394. Combateu as heresias donatista e pelagianista. Subsistem *Epístolas* trocadas com Agostinho (27, 28, 126, 176, 177).

lamentavelmente rodopiasse nesse abismo, sendo eu professor de retórica numa escola pública, ainda não frequentava as minhas aulas por causa de um diferendo que tinha surgido entre mim e o seu pai. Eu descobrira que ele amava perdidamente o circo, e afligia-me profundamente porque me parecia que perderia ou já perdera tão grande esperança. Mas não havia nenhuma possibilidade de o admoestar e o desviar disso por alguma proibição, quer servindo-me da benevolência da amizade, quer do direito do magistério. Eu julgava que ele tinha a meu respeito a mesma impressão que o pai, quando de facto ele não era assim. Por isso, pondo de lado a atitude do pai neste aspecto, começava a saudar-me, vindo à minha escola, ouvia-me durante algum tempo e ia-se embora.

12. Mas já se me escapara da memória insistir com ele para que não matasse tão precioso talento com aquela paixão cega e temerária por jogos tão vãos. Tu, porém, Senhor, que diriges o leme de tudo aquilo que criaste, não te esqueceras que ele havia de ser entre os teus filhos ministro do teu mistério e, para que abertamente te fosse atribuída a ti a sua correcção, realizaste-a de facto por mim, mas sem eu saber. Com efeito, estando eu certo dia sentado no lugar do costume e junto de mim os alunos, ele veio, saudou-me, sentou-se e fixou a atenção no assunto de que se tratava. Por casualidade eu tinha entre mãos um texto. Enquanto eu fazia o comentário, parecendo-me que, a propósito, devia usar uma comparação com os jogos do circo, a fim de que aquilo que eu insinuava se tornasse mais agradável e mais acessível com uma crítica mordaz daqueles que eram prisioneiros daquela demência, tu sabes, Senhor nosso Deus¹, que nesse momento não me passava pela cabeça curar Alípio daquela peste. Mas ele considerou o meu comentário como dirigido a si e convenceu-se de que eu o dissera precisamente por causa dele, e o que outro tomaria como pretexto para se zangar comigo, aquele jovem honesto tomou-o para se zangar consigo e para gostar de mim mais ardentemente. Já outrora disseras e fixaras nas tuas Escrituras: Corrige o sábio e ele amar-te-á². No entanto, eu não o corrigira, mas tu, servindo-te de todos, dos que se dão e dos que se não dão conta disso, pela ordem que tu conheces – e essa ordem é justa – fizeste carvões ardentes³ do meu coração e da minha língua, para que com eles

¹ *Salmo* 68:6

² *Provérbios* 9:8.

³ *Ezequiel* 1:13.

cauterizasses aquela mente de boa esperança, mas que definhava, e a curasses¹. Cale os teus louvores quem não considerar as tuas misericórdias, que a ti confessam² do fundo das minhas entranhas. Porque foi a seguir a estas palavras que ele irrompeu daquele fosso tão profundo em que por sua vontade se submergia e com inefável prazer ficava cego, e sacudiu o espírito com corajosa renúncia, e todas as imundícies dos jogos circenses saltaram fora dele, e nunca mais lá voltou. Depois, venceu a relutância do pai em me ter por seu mestre: ele cedeu e concedeu. E, começando de novo a frequentar as minhas aulas, envolveu-se juntamente comigo na superstição dos Maniqueus, amando neles a ostentação da continência que ele julgava verdadeira e autêntica. Mas era falsa e enganosa, caçando almas de eleição³ ainda incapazes de atingir a profundidade da virtude e fáceis de enganar com a superficialidade de uma virtude fingida e simulada.

[Alípio e os espectáculos de gladiadores]

VIII. 13. Seguindo de facto a via terrena pela qual seus pais o haviam encantado, fora para Roma antes de mim, para estudar direito, e uma vez aí foi incrivelmente arrebatado por um incrível entusiasmo pelos espectáculos de gladiadores. Como ele repudiasse e detestasse tais jogos, certos amigos e condiscípulos seus, que ele encontrou por acaso quando vinham de um almoço, com amigável violência o levaram para o anfiteatro num dia de jogos, cruéis e funestos, embora ele recusasse com veemência e resistisse, dizendo: ‘Se arrastardes o meu corpo para esse lugar e aí o colocardes, conseguireis porventura fixar também o meu espírito e os meus olhos nesses espectáculos? Portanto, estarei presente, estando ausente, e assim triunfarei de vós e deles’. Ouvindo isto, não obstante, levaram-no consigo, desejando talvez verificar se ele era capaz de o fazer. Quando chegaram lá e se instalaram nos lugares que puderam, todo o ambiente estava no auge dos prazeres mais cruéis. Ele, fechando os olhos do corpo, proibiu o espírito de sair cá para fora para ver tanto mal. E oxalá tivesse tapado também os ouvidos! Com efeito, em determinado incidente da luta, violentamente sacudido por um enorme clamor de todo o povo, vencido pela curiosidade e como que disposto – fosse o que fosse – a desprezar e vencer o que visse, abriu os olhos e foi atingido, na alma, por um golpe mais grave do que, no corpo, quem ele desejou ver, e caiu mais miseravelmente

¹ *Isaias* 6:6-7.

² *Salmo* 106:8, 15, 21, 31.

³ *Provérbios* 6:26.

do que aquele cuja queda provocara o clamor: este entrou-lhe pelos ouvidos e abriu-lhe os olhos para haver por onde fosse ferido e derrubado aquele espírito ainda mais temerário do que forte, e tanto mais fraco quanto presumira de si quando devia presumir de ti¹. Quando viu aquele sangue, ao mesmo tempo bebeu a crueldade e não desviou o olhar, mas fixou-o, e hauria fúrias, e não sabia, e comprazia-se no crime do combate, e inebriava-se com um prazer sanguinário. E já não era o mesmo que tinha vindo², mas um da turba para o meio da qual viera e verdadeiro companheiro daqueles por quem fora trazido. Que mais? Viu o espectáculo, gritou, incandesceu, levou daí consigo a demência com que seria aguilhoado a voltar não só com aqueles por quem fora trazido, mas também à frente deles e arrastando outros. E, todavia, com a tua potentíssima e misericordiosíssima mão arrancaste-o de lá e ensinaste-o a não ter confiança em si mas em ti³: isso, porém, muito depois.

[Alípio é preso como ladrão]

IX. 14. Contudo, já isto assentava na sua memória para seu futuro remédio. E, ainda, o facto de tu teres deixado que ele fosse preso pelos guardas do foro como um ladrão — era então estudante em Cartago e frequentava as minhas aulas, e ao meio-dia andava no foro para pensar no que havia de recitar, como costumam fazer os estudantes — julgo que não permitiste isso por outra razão, Senhor nosso Deus, senão para que ele, que um dia havia de ser tão grande, começasse a aprender que, na investigação judicial, um homem não deve facilmente ser condenado por outro homem com base numa credulidade temerária. Andava ele sozinho com as tabuinhas e o ponteiro de escrever, em frente do tribunal, quando um rapaz, do número dos estudantes, mas ladrão a sério, trazendo consigo uma machadinha escondida, entrou, sem ele dar por isso, no gradeamento de chumbo que fica por cima da Rua Argentária, e começou a cortar o chumbo. Os banqueiros que estavam abaixo, ouvindo o barulho da machadinha, falaram em voz sumida e mandaram guardas que prendessem quem quer que encontrassem. Apercebendo-se das vozes dos guardas, o ladrão esgueirou-se, largando o instrumento com medo de ser apanhado com ele. Ora Alípio, que não o vira entrar, sentiu-o a sair e viu-o a fugir velozmente, e desejando saber o motivo entrou naquele lugar e, parado,

¹ *Judite* 6:15.

² Sêneca, *Cartas a Lucílio* 7, 1-3.

³ *Provérbios* 3:5; *Isaías* 57:13.

examinava com espanto a machadinha que encontrara, quando, de repente, chegam os guardas que tinham sido mandados; encontraram-no sozinho, tendo na mão o instrumento cujo barulho os despertara e era o motivo de terem vindo: prendem-no, levam-no e, perante os vizinhos do foro, gabam-se de ter apanhado um ladrão em flagrante, e daí era conduzido para ser presente aos juízes.

15. Mas a lição ficou por aí. Imediatamente, Senhor, vieste em auxílio da inocência, da qual só tu eras testemunha¹. Ao ser conduzido para o cárcere ou para o suplício, saiu-lhes ao encontro um arquitecto, que era o encarregado máximo dos edifícios públicos. Regozijam-se eles sobretudo por terem encontrado aquele a quem costumavam cair na suspeita de terem roubado as coisas que desapareciam do foro, como se finalmente ele ficasse a saber quem era o ladrão. Porém, esse homem vira muitas vezes Alípio em casa de um certo senador, a quem ia frequentemente saudar, e, reconhecendo-o de imediato, pegando-lhe na mão, afastou-o da população e, perguntando-lhe qual era a causa de tão grande desgraça, ouviu o que tinha sucedido, e mandou que fossem consigo todos os que ali estavam em alvoroço, bramando ameaçadoramente. E dirigiram-se para casa do rapaz que cometera o delito. Diante da porta estava um escravozito de tão pouca idade que podia dizer tudo facilmente sem recear que daí viesse algum mal para o seu dono; tinha-o, com efeito, acompanhado ao foro. Assim que Alípio o reconheceu, avisou o arquitecto. Este, por sua vez, mostrou ao escravo a machadinha, perguntando-lhe de quem era. Ele respondeu prontamente: ‘É nossa’. Interrogado a seguir, revelou o resto. Assim, transferida a causa para aquela casa, e desenganada a população que já começara a triunfar dele, o futuro dispensador da tua palavra e examinador de muitas causas na tua Igreja saiu de lá mais experiente e mais instruído.

[Honestidade de Alípio; chegada de Nebrídio]

X. 16. Eu encontrara-o em Roma, e ligou-se a mim por laços fortíssimos, e comigo partiu para Milão, não só para não se separar de mim, mas também para fazer alguma coisa com o direito que aprendera mais por desejo de seus pais do que seu. E já tinha desempenhado por três vezes o cargo de assessor, com uma integridade digna de admiração para os outros, sendo para ele motivo de espanto aqueles que punham o ouro

¹ *Sabedoria* 1:6; *Jeremias* 29:23.

à frente da inocência. Foi também posto à prova o seu carácter não só com a sedução da avareza, mas também com o aguilhão da cobardia. Era em Roma assessor do conde do erário das tropas de Itália. Havia nesse tempo um senador poderosíssimo, a cujas benesses muitos estavam amarrados e a cujo terror estavam submetidos. Quis que lhe fosse permitido não sei o quê, conforme era normal para o seu poder, mas que era ilícito segundo a lei; Alípio opôs-se. Foi-lhe prometida uma recompensa; ele riu-se interiormente. Foram-lhe feitas ameaças; desprezou-as, com a admiração de todos por aquela alma que nem desejava ter por amigo nem temia como inimigo uma pessoa tão importante e que gozava da grande fama de dispor de inumeráveis meios de fazer bem ou mal. O próprio juiz de quem era conselheiro, embora também não quisesse que tal fosse concedido, todavia, não recusava abertamente, mas, transferindo a causa para Alípio, afirmava que este não lho permitia, porque, se ele, juiz, autorizasse o pedido, aquele se demitiria do processo. Só esteve quase a ser aliciado, por amor às letras, a mandar executar para si códigos com os mesmos preços do pretor, mas, consultando a justiça, mudou para melhor a sua deliberação, considerando mais útil a equidade que lho proibía do que o poder que lho permitia. Pouco importante é isto; *mas quem é fiel nas pequenas coisas também é fiel nas grandes*, e de nenhum modo será vão aquilo que saiu da boca da tua verdade¹: *se não fostes fiéis na riqueza injusta, quem vos dá a verdadeira riqueza? E se no alheio não fostes fiéis, quem vos dará o que é vosso?*² Assim era ele nesse tempo; estava muito ligado a mim e comigo vacilava na deliberação sobre qual devia ser o rumo de vida a seguir.

17. Também Nebrídio, que deixara a sua terra natal, vizinha de Cartago, e a própria Cartago, onde vivia a maior parte do tempo, que deixara a quinta de seu pai³, uma quinta excelente, que deixara a própria casa e a mãe, que não estava na disposição de o seguir, e tinha vindo para Milão sem outro motivo que não fosse viver comigo na procura apaixonada da verdade e da sabedoria – como eu suspirava e como eu flutuava na busca ardente da vida feliz e na indagação pertinaz das questões mais difíceis. Eram três bocas esfomeadas que bafejavam umas às outras a sua indigência e de ti esperavam que lhes desse alimento em tempo oportuno⁴. E em toda a amargura que, por tua

¹ João 1:14; 8:40; 14:6.

² Lucas 16: 10-12.

³ Horácio, *Epodo* 2, 3.

⁴ Salmo 103:27; 144: 15.

misericórdia, seguia os actos da nossa vida secular, considerando nós o fim com que sofriamos tais coisas, apressavam-se as trevas a ir ao nosso encontro e nós desistíamos, gemendo, e dizíamos: ‘Por quanto tempo vai isto durar?’ E dizíamo-lo com frequência, e, dizendo-o, não abandonávamos aqueles erros, porque não se fazia luz sobre nada de certo a que, deixando-os, nos agarrássemos.

[Ansiedade e hesitações de Agostinho]

XI. 18. Eu ficava extremamente admirado comigo mesmo ao esforçar-me por recordar como já ia longe o tempo, desde os dezanove anos de idade, em que começara a sentir um ardente desejo de procurar a sabedoria, decidindo, quando a encontrasse, abandonar todas as esperanças inanes das vãs paixões e as suas loucuras enganosas¹. Estava já nos trinta anos, debatendo-me no mesmo lamaçal², ávido de gozar dos bens presentes que me escapavam e dissipavam, ao passo que dizia: ‘Amanhã encontrarei; há-de aparecer com toda a clareza e eu hei-de compreender; eis que Fausto virá e explicará tudo. Ó grandes homens, vós os da Academia! Não é possível ter a certeza de nada para viver a vida³? Então procuremos ainda com mais diligência e não desesperemos. Eis que, nos livros da Igreja, já não são absurdas aquelas coisas que antes me pareciam ser, e podem entender-se de outra forma e com honestidade. Fixarei os meus pés no degrau em que, ainda menino, tinha sido colocado pelos meus pais, até que seja encontrada a autêntica verdade. Mas onde hei-de procurá-la? Como hei-de procurá-la? Ambrósio não tem tempo livre, nem eu tempo para ler. Onde procuraremos códices? Onde e quando os arranjaremos? A quem os pediremos? Destinem-se tempos, reservem-se horas para a salvação da alma⁴. Nasceu uma grande esperança: a fé católica não ensina aquilo que cuidávamos e criticávamos como coisa vã. Os seus mestres consideram sacrilégio crer que Deus está delimitado pela figura de um corpo humano. E hesitamos em bater à porta, a fim de que o resto nos seja revelado⁵? Da parte da manhã ocupamos o tempo com os discípulos. No restante tempo, que faremos? Porque é que não fazemos isso? Mas quando é que visitamos os amigos mais importantes, de cujos favores

¹ Salmo 39:5.

² Terêncio, *Formião* 780.

³ Cícero, *Academica* 1, 18 e 31.

⁴ 2 Samuel 11:11; 14:19; Salmo 34:3.

⁵ Mateus 7:7; Lucas 11:9.

necessitamos? Quando preparamos aquilo que os estudantes nos comprem? Quando é que descansamos aliviando o espírito da tensão das preocupações?

19. Desapareçam todos estes pensamentos, lancemos fora estas coisas vãs e fúteis: entreguemo-nos apenas à procura da verdade. A vida é miserável, a morte é incerta; chega de súbito sem darmos por isso: em que estado sairemos daqui? E onde é que devemos aprender aquilo em que aqui fomos negligentes? E, antes de mais, não devemos ser castigados por esta negligência? E se, juntamente com o corpo, a morte amputar e extinguir toda a preocupação? É mister indagar este aspecto. Mas oxalá que assim não seja. Não é em vão, não é sem sentido que se difunde por todo o mundo o prestígio tão eminente da autoridade da fé cristã. Nunca tantas e tais coisas Deus faria por nós, se a vida da alma se consumisse com a morte do corpo. Porque é que hesitamos, portanto, em deixar a esperança nas coisas deste mundo e em nos entregarmos inteiramente à procura de Deus e da vida eterna? Mas espera: essas coisas também são agradáveis, têm a sua doçura e não pequena; não devemos cortar facilmente o apego a elas, porque é feio a elas voltar de novo. Já tenho quanto basta para conseguir algum cargo. E que mais devo desejar de entre o mesmo género de coisas? Tenho grande número de amigos influentes: se não ambicionarmos nada de mais importante, é possível darem-me, ao menos, uma presidência. E devo casar com uma mulher com algum dinheiro, para que não venha agravar os nossos gastos, e essa será a medida da minha ambição. Muitos homens ilustres e digníssimos de serem imitados dedicaram-se, com suas esposas, à procura da sabedoria’.

20. Enquanto eu dizia estas coisas, e alternavam estes ventos, e me impeliam o coração de um lado para o outro, passavam os tempos, e eu tardava em voltar-me para o Senhor, e adiava de dia para dia¹ viver em ti e não adiava todos os dias morrer em mim: amando a vida eterna, temia-a na sua morada e procurava-a, fugindo dela. Cuidava que havia de ser extremamente infeliz, se me privasse dos abraços de uma mulher, e não pensava no remédio da tua misericórdia para curar a mesma enfermidade², porque não o tinha experimentado, e estava convencido de que a continência dependia das minhas próprias forças, das quais não estava consciente, sendo tão estulto que ignorava, como está

¹ *Eclesiástico* 5:8

² *Salmo* 102:3; *Mateus* 4:23.

escrito, que ninguém pode ser continente, se tu não lho concederes¹. E concedê-lo-ias sem dúvida, se com um gemido interior eu batesse à porta² dos teus ouvidos e com fé inabalável lançasse em ti as minhas preocupações³.

[Discussão sobre o matrimónio e o celibato]

XII. 21. Era Alípio que me proibia de tomar esposa, repetindo-me que de nenhum modo podíamos viver juntos tranquilamente no amor da sabedoria, como já de há muito tempo desejávamos, se eu o fizesse. Nessa altura era ele mesmo castíssimo nessa matéria, o que era surpreendente, porque tivera experiência do prazer carnal no princípio da sua adolescência, mas não ficara preso a isso, e mais o lamentara e desprezara, e daí em diante vivia com toda a continência. Mas eu opunha-lhe os exemplos daqueles que, embora unidos a uma mulher, cultivaram a sabedoria, e mereceram Deus⁴, e mantiveram fielmente os amigos e os amaram. Na realidade, eu estava muito longe da grandeza de alma destes e, amarrado pela doença da carne, com mortífera suavidade arrastava a minha cadeia, temendo soltar-me dela e, como se me tocassem na ferida, repudiando as palavras dele, que me dava bons conselhos, como se fossem as mãos de quem me soltava. Além do mais, também através de mim era a serpente que falava⁵ a Alípio, e urdia, e espalhava, por meio da minha língua, doces laços no seu caminho⁶, onde aqueles pés honestos e livres se enredassem.

22. Com efeito, como ele se admirasse de que eu, que ele tanto estimava, estivesse de tal modo pegado ao visco daquele prazer, a ponto de afirmar, sempre que entre nós se levantava a discussão sobre o assunto, que eu não era capaz, de modo algum, de levar uma vida celibatária, e como eu me defendesse, ao vê-lo tão espantado, dizendo que havia uma grande diferença entre aquilo que ele tinha experimentado fugazmente e às escondidas, de que já quase nem sequer se lembrava e, por isso, sem nenhuma pena facilmente desprezava, entre isso e os deleites do meu costume – pois, se a estes se juntasse o honesto nome de matrimónio, ele não devia admirar-se porque é que eu não

¹ *Sabedoria* 8:21.

² *Mateus* 7:7; *Lucas* 11:9.

³ *Salmo* 54:23.

⁴ *Hebreus* 13:16.

⁵ *Gênesis* 3:1.

⁶ *Salmo* 141:4.

conseguia abandonar aquela vida – começava também ele a desejar o casamento, vencido não pelo desejo de tal prazer, mas pela curiosidade. Dizia que desejava saber o que seria isso sem o qual a minha vida, que assim lhe agradava, me não parecia vida mas castigo. Livre dessa amarra, a sua alma ficava maravilhada com a minha servidão, e maravilhando-se encaminhava-se para o desejo de fazer a experiência, havendo de chegar à própria experiência para daí cair talvez naquela servidão que o maravilhava, porque queria fazer um pacto com a morte¹, e quem ama o perigo cairá nele². Nenhum de nós dois pensava, senão levemente, na dignidade do casamento – se é que alguma existe – na obrigação de orientar a vida do casal e de aceitar os filhos. A mim, em grande parte e com veemência, me torturava, como seu prisioneiro, o hábito de saciar a insaciável concupiscência; a ele, era a admiração que o levava a ser apanhado. Assim éramos nós, até que tu, ó altíssimo³, não abandonando o barro de que somos feitos⁴, amiserando-te de nós, miseráveis, nos socorresses das formas mais maravilhosas e misteriosas.

[Planeia-se o casamento de Agostinho]

XIII. 23. E instavam comigo diligentemente para que eu me casasse. Já eu fazia o pedido, já me era feita a promessa, graças sobretudo à intervenção de minha mãe, para que, já casado, me lavasse a água salutar do baptismo, alegrando-se ela por eu me dispor a isso cada vez mais, e advertindo que na minha fé se realizavam os seus desejos e as tuas promessas. Na verdade, como, por meu pedido e seu desejo, ela te suplicasse todos os dias, com forte clamor do seu coração, que lhe mostrasses em sonho alguma coisa acerca do meu futuro casamento, nunca consentiste. Ela via coisas vãs e fantásticas, forçada pelo desejo intenso do espírito humano preocupado com este assunto, e contava-mas não com a confiança do costume, quando tu lhas revelavas, mas pelo contrário sem lhes dar importância. E dizia que extremava por meio não sei de que sabor – que não conseguia explicar com palavras – que diferença existia entre as tuas revelações e os sonhos da sua alma. Apesar disso, instavam comigo e pedia-se a mão de

¹ *Isaías* 28:18.

² *Eclesiástico* 3:27.

³ *Salmo* 9:3; 91:2.

⁴ *Gênesis* 2:7.

uma menina, com dois anos a menos que a idade núbil¹, e, como ela agradava, ficou-se à espera.

[Projecto de vida comunitária entre amigos]

XIV. 24. Nós éramos um grupo de amigos que, falando entre nós sobre o turbulento desassossego da vida humana, e detestando-o, tínhamos concebido a ideia e quase decidido viver em tranquilidade, afastados da multidão, imaginando assim essa vida tranquila: poríamos em comum os bens de que dispuséssemos e de todos os bens faríamos um único património, de sorte que, mediante uma amizade sincera, não fosse uma coisa de um, e outra de outro, mas se fizesse uma só coisa com o que provinha de todos, e que o conjunto fosse de cada um e todas as coisas fossem de todos, parecendo-nos que podíamos ser cerca de dez homens na mesma sociedade, e havendo entre nós alguns muito ricos, sobretudo Romaniano, do mesmo município que nós, atraído à nossa companhia pelas graves convulsões dos seus negócios, e muito meu amigo desde criança². Era sobretudo ele que insistia neste projecto e tinha grande força a sua insistência, porque o seu património era muito superior ao dos outros. E tínhamos deliberado que uma espécie de dois magistrados anuais trataria de tudo o que fosse necessário para a tranquilidade dos restantes. Mas, assim que se começou a pensar se as mulheres, que alguns de nós já tinham e nós queríamos ter, o iriam permitir, todo aquele projecto, que era bem concebido, nos saltou das mãos, se quebrou e foi deitado fora. Daí o voltarmos aos suspiros, aos gemidos, e aos nossos passos, para seguirmos os caminhos do mundo, largos e já trilhados³, porque muitos eram os pensamentos no nosso coração, mas só o teu plano permanece para sempre⁴. Com esse plano rias-te dos nossos e preparavas os teus, disposto a dar-nos o alimento em tempo oportuno, e a abrir a tua mão, e a encher as nossas almas com a tua bênção⁵.

¹ As jovens atingiam a idade núbil aos doze anos. A prometida de Agostinho teria, assim, dez anos.

² O riquíssimo Romaniano era natural de Tagaste. Por diversas vezes recebeu em sua casa e ajudou monetariamente Agostinho, nomeadamente quando ele foi estudar para Cartago, tratando-o como um filho.

³ *Mateus* 7:13.

⁴ *Salmo* 32:11; *Provérbios* 19:21.

⁵ *Salmo* 103: 27; 144:15-16.

[Uma mulher sucede a outra]

XV. 25. Entretanto multiplicavam-se os meus pecados¹ e, arrancada do meu lado, como obstáculo para o casamento, aquela com quem me deitava, o meu coração, no sítio onde estava agarrado a ela, ficava feito em pedaços e em ferida, e sangrava. E ela voltara para África, fazendo-te promessa de que não havia de conhecer outro homem², deixando comigo um filho natural que eu tinha dela. Mas eu, desgraçado e incapaz de imitar uma mulher, incapaz de suportar o adiamento de dois anos para receber aquela de quem era pretendente, porque não amava o casamento mas era escravo da luxúria, arranjei outra, não uma esposa, como para alimentar e prolongar intacta ou mais agravada a enfermidade da minha alma sob a protecção de um hábito que duraria até à entronização da esposa. Não sarava aquela minha ferida que fora feita com a amputação da primeira mulher, mas depois de um ardor e de uma dor pungentíssima, começava a supurar e doía-me como que menos ardentemente, mas mais desesperadamente.

[Temor da morte e do juízo divino]

XVI. 26. Louvor a ti, glória a ti³, fonte de misericórdia! Eu tornava-me mais desgraçado e tu mais próximo. Estava cada vez mais presente a tua mão direita para me arrebatat e tirar da imundície⁴, e eu não sabia. Só o medo da morte e do teu futuro juízo, o qual, através das várias opiniões, nunca abandonou o meu peito, só ele me chamava do mais profundo abismo dos meus prazeres canais. Eu discorria com os meus amigos Alípio e Nebrídio, acerca dos limites do bem e do mal⁵, dizendo que Epicuro havia de receber a palma no meu espírito, se eu não cresse que, depois da morte, permanecem a vida da alma e as consequências dos nossos méritos, no que Epicuro se recusou a acreditar. E perguntava: ‘Se fôssemos imortais e vivêssemos em perpétuo prazer do corpo sem nenhum medo de o perdermos, porque é que não seríamos felizes ou que outra coisa procuraríamos?’, ignorando que fazia parte de uma grande miséria o facto de, assim submerso e cego, não poder pensar na luz da honestidade e da beleza que deve ser

¹ *Eclesiástico* 23:3.

² *Lucas* 1:34.

³ *1 Crónicas* 29:11-12.

⁴ *Salmo* 39:3.

⁵ *Dos limites do bem e do mal* (*De finibus bonorum et malorum*) é o título de uma obra de Cícero em que se discute o que é o bem e o mal.

abraçada por si mesma, e que os olhos da carne não vêem, mas se vê do mais íntimo de nós. Pobre de mim que não me apercebia de que veio jorrava o prazer de conversar com os amigos sobre estas coisas, ainda que vergonhosas, e não podia ser feliz sem os amigos, mesmo segundo a opinião que tinha nessa altura, por maior que fosse a afluência de prazeres canais. Amava, de facto, os meus amigos desinteressadamente e sentia que, por seu lado, era amado também desinteressadamente. Ó caminhos tortuosos! Ai da alma¹ temerária, que alimentou a esperança de encontrar algo melhor, se se afastasse de ti! Volvendo-se e revolvendo-se de costas, de lado ou de bruços, todas as coisas são difíceis e só tu és o repouso. Eis que estás presente², e nos livras dos nossos miseráveis erros, e nos colocas no teu caminho³, e nos consolas, e dizes: Correi⁴, eu vos levarei, eu vos conduzirei até ao fim, e aí vos levarei⁵.

¹ *Isaiás* 3:9.

² *Salmo* 138:8.

³ *Salmo* 26:11; 85:11.

⁴ *1 Coríntios* 9:24.

⁵ *Isaiás* 46:4.

LIVRO VII

[Deus concebido como um ser corpóreo e difuso no universo]

I. 1. Estava já morta a minha adolescência, má e abominável, e entrava na juventude, quanto mais velho em idade, tanto mais abjecto em futilidade, de tal modo que não me era possível conceber uma substância a não ser aquela que se costuma ver com estes olhos do corpo. Não te imaginava, meu Deus, sob a forma de um corpo humano, desde que comecei a ouvir falar de filosofia; sempre evitei isso e alegrava-me por ter encontrado a mesma maneira de ver na fé da nossa mãe espiritual, a tua Igreja católica; mas não me ocorria outra coisa que pudesse conceber acerca de ti. E, sendo eu homem – e que homem! – esforçava-me por te conceber como supremo, único e verdadeiro Deus¹, e, com todo o meu ser, acreditava que tu és incorruptível, e inviolável, e imutável, porque, não sabendo por que razão nem por que modo, no entanto via claramente e estava certo de que aquilo que é corruptível é inferior àquilo que não é corruptível, e aquilo que é inviolável, sem qualquer hesitação eu punha-o antes do que é violável, e que o que não está sujeito a nenhuma espécie de mudança é superior àquilo que pode sofrer mudança. Clamava violentamente o meu coração² contra todos estes meus fantasmas e, com um único golpe, esforçava-me por afugentar da visão do meu espírito o bando da imundície que esvoaçava em torno de mim: e que, mal era rechaçado, num abrir e fechar de olhos³, de novo aglomerado, logo voltava e se precipitava sobre o meu semblante e o obnubilava. Deste modo, embora não te concebesse sob a forma de um corpo humano, era todavia levado a conceber alguma coisa de corpóreo espalhado pelos espaços, quer imanente ao mundo, quer difuso para além do mundo, pelo infinito, e que fosse justamente isso o incorruptível, e o inviolável, e o imutável que eu antepunha ao corruptível, e ao violável, e ao mutável; porque tudo aquilo que eu privava de tais espaços parecia-me ser o nada, mas o nada absoluto, nem mesmo o vazio, como quando se tira um corpo de um lugar e fica o lugar esvaziado de

¹ João 17:3.

² Lamentações 2:18.

³ 1 Coríntios 15:52.

qualquer corpo, seja ele da terra, da água, do ar ou do céu, mas todavia há um lugar vazio, como se fosse um ‘nada espaçoso’.

2. Assim, eu, com o coração engordurado¹, nem eu próprio esclarecido nem para mim mesmo, entendia que era o nada absoluto tudo aquilo que não se expandisse por uma certa quantidade de espaço, ou não se difundisse, ou não se concentrasse, ou não se dilatasse, ou não incluísse ou não fosse capaz de incluir algo como isto. Na verdade, o meu coração seguia através daquelas imagens, através das quais costumam seguir os meus olhos, e nem via que esta mesma reflexão com que eu formava aquelas mesmas imagens não era da mesma natureza: todavia ela não as formaria se não fosse uma coisa grandiosa. E assim, também, vida da minha vida, concebia que tu, um ser imenso, através dos espaços infinitos, de toda a parte, penetravas toda a massa do mundo, e fora dela, em todas as direcções, pela imensidão sem fim, de tal modo que te contivesse a terra, o céu e todas as coisas, e todas elas acabassem em ti, enquanto tu não acabavas em parte alguma. Assim como a massa do ar, deste ar que está por cima da terra, não impede que a luz do sol passe por ele, penetrando-o, sem o romper ou rasgar, mas enchendo-o por completo, assim também eu julgava que não só o corpo do céu, e do ar, e do mar, mas também o da terra, te eram acessíveis e penetráveis por todas as partes, das maiores às mais pequenas, para receber a tua presença que, com invisível inspiração, governa, interior e exteriormente, todas as coisas que criaste. Assim o supunha eu, porque não podia conceber outra coisa; mas era falso. Na verdade, desse modo, a parte maior da terra teria uma parte maior de ti, e uma mais pequena, uma parte menor, e todas as coisas estariam cheias de ti de tal maneira que o corpo do elefante receberia mais de ti que o do pássaro, porque, sendo aquele maior do que este, ocupa um lugar maior, e assim, dividido em partículas, tornarias presentes as tuas partes grandes nas partes grandes do mundo, e as pequenas, nas partes pequenas. Mas não é assim. Mas tu ainda não tinhas iluminado as minhas trevas².

¹ *Salmo* 118:70; *Mateus* 13:15; *Actos* 28:27.

² *Salmo* 17:29.

[Evocação dos argumentos de Nebrídio contra os Maniqueus]

II. 3. Era-me bastante, Senhor, contra aqueles enganados enganadores e palradores mudos, porque através deles não soava a tua palavra, era-me, pois, bastante aquilo que já há muito tempo, ainda em Cartago, Nebrídio costumava propor, e todos os que o tínhamos ouvido ficámos impressionados: ‘Que te poderia fazer aquela espécie de gente das trevas que os Maniqueus costumam opor como massa adversa, se tu com ela não tivesses querido lutar?’. Ora, se respondessem que te poderia causar alguma coisa de mal, tu serias violável e corruptível. Se, ao invés, dissessem que em nada essas coisas te poderiam prejudicar, não haveria causa para lutar, e lutar de tal modo que uma certa parte de ti e um teu membro ou a geração da tua própria substância se misturaria com os poderes adversos e com as naturezas criadas por ti, e se corromperia e mudaria para pior, na proporção em que da felicidade se transformasse em miséria, e carecesse de auxílio com que pudesse ser libertada e purificada; e que esta parte era a alma, em socorro da qual veio a tua palavra, livre, para ela que era servil, pura, para ela manchada, íntegra, para ela corrupta, mas também ela própria corruptível, porque formada de uma só e mesma substância. E deste modo, se os Maniqueus dissessem que tu, o que quer que tu sejas, isto é, que a tua substância, pela qual tu és, é incorruptível, tudo isso seria falso e execrável; se, pelo contrário, dissessem que é corruptível, isso mesmo também seria falso e abominável, desde a primeira palavra. Portanto, bastava-me só isto contra aqueles que, de todo o modo, era preciso expulsar como um peso de dentro do peito, porque, sentindo e dizendo estas coisas acerca de ti, não tinham por onde escapar, senão com um horrível sacrilégio do coração e da língua.

[O livre arbítrio, causa do pecado]

III. 4. Mas, também ainda, embora dissesse e acreditasse firmemente que és incontaminável e inalterável e sob nenhum aspecto mutável, tu, nosso Deus, Deus verdadeiro, que criaste não só as nossas almas, mas também os nossos corpos, e não apenas as nossas almas e os nossos corpos, mas também todos nós e todas as coisas, não tinha por explicada e esclarecida a causa do mal. Fosse ela qual fosse, porém, via que era preciso procurá-la de modo a que, graças a ela, não fosse obrigado a acreditar que é mutável o Deus imutável, ou que eu próprio me convertesse naquilo que eu procurava.

E assim, procurava-a em segurança e certo de que não era verdade o que diziam aqueles que eu evitava com toda a minha alma, porque os via, procurando donde provinha o mal, cheios de maldade¹, em virtude da qual eram de opinião que é mais a tua substância que está sujeita a sofrer o mal, do que a deles a fazê-lo.

5. E esforçava-me por compreender o que ouvia: que o livre arbítrio da vontade é a causa de praticarmos o mal e o teu recto juízo² a de o sofrermos, mas não conseguia compreender essa causa com clareza. E assim, tentando arrancar do abismo o olhar do meu espírito, afundava-me de novo, e muitas vezes tentava e me afundava uma e outra vez. Na verdade, elevava-me para a tua luz o facto tanto de saber que tinha uma vontade como o de saber que vivia. Por isso, quando queria ou não queria alguma coisa, tinha absoluta certeza de que quem queria ou não queria não era outro senão eu. E via, cada vez mais, que aí estava a causa do meu pecado. E aquilo que fazia contra vontade via que era mais padecer do que fazer, e julgava que isso não era culpa, mas castigo, pelo qual, como eu logo confessava, considerando-te justo, era castigado não injustamente. Mas de novo dizia: ‘Quem me fez? Porventura não foi o meu Deus, que é não apenas bom, mas o próprio bem? Donde me vem então o querer o mal e o não querer o bem? Será para haver um motivo para que eu seja castigado justamente? Quem colocou isto em mim, e plantou em mim este viveiro de amargura³, embora todo eu tenha sido feito por um Deus tão doce? Se o autor é o diabo, donde veio o mesmo diabo? Mas se também ele, por uma vontade perversa, de anjo bom se tornou diabo, donde lhe veio, também a ele, a má vontade pela qual se tornaria diabo, quando o anjo, na sua totalidade, tinha sido criado por um criador sumamente bom?’ De novo me deixava abater e sufocar com estes pensamentos, mas não me deixava arrastar até àquele inferno do erro, onde ninguém te confessa⁴, quando se julga que és tu a padecer o mal, e não o homem que o pratica.

¹ *Eclesiastes* 9:3; *Romanos* 1:29.

² *Salmo* 118:137.

³ *Hebreus* 12:15.

⁴ *Salmo* 6:6.

[Deus tem de ser incorruptível]

IV. 6. Assim, pois, esforçava-me por descobrir as restantes coisas, tal como já tinha descoberto que é melhor o incorruptível do que o corruptível, e, por isso, proclamava que tu, o que quer que fosses, és incorruptível. É que nenhuma alma alguma vez pôde ou poderá conceber alguma coisa que seja melhor do que tu, que és o supremo e o melhor bem. Sendo então absolutamente verdadeiro e certo que o incorruptível se deve antepor ao corruptível, tal como eu já fazia, podia já, com o pensamento, atingir alguma coisa que fosse melhor do que o meu Deus, se tu não fosses incorruptível. Por isso, ali onde eu via que o incorruptível deve ser preferido ao corruptível, aí te devia eu procurar e daí aperceber-me onde está o mal, isto é, donde tem origem a própria corrupção, pela qual a tua substância de modo algum pode ser violada. De nenhum modo, sem dúvida, a corrupção viola o nosso Deus, nem por vontade alguma, nem por necessidade alguma, nem por um acaso imprevisto, porque ele próprio é Deus e é bom aquilo que deseja para si, e ele próprio é o mesmo bem; ora, ser corrompido não é um bem. Nem podes ser obrigado ao que quer que seja contra vontade, porque a tua vontade não é maior do que o teu poder. Seria, no entanto, maior, se tu próprio fosses maior que tu próprio; com efeito, a vontade e o poder de Deus são o próprio Deus. E que coisa pode ser imprevista para ti, que conheces todas as coisas? Nenhuma natureza existe senão porque a conheces. E para que é que dizemos tantas coisas para explicar porque é que não é corruptível a substância, que é Deus, quando, se o fosse, não seria Deus?

[De novo a origem do mal e as suas raízes]

V. 7. E procurava a origem do mal, e procurava mal, e, na minha própria indagação, não via o mal. E punha em presença do meu espírito¹ toda a criação, tudo quanto nela podemos ver claramente, como sejam a terra, e o mar, e o ar, e as estrelas, e as árvores, e os seres mortais, e tudo quanto nela não vemos, como o firmamento do céu por cima de nós, e todos os anjos e todos os seres espirituais dele, mas ainda os mesmos enquanto corpos ordenados cada um em seu lugar, de acordo com a minha imaginação; e fiz dessa tua criação uma massa imensa dividida por géneros de corpos, quer os que efectivamente eram corpos, quer os que eu próprio tinha imaginado como espíritos, e

¹ *Salmo* 15:8.

concebi-a imensa, não tão grande como era, porque não o podia saber, mas como me aprovou, sem dúvida finita por todos os lados, e concebia-te, Senhor, rodeando-a e penetrando-a por todas as partes, mas infinito em todas as direcções, tal como se houvesse um mar em toda a parte, e um único mar infinito, por todas as partes, através daimensidão, e ele tivesse dentro de si uma esponja tão grande quanto se possa imaginar, mas no entanto finita, e essa esponja estivesse inteiramente cheia, por todas as partes, desse imenso mar: assim eu julgava a tua criação finita, cheia de ti, que és infinito, e dizia: ‘Eis aqui Deus e eis as coisas que Deus criou, e é um Deus bom, e perfeito, e intensíssima e imensissimamente superior a elas; mas, todavia, sendo bom, criou as coisas boas: e eis como as rodeia e enche. Mas então onde está o mal e donde e por onde aqui se insinuou? Qual a sua raiz e qual a sua semente? Ou é absolutamente inexistente? Então, porque tememos e evitamos o que não existe? Ou, se o tememos sem fundamento, por certo já o próprio temor é um mal, que em vão atormenta e tortura o coração, e é um mal tanto mais grave quanto não temos que temer, e tememos. Por isso, ou existe o mal, que tememos, ou este mal existe, porque o tememos. E, uma vez que Deus, sendo bom, fez todas estas coisas boas¹, donde vem então o mal? Na verdade, o maior e supremo bem fez boas as coisas mais pequenas, mas, no entanto, tanto o Criador é bom como são boas todas as coisas criadas. Onde vem então o mal? Será que, naquilo donde as fez, havia alguma matéria má, e formou-a, e ordenou-a, mas deixou nela qualquer coisa que não teria transformado em bem? E porquê isto? Será que, embora sendo onnipotente, tinha poder para transformá-la e mudá-la na totalidade, de modo a que nada de mal restasse? Finalmente, porque é que quis fazer dela alguma coisa e não preferiu fazer, com a mesma onnipotência, com que ela não existisse em absoluto? Ou, na verdade, será que ela podia existir contra a vontade dele? Ou, se era eterna, porque a deixou ser assim durante tanto tempo, durante os infinitos espaços anteriores do tempo, e tanto tempo depois lhe pareceu bem fazer alguma coisa a partir dela? Ou então, se de repente quis fazer alguma coisa, sendo onnipotente, podia preferir fazer com que ela não existisse, e que só ele próprio fosse o inteiramente verdadeiro, e supremo, e infinito bem? Ou, se não era bem que não fosse fabricada alguma coisa boa e a criasse ele, que era bom, suprimindo e reduzindo a nada a matéria que era má, podia ele próprio criar uma matéria boa donde criasse todas as coisas? Pois não seria onnipotente, se não pudesse criar alguma coisa de bom, a não ser sendo ajudado por

¹ *Gênesis* 1:31.

aquela matéria que ele próprio não tinha criado'. Tais coisas revolviam no meu pobre coração, sobrecarregado de preocupações que me dilaceravam, motivadas pelo temor da morte e pela verdade não encontrada; todavia, firmemente se fixava no meu coração, no seio da Igreja católica, a fé no teu Cristo, Senhor e nosso Salvador¹, em muitos aspectos, de facto, ainda informe e indecisa, fora da norma da doutrina, mas, no entanto, a minha alma não a abandonava, pelo contrário em cada dia mais e mais dela se impregnava.

[Rejeição das previsões dos astrólogos]

VI. 8. Também já tinha rejeitado as adivinhações enganadoras e os ímpios delírios dos astrólogos. Também sob esse aspecto, do mais íntimo da minha alma, a ti confesse, meu Deus, pelas tuas misericórdias²! Tu, na verdade, absolutamente tu – pois quem mais nos liberta da morte de todo o erro senão a vida que não conhece a morte, e a sabedoria, que ilumina as mentes necessitadas, não necessitando ela de nenhuma luz, sabedoria pela qual o mundo é governado até às folhas das árvores levadas pelo vento? – tu acudiste à minha obstinação, com que me opus a Vindiciano, um ancião arguto, e a Nebrídio, um jovem de alma admirável, aquele que afirmava com veemência, este dizendo, com alguma dúvida mas, todavia, frequentemente, que não existe a arte de prever o futuro, mas que as conjecturas dos homens têm muitas vezes a força do acaso e que, dizendo muitas coisas, se diziam algumas que haviam de acontecer, sem que os que as diziam soubessem, mas acertando nelas, por não se calarem – tu proporcionaste-me um amigo, um diligente consultor dos astrólogos, não muito versado nestes estudos, mas, como disse, consultor curioso, e todavia sabia uma coisa que dizia ter ouvido a seu pai, ignorando até que ponto isso podia destruir a teoria daquela arte. Como este homem, de nome Firmino, educado nas artes liberais e cultivado na eloquência, me tivesse consultado, como a um amigo caríssimo, acerca de uns assuntos seus, em relação aos quais a sua esperança terrena tinha crescido, sobre o que me parecia segundo aquilo que chamam 'as suas constelações', mas como eu, que, sobre este assunto, já começava a inclinar-me para a opinião de Nebrídio, não me recusasse de facto a conjecturar e a dizer o que se me oferecia, embora hesitante, acrescentando, apesar disso, que estava já quase persuadido de que aquelas coisas eram ridículas e vãs, ele contou-me então que

¹ 2 *Pedro* 2:20.

² *Salmo* 106:8, 15, 21, 31.

seu pai fora interessadíssimo em tais livros e que tivera um amigo que seguia igualmente e com ele tais coisas. Eles, com igual empenho e perspectiva, espiavam o fogo do seu coração para essas ninharias, a ponto de observarem até os momentos do nascimento dos animais que não falam, se alguns pariam em casa, e de notarem a posição do céu relativamente a tais coisas, donde pudessem recolher dados daquela espécie de arte. E, assim, dizia ter ouvido a seu pai que, estando a mãe de Firmino grávida dele mesmo, também a uma certa criada daquele amigo de seu pai lhe ia crescendo a barriga. E tal facto não pôde passar despercebido ao amo, que procurava conhecer, com a mais criteriosa diligência, os partos até das suas cadelas; e assim aconteceu que, tendo contado, com a mais escrupulosa observação, os dias e as horas e as mais pequenas divisões das horas, um, os da esposa, o outro, os da escrava, ambas deram à luz ao mesmo tempo, de tal modo que foram obrigados a traçar, para ambas as crianças nascidas, as mesmas constelações, até ao mais ínfimo pormenor, um, para o filho, o outro, para o escravozinho. Tendo as mulheres entrado em trabalho de parto, ambos comunicavam um ao outro o que acontecia em casa de cada um, e prepararam mensageiros para enviarem um ao outro, de tal modo que, mal nascesse uma criança, logo fosse anunciado ao outro: como se estivessem no seu próprio reino, faziam com que facilmente as notícias fossem comunicadas de imediato. E, assim, contava que aqueles que tinham sido enviados por cada um deles se tinham encontrado a distâncias iguais das respectivas casas, a ponto de nenhum deles poder registar uma posição diferente dos astros e diferentes fracções de tempo. E todavia Firmino, nascido, entre os seus, numa casa sumptuosa, seguia pelos caminhos mais resplandecentes do século, e era cumulado de riquezas e enaltecido de honras, enquanto o servo, de nenhuma maneira aliviado do jugo da sua condição, servia seus amos, conforme relatava ele próprio, que o conhecia.

9. E assim, tendo ouvido e acreditado nestas coisas – atendendo a quem as narrava – toda aquela minha relutância caiu desfeita, e comecei por tentar dissuadir o próprio Firmino daquela curiosidade, dizendo-lhe que, observadas as suas constelações, para que dissesse a verdade deveria eu, sem qualquer dúvida, ver nelas que os seus pais eram os primeiros entre os seus pares, que era uma nobre família da sua cidade, que o seu nascimento fora livre, que a sua educação fora esmerada, nas artes liberais; mas se aquele servo me tivesse consultado sobre as mesmas constelações – pois elas também

eram as dele – para que também a ele dissesse a verdade, eu deveria, pelo contrário, nelas ver que a sua família era humílima, a sua condição, servil, e todas as restantes coisas tão diferentes e muito diversas das anteriores. Daí resultava que, observando eu as mesmas coisas, diria coisas diversas, se dissesse verdades, mas, se dissesse as mesmas coisas, diria mentiras. Daí deduzi sem qualquer dúvida que as coisas que, observadas as constelações, se dizem verdadeiras, não são ditas mercê da arte, mas do acaso, e que as que se dizem falsas não o são por imperícia da arte, mas por engano do acaso.

10. E daí, tomando isto como um começo, e ruminando comigo mesmo estas coisas, para que nenhum daqueles mesmos tresloucados que procuram tal lucro, os quais eu cada vez mais desejava atacar, pôr a ridículo e refutar, me pudesse objectar argumentando que, ou Firmino a mim, ou o pai dele a ele, lhe tinha contado mentiras, eu próprio fixei a minha reflexão naqueles que nascem gémeos, dos quais muitos saem do ventre de tal modo um a seguir ao outro que esse pequeno intervalo de tempo, por grande que seja a força que sustentam haver na natureza das coisas, não pode todavia ser percebido pela observação humana e é absolutamente impossível registá-lo nos mapas astrais, que o astrólogo há-de observar para que revele coisas verdadeiras. E não serão verdadeiras porque, observando os mesmos mapas, ele deveria dizer as mesmas coisas acerca de Esaú e Jacob; mas não sucederam as mesmas coisas a ambos. Logo, o astrólogo teria dito mentiras, ou, se dissesse a verdade, não diria as mesmas coisas: mas observaria as mesmas coisas. Portanto, não diria coisas verdadeiras mercê da arte, mas do acaso. Tu, Senhor, justíssimo moderador do universo, ages por desígnio secreto, sem o conhecerem os que consultam e os que são consultados, de modo que, quando cada um consulta, ouça aquilo que lhe convém ouvir, em função dos méritos secretos das almas, segundo o abismo do teu justo juízo¹. A esse juízo não diga o homem: Que é isto?² Porquê isto? Não o diga, não o diga; porque é homem.

¹ *Salmo* 35:7.

² *Êxodo* 13:14; 16:15; *Eclesiástico* 39:26.

[Atormentado pela dúvida sobre a origem do mal]

VII. 11. Deste modo, meu auxílio¹, já me tinhas libertado daquelas cadeias, e procurava ainda a origem do mal, e não havia saída. Mas não me permitias que, por nenhum turbilhão do pensamento, fosse arrancado à fê, graças à qual eu acreditava que tu existes, que a tua substância é imutável, que cuidas dos homens e os julgas, e que em Cristo, teu Filho, nosso Senhor, e nas Santas Escrituras, que a autoridade da tua Igreja católica reconhece, tu colocaste o caminho da salvação humana, em direcção àquela vida que depois desta morte há-de vir. E assim, postas a salvo estas coisas, e fortalecidas firmemente no meu espírito, procurava, inflamado, donde provém o mal. Que tormentos aqueles os do meu coração, em dores de parto, que gemidos, meu Deus! E aí estavam os teus ouvidos, sem eu saber. E como, em silêncio, intensamente te procurava, grandes eram os clamores à tua misericórdia, silenciosa a contrição da minha alma. Tu sabias o que eu padecia, e de entre os homens, ninguém. Pois que importantes eram as coisas que a minha língua transmitia aos ouvidos dos que me eram mais íntimos! Porventura percutia neles todo o tumulto da minha alma, para o qual não eram suficientes nem o tempo nem a minha boca? Contudo, ia ao encontro do teu ouvido tudo o que rugia por causa do gemido do meu coração, e diante de ti estava o meu desejo, e a luz dos meus olhos não estava comigo². Estava dentro de mim, mas eu fora, e ela não estava em um lugar. E eu fixava-me naquelas coisas que estão contidas em lugares, e não encontrava aí lugar para descansar, nem essas coisas me acolhiam de forma a que eu pudesse dizer: ‘Basta’ e ‘Está bem’, nem me deixavam voltar quando para mim estivesse bastante bem. Pois eu era superior a essas coisas, mas inferior a ti, e tu a verdadeira alegria para mim, que me submetia a ti, e tu tinhas submetido a mim aquelas coisas que criaste abaixo de mim³. E isto era a justa medida e a região intermédia da minha salvação: que eu permanecesse semelhante à tua imagem⁴ e que, servindo-te, dominasse o meu corpo. Mas como, orgulhosamente, me erguesse contra ti e corresse contra o Senhor, na gorda cerviz do meu escudo⁵, também essas coisas abaixo de mim se puseram acima de mim, e esmagavam-me, e em nenhum lugar havia repouso e alívio. Elas próprias atacavam-me, de todos os lados, tumultuosamente, em massa, enquanto eu

¹ *Salmo* 17:3; 18:15; 58:18.

² *Salmo* 37:9-11.

³ *Génese* 1:28.

⁴ *Génese* 1:26-27.

⁵ *Job* 15:26.

via e pensava, mas as próprias imagens dos corpos opunham-se-me, quando eu voltava, como se me fosse dito: ‘Para onde vais, ser indigno e abjecto?’ Mas estas coisas tinham crescido da minha ferida, porque *humilhaste o soberbo tal como um ferido*¹, e separava-me de ti o meu tumor, e o rosto demasiado inchado cerrava-me os olhos.

[O socorro da misericórdia divina]

VIII. 12. Tu, porém, Senhor, permaneces para sempre² e não te deixas para sempre levar pela ira contra nós³, porque te compadecees do pó e da cinza⁴, e aprouve-te corrigir as minhas deformidades na tua presença⁵. E impelias-me com os teus agulhões interiores⁶, para que estivesse inquieto, até que, através da visão interior, tu para mim fosses uma certeza. E o meu tumor decrescia graças à mão oculta da tua medicina, e a vista conturbada e obscurecida da minha mente de dia para dia⁷ ia sarando, mercê do penetrante colírio das dores salutares.

[O neoplatonismo e as Escrituras: concepções sobre a divindade e a encarnação do Verbo]

IX. 13. E, primeiramente, querendo mostrar-me quanto resistes aos soberbos e, pelo contrário, dás a tua graça aos humildes⁸, e com quanta misericórdia tua foi indicado aos homens o caminho da humildade, porque o teu Verbo se fez carne e habitou entre os homens⁹, proporcionaste-me, por intermédio de um certo homem inchado de enormíssimo orgulho, uns certos livros dos Platónicos¹⁰ traduzidos da língua grega para a latina, e aí li, não exactamente nestas palavras, mas com muitas e variadas razões, que,

¹ *Salmo* 88:11.

² *Salmo* 101:13.

³ *Salmo* 84:6.

⁴ *Eclesiástico* 17:31.

⁵ *Salmo* 18:15; *Daniel* 3:40.

⁶ Vergílio, *Eneida* XI 337.

⁷ *Salmo* 60:9; 95:2; *Eclesiástico* 5:8; *Isaías* 58:2; *2 Coríntios* 4:16.

⁸ *Provérbios* 3:34; *Tiago* 4:6; *1 Pedro* 5:5.

⁹ *João* 1:14.

¹⁰ Agostinho refere-se ao Neoplatonismo, corrente filosófica que começou a ter expressão escolar, em Alexandria, nos finais do séc. III, princípios do séc. IV (Amónio Sacas), que, contra a traição dualista e céptica dos Acadêmicos a Platão, pretendia restaurar o pensamento platónico supostamente originário, na linha de uma filosofia não-materialista, henótica, soteriológica, religiosa, conversiva, procurando reconduzir tudo à transcendência do Uno. Plotino, discípulo de Amónio juntamente com Orígenes, foi um dos seus mais eminentes representantes (*Enéades*), em Roma, sendo aqui seguido por Porfírio e Jámblico. Em Atenas, Longino e Proclo foram os seus maiores representantes.

no conjunto, se argumentava isto mesmo: no princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e Deus era o Verbo: este estava, no princípio, junto de Deus; todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada foi feito; o que foi feito é vida nele, e a vida era a luz dos homens; e a luz brilha nas trevas, e as trevas não a dominaram¹; e que a alma humana, embora dê testemunho da luz, todavia ela própria não é a luz, mas o Verbo, Deus, é que é *a luz verdadeira, que ilumina todo o homem que vem a este mundo*²; e que estava neste mundo, e o mundo foi feito por ele, e o mundo não o reconheceu³. Mas que veio para o que era seu e os seus não o receberam, e que a todos quantos o receberam deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus, a eles que crêem no seu nome⁴, isso não o li eu aí.

14. Aí li, sim, que o Verbo, Deus, não nasceu da carne, nem do sangue, nem da vontade do homem, nem da vontade da carne, mas sim de Deus⁵; mas que *o Verbo se fez carne e habitou em nós*⁶, não o li eu aí. Indaguei, realmente, naqueles textos, dito de várias maneiras e de muitos modos, que o Filho, na forma do Pai, não considerou rapina ser igual a Deus⁷, porque, por natureza, é isso mesmo; mas que *se aniquilou a si mesmo tomando a forma de escravo, feito à semelhança dos homens e tido como homem pela aparência, humilhou-se, fazendo-se obediente até à morte, e morte na cruz: por isso Deus o exaltou*⁸ dos mortos e deu-lhe um nome, que está acima de todo o nome, para que, ao nome de Jesus, se dobre todo o joelho dos seres celestes, terrestres e infernais, e toda a língua confesse que o Senhor Jesus está na glória de Deus Pai⁹: isso não o dizem aqueles livros. Mas que, antes de todos os tempos e acima de todos os tempos, permanece imutavelmente teu Filho unigênito, co-eterno contigo, e que da sua plenitude recebem¹⁰ as almas o serem felizes, e que, pela participação da sabedoria, que permanece nela¹¹, são renovadas, para que sejam sábias: isso está lá; mas que, *no tempo previsto, morreu pelos ímpios*¹² e que não poupaste o teu único Filho, mas por nós todos

¹ João 1:1-5.

² João 1:8-9.

³ João 1:10.

⁴ João 1:11-12.

⁵ João 1:13.

⁶ João 1:14.

⁷ Filipenses 2:6.

⁸ Filipenses 2:7-9.

⁹ Filipenses 2:9-11.

¹⁰ João 1:16.

¹¹ Sabedoria 7:27.

¹² Romanos 5:6.

o entregaste¹: isso não está lá. Porque tu escondeste estas coisas dos sábios e revelaste-as aos pequeninos², para que viessem até ele os que sofrem e os que estão sobrecarregados, e ele os aliviasse, porque é manso e humilde de coração³, e dirigirá os mansos na justiça, e ensinará aos pacíficos os seus caminhos⁴, vendo a nossa humildade e o nosso sofrimento e perdoando-nos todos os nossos pecados⁵. Mas aqueles que, ensoberbecidos, levantados no coturno como que de uma doutrina mais sublime, não o ouvem dizer: *Aprende de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis repouso para as vossas almas*⁶, embora conheçam Deus, não o glorificam como Deus ou lhe dão graças, mas tornam-se vãos nos seus pensamentos, e o seu coração, insensato, obscurece-se; *dizendo que são sábios, tornaram-se estultos*⁷.

15. E, portanto, lia também aí que a glória da tua incorrupção foi mudada em ídolos e em várias imagens, *à imitação da imagem do homem corruptível, das aves, dos quadrúpedes e das serpentes*⁸; ou seja, a comida egípcia, por causa da qual Esaú perdeu a sua primogenitura⁹, porque o povo primogénito adorou, em teu lugar, a cabeça de um quadrúpede¹⁰, voltando-se, em seu coração, para o Egito¹¹, e curvando a tua imagem, a sua alma¹², diante da imagem de um bezerro que se alimenta de feno¹³: isto encontrei eu aí e não comi. Pois que te aprouve, Senhor, tirar de Jacob o opróbrio¹⁴ da sujeição, para que o mais velho servisse ao mais novo¹⁵, e chamaste os gentios para a tua herança¹⁶. E eu viera dos gentios para ti, e fixei a atenção no ouro que quiseste que o teu povo trouxesse do Egito¹⁷, porque era teu, onde quer que estivesse. E disseste aos Atenienses, pelo teu Apóstolo, que em ti *vivemos e nos movemos e somos*, tal como uns certos disseram¹⁸, segundo eles, e daí vinham certamente aqueles livros. E não fixei a

¹ Romanos 8:32.

² Mateus 11:25.

³ Mateus 11:28-29.

⁴ Salmo 24:9.

⁵ Salmo 24:18.

⁶ Mateus 11:29.

⁷ Romanos 1:21-22.

⁸ Romanos 1:23.

⁹ Génesis 25:33-34.

¹⁰ Êxodo 32:1-6.

¹¹ Actos 7:39.

¹² Salmo 56:7.

¹³ Salmo 105:20.

¹⁴ Salmo 118:22.

¹⁵ Génesis 25:23; Romanos 9:12.

¹⁶ Salmo 78:1.

¹⁷ Êxodo 3:22; 11:2.

¹⁸ Actos 17:28.

atenção nos ídolos dos Egípcios, aos quais com o teu ouro serviam aqueles *que transformaram a vontade de Deus em mentira e prestaram culto e serviram a criatura em detrimento do Criador*¹.

[Progressão no entendimento das coisas divinas]

X. 16. E, admoestado a voltar daí para mim mesmo, entrei no mais íntimo de mim, guiado por ti, e consegui, porque te fizeste meu auxílio². Entrei e vi com o olhar da minha alma, seja ele qual for, acima do mesmo olhar da minha alma, acima da minha mente, uma luz imutável, não esta vulgar e visível a toda a carne, nem era uma maior como que do mesmo género, como se ela brilhasse muito e muito mais claramente e ocupasse tudo com a sua grandeza. Ela não era isto mas outra coisa, outra coisa muito diferente de todas essas, nem tão-pouco estava acima da minha mente como o azeite sobre a água, nem como o céu sobre a terra, mas era superior a mim, porque ela própria me fez, e eu inferior, porque feito por ela. Quem conhece a verdade, conhece-a, e quem a conhece, conhece a eternidade. O amor conhece-a. Oh, eterna verdade e verdadeiro amor e amorosa eternidade! Tu és o meu Deus³, por ti suspiro dia e noite⁴. E quando te conheci pela primeira vez, tu pegaste em mim⁵, para que visse que existe aquilo que via e que eu não era ainda de molde a poder ver. E deslumbraste a fraqueza do meu olhar, brilhando intensamente sobre mim, e estremeci de amor e horror: e descobri que eu estava longe de ti, numa região de dissemelhança⁶, como se ouvisse a tua voz vinda do alto⁷: ‘Eu sou o alimento dos adultos: cresce e comer-me-ás. Tu não me mudarás em ti, como o alimento da tua carne, mas tu serás mudado em mim.’ E reconheci que *por causa da iniquidade corrigiste o homem e fizeste consumir-se a minha alma como uma aranha*⁸, e disse: ‘Porventura nada é verdade, já que ela não está difundida pelos espaços dos lugares, nem finitos nem infinitos?’ E tu clamaste de longe⁹: *Pelo contrário, eu sou o que sou*¹⁰. E ouvi, tal como se ouve no coração, e já não havia

¹ Romanos 1:25.

² Salmo 29:11.

³ Salmo 42:2.

⁴ Salmo 1:2; Jeremias 9:1.

⁵ Salmo 26:10.

⁶ Lucas 15:13.

⁷ Jeremias 31:15.

⁸ Salmo 38:12.

⁹ Lucas 15:13, 20.

¹⁰ Êxodo 3:14.

absolutamente nenhuma razão para duvidar, e mais facilmente duvidaria de que vivo do que da existência da verdade, a qual se apreende e entende nas coisas que foram criadas¹.

[De como as criaturas são e não são]

XI. 17. E observei as restantes coisas abaixo de ti e vi que nem em absoluto são, nem em absoluto não são: na verdade, são, porque procedem de ti, mas não são, porque não são aquilo que tu és. Porque existe verdadeiramente aquilo que permanece imutavelmente. Mas *para mim é bom estar unido a Deus*², porque, se não permanecer nele, nem em mim poderei permanecer. Mas ele, *permanecendo em si mesmo, renova todas as coisas*³; e tu és o meu Deus, porque não precisas dos meus bens⁴.

[Tudo o que é, é bom]

XII. 18. E foi-me mostrado que são boas as coisas que se corrompem, as quais não poderiam corromper-se, nem se fossem bens supremos, nem se não fossem bens, porque, se fossem bens supremos, seriam incorruptíveis, mas, se não fossem bens, não haveria o que neles pudesse ser corrompido. Na verdade, a corrupção causa dano e, se não diminuísse o bem, não causaria dano. Logo, ou a corrupção não causa dano, o que não é possível, ou, o que é certíssimo, todas as coisas, que se corrompem, são privadas do bem. Mas, se forem privadas de todo o bem, não existirão em absoluto. E, se existirem e já não puderem ser corrompidas, serão melhores, porque permanecerão incorruptivelmente. E que há de mais aberrante do que dizer que aquelas coisas se tornaram melhores, por perderem todo o bem? Logo, se forem privadas de todo o bem, não existirão em absoluto: pois, enquanto são, são boas. Portanto, todas as coisas que são, são boas, e aquele mal, cuja origem eu procurava, não é substância, porque, se fosse substância, seria um bem. Com efeito, ou seria substância incorruptível, de toda a maneira um grande bem, ou seria substância corruptível, que, se não fosse boa, não se poderia corromper. E assim vi e me foi mostrado que tu fizeste todas as coisas boas e

¹ Romanos 1:20.

² Salmo 72:28.

³ Sabedoria 7:27.

⁴ Salmo 15:2.

que não existem absolutamente nenhuma substâncias que tu não tenhas feito. E, porque não fizeste todas as coisas iguais, por isso todas elas são, porque cada uma delas, individualmente, é boa, e todas elas, em conjunto, são muito boas, porque o nosso Deus fez todas as coisas muito boas¹.

[Toda a criação é um louvor a Deus]

XIII. 19. E, para ti, o mal não existe absolutamente, não apenas para ti, mas também não para toda a tua criação, porque não existe nada fora de ti que irrompa e corrompa a ordem que lhe impuseste. Mas, nas suas partes, algumas coisas são consideradas más para outras coisas, porque não estão em conformidade; mas essas mesmas coisas estão em conformidade com outras e são boas, e boas em si mesmas. E todas as que não estão em conformidade entre si estão em conformidade com a parte inferior das coisas, a que chamamos terra, que tem o seu céu enublado e ventoso, que lhe é adequado. Longe de mim dizer: ‘Oxalá essas coisas não existissem’, porque, ainda que as contemplasse apenas a elas, desejaria sem dúvida outras melhores, mas também já só por estas coisas te deveria louvar, porque te mostram digno de louvor, *na terra, os dragões e todos os abismos, o fogo, o granizo, a neve, o gelo, o sopro da tempestade, que executam a tua palavra, as montanhas e todas as colinas, as árvores de fruto e todos os cedros, os animais selvagens e todos os rebanhos, os répteis e as aves que têm penas; os reis da terra e todos os povos, os príncipes e todos os juizes da terra, os jovens e as donzelas, os anciãos com os jovens louvam o teu nome*². Como, porém, te louvam também dos céus, louvem-te, ó nosso Deus, nas alturas, todos os teus anjos, todas as tuas virtudes, o sol e a lua, todas as estrelas e a luz, e os céus dos céus e as águas, que estão acima dos céus, louvem o teu nome³: eu já não desejava coisas melhores e, de facto, com uma apreciação mais correcta, considerava as coisas superiores como melhores que as inferiores, mas todas elas, em conjunto, melhores que as superiores, isoladamente.

¹ *Génese* 1:31; *Eclesiástico* 39:21.

² *Salmo* 148:7-12.

³ *Salmo* 148:1-5.

[Não há coisas más na criação]

XIV. 20. Não estão no seu perfeito juízo¹ aqueles a quem desagrade alguma coisa da tua criação, tal como eu não estava ao desagradarem-me muitas coisas que fizeste. E porque a minha alma não se atrevia a que lhe desagradasse o meu Deus, ela não queria que fosse teu tudo quanto lhe desagradava. E daí que tenha caído na teoria das duas substâncias, e não tinha repouso, e dizia coisas despropositadas. E, voltando daí, ela tinha criado para si mesma um Deus pelos infinitos espaços de todos os lugares, e tinha julgado que esse eras tu, e tinha-o colocado no seu coração, e tinha-se tornado de novo templo do seu ídolo², templo digno de ser abominado por ti. Mas depois que acariciaste a cabeça deste ignorante, e fechaste os meus olhos para que não vissem a vaidade³, descansi um pouco de mim e a minha loucura adormeceu; e despertei em ti, e vi-te infinito de outra maneira, e essa visão não era tirada da carne.

[Verdade e falsidade nas criaturas]

XV. 21. E observei as outras coisas e vi que te devem o facto de existirem, vi que todas as coisas finitas estão em ti, mas de uma maneira diferente, não como num espaço, mas porque, com a verdade, tu seguras todas as coisas na tua mão, e todas as coisas são verdadeiras, na medida em que existem, e a falsidade não é outra coisa senão quando se julga que existe o que não existe. E vi que cada uma delas está em conformidade não só com os seus lugares, mas também com os tempos, e que tu, que és o único eterno, não começaste a operar depois dos inumeráveis espaços dos tempos, tanto aqueles que passaram como aqueles que hão-de passar, nem passariam nem viriam senão porque tu operas e permaneces.

[O bom e o apto]

XVI. 22. E soube, por experiência, que não é para admirar que, ao paladar não saudável, seja causa de sofrimento até o pão, que é agradável para o paladar saudável, e que, para os olhos doentes, seja odiosa a luz, que é aprazível para os olhos sãos. E a tua justiça

¹ *Salmo* 37:4, 8

² *2 Coríntios* 6:16.

³ *Salmo* 118:37.

desagrada aos iníquos, e muito mais a víbora e o verme, que tu criaste como coisas boas, adequadas às partes inferiores da tua criação, às quais também os próprios iníquos são adequados, quanto mais dissemelhantes são de ti, mas, por outro lado, são adequados às partes superiores, quanto mais se tornam semelhantes a ti. E indaguei o que seria a iniquidade, e não encontrei que fosse uma substância, mas sim a perversidade de uma vontade, que se desvia da suprema substância, de ti, que és Deus, para as coisas ínfimas, e que lança de si o que tem no seu íntimo¹ e entumesce por fora.

[Obstáculos ao conhecimento das coisas divinas]

XVII. 23. E admirava-me por já te amar a ti, não a um fantasma em vez de ti, e não persistia em fruir do meu Deus, mas era arrebatado para ti, pela tua beleza, e logo a seguir era arrancado de ti, pelo meu peso, e caía nestas coisas, gemendo; e esse peso era o hábito carnal. Mas comigo estava a lembrança de ti, e não duvidava de forma alguma de que existe um ser a que me pudesse unir, mas eu ainda não estava capaz de me unir, *porque o corpo, que é corruptível, torna a alma pesada, e a morada terrena oprime a mente que pensa muitas coisas*², e estava certíssimo de que as tuas coisas invisíveis, bem como a virtude sempiterna e a tua divindade, se contemplam e compreendem, desde a criação do mundo, por meio das coisas que foram criadas³. Procurando por que motivo aprovava eu a beleza dos corpos, quer celestes, quer terrestres, e porque estava eu pronto a emitir um juízo correcto a respeito das coisas mutáveis e a dizer: Isto deve ser assim, aquilo não deve ser assim, buscando, pois, o motivo por que julgava, quando assim julgava, tinha descoberto a imutável e verdadeira eternidade da verdade, acima da minha mente mutável. E assim, gradualmente, desde os corpos até à alma, que sente através do corpo, e da alma até à sua força interior, à qual o sentir do corpo anuncia as coisas exteriores, tanto quanto é possível aos animais irracionais, e daqui passando de novo à capacidade raciocinante, à qual compete julgar o que é apreendido pelos sentidos do corpo; a qual, descobrindo-se também mutável em mim, elevou-se até à sua inteligência e desviou o pensamento do hábito⁴, subtraindo-se às multidões antagónicas dos fantasmas, para que descobrisse com que luz era aspergida quando clamava, sem nenhuma hesitação, que o imutável deve antepor-se ao mutável, o motivo pelo qual

¹ *Eclesiástico* 10:10.

² *Sabedoria* 9:15.

³ *Romanos* 1:20.

⁴ Cícero, *Tusculanas* I 38.

conhecia o próprio imutável – porque, se não o conhecesse de algum modo, de nenhum modo o anteporia, com certeza absoluta, ao mutável – e chegou àquilo que é, num relance de vista trepidante¹. Então, porém, contemplei e compreendi as tuas coisas invisíveis por meio daquelas coisas que foram feitas², mas não consegui fixar o olhar e, repellido de novo pela minha fraqueza, entregue uma vez mais aos meus hábitos, não levava comigo senão uma lembrança que ama, e como que desejosa de alimentos bem cheirosos que ainda não podia comer.

[Só Cristo é o caminho da salvação]

XVIII. 24. E procurava o caminho para adquirir força que fosse conveniente para eu fruir de ti, e não encontrava, enquanto não abraçasse o mediador de Deus e dos homens, o homem Cristo Jesus³, *que é, acima de todas as coisas, Deus bendito por todos os séculos*⁴, o qual me chamava e dizia: *Eu sou o caminho, a verdade e a vida*⁵, e o alimento, que eu era incapaz de tomar, misturado à carne, porque *o Verbo se fez carne*⁶, para que a tua sabedoria, por meio da qual fizeste todas as coisas⁷, amamentasse a nossa infância. Eu, humilde, não tinha por meu Deus o humilde Jesus, nem sabia de que coisa podia ser mestra a sua fraqueza. O teu Verbo, verdade eterna, dominando as partes superiores da tua criação, levanta até si mesma os que se lhe submetem, enquanto, por outro lado, nas partes inferiores, construiu para si, com o nosso barro⁸, uma casa⁹ humilde, por meio da qual derrubaria de si mesmos aqueles que haviam de ser submetidos e levaria até si, curando o tumor e alimentando o amor, para que não se afastassem para mais longe, por causa da confiança em si mesmos, mas que antes se tornassem fracos, vendo, diante dos seus pés, a divindade, débil, em virtude da participação da nossa túnica de pele¹⁰, e, cansados, se prostrassem diante dela, e ela, erguendo-se, os levantasse.

¹ 1 Coríntios 15:52.

² Romanos 1:20.

³ 1 Timóteo 2:5.

⁴ Romanos 9:5.

⁵ João 14:6.

⁶ João 1:14.

⁷ Colossenses 1:16.

⁸ Gênesis 2:7.

⁹ Provérbios 9:1.

¹⁰ Gênesis 3:21.

[Erro e verdade sobre o Verbo incarnado]

XIX. 25. Mas eu pensava outra coisa e somente sentia acerca do meu Senhor Cristo o que se sente acerca de um homem de extraordinária sabedoria, a quem ninguém se pode igualar, sobretudo porque, nascido maravilhosamente da Virgem, para exemplo do desprezo das coisas temporais por causa da conquista da imortalidade, me parecia ter merecido, por divina providência para connosco, uma tão grande autoridade de magistério. Mas o que tinha de mistério a expressão *E o Verbo se fez carne*¹ não o podia sequer suspeitar. Apenas sabia, a partir das coisas que, acerca dele, foram escritas e transmitidas, que comeu e bebeu, dormiu, andou, alegrou-se, entristeceu-se, conversou, que aquela carne não se uniu ao teu Verbo senão com a alma e a mente humana. Sabe isto todo aquele que conhece a imutabilidade do teu Verbo, que eu já conhecia, na medida em que podia, e disso não duvidava absolutamente nada. Efectivamente, seja mover os membros do corpo, por acção da vontade, seja não os mover, seja ser atingido por algum afecto, seja não o ser, seja proferir, por meio de signos, sábias opiniões, seja estar em silêncio, são coisas próprias da mutabilidade da alma e da mente. Se estas coisas escritas acerca dele fossem falsas, também todas as coisas estariam comprometidas pela mentira, e naqueles textos não restaria nenhuma salvação pela fé para o género humano. Mas, porque são verdadeiras as coisas escritas, reconhecia, em Cristo, um homem completo, não apenas corpo de homem ou um espírito com corpo sem mente, mas considerava que o próprio homem, não pela essência da verdade, mas por uma grande excelência da natureza humana e por uma participação mais perfeita da sabedoria, devia ser colocado à frente de todos os outros. Alípio, porém, pensava que os católicos crêem que Deus está revestido de carne, de tal modo que não havia em Cristo senão Deus e a carne, e considerava que nele não se podia falar de alma e mente humanas. E porque tinha como absolutamente certo que aquelas coisas que, acerca dele, foram deixadas aos vindouros, não podiam ter acontecido sem uma criatura dotada de vida e de razão, mais devagar se movia em direcção à fé cristã. Mas depois, reconhecendo que este é um erro dos heréticos apolinaristas², rejubilou com a fé católica e juntou-se a ela. Eu, por meu lado, confesso que aprendi um pouco mais tarde como é

¹ João 1:14.

² Segundo as palavras de Agostinho (*Enarrationes in psalmos* 2: 29, n. 2-3), a heresia dos Apolinaristas consistia em afirmar que o Verbo de Deus desempenhava em Cristo as funções da alma humana e que este, do homem, tinha apenas o corpo, a carne.

que, no facto de *o Verbo ter incarnado*¹, a verdade católica diverge da falsidade de Fotino². Porque a refutação dos hereges faz sobressair o que a tua Igreja pensa e o que a sua doutrina³ contém. Na verdade, foi conveniente que houvesse hereges para que os comprovados na fé se tornassem visíveis⁴ entre os vacilantes.

[A procura da verdade nos livros dos Neoplatónicos]

XX. 26. Mas então, lidos aqueles livros dos Platónicos, e depois de por eles ter sido levado a procurar a verdade incorpórea, vi e compreendi as tuas coisas invisíveis por meio daquelas que foram feitas⁵, e, repellido, senti o que não me era dado contemplar através das trevas da minha alma, certo de que tu és e és infinito, sem todavia te difundires pelos lugares finitos ou infinitos, e que verdadeiramente és tu, que és sempre o mesmo⁶, e, por nenhuma parte e nenhum movimento, és outro ou de outro modo, e que todas as restantes coisas procedem de ti⁷, por esta única solidíssima prova: serem, estava realmente seguro destas coisas, todavia demasiado fraco para fruir de ti. Conversava muito, como se fosse perito, e, se não procurasse o teu caminho⁸ em Cristo, nosso Salvador⁹, não seria perito mas pereceria. Na verdade, já começava a querer parecer sábio, cheio do meu castigo, e não chorava, e inchava-me com a ciência, acima de toda a medida. Onde estava, pois, aquela caridade, que edifica¹⁰ a partir do alicerce da humildade, *que é Jesus Cristo*¹? Ou quando é que aqueles livros ma ensinariam? Creio que tu quiseste que eu deparasse com eles, antes de meditar sobre as tuas Escrituras, a fim de que ficasse gravado na minha memória de que modo fui afectado por eles, e de que, quando mais tarde encontrei o apaziguamento nos teus Livros, e as minhas feridas foram tocadas pelos teus dedos, que as curaram, discernisse e distinguísse que diferença havia entre presunção e confissão, entre os que vêm para onde se deve ir e não vêm por onde, e o caminho que conduz à pátria bem aventurada, não apenas para a contemplar, mas também para a habitar. Pois se, em primeiro lugar,

¹ João 1:14.

² Fotino, eleito bispo de Smirmium (Panónia) em 343-344, era originário de Ancira, na Galácia, onde seguira Marcelo. Negava a divindade e a eternidade de Cristo e afirmava que a sua sublimidade moral podia ser alcançada por outros homens. O imperador Juliano, o Apóstata, felicita-o numa carta por ter negado que Deus possa assumir carne no seio de uma mulher.

³ 2 Timóteo 4:3; Tito 1:9; 2:1.

⁴ 1 Coríntios 11:19.

⁵ Romanos 1:20.

⁶ Salmo 101:28; Hebreus 1:12.

⁷ Romanos 11:36.

⁸ João 14:6.

⁹ Tito 1:4.

¹⁰ 1 Coríntios 8:1.

tivesse sido instruído nas tuas Santas Escrituras, e no contacto familiar com elas me tivesses dulcificado, e depois tivesse caído naqueles livros, talvez estes ou me tivessem arrancado à solidez da piedade, ou, se persistisse no afecto salutar que tinha bebido, julgaria que, se alguém tivesse estudado apenas aqueles livros, também neles poderia adquirir esse mesmo afecto.

[O que há nas Escrituras e não nos livros dos Neoplatónicos]

XXI. 27. Assim, com grande sofreguidão, lancei mão do venerável estilo do teu espírito e, sobretudo, do apóstolo Paulo, e desapareceram aquelas questões, nas quais durante algum tempo me pareceu que ele se contradizia a si mesmo e que o texto do seu discurso não estava de acordo com os testemunhos da Lei e dos Profetas², e revelou-se-me um só rosto dos castos discursos³, e aprendi a exultar com tremor⁴. E comecei e descobri que tudo quanto de verdadeiro por lá tinha lido, por aqui era dito com a garantia da tua graça, para que quem vê não se vanglorie, como se não tivesse recebido⁵ não só aquilo que vê, mas também o poder ver – pois que coisa tem que não tenha recebido⁶? – e para que seja levado não só a ver-te a ti, que és sempre o mesmo⁷, mas também a ser curado, para que fique contigo, e que aquele que, de longe, não pode ver, percorra no entanto o caminho por onde venha, e te veja, e te retenha, porque, ainda que o homem se regozije na Lei de Deus, segundo o homem interior, que fará da outra lei que, nos seus membros, luta contra a lei da sua mente, e que o leva, cativo, na lei do pecado, que está nos seus membros⁸? Porque tu és justo, Senhor⁹; nós, porém, pecámos, agimos iniquamente¹⁰, comportámo-nos impiamente¹¹, e sobre nós pesou a tua mão¹², e, com justiça, fomos entregues ao antigo pecador, príncipe da morte, porque persuadiu a nossa vontade da semelhança da sua vontade, pela qual não se manteve na tua verdade¹³. Que fará o infeliz ser humano? Quem o libertará do corpo desta morte senão

¹ 1 *Coríntios* 3:11.

² *Mateus* 5:17; 7:12; *Lucas* 16:16.

³ *Salmo* 11:7.

⁴ *Salmo* 2:11.

⁵ 1 *Coríntios* 4:7.

⁶ 1 *Coríntios* 4:7.

⁷ *Salmo* 101:28; *Hebreus* 1:12.

⁸ *Romanos* 7:22-23.

⁹ *Tobias* 3:2; *Salmo* 118:137.

¹⁰ *Daniel* 3:27, 29.

¹¹ 3 *Reis* 8:47.

¹² *Salmo* 31:4.

¹³ *João* 8:44.

a tua graça, por intermédio de Jesus Cristo nosso Senhor¹, que geraste co-eterno e criaste no princípio dos teus caminhos², em quem o príncipe deste mundo³ não encontrou nada digno de morte⁴, e o matou: e foi anulada a acusação que nos era contrária⁵? Isso não o têm aqueles escritos. Não têm aquelas páginas o semblante desta piedade, as lágrimas da confissão, o teu sacrifício, o espírito atribulado, o coração contrito e humilhado⁶, a salvação do povo, a Cidade esposa⁷, os penhores do Espírito Santo⁸, a taça do nosso resgate. Ninguém aí canta: *Não há-de a minha alma submeter-se Deus? Dele vem, com efeito, a minha salvação: pois ele próprio é o meu Deus e a minha salvação, meu sustentáculo: não mais vacilarei*⁹. Aí ninguém ouve chamar: Vinde a mim, vós que sofreis. Não se dignam aprender dele, porque é manso e humilde de coração¹⁰. Pois *tu escondeste estas coisas dos sábios e dos prudentes e revelaste-as aos pequeninos*¹¹. E uma coisa é ver, do cimo de um monte frondoso, a pátria da paz¹², e não encontrar o caminho até ela, e esforçar-se, em vão, por lugares ínvios, cercando-nos em volta e armando emboscadas os desertores fugitivos com o seu príncipe, leão e dragão¹³, outra coisa é seguir o caminho que aí conduz, protegido pelo cuidado do seu celeste governante, onde aqueles que abandonaram a milícia celeste não fazem assaltos, pois o evitam como a um suplício. Todas estas coisas se entranhavam dentro de mim de

¹ Romanos 7:24-25.

² Provérbios 8:22.

³ João 14:30.

⁴ Lucas 23:14-15.

⁵ Colossenses 2:14.

⁶ Salmo 50:19.

⁷ Apocalipse 21:2.

⁸ 2 Coríntios 5:5.

⁹ Salmo 61:2-3.

¹⁰ Mateus 11:28-29.

¹¹ Mateus 11:25.

¹² Deuteronomio 32:49.

¹³ Salmo 90:13.

modos admiráveis, ao ler o mínimo dos teus Apóstolos¹, e meditava sobre as tuas obras, e ficava apavorado².

¹ 1 *Coríntios* 15:9.

² *Habacuc* 3:2.

LIVRO VIII

[Levado pelo desejo de mudar de vida, decide procurar Simpliciano]

I. 1. Meu Deus, que, em acção de graças a ti, eu recorde e confesse as tuas misericórdias para comigo¹. Sejam os meus ossos repassados do teu amor, e digam: *Senhor, quem semelhante a ti?*² Quebraste as minhas cadeias: que eu te sacrifique um sacrifício de louvor³. Contarei como as quebraste, e dirão todos os que te adoram, ao ouvirem: Bendito o Senhor⁴ no céu e na terra⁵; grande e admirável é o seu nome⁶. Tinham-se gravado nas minhas entranhas as tuas palavras, e de todos os lados tu me cercavas⁷. Em relação à tua vida eterna, eu não tinha dúvidas, embora a tivesse vislumbrado em enigma e como que através de um espelho⁸; no entanto, qualquer dúvida acerca da substância incorruptível, e se dela procede toda a substância, tinha-me sido tirada, e o meu desejo não era ter mais certezas acerca de ti, mas sim ter mais firmeza em ti. Quanto à minha vida temporal, tudo vacilava e o meu coração precisava de ser limpo do velho fermento⁹; e agradava-me o caminho, que é o próprio Salvador¹⁰, mas ainda me custava seguir através das suas estreitas veredas¹¹. E inspiraste à minha alma e pareceu bem a meus olhos¹² dirigir-me a Simpliciano¹³, que se me afigurava bom servo teu e nele resplandecia a tua graça. Tinha também ouvido dizer que, desde a sua juventude, vivia para ti com toda a devoção; nessa altura, ele era já velho e, tendo experimentado muitas coisas durante a sua longa existência, no zelo tão louvável em seguir a tua vida, parecia-me de uma grande sabedoria: e realmente assim era. Por isso, confidenciando-

¹ *Salmo* 85:13.

² *Salmo* 34:10.

³ *Salmo* 115:16-17(7-8).

⁴ *Salmo* 71:18.

⁵ *Salmo* 134:6.

⁶ *Salmo* 8:2, 10; 75:2.

⁷ *Isaías* 29:2.

⁸ *1 Coríntios* 13:12.

⁹ *1 Coríntios* 5:7-8.

¹⁰ *João* 14:6.

¹¹ *Mateus* 7:14.

¹² *Salmo* 15:8; *Actos* 2:25.

¹³ S. Simpliciano, presbítero da Igreja de Roma, foi enviado para Milão quando S. Ambrósio foi nomeado bispo, para o instruir nas Sagradas Escrituras e nos santos Padres, que ele desconhecia quase por completo. Sucedeu a Ambrósio como bispo de Milão, em 397. Morreu c. do ano 400, em avançada idade. Agostinho dedicou-lhe o *De Diuersis quaestionibus*. As cartas 37, 38, 65 e 67 de Ambrósio são-lhe dirigidas.

lhe eu as minhas inquietações, queria que ele me mostrasse qual era o modo adequado a uma pessoa, assim perturbada como eu estava, para andar no teu caminho¹.

2. Na verdade, eu via a tua Igreja cheia, e um caminhava de uma forma, outro, de outra forma². A mim, porém, desagradava-me o que fazia no mundo e era para mim um fardo, porque já não ardiam suficientemente as ambições, como costumavam, com a esperança das honras e da riqueza, para eu poder suportar aquela tão pesada servidão. Já não me deleitavam, por causa da tua doçura e da beleza da tua morada, que eu amei³, mas ainda estava profundamente preso à mulher, e o Apóstolo não me proibia de casar⁴, ainda que me exortasse ao que é melhor⁵, preferindo que todos os homens fizessem como ele⁶. Mas eu, mais fraco, escolhia o lugar mais fácil e, apenas por causa disto, amolecido, dispersava-me noutras coisas, e consumia-me em lânguidas preocupações, porque, também noutros aspectos que eu não queria suportar, era obrigado a adaptar-me à vida conjugal, à qual estava preso e amarrado. Tinha ouvido da boca da verdade⁷ que há eunucos *que se castraram a si mesmos por causa do Reino dos Céus*; mas, disse ele, *quem puder entender, que entenda*⁸. São sem dúvida vãos todos os homens nos quais não está presente o conhecimento de Deus e, a partir das coisas boas que se vêem, não puderam encontrar aquele que é⁹. Mas eu já não estava naquela vaidade; ultrapassara-a e, graças ao testemunho de toda a criatura¹⁰, tinha-te encontrado a ti, nosso criador, e ao teu Verbo, Deus junto de ti, e contigo um só Deus, pelo qual criaste todas as coisas¹¹. Há também outra espécie de ímpios: os que, *conhecendo Deus, não o glorificaram ou lhe prestaram culto como Deus*¹². Também nisto tinha caído, e a tua mão direita amparou-me¹³ e, arrancando-me daí, colocaste-me num lugar onde eu pudesse convalescer, porque disseste ao homem: Eis que a piedade é sabedoria¹⁴, e não queiras parecer sábio¹⁵ porque os que dizem que são sábios tornaram-se estultos¹. E já tinha

¹ Salmo 127:1.

² 1 Coríntios 7:7.

³ Salmo 25:8.

⁴ 1 Coríntios 7:26-38.

⁵ 1 Coríntios 7:38.

⁶ 1 Coríntios 7:7-8.

⁷ João 14:6.

⁸ Mateus 19:12.

⁹ Sabedoria 13:1.

¹⁰ Romanos 1:20; Colossenses 1:15-16.

¹¹ João 1:1-3.

¹² Romanos 1:21.

¹³ Salmo 17:36.

¹⁴ Job 28:28.

¹⁵ Eclesiástico 7:5.

encontrado a pérola preciosa, e, vendendo tudo o que tinha², devia comprá-la³, e hesitava.

[A conversão do retor Mário Vitorino]

II. 3. Fui ter com Simpliciano, pai, na transmissão da graça, de Ambrósio, então já bispo, e que este amava verdadeiramente como a um pai. Contei-lhe o percurso sinuoso do meu erro. Quando, porém, lhe fiz saber que tinha lido certos livros dos Platônicos, que Vitorino⁴, outrora retor da cidade de Roma, o qual eu tinha ouvido dizer que morrera cristão, tinha traduzido para Latim, ele felicitou-me por eu não ter deparado com os escritos de outros filósofos, cheios de falácias e de enganos, segundo os elementos deste mundo⁵, enquanto nestes livros de variadas formas se insinua Deus e o seu Verbo. Em seguida, para me exortar à humildade de Cristo, ocultada aos sábios e revelada aos pequeninos⁶, evocou-me o próprio Vitorino, que ele, quando estava em Roma, tinha conhecido com bastante intimidade, e acerca do qual me contou o que não passarei em silêncio. Pois contém grande louvor da tua graça⁷, que te deve ser confessada, o modo como aquele ancião doutíssimo e muito versado em todas as artes liberais, e que lera e analisara tantas obras de filósofos, mestre de tantos nobres senadores, que até, em homenagem ao seu notável magistério, merecera e recebera uma estátua no foro romano, coisa que os cidadãos deste mundo consideram o cúmulo das honras, até àquela idade adorador dos ídolos e partícipe dos cultos pagãos – em que então quase toda a enfatuada nobreza romana expelia † populi Pelusiam †⁸ e monstros de todo o género de deuses, e Anúbis ladrando, monstros que outrora tinham empunhado *armas contra Neptuno e Vénus e contra Minerva*⁹, aos quais, embora os tivesse vencido, Roma ainda prestava culto, e a que aquele ancião Vitorino, durante tantos anos, frequentemente defendera com aterradora eloquência – não se envergonhou

¹ Romanos 1:22.

² Mateus 19:21.

³ Mateus 13:46.

⁴ Mário Vitorino, africano, professor de retórica em Roma no tempo de Constâncio, escreveu obras de gramática, retórica e filosofia (Neoplatonismo). Traduziu para Latim obras de Porfírio, Plotino, Aristóteles. Depois de se tornar cristão, escreveu tratados teológicos e várias obras contra os Arianos, entre as quais o *De Trinitate contra Arium*. Obra em PL 8, 1000-1308.

⁵ Colossenses 2:8.

⁶ Mateus 11:25.

⁷ Efésios 1:6.

⁸ Texto corrompido, cuja tradução não faz sentido.

⁹ Vergílio, *Eneida* VIII 698-700.

de ser servo do teu Cristo e criança da tua fonte¹, submetendo a cerviz ao jugo da humildade², e baixando a fronte à ignomínia da cruz³.

4. Ó Senhor, Senhor, que inclinaste os céus e desceste, tocaste os montes e fumegaram⁴, de que forma te insinuaste naquele coração? Ele lia, segundo diz Simpliciano, a Sagrada Escritura, e investigava a fundo, e indagava todos os textos cristãos, e dizia a Simpliciano, não em público, mas em segredo e na intimidade: ‘Fica a saber que já sou cristão’. E aquele respondia: ‘Não o acreditarei, nem te contarei no número dos cristãos, se não te vir na Igreja de Cristo.’ Mas ele gracejava, dizendo: ‘São então as paredes que fazem os cristãos?’ E dizia isto muitas vezes – que já era cristão – e Simpliciano respondia-lhe o mesmo muitas vezes, e muitas vezes ele repetia o gracejo das paredes. É que ele receava ofender os seus amigos, arrogantes adoradores de demónios, cujas inimizades julgava que, do alto da sua babilónica dignidade, como dos cedros do Líbano, que o Senhor ainda não tinha derrubado⁵, haviam de se abater pesadamente sobre ele. Mas depois que, lendo e desejando ansiosamente, adquiriu firmeza e receou ser negado por Cristo diante dos seus santos anjos, se temesse confessá-lo diante dos homens⁶, e a si mesmo se viu como réu de um grande crime, por se envergonhar dos mistérios da humildade do teu Verbo e não se envergonhar das cerimónias sacrílegas dos soberbos demónios, que ele, soberbo imitador, aceitara, envergonhou-se da vaidade e teve vergonha perante a verdade, e, súbita e inesperadamente, disse a Simpliciano, segundo ele mesmo contava: ‘Vamos à igreja: quero fazer-me cristão.’ E ele, não cabendo em si de alegria, acompanhou-o. Quando foi instruído nos primeiros mistérios da religião, não muito depois deu também o seu nome⁷ para que fosse regenerado pelo baptismo, perante a admiração de Roma e a alegria da Igreja. Os soberbos viam e iravam-se, rangiam os dentes e definhavam⁸: mas, para o teu servo, o Senhor Deus era a sua esperança, e não olhava às vaidades e às loucuras mentirosas⁹.

¹ *Salmo* 35:10; *João* 4:14; *Apocalipse* 21:6.

² *Eclesiástico* 51:34; *Jeremias* 27:12.

³ *Gálatas* 5:11.

⁴ *Salmo* 143:5.

⁵ *Salmo* 28:5.

⁶ *Mateus* 10:32-33; *Marcos* 8:38; *Lucas* 12:9.

⁷ Trata-se da inscrição dos catecúmenos na lista dos que iriam receber o baptismo.

⁸ *Salmo* 111:10.

⁹ *Salmo* 39:5.

5. Por fim, quando chegou a hora de professar a fé, que, em Roma, aqueles que se preparam para entrar na tua graça costumam pronunciar – usando uma fórmula consagrada, que aprendem e decoram – de um lugar mais elevado, na presença dos fiéis, os presbíteros, dizia Simpliciano, concederam a Vitorino que o fizesse em privado, como era costume conceder-se a alguns que parecia que iriam hesitar, por vergonha; ele, todavia, preferiu professar a sua salvação na presença da multidão dos fiéis. Na verdade, na retórica, o que ele ensinava não era a salvação, e todavia tinha-a professado publicamente; ele, que não temia, nas suas palavras, as turbas de gente desvairada, não devia então temer muito menos o teu manso rebanho, ao pronunciar o teu Verbo? E assim, quando subiu para proferir a profissão de fé, todos uns para os outros, uma vez que todos o conheciam, fizeram ressoar o nome dele com um som de júbilo. Quem ali não o conhecia? E soou, num som contido, pelas bocas de todos os que se congratulavam: ‘Vitorino, Vitorino’. De repente clamaram com alegria, porque o viam, e de repente se calaram, com a vontade de o ouvirem. Ele proclamou a fé verdadeira com a mais nobre confiança e todos queriam arrebatá-lo para dentro do seu coração. E arrebatavam-no, amando-o e alegrando-se: estas eram as mãos dos que o arrebatavam.

[Maior é a alegria pela conversão dos pecadores do que pela dos justos]

III. 6. Deus de bondade, que se passa no homem para ele se alegrar mais com a salvação de uma alma sem esperança e liberta de maior perigo do que se a esperança sempre tivesse estado com ela ou o perigo fosse menor? Pois também tu, ó Pai misericordioso, te alegras mais por uma pessoa que faz penitência do que por noventa e nove justos que não precisam de penitência¹. E nós ouvimos com grande alegria, quando ouvimos como, nos ombros exultantes do pastor, foi trazida de volta a ovelha que se desgarrara², e como a dracma foi restituída aos teus tesouros, regozijando-se as vizinhas com a mulher que a encontrou³, e arranca-nos lágrimas a alegria da solenidade da tua casa⁴, quando na tua casa se lê acerca do teu filho mais novo, que *estava morto e voltou a viver, tinha-se perdido e foi encontrado*⁵. Alegras-te, na verdade, em nós e nos teus anjos, santos pela

¹ Lucas 15:7.

² Salmo 118:176; Lucas 15:4-6.

³ Lucas 15:8-9.

⁴ Salmo 25:8.

⁵ Lucas 15:32.

tua santa caridade. Pois tu és sempre o mesmo¹, tu que sempre e do mesmo modo conheces todas as coisas² que não são nem sempre nem do mesmo modo.

7. Que se passa, pois, na alma, quando se compraz mais com as coisas que ama, quando as encontra ou recupera, do que se sempre as tivesse tido consigo? Há ainda outros factos que o confirmam e todos eles estão cheios de testemunhos que proclamam: ‘É assim.’ Triunfa, vitorioso, o general, e não teria vencido se não tivesse lutado, e quanto maior foi o perigo na batalha, tanto maior é a alegria no triunfo. A tempestade abate-se sobre os navegantes e o naufrágio ameaça-os, todos empalidecem com a morte iminente³; acalma-se o céu e o mar, e muito se alegram, porque muito temeram. Adoece alguém que nos é querido e o seu pulso anuncia uma desgraça; todos, que o desejam salvo, com ele adoecem em espírito: fica melhor, e ainda não caminha com as forças de outrora, e faz-se já um tal júbilo qual não houve quando antes caminhava saudável e forte. E os próprios prazeres da vida humana também os homens os conseguem com incómodos, não imprevistos e que surgem contra vontade, mas sim habituais e voluntários. O prazer de comer e de beber é nulo, a não ser que o preceda o incómodo da fome e da sede. E os que são dados ao vinho comem qualquer coisa salgada, que lhes provoque um ardor incómodo, que, quando a bebida o extingue, lhes provoca prazer. E é costume não entregar as noivas logo a seguir aos esponsais, para que o marido não dê pouco valor àquela que lhe é dada, se, enquanto noivo, não tiver suspirado por aquela por quem teve de esperar.

8. Tanto na alegria torpe e execranda, como na que é permitida e lícita, tanto na honestidade absolutamente sincera da amizade, como naquele que *estava morto e voltou a viver, tinha-se perdido e foi encontrado*⁴, é isto que acontece: em qualquer situação, uma alegria maior é precedida por um maior sofrimento. Que é isto, Senhor meu Deus, quando tu és, tu próprio, para ti mesmo, eterna alegria, e há seres que, em teu redor, se alegram sempre em ti? Porque é que esta parte das coisas alterna em ausência e presença, em desagrado e satisfação? Acaso é este o seu modo de ser e só este lhes deste, quando, do mais alto dos céus⁵ até ao mais profundo da terra, do princípio até ao

¹ *Salmo* 101:28; *Hebreus* 1:12.

² *Daniel* 13:42.

³ Vergílio, *Eneida* IV 644.

⁴ *Lucas* 15:32.

⁵ *Mateus* 24:31.

fim dos séculos, do anjo até ao verme, desde o primeiro movimento até ao último, colocaste toda a espécie de bens e todas as tuas obras justas cada qual em seu lugar, e atribuíste a cada uma o seu tempo? Ai de mim, como és alto nas alturas¹, e como és profundo nas profundezas! E não te afastas para nenhum lugar, e nós, é com dificuldade que voltamos a ti.

[Motivos de contentamento pela conversão das pessoas ilustres]

IV. 9. Vamos, Senhor, age, acorda-nos e chama-nos de novo, inflama, e arrebat, e incendeia, e torna-te doce²: amemos, corramos. Não é verdade que muitos voltam para ti de um abismo de cegueira mais profundo do que Vitorino, e aproximam-se, e são iluminados³, recebendo a luz, e, recebendo-a, recebem de ti o poder de se tornarem teus filhos⁴? Mas, se são menos conhecidos das gentes, menos por eles se alegram até mesmo aqueles que os conhecem. Porque, na verdade, quando a alegria é de muitos, mais abundante é a alegria em cada um, porque se animam e inflamam uns aos outros. Por conseguinte, sendo conhecidos de muitos, são para muitos causa de salvação e precedem a muitos que os hão-de seguir, e por isso muito se alegram por eles até aqueles que os precederam, porque não se alegram sozinhos. Longe de mim pensar que no teu tabernáculo as pessoas dos ricos possam ter preferência sobre os pobres, ou os ilustres sobre os humildes⁵, quando tu escolheste de preferência as coisas mais fracas do mundo para confundires as fortes, e escolheste as coisas humildes deste mundo, e as desprezíveis, e aquelas que não são, como se fossem⁶, para aniquilares as que são⁷. E todavia o mínimo dos teus Apóstolos⁸, por cuja língua fizeste ressoar essas tuas palavras, quando o procônsul Paulo, debelada a soberba⁹ com as armas do mesmo Apóstolo, passou para debaixo do suave jugo do teu Cristo¹⁰, tornado súbdito do grande rei, ele próprio preferiu ser chamado Paulo em vez do anterior nome Saulo, em sinal de tão grande vitória¹¹. Na verdade, mais é vencido o inimigo naquele que ele mais

¹ *Salmo* 112:4.

² *Cântico* 2: 10-14.

³ *Salmo* 33:6.

⁴ *João* 1:9.

⁵ *Deuteronómio* 1:17; 16:19; *Eclesiástico* 42:1; *Tiago* 2:1,9.

⁶ *Romanos* 4:17.

⁷ *1 Coríntios* 1:27-28.

⁸ *1 Coríntios* 15:9.

⁹ Vergílio, *Eneida* VI 853.

¹⁰ *Mateus* 11:30.

¹¹ *Actos* 13:7-12.

domina, e por meio do qual domina muitos mais. Pois ele domina mais os soberbos, em nome da nobreza, e, a partir deles, muitos mais, em nome da autoridade. Portanto, com quanto mais agrado se considerava o peito de Vitorino, que, tal como a um inexpugnável refúgio, o diabo tinha ocupado, e a língua de Vitorino, dardo enorme e aguçado com que tinha dado a morte a muitos, tanto mais plenamente deviam os teus filhos exultar, porque o nosso rei acorrentou o forte¹, e porque viam as armas de que ele se servia serem-lhe arrancadas, purificadas e adaptadas à tua glória, e tornarem-se úteis ao Senhor para toda a boa obra².

[Entraves que retardam a conversão]

V. 10. Ora, quando o teu servo Simpliciano me contou estas coisas acerca de Vitorino, incendiou-se em mim o desejo de o imitar: foi precisamente para isso que ele mas tinha contado. E quando ele em seguida acrescentou que, nos tempos do imperador Juliano³, foi promulgada uma lei que proibia os cristãos de ensinar literatura e retórica – ele acatou essa lei, e preferiu abandonar a escola da tagarelice e não o teu Verbo, com o qual tornas eloquentes as línguas das crianças que ainda não falam⁴ – ele pareceu-me menos forte do que feliz, porque encontrou a oportunidade de se dedicar a ti. Por tal circunstância suspirava eu, acorrentado, não por ferro alheio, mas pela minha vontade de ferro. O inimigo dominava o meu querer, e dele para mim fizera uma cadeia, e amarrara-me com ela. Porque da vontade pervertida nasce o desejo e, quando se obedece, nasce o hábito, e, quando se não resiste ao hábito, nasce a necessidade. Com estes como que pequenos elos ligados entre si – daí eu chamar-lhe ‘cadeia’ – mantinha-me preso a dura servidão. Pois a nova vontade, que eu começava a ter, a de te servir sem retribuição e querer fruir de ti, ó Deus, única alegria segura, ainda não era capaz de superar a primeira, consolidada como estava pelos muitos anos. Deste modo, estas minhas duas vontades, uma velha, outra nova⁵, aquela carnal, esta espiritual⁶, lutavam entre si⁷ e, opondo-se uma à outra, destroçavam-me a alma.

¹ *Mateus* 12:29.

² *Timóteo* 2:21.

³ Juliano, dito o Apóstata, foi imperador de 360 a 363. Educado como cristão, apostatou quando chegou ao poder, e, embora determinasse a liberdade de culto, perseguiu os cristãos, reinstituiu os cultos pagãos e reconstruiu alguns dos seus templos. O edicto a que se faz referência data de 362.

⁴ *Sabedoria* 10:21.

⁵ *Efésios* 4:22, 24; *Colossenses* 3:9-10.

⁶ *Romanos* 7:14.

⁷ *Romanos* 7:16-17.

11. Assim, compreendia, por experiência própria, aquilo que lera – de que modo a carne tem desejos contra o espírito e o espírito contra a carne¹ – e eu, na verdade, estava em ambos, mas estava mais naquilo que em mim aprovava do que naquilo que em mim não aprovava. Pois já aí havia mais de não eu, porque, em grande parte, mais o sofria, contra vontade, do que o fazia, querendo². Mas todavia o hábito, de dentro de mim mesmo, tornara-se mais obstinado contra mim, porque, querendo, eu tinha chegado aonde não queria. E quem poderá contrapor com justiça, quando uma pena justa persegue o pecador? E já não havia aquela desculpa, com que costumava iludir-me a mim mesmo, de que, desprezado o mundo, ainda não te servia, porque eu tinha uma percepção insegura da verdade: pois já a tinha, e era segura. Eu, todavia, ainda preso à terra, recusava pertencer à tua milícia³, e receava desimpedir-me de todos os impedimentos, na mesma medida em que se deve recear que eles constituam um impedimento.

12. Assim, docemente me oprimia o fardo do mundo, tal como costuma acontecer com o sono, e os pensamentos com que meditava em ti eram semelhantes aos esforços dos que querem acordar, os quais, todavia, vencidos por um sono profundo, voltam a mergulhar nele. E assim como não há ninguém que queira dormir sempre, e, no perfeito juízo de todos, é preferível estar acordado, e todavia quase sempre o homem adia o sacudir do sono, quando tem nos membros um pesado torpor, e, embora lhe desagrade, dorme com o maior prazer, apesar de ter chegado a hora de se levantar: assim também tinha eu como certo ser melhor entregar-me ao teu amor do que ceder à minha concupiscência; mas aquilo agradava-me e vencia-me, isto sabia-me bem e amarrava-me. Nada tinha para te responder quando me dizias: *Levanta-te, tu que dormes, e ergue-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará*⁴; e a ti, que mostravas de todos os lados que dizias a verdade, não havia absolutamente nada que eu te pudesse responder, convencido da verdade, a não ser apenas umas palavras arrastadas e sonolentas: ‘Já vou, vou já, só mais um bocadinho’. Mas o ‘já vou’ e o ‘vou já’ não tinham fim, e o ‘só mais um bocadinho’ prolongava-se em muito. Em vão me deleitava na tua Lei, segundo o homem interior, uma vez que outra lei lutava nos meus membros contra a lei do meu

¹ *Gálatas* 5:17.

² *Romanos* 7:16-17.

³ *2 Timóteo* 2:4.

⁴ *Efésios* 5:14.

espírito e me levava cativo na lei do pecado, que estava nos meus membros¹. Pois é lei do pecado a violência do hábito, que arrasta e prende o espírito mesmo contra a sua vontade, sendo isso merecido, porque é voluntariamente que nele cai. Pobre de mim, quem me libertaria do corpo desta morte a não ser a tua graça, por Jesus Cristo nosso Senhor²?

[Ponticiano fala da vida de Santo Antônio e da conversão de uns amigos]

VI. 13. Também contarei de que modo me libertaste das amarras do desejo da carne, que me prendia tão apertadamente, e da servidão das coisas do mundo, e *confessá-lo-ei ao teu nome, Senhor*³, *meu auxílio e meu redentor*⁴. Fazia as coisas do costume com crescente angústia, e todos os dias suspirava por ti, frequentava a tua igreja, tanto tempo quanto me ficava livre daquelas ocupações sob cujo peso eu gemia. Comigo estava Alípio, livre da actividade de jurisconsulto, depois de ter sido assessor pela terceira vez⁵, aguardando a quem de novo pudesse vender os seus pareceres, tal como eu vendia a habilidade de falar, se é que alguma pode ser transmitida, ensinando. Nebrídio, por seu lado, cedera à nossa amizade, indo ajudar no ensino a Verecundo, grande amigo de todos nós, cidadão e gramático de Milão, que desejava ardentemente e pedia com insistência, em nome da amizade, um ajudante cristão escolhido entre nós, do qual muito precisava. Não foi a ambição das vantagens que levou Nebrídio a isso – pois poderia conseguir muito mais das letras, se quisesse – mas não quis um amigo tão doce e tão amável recusar o nosso pedido, por dever de amizade. Fazia isto, porém, com a maior prudência, fugindo a tornar-se conhecido das pessoas mais importantes segundo este mundo⁶, evitando, neles, qualquer inquietação do espírito, que queria manter livre e desocupado no maior número de horas possível, para investigar, ou ler, ou ouvir alguma coisa acerca da sabedoria.

14. Ora, certo dia – estava Nebrídio ausente já não me lembro porquê – veio visitar-nos, a mim e a Alípio, um tal Ponticiano, nosso concidadão na qualidade de africano, que

¹ Romanos 7:22-23.

² Romanos 7:24-25.

³ Salmo 53:8.

⁴ Salmo 18:15.

⁵ Cf. Livro VI. X.16.

⁶ Efésios 2:2.

servia no palácio em lugar de relevo: queria qualquer coisa de nós. Sentámo-nos a falar. Por acaso, ele reparou num códice em cima de uma mesa de jogo, que estava em frente de nós; pegou nele, abriu-o e deparou com o apóstolo Paulo, certamente sem o esperar; pois julgara que era algum dos livros a cujo estudo me entregava inteiramente. Então, sorrindo e olhando-me afavelmente, admirou-se de, sem o esperar, ter encontrado aqueles textos, e só esses, diante dos meus olhos. De facto, ele era cristão e fiel e muitas vezes se prostrava diante de ti, nosso Deus, na igreja, em frequentes e prolongadas orações. Tendo-lhe eu dito que dedicava a maior atenção àqueles textos, surgiu uma conversa, contando ele acerca de Antão, monge do Egipto, cujo nome refulgia de modo notável entre os teus servos, mas que nós desconhecíamos até àquele momento. Quando ele se deu conta disso, alongou-se na conversa, dando-nos a conhecer um tão grande homem, a nós, que o ignorávamos, e admirando-se dessa nossa ignorância. Ficámos estupefactos ao ouvir as tuas maravilhas¹, comprovadíssimas em memória tão recente e tão próxima dos nossos tempos², na fé verdadeira e na Igreja católica. Todos nos admirávamos: nós, porque eram tão grandes, ele, porque nos eram desconhecidas.

15. Em seguida, a conversa desviou-se para as multidões que vivem nos mosteiros, e para os costumes do teu suave perfume e dos férteis desertos do ermo, dos quais nós nada sabíamos. Mesmo em Milão havia um mosteiro cheio de bons irmãos, fora das muralhas da cidade, sob a orientação de Ambrósio, e nós não o sabíamos. Ele alongava-se e falava ainda, e nós, atentos, ficávamos em silêncio. Daí veio a contar que, não sei quando, seguramente em Tréveros, ele e três outros companheiros seus, estando o imperador ocupado no circo, no espectáculo da tarde, saíram a passear nos jardins contíguos às muralhas, e que aí vagueavam, em pares formados ao acaso, um com ele, para um lado, e, do mesmo modo, os outros dois, para outro lado, e assim se afastaram; e que, caminhando os outros dois sem rumo, foram dar a uma cabana onde habitavam uns quantos servos teus, pobres em espírito, dos quais é o Reino dos Céus³, e aí encontraram um códice, no qual estava escrita a vida de Antão⁴. Um deles começou a lê-la, e a admirar-se, e a inflamar-se, e, à medida que ia lendo, a pensar em abraçar um

¹ *Salmo* 144:5.

² Santo Antão, considerado o pai do monaquismo no Oriente e no Ocidente, morreu em 356, com 105 anos (cf. Jerónimo, *De Viris illustribus* 88).

³ *Mateus* 5:3.

⁴ Trata-se da biografia de Santo Antão escrita por Santo Atanásio, bispo de Alexandria, sem dúvida na tradução latina de Evágrio, que data de c. 370.

tal género de vida, e, abandonada a milícia do mundo, em pôr-se ao teu serviço. Esses dois pertenciam ao número daqueles a que chamam ‘agentes de negócios’. Então, de súbito inundado de um amor santo e de um sóbrio pudor, irado consigo mesmo¹, fixou o olhar no amigo e disse-lhe: ‘Diz-me, peço-te, onde pretendemos chegar com todos estes nossos trabalhos? Que procuramos? Porque lutamos? Poderá ser maior a nossa esperança, no palácio, do que a de sermos amigos do imperador? E aí, que coisa há que não seja frágil e cheia de perigos? E através de quantos perigos se não chega a um perigo ainda maior? E quando o conseguiremos? Ora, se o quiser, eis que me torno agora mesmo amigo de Deus²’. Disse isto, e, perturbado pelo parto para uma nova vida, voltou de novo os olhos para aquelas páginas: e lia, e transformava-se interiormente, onde tu o vias, e a sua alma despojava-se do mundo, como logo em seguida foi manifesto. Pois, enquanto lia e revolia os turbilhões do seu coração, de vez em quando gemia, e viu claramente o que era melhor e optou por isso, e, já teu, disse ao amigo: ‘Eu já rompi com aquela nossa esperança, e decidi servir a Deus, e começo desde já, neste lugar. Se te custa imitar-me, não te oponhas’. Ele respondeu que queria juntar-se a ele, como companheiro de tão grande recompensa e de tão sublime milícia. E ambos, já teus, começaram a construir a torre, calculado o gasto suficiente para deixarem tudo o que lhes pertencia e te seguirem³. Então, Ponticiano e aquele que com ele passeava por outras partes do jardim, procurando-os, vieram ter ao mesmo lugar, e, quando os encontraram, disseram-lhes que regressassem, porque já declinava o dia⁴. Mas eles, tendo dado a saber a sua resolução e o seu propósito, e de que modo neles tinha nascido e se tinha consolidado uma tal vontade, pediram que, se não quisessem juntar-se a eles, os não importunassem. Estes, nada mudados relativamente ao que antes eram, todavia choraram por si mesmos, como Ponticiano dizia, e congratularam-se piedosamente com aqueles, e recomendaram-se às suas orações, e, arrastando o coração na terra, voltaram para o palácio, enquanto aqueles, fixando o coração no céu, ficaram na cabana. E ambos tinham noivas: as quais, ao saberem do que se passara, também elas te consagraram a sua virgindade.

¹ *Salmo* 4:5.

² *Judite* 8:22; *Tiago* 2:23.

³ *Mateus* 19:27; *Lucas* 5:11, 28; 14:28.

⁴ *Lucas* 9:12; 24:29.

[Inquietação gerada pelas palavras de Ponticiano]

VII. 16. Ponticiano contava isto e tu, Senhor, enquanto ele falava, voltavas-me para mim mesmo, arrancando-me das minhas próprias costas, onde eu me tinha posto, porque não queria ver-me¹, e colocavas-me diante do meu rosto², para que visse quão torpe eu era, quão disforme e sujo, impuro e coberto de chagas. E eu via e horrorizava-me, e não havia para onde pudesse fugir de mim³. E se tentava afastar de mim o meu olhar, Ponticiano contava o que contava, e tu de novo me punhas defronte de mim, e atiravas-me para diante dos meus olhos, para que descobrisse a minha iniquidade e a odiasse⁴. Eu conhecia-a, mas encobria-a, e abafava-a, e esquecia.

17. Então, quanto mais ardentemente amava aqueles de cujos salutare affectos ouvia falar, porque se tinham dado inteiramente a ti para que os curasses, tanto mais execravelmente me odiava a mim, comparando-me com eles, porque muitos dos meus anos tinham passado e eu com eles – talvez uns doze anos – desde que, aos dezanove anos de idade, ao ler o *Hortênsio* de Cícero⁵, tinha sido despertado para a procura da sabedoria, e adia a dedicar-me a procurá-la, desprezada a felicidade terrena; o não encontrá-la, mas apenas o procurá-la devia ser preferido⁶ até aos tesouros encontrados, e aos reinos dos povos, e aos prazeres do corpo, que, a um simples aceno, abundavam em redor de mim. Mas eu, adolescente tão digno de compaixão, digno de compaixão no começo da adolescência, chegara mesmo a pedir-te a castidade e dissera: ‘Concede-me a castidade e a continência, mas não já’. Pois receava que me ouvisses de imediato e de imediato me curasses da doença da concupiscência, que eu preferia que fosse saciada, e não extinta. E seguira por maus caminhos⁷, numa superstição sacrílega, não verdadeiramente seguro dela, mas como que dando-lhe preferência sobre as restantes, que não procurava piedosamente, mas hostilmente atacava.

¹ Fedro, *Fábulas* IV 10.

² *Salmo* 49:21.

³ *Salmo* 138:7; Lucrécio, *Da natureza das coisas* III 1068-1069; Horácio, *Odes* II 16, 19-20; Sêneca, *Da tranquilidade da alma* 2.14.

⁴ *Salmo* 35:3.

⁵ Cf. Livro III. IV.7.

⁶ Cícero, *Hortênsio* (fr. 101 Malcovati) ????????

⁷ *Eclesiástico* 2:16.

18. E estava convencido de que adiava, de dia para dia¹, o seguir-te a ti e apenas a ti, desprezando a esperança do mundo, porque não via nada de seguro para onde dirigir os meus passos. E tinha chegado o dia em que estava nu diante de mim mesmo, e a minha consciência levantava a voz contra mim: ‘Então perdeste a língua? É certo que tu dizias que, por não teres a certeza da verdade, não querias desfazer-te do fardo da vaidade. Eis que agora já tens uma certeza, e esse fardo ainda te esmaga, ao passo que adquirem asas, em seus ombros mais libertos, outros que, nem assim se consumiram na procura, nem durante dez ou mais anos meditaram nessas coisas’. Assim eu me roía por dentro, e fortemente me sentia confundido com uma vergonha horrível quando Ponticiano contava tais coisas. Terminada, porém, a conversa e a causa de ter vindo, ele retirou-se e eu retirei-me para dentro de mim. Que coisas não disse eu contra mim? Com que vergastadas de pensamentos não flagelei a minha alma, para que ela me seguisse quando eu tentava seguir após ti²? E ela recalcitrava, recusava e não se desculpava. Tinham sido gastos e rebatidos todos os argumentos: restara uma muda inquietação, e ela temia, como uma espécie de morte, ser privada da torrente do hábito, com a qual se ia consumindo até à morte.

[No jardim: angústia e perturbação]

VIII. 19. Então, naquela intensa luta da minha morada interior, luta que eu intensamente desencadeara com a minha alma no nosso quarto³, que é o meu coração⁴, perturbado tanto no rosto como no espírito, dirijo-me intempestivamente a Alípio, exclamo: ‘Porque padecemos? Que é isto? Que ouviste? Levantam-se os que nada sabem e arrebatam o céu⁵, e nós, com as nossas doutrinas sem coração, eis que nos engolfamos na carne e no sangue⁶! Acaso nos envergonha segui-los porque nos precederam, e não nos envergonha nem sequer segui-los?’ Disse não sei que outras coisas assim, e a minha agitação arrancou-me de junto dele, que se mantinha calado, olhando-me, atônito. Pois eu não falava como de costume. A fronte, as faces, os olhos, a cor, o tom de voz revelavam o meu estado de espírito mais do que as palavras que proferia. Havia um

¹ *Eclesiástico* 5:8.

² *Jeremias* 7:9; *Lucas* 21:8.

³ *Mateus* 6:6.

⁴ *Salmo* 4:5.

⁵ *Mateus* 11:12.

⁶ *Mateus* 16:17; *1 Coríntios* 15:50; *Gálatas* 1:16.

pequeno jardim na nossa morada, que nós usávamos tal como de toda a casa: pois o hospedeiro, dono da casa, não vivia nela. O tumulto do coração levava-me para lá, onde ninguém impedisse o violento combate que comigo mesmo travava, até que findasse, da forma que tu sabias, mas eu não: eu apenas enlouquecia, sem perder o juízo, e morria, sem perder a vida, conhecendo o que de mal havia em mim, e desconhecendo o que de bem iria haver dentro de pouco tempo. Retirei-me, pois, para o jardim, e Alípio seguiu-me os passos. E não deixava de ser minha a solidão onde ele estava presente. Mas como me abandonaria ele, estando eu assim perturbado? Sentámo-nos, afastados tanto quanto possível da casa. Eu estremecia no meu espírito¹, indignando-me com uma indignação tumultuosíssima, porque não chegava a um acordo e a uma aliança contigo², meu Deus, à qual todos os meus ossos clamavam³ que eu devia chegar, e exaltavam-na com louvores até ao céu: e para aí não se ia nem com navios, nem com quadrigas, nem com os passos, quantos eu tinha dado desde a casa até àquele lugar em que estávamos sentados. Pois não só o ir, mas também o chegar ali, não era outra coisa senão o querer ir, mas querer forte e totalmente, não o revolver e o agitar, por aqui e por ali, da alma vacilante, lutando, na parte que se levanta, com a outra parte, que tomba.

20. Finalmente, fazia tantas coisas com o corpo, no tumulto da hesitação, tais as que de vez em quando os homens querem fazer e não conseguem se, ou não têm os membros adequados, ou os têm presos por cadeias, ou enfraquecidos pela doença, ou por qualquer forma impedidos. Se arranquei cabelo, se bati na fronte, se apertei os joelhos com os dedos entrelaçados, fi-lo porque quis. Podia, no entanto, querer e não o fazer, se me não obedecesse a capacidade de os membros se moverem. Fiz tantas coisas em que querer e poder não eram o mesmo: e não fazia aquilo que, com incomparável afecto, me agradava mais, e que, logo que o quisesse, o poderia fazer, porque, logo que o quisesse, o queria inteiramente. Pois aí a capacidade era a mesma coisa que a vontade, e o próprio querer já era fazer; e contudo não era feito, e o corpo obedecia à mais ténue vontade da alma, a ponto de os membros se moverem a um aceno, com mais facilidade do que a própria alma obedecia a si mesma para, apenas na sua vontade, pôr em prática a sua grande vontade.

¹ João 11:33.

² Ezequiel 16:8.

³ Salmo 34:10.

[De como o espírito resiste a si mesmo]

IX. 21. Donde vem esta monstruosidade? E porquê isto? Resplandeça a tua misericórdia e que eu interroge, se acaso me podem responder, os recônditos dos sofrimentos da humanidade e as tenebrosíssimas tribulações dos filhos de Adão. Donde vem esta monstruosidade? E porquê isto? O espírito manda no corpo, e é logo obedecido: o espírito manda em si mesmo, e encontra resistência. O espírito manda que a mão se mova, e a facilidade é tanta que a custo se distingue a ordem da sua execução: e o espírito é espírito, e a mão, corpo. O espírito manda que o espírito queira, e, não sendo outra coisa, todavia não obedece. Donde vem esta monstruosidade? E porquê isto? Manda, repito, que queira, ele que não mandaria se não quisesse, e não faz o que manda. Mas não quer totalmente: portanto, não manda totalmente. Pois manda somente na medida em que quer, e aquilo que manda não se faz, na medida em que não quer, porque a vontade manda que haja vontade, não outra, mas ela mesma. Por isso não manda por inteiro; logo, aquela coisa que manda não existe. Pois, se fosse inteira, não mandaria que existisse, porque já existiria. Portanto não é uma monstruosidade em parte querer e em parte não querer, mas é uma doença do espírito, porque ele, carregado com o peso do hábito, não se ergue completamente, apoiado na verdade. E, assim, existem duas vontades, porque uma delas não é completa, e está presente numa aquilo que falta à outra.

[Refutação da doutrina dos Maniqueus sobre as duas naturezas]

X. 22. Pereçam diante de ti¹, ó Deus, como realmente perecem, os que dizem palavras vãs e os sedutores² da mente, os quais, como consideram duas vontades no acto de deliberar, afirmam que há duas naturezas próprias de duas mentes: uma boa, outra má. Eles é que são maus, quando pensam essas coisas más, e de igual modo eles serão bons se pensarem coisas verdadeiras e estiverem de acordo com elas, para que o teu Apóstolo lhes diga: *Fostes outrora trevas, agora, porém, sois luz no Senhor*³. Eles, querendo ser luz, não no Senhor, mas em si mesmos, julgando que a natureza da alma é aquilo que Deus é, deste modo se tornaram trevas mais densas, porque se afastaram para mais

¹ *Salmo* 67:3.

² *Tito* 1:10.

³ *Efésios* 5:8.

longe de ti, com abominável arrogância, de ti, verdadeira luz, que ilumina todo o homem que vem a este mundo¹. Atentai no que dizeis, e tende vergonha, e *aproximai-vos dele e sereis iluminados, e os vossos rostos não corarão de vergonha*². Quando eu deliberava pôr-me de imediato ao serviço do Senhor meu Deus³, tal como já há muito decidira, era eu quem queria, era eu quem não queria; era eu. Nem queria plenamente, nem plenamente não queria. E por isso lutava comigo mesmo e derrotava-me a mim próprio, e a própria derrota acontecia realmente contra a minha vontade, e todavia não mostrava a natureza de uma mente alheia, mas o sofrimento da minha mente. E por isso já não era eu o autor dessa derrota, mas sim o pecado que em mim habitava⁴, por castigo de um pecado mais livre, porque eu era filho de Adão.

23. Na verdade, se são tantas as naturezas contrárias quantas as vontades que a si mesmas resistem, já não serão duas as naturezas, mas várias. Se alguém ponderar se há-de ir à assembleia deles, os Maniqueus, ou ao teatro, eles dizem: ‘Eis aqui as duas naturezas, uma, a boa, que conduz para aqui, e outra, a má, que leva para acolá. Pois donde vem essa hesitação das vontades que a si mesmas são contrárias?’. Ora, eu digo que ambas são más, tanto a que conduz a eles, como a que leva ao teatro. Mas eles não acreditam que não é boa senão aquela por onde se vai até eles. E então se algum dos nossos ponderar e hesitar, debatendo-se entre si as duas vontades, se há-de ir ao teatro ou à nossa igreja, não hesitarão eles sobre o que hão-de responder? Pois, ou confessarão, coisa que não querem, que é por uma vontade boa que se vai à nossa igreja, tal como a ela vão aqueles que foram instruídos nos seus mistérios e neles se mantêm, ou considerarão que combatem num mesmo homem duas naturezas más e duas mentes más, e não será verdade o que costumam dizer – que uma é boa, a outra má – ou, ainda, converter-se-ão à verdade e não negarão que, quando alguém delibera, uma só alma se debate em vontades contrárias.

24. Por isso, quando defendem que, num mesmo homem, se opõem entre si duas vontades, deixem de dizer que se digladiam duas mentes contrárias, formadas de duas substâncias contrárias e de dois princípios contrários, uma boa, a outra má. Pois tu,

¹ João 1:9.

² Salmo 33:6.

³ Jeremias 30:9.

⁴ Romanos 7:17, 20.

Deus verdadeiro¹, não só os reprovos, mas também os refutas e vences, tal como acontece nas vontades que são ambas más, quando alguém delibera se há-de matar um homem com veneno ou com um punhal, se há-de assaltar esta ou aquela propriedade alheia, quando não pode assaltar ambas, se há-de comprar o prazer prodigamente ou se há-de conservar o dinheiro avaramente, se há-de ir ao circo ou ao teatro, se ambos os espectáculos forem no mesmo dia; acrescento uma terceira hipótese: se há-de roubar a casa alheia, se houver oportunidade; acrescento ainda uma quarta hipótese: se há-de cometer adultério, se simultaneamente se lhe oferecer a possibilidade, se todas as coisas se proporcionarem num mesmo momento, e de igual modo forem desejadas todas as coisas que não podem ser feitas ao mesmo tempo: elas dilaceram o espírito com estas quatro vontades, que entre si se opõem, ou ainda com mais, tanta é a abundância de coisas que se desejam, e todavia os Maniqueus não costumam dizer que há uma tão grande quantidade de substâncias contrárias. E o mesmo se passa com as vontades boas. Pois pergunto-lhes se é bom deleitarmo-nos com a leitura do Apóstolo, ou com um austero salmo, ou se é bom comentar o Evangelho. Responderão a cada uma destas questões: ‘É bom’. Mas então? Se todas essas coisas deleitam igualmente, em simultâneo e num mesmo momento, não é verdade que as diferentes vontades dividem o coração do homem, quando deliberamos sobre o que é preferível escolher? E todas são boas e lutam entre si, até que seja escolhida uma coisa, graças à qual seja reduzida a uma só toda a vontade, que se dividia em várias. Assim também, quando a eternidade deleita na parte superior de nós mesmos, e o prazer do bem temporal nos amarra na parte inferior, é a mesma alma que quer isto ou aquilo não com a vontade toda, e por isso dilacera-se em penoso sofrimento, quando prefere a eternidade por causa da verdade, não abandonando o prazer por causa do hábito.

[O combate entre a carne e o espírito]

XI. 25. Era esta a minha doença e torturava-me, acusando-me a mim próprio mais duramente do que o habitual, e virando-me e revolvendo-me nas minhas cadeias, até que se quebrasse totalmente aquela pela qual eu continuava preso, embora sendo pequena. E no entanto estava preso. E tu instavas comigo, Senhor, no mais íntimo de mim mesmo, aumentando, com severa misericórdia, as vergastadas do temor e do

¹ João 3:33; Romanos 3:4.

pudor, de modo a que eu não desistisse mais uma vez, e não se quebrasse aquela mesma cadeia pequena e frágil que tinha subsistido, e recobrasse forças e mais violentamente me amarrasse. Dizia a mim mesmo, dentro de mim: ‘É agora, é agora’, e, com estas palavras, já me encaminhava para a decisão. Já quase fazia, e não fazia, e contudo não voltava a cair nas coisas de outrora, mas ficava à beira delas e recuperava alento. E de novo tentava, e estava lá um pouco menos, e ainda um pouco menos, e quase, quase chegava lá e conseguia: e não estava lá, nem chegava lá, nem conseguia, hesitando em morrer para a morte e em viver para a vida, e o que de pior estava enraizado em mim tinha mais força do que o que de melhor em mim tinha o não costumado, e o próprio momento em que havia de me tornar outra coisa, quanto mais perto estava, tanto maior era o horror que me incutia; mas não me empurrava para trás nem me repelia, mas mantinha-me suspenso.

26. Retinham-me as frivolidades das frivolidades e as vaidades das vaidades¹, minhas amigas de há muito, e sacudiam-me a veste carnal, e murmuravam baixinho: ‘Mandas-nos embora?’, e ‘a partir deste momento, não estaremos contigo nunca mais’, e ‘a partir deste momento, não te será permitido isto e aquilo nunca mais’. E que coisas sugeriam naquilo que eu referi com ‘isto e aquilo’, que coisas sugeriam, meu Deus! Que a tua misericórdia as afaste da alma do teu servo! Que imundícies sugeriam, que ignomínias! E eu, menos de metade de mim, ouvia-as já ao longe, não como se me contradissem abertamente, indo ao meu encontro, mas como se murmurassem nas minhas costas e me beliscassem como que furtivamente, quando me afastava, para que olhasse para trás. Retardavam-me, todavia, hesitando eu em arrancar-me a elas, e em sacudi-las, e em saltar para onde era chamado, porque a tirania do costume me dizia: ‘Julgas que poderás passar sem isso?’

27. Mas isto já era dito com muito pouca convicção. Pois, daquele lado para onde eu voltara o rosto e para onde temia passar, abria-se-me a casta dignidade da continência, serena e não dissolutamente alegre, acariciando-me honestamente para que viesse e não hesitasse, e estendendo, para me receber e me abraçar, as piedosas mãos cheias de uma imensidão de bons exemplos. Aí estavam tantos jovens e donzelas, aí estava numerosa juventude, e gente de todas as idades, e as viúvas veneráveis, e as anciãs que ficaram

¹ *Eclesiastes* 1:2; 12:8.

virgens, e em todos havia a mesma continência, de modo algum estéril, mas mãe fecunda de filhos¹ das alegrias do esposo que és tu, Senhor. E ela ria-se de mim com riso animador, como se dissesse: ‘Tu não serás capaz do mesmo que estes, do mesmo que estas? Será então que estes e estas são capazes por si mesmos e não no Senhor seu Deus? O Senhor seu Deus concedeu-me a eles. Porque é que te apoias em ti e não te aguentas? Lança-te nele, não tenhas medo; ele não se afastará, deixando-te cair: lança-te com confiança, ele acolher-te-á e sarar-te-á’. E eu envergonhava-me muito, porque ainda ouvia os murmúrios daquelas frivolidades. E, cheio de hesitações, estava indeciso. E ela, de novo, como que dizia: ‘Torna-te surdo àqueles teus membros imundos sobre a terra², para que sejam mortificados. Eles falam-te de deleites, mas não segundo a Lei do Senhor teu Deus’³. Era esta a luta no meu coração: e não era senão de mim próprio contra mim próprio. E Alípio, sem sair de ao pé de mim, aguardava, em silêncio, o desenlace desta minha extraordinária perturbação.

[A conversão de Agostinho]

XII. 28. Quando, do mais íntimo recôndito da minha alma, uma profunda meditação arrancou e acumulou toda a minha miséria diante do olhar do meu coração⁴, desencadeou-se uma enorme tempestade, que trazia uma enorme chuva de lágrimas. E, para que eu derramasse toda essa chuva de lágrimas, com os seus clamores, levantei-me de junto de Alípio – a solidão parecia-me mais propícia à aflição do choro – e afastei-me para mais longe, de modo a que a presença dele não constituísse para mim mais um peso. Era assim que eu estava, e ele percebeu-o, pois, julgo, eu tinha dito não sei o quê em que o som da minha voz já se mostrava carregada de choro, e assim me levantara. Ele ficou onde estávamos sentados, deveras perplexo. Eu deitei-me debaixo de uma figueira, não sei de que modo, e soltei as rédeas às lágrimas, e dos meus olhos brotaram rios, sacrifício digno de ser aceite por ti⁵, e não propriamente nestas palavras, mas com este sentido, disse-te muitas coisas: *E tu, Senhor, até quando?*⁶ *Até quando, Senhor, estarás irado para sempre?*⁷ *Não te lembres das nossas antigas iniquidades*¹. Pois

¹ Salmo 112:9.

² Colossenses 3:5.

³ Salmo 118:85.

⁴ Salmo 15:8; 18:15; Actos 2:25.

⁵ Salmo 50:19.

⁶ Salmo 6:4.

⁷ Salmo 78:5.

sentia que elas ainda me prendiam. Soltava palavras dignas de compaixão: ‘Por quanto tempo, por quanto tempo mais continuarei a dizer ‘amanhã’ e ‘amanhã’? Porque não já? Porque não neste momento o fim da minha torpeza?’

29. Dizia isto e chorava com a contrição amaríssima do meu coração. E eis que ouço uma voz vinda da casa ao lado², com o canto de alguém, não sei se menino ou menina, que dizia e repetia muitas vezes: ‘Toma, lê, toma, lê’. E de imediato, com o semblante mudado, atentíssimo, comecei a pensar se as crianças costumavam cantar tais palavras em algum tipo de brincadeira, e não me ocorria de maneira alguma que o tivesse ouvido em algum lugar, e, abafado o ímpeto das lágrimas, levantei-me, interpretando que o que me era ordenado por uma ordem divina não era senão que abrisse o códice e lesse o primeiro capítulo que encontrasse. Tinha ouvido contar acerca de Antão³ que, por uma leitura do Evangelho, a que assistira por acaso, tinha sido interpelado, como se para si mesmo fosse dito o que era lido: *Vai, vende tudo o que tens, dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus; depois vem, e segue-me*⁴, e com tal oráculo imediatamente a ti se converteu. E assim, abalado, voltei àquele lugar onde Alípio estava sentado: pois eu tinha aí deixado o códice do Apóstolo, quando de lá me levantara. Peguei nele, abri-o, e li em silêncio o capítulo sobre o qual em primeiro lugar os meus olhos caíram: *Nem em comezainas e bebedeiras, nem em libertinagens e dissoluções, nem em rivalidades e invejas, mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis a satisfação da carne na concupiscência*⁵. Não quis ler mais, nem era preciso. Pois, logo que acabei esta frase, derramando-se no meu coração como que uma luz de segurança, todas as trevas da dúvida se dissiparam.

30. Então, assinalando com o dedo ou não sei com que outra marca, fechei o códice e, com o semblante já tranquilo, contei a Alípio. E ele contou o que se passava consigo – que eu não sabia. Pediu para ver o que eu lera: mostrei-lho e ele avançou um pouco mais além do que eu tinha lido. E eu ignorava o que se seguia. Continuava assim: *Recebei o fraco na fé*⁶. Isto aplicou-o ele a si mesmo e disse-mo. Mas, encontrando

¹ Salmo 78:8.

² Apocalipse 14:2.

³ Atanásio, *Vita Antonii* 2.

⁴ Mateus 19:21.

⁵ Romanos 13:13-14.

⁶ Romanos 14:1.

forças em tal exortação, sem se perturbar nem hesitar, juntou-se a mim na resolução e no propósito, bom e inteiramente conforme com os seus costumes, pelos quais já há muito se distanciava de mim para melhor. Depois vamos junto de minha mãe, damos-lho a saber, e ela rejubila. Contamos como tinha acontecido: exulta, e fica radiante, e bendizia-te, a ti que és poderoso acima do que pedimos ou entendemos fazer¹, porque via que tu lhe tinhas concedido, relativamente a mim, muito mais do que ela costumava pedir com lamentações, lágrimas e gemidos. Pois converteste-me a ti, de tal modo que já não procurava esposa, nem nenhuma esperança deste mundo, estando de pé naquela régua da fé² na qual tantos anos antes tu me tinhas mostrado a ela, e transformaste o seu pranto em alegria³, muito mais fecunda do que ela desejara, e muito mais querida e casta do que a que procurara nos netos da minha carne.

¹ *Efésios* 3:20.

² Cf. Livro III. XI. 19.

³ *Salmo* 29:12.

LIVRO IX

[Agostinho louva a bondade de Deus e reconhece a sua miséria]

I. 1. Ó Senhor, *eu sou o teu servo, eu sou o teu servo e filho da tua serva. Quebraste as minhas cadeias; sacrificar-te-ei uma vítima de louvor*¹. Louve-te o meu coração e a minha língua, e digam todos os meus ossos: *Senhor, quem semelhante a ti?*² Digam, e tu responde-me, e diz à minha alma: eu sou a tua salvação³. Quem sou eu e como sou eu? Que mal há que não o tenham sido os meus actos, ou, se não os meus actos, as minhas palavras, ou, se não as minhas palavras, a minha vontade? Tu, porém, Senhor, és bom e misericordioso⁴, e, com a tua mão direita, sondas a profundidade da minha morte, e esvazias do fundo do meu coração o abismo da corrupção. E isto era tudo: não querer o que eu queria e querer o que tu querias⁵. Mas onde estava, em espaço de tantos anos, e de que íntimo e profundo lugar secreto foi chamado, num momento, o meu livre arbítrio, para que submetesse a cerviz ao teu suave jugo, e os ombros ao teu leve fardo⁶, Cristo Jesus, meu auxílio e meu redentor⁷? Como de súbito se tornou suave para mim passar sem a suavidade das frivolidades, e já era motivo de alegria renunciar àquilo que tivera medo de perder! Pois tu expulsava-las de mim, tu, verdadeira e suprema suavidade, expulsavas e entravas em vez delas, tu, mais doce que todo o prazer, mas não para a carne e para o sangue⁸, mais brilhante que toda a luz, mas mais interior que toda a intimidade, mais sublime que toda a glória, mas não para os que são sublimes para si mesmos. O meu espírito já estava livre dos cuidados que me consumiam⁹, cuidados de ambicionar, e enriquecer, e revolver, e coçar a sarna dos desejos, e conversava contigo, minha claridade, e minha riqueza, e minha salvação, Senhor meu Deus.

¹ *Salmo* 115:16-17(7-8).

² *Salmo* 34:10.

³ *Salmo* 34:3.

⁴ *Êxodo* 34:6; *Salmo* 85:15; 102:8.

⁵ *Mateus* 26:39; *Marcos* 14:36.

⁶ *Mateus* 11:30.

⁷ *Salmo* 18:15.

⁸ *Mateus* 16:17; 1 *Coríntios* 15:50; *Gálatas* 1:16.

⁹ Horácio, *Odes* I 18, 4.

[Adiamento da decisão de abandonar a profissão de retor]

II. 2. E pareceu-me bem, na tua presença¹, não arrancar abruptamente, mas subtrair suavemente o ministério da minha língua às feiras da tagarelice, para que os jovens, que meditam não na tua Lei², não na tua paz, mas sim em desvarios mentirosos³ e em batalhas forenses, não mais comprassem, da minha boca, as armas para a sua loucura. E, muito a propósito, faltavam já pouquíssimos dias para as férias das vindimas⁴, e decidi suportá-los, para me retirar como habitualmente, e, resgatado por ti, já não regressar disposto a vender-me. Pois era esta a nossa decisão perante ti, mas ainda não perante os homens, excepto os que me eram próximos, e tinha sido combinado entre nós que não se divulgaria a qualquer pessoa indistintamente, embora tu, a nós que subíamos deste vale de lágrimas⁵ e cantávamos o cântico das subidas⁶, nos tivesses dado setas aguçadas e carvões devastadores contra a língua capciosa⁷, que contradiz como se aconselhasse, e que devora, amando, como costuma devorar a comida.

3. Tu, com a tua caridade, tinhas asseado o nosso coração⁸, e levávamos as tuas palavras cravadas nas nossas entranhas, e os exemplos dos teus servos – que, de trevas fizeras luz, e de mortos fizeras vivos –, acumulados no íntimo do nosso pensamento, queimavam e consumiam o pesado torpor, para que não nos inclinássemos para as coisas inferiores, e abrasavam-nos intensamente, de modo a que todo o vento de contradição, vindo da língua capciosa⁹, nos pudesse mais vivamente inflamar, e não extinguir. Mas, uma vez que, por causa do teu nome, que santificaste por toda a terra¹⁰, também o nosso desejo e o nosso propósito teriam, de toda a maneira, quem os louvasse, podia parecer quase presunção não aguardar o tempo das férias já tão próximo, mas retirar-me antes de uma profissão pública e exposta aos olhos de todos, de tal maneira que, virados para a minha atitude os rostos de todos, que viam que eu tinha

¹ *Gênesis* 30:27; *Salmo* 18:15.

² *Salmo* 118:70.

³ *Salmo* 39:5.

⁴ Decorriam entre 22 de Agosto e 15 de Outubro.

⁵ *Salmo* 83:6-7.

⁶ *Salmos* 119 a 133. Na peregrinação a Jerusalém, os Judeus entoavam os salmos das ‘subidas’ ou dos ‘degraus’ enquanto subiam os degraus do templo. Agostinho dá um sentido místico a essa ‘subida’ em *Enarrationes in psalmos* 119. 1.

⁷ *Salmo* 119:3-4.

⁸ *Salmo* 10:3; *Provérbios* 7:23.

⁹ *Salmo* 119:2-3.

¹⁰ *Ezequiel* 36:23.

querido antecipar o dia das férias das vindimas, já tão próximo, se fartassem de falar, como se eu tivesse pretendido parecer importante. E que me importava a mim que se dissesse e desdissesse da minha disposição de espírito e se caluniasse o nosso bem¹?

4. E além disso, porque nesse mesmo Verão, por causa do excessivo trabalho escolar, o meu pulmão começava a ressentir-se, e a ter dificuldade em respirar fundo, e a indicar, pelas dores no peito, que estava atingido, e a recusar uma voz mais clara ou mais prolongada, primeiramente tinha-me perturbado, já que me obrigava a largar, quase por necessidade, o fardo daquele magistério, ou, se pudesse curar-me e convalescer, pelo menos a interrompê-lo. Mas quando a vontade plena de dispor de tempo e de ver que tu és o Senhor² nasceu em mim e ganhou firmeza – tu sabe-lo, meu Deus – até comecei a alegrar-me porque também surgira esta desculpa não mentirosa, que poderia atenuar o descontentamento dos homens que, por causa dos seus filhos, não queriam nunca que eu fosse livre³. Por isso, cheio dessa tão grande alegria, suportava aquele espaço de tempo, até que decorresse – não sei se chegavam a ser uns vinte dias – mas todavia suportava-os penosamente, porque se tinha ido embora a ambição, que, juntamente comigo, costumava acarretar o peso da tarefa, e tinha ficado eu, para ser esmagado, se a paciência não substituísse a ambição. Qualquer um dos teus servos, meus irmãos, poderá dizer que eu errei nesta decisão, porque, com o coração já cheio da tua milícia, aceitei, ainda que apenas por uma hora, sentar-me na cátedra⁴ da mentira. E eu não discuto. Mas tu, Senhor misericordiosíssimo, acaso, na água santa, não esqueceste e me perdoaste este pecado, juntamente com todos os outros, horrendos e mortais?

[Na quinta de Verecundo: repouso e reflexão]

III. 5. Verecundo afligia-se de angústia com esse nosso bem, porque via que seria privado da nossa companhia por causa das suas amarras, que tão estreitamente o prendiam. Ainda não cristão, ficava para trás no caminho que tínhamos tomado, por causa da esposa, crente, todavia ela própria um grilhão mais apertado que os restantes, e dizia que não queria ser cristão de outro modo senão aquele pelo qual não podia. Muito

¹ Romanos 14:16.

² Salmo 45:11.

³ Jogo de palavras intraduzível entre *liberi* (filhos) e *liber* (livre).

⁴ Salmo 1:1.

bondosamente ofereceu que, durante quanto tempo aí estivéssemos, o fizéssemos numa propriedade sua. Retribuir-lhe-ás, Senhor, na ressurreição dos justos¹, porque já lhe retribuíste a própria recompensa². Pois, embora estando nós ausentes, porque já estávamos em Roma, atingido por uma doença do corpo, e tornando-se durante a doença cristão e fiel, partiu desta vida. Assim te compadeceste não só dele, mas também de nós, para que, pensando na egrégia bondade daquele amigo para conosco, e não o contando na tua grei, não nos atormentássemos com uma dor insuportável. *Graças te sejam dadas*, ó nosso Deus³! Somos teus. Revelam-no os teus incitamentos e as tuas consolações. Fiel nas promessas, dás a Verecundo, em troca daquela sua quinta em Cassiciaco⁴, onde em ti repousámos da agitação mundana, a amenidade do teu paraíso eternamente verdejante, porque lhe perdoaste os pecados sobre a terra⁵, na montanha abundante em pastagens⁶, a tua montanha, montanha da fertilidade⁷.

6. Ora, nessa altura, Verecundo angustiava-se, Nebrídio⁸, ao invés, alegrava-se conosco. Pois, embora também este, ainda não cristão, tivesse caído naquele fosso⁹ do perniciosíssimo erro¹⁰, acreditando que era uma aparência a carne da verdade, que é o teu Filho¹¹, todavia, emergindo de lá, a sua disposição era tal que, embora ainda não instruído em nenhum dos mistérios da tua Igreja, todavia procurava ardentissimamente a verdade. Não muito depois da nossa conversão e regeneração pelo teu baptismo, também ele mesmo fiel católico, servindo-te em África junto dos seus, em castidade perfeita e continência, tendo-se tornado cristão toda a sua casa por influência sua, tu libertaste-o da carne. E agora ele vive no seio de Abraão¹². Seja o que for aquilo que é designado por ‘seio de Abraão’, aí vive o meu Nebrídio, meu doce amigo, mas, Senhor, de liberto tornado teu filho adoptivo: aí vive. Pois que outro lugar haverá para uma alma como a dele? Aí vive, no lugar acerca do qual me perguntava muitas coisas, a mim,

¹ Lucas 14:14.

² Salmo 124:3.

³ Lucas 18:11.

⁴ Local não identificado. Pensou-se em Cassago di Brianza, ou em Casciago, perto de Varese, respectivamente a c. 35 km e c. 55 km de Milão. Hoje em dia dá-se preferência à primeira destas identificações.

⁵ Mateus 9:5-6; Marcos 2:5, 9; Lucas 5:23-24.

⁶ Agostinho utiliza o adjetivo *incaseatus*, que significa ‘abundante em queijo’, fazendo um jogo de palavras entre *Cassiciaco* e *incaseato*.

⁷ Salmo 67:16.

⁸ Nebrídio morreu em 390 ou 391. Subsistem, entre as Epístolas de Agostinho, algumas de sua autoria (5, 6 e 8: *PL* 33, 67), com as respectivas respostas.

⁹ Salmo 7:16.

¹⁰ Alusão ao maniqueísmo.

¹¹ João 14:6.

¹² Lucas 16:22.

pobre homem inexperiente. Já não aproxima o seu ouvido da minha boca, mas sim a sua boca espiritual da tua fonte, e bebe, quanto é capaz, a sabedoria, na medida da sua avidez, numa felicidade sem fim. E não creio que ele se deixe inebriar por ela a ponto de se esquecer de mim, quando tu, Senhor, que ele bebe, te lembras de nós¹. Assim estávamos, pois, consolando Verecundo, entristecido, embora a amizade estivesse intacta, com essa nossa conversão, e exortando-o à fé do seu estado, isto é, a vida conjugal, ao passo que aguardávamos pelo momento em que Nebrídio nos pudesse seguir. Ele estava muito próximo de o poder, e estava mesmo a fazê-lo, e eis que passaram finalmente aqueles dias. Pois pareciam-me longos e imensos, por causa do amor da liberdade disponível para cantar, com todas as minhas entranhas: A ti disse o meu coração, procurei o teu rosto; o teu rosto, Senhor, eu procurarei².

[Produção literária em Cassiciaco; a cura repentina de uma dor de dentes]

IV. 7. E chegou o dia em que, também em acto, seria libertado da profissão de retor, da qual, em pensamento, já me tinha libertado. E assim se fez, arrancaste a minha língua donde já tinhas arrancado o meu coração, e, alegre, bendizia-te, tendo partido para a quinta com todos os meus. Do que aí fiz, nas letras, já verdadeiramente postas ao teu serviço, mas ainda respirando a escola da soberba, como se fosse numa pausa, dão testemunho os livros discutidos com os que estavam comigo³, e comigo próprio, sozinho na tua presença⁴; do que, por outro lado, discuti com Nebrídio, que estava ausente, dão testemunho as cartas⁵. E que tempo me será suficiente para lembrar todos os teus imensos benefícios para conosco naquela época, sobretudo tendo eu pressa de chegar a outros maiores? Pois a minha recordação faz-me voltar ao passado, e torna-se-me doce, Senhor, confessar-te com que agulhões interiores me domaste inteiramente, e de que modo me aplanaste com as montanhas da humildade e as colinas dos meus pensamentos, e como endireitaste o que em mim era tortuoso⁶, e suavizaste o que em mim era áspero⁷, e de que modo também submeteste o próprio Alípio, irmão do meu

¹ *Salmo* 135:23.

² *Salmo* 26:8.

³ Trata-se de *Contra Academicos*, *De Beata uita* e *De Ordine*.

⁴ Alusão aos *Soliloquia*.

⁵ *Epistolae* 3 e 4.

⁶ *Lucas* 3:4.

⁷ *Isaías* 40:3-4.

coração, ao nome do teu Unigénito, Senhor e nosso Salvador Jesus Cristo¹, nome que ele, primeiramente, desdenhava que fosse incluído nas nossas obras. Pois ele preferia que elas cheirassem aos cedros dos ginásios, que o Senhor já abateu², e não às salutares ervas da Igreja, adversas às serpentes.

8. Que clamores te dirigi, meu Deus, quando lia os salmos de David, cânticos de fé, sons de piedade que afastam o espírito inchado, eu, que era principiante no teu amor autêntico, catecúmeno, na quinta, em sossego com Alípio, também catecúmeno, juntando-se-nos minha mãe, com vestes femininas, fê varonil, com segurança de anciã, caridade de mãe e piedade cristã! Que clamores te dirigia naqueles salmos e como, por eles, me inflamava por ti, e ardia em desejo de, se pudesse, os recitar em todo o orbe terrestre, contra o orgulho do género humano! E todavia em todo o orbe são cantados, e *não há quem se esconda do teu calor*³. Com que veemente e violenta dor me indignava contra os Maniqueus, e de novo me apiedava deles, porque desconheciam aqueles mistérios, aqueles medicamentos e, loucos, estavam contra o antídoto com o qual poderiam ficar sãos! Teria querido, naquele momento, que estivessem em algum lugar próximo, e, não sabendo eu que estavam ali, olhassem o meu rosto e ouvissem os meus clamores, quando li o quarto Salmo, naquele repouso de então, e o que aquele Salmo fez de mim: *Como o invocasse, ouviu-me o Deus da minha justiça; na tribulação, aliviaste-me. Tem compaixão de mim, Senhor, e atende a minha prece*⁴. Que me ouvissem, não sabendo eu se me ouviam, para que não julgassem que era por causa deles que eu dizia aquilo que dizia entre estas palavras, porque, na verdade, nem as diria, nem assim as diria, se sentisse que era ouvido e visto por eles, nem, se as dissesse, eles entenderiam como as dizia, comigo e para mim, diante de ti, nascidas do íntimo afecto do meu espírito.

9. Horrорizava-me, temendo, e aí mesmo fui invadido por uma ardente inquietação, esperando e exultando na tua misericórdia⁵, ó Pai. E todas estas coisas saíam pelos meus olhos e pela minha voz, quando, voltando-se para nós, o teu espírito bom⁶ nos diz:

¹ 2 Pedro 3:18.

² Salmo 28:5.

³ Salmo 18:7.

⁴ Salmo 4:2.

⁵ Salmo 30:7-8.

⁶ Salmo 142:10; Sabedoria 12:1.

*Filhos dos homens, até quando sereis duros de coração? Porque amais a vaidade e procurais a mentira?*¹ Pois eu tinha amado a vaidade e procurara a mentira. E tu, Senhor, já tinhas exaltado o teu santo², ressuscitando-o dos mortos e colocando-o à tua direita³, donde enviaria, lá do alto, a sua promessa, o Paráclito, Espírito da verdade⁴. E já o enviara⁵, mas eu não sabia. Tinha-o enviado, porque já tinha sido exaltado, ressuscitando dos mortos⁶ e subindo ao céu⁷. Anteriormente, porém, *o Espírito ainda não tinha sido concedido, porque Jesus ainda não tinha sido glorificado*⁸. E clama a profecia: *Até quando sereis duros de coração? Porque amais a vaidade e procurais a mentira? E sabeis que o Senhor glorificou o seu santo*⁹. Clama ‘até quando?’, clama ‘sabei’, e eu, não o sabendo durante tanto tempo, amei a vaidade e procurei a mentira, e por isso ouvi e tremi¹⁰, porque com tais palavras se diz aquilo que eu me lembrava ter sido. Pois, nas falácias que eu tinha tomado como sendo a verdade, estava a vaidade e a mentira. E fiz ressoar muitas coisas, pesada e duramente, na dor da minha recordação. Oxalá as tivessem ouvido aqueles que, até agora, amam a vaidade e procuram a mentira: talvez se perturbassem e vomitassem o seu erro, e tu os escutasses quando clamassem por ti¹¹, porque morreu por nós, com morte verdadeira da carne, aquele que junto de ti intercede por nós¹².

10. Eu lia: *Irai-vos e não pequeis*¹³, e como eu me comovia, meu Deus, eu que já aprendera a irar-me contra o passado, de modo a que não pecasse daí em diante, e a irar-me justificadamente, porque não era uma outra natureza de gente das trevas que através de mim pecava, tal como dizem aqueles Maniqueus, que não se iram contra si mesmos, e amontoam a ira contra si mesmos *no dia da ira e da revelação do teu justo juízo*¹⁴! Os meus bens já não estavam fora de mim, nem eu os procurava, neste sol, com os olhos da carne. Pois os que querem alegrar-se por fora, facilmente esvanecem, e dissipam-se nas

¹ Salmo 4:3.

² Salmo 4:4.

³ Efésios 1:20.

⁴ Lucas 24:49; João 14:16-17.

⁵ Actos 2:1-4.

⁶ Romanos 6:9; 7:4; 1 Coríntios 15:20.

⁷ João 3:13; Efésios 4:10.

⁸ João 7:39.

⁹ Salmo 4:3-4.

¹⁰ Habacuc 3:16.

¹¹ Salmo 4:4; 30:23.

¹² Romanos 8:34.

¹³ Salmo 4:5; Efésios 4:26.

¹⁴ Romanos 2:5.

coisas que se vêem e são temporais¹, e lambem as suas imagens com pensamento faminto. E oh!, se se cansarem de inédia e disserem: ‘Quem nos mostrará o bem?’² E nós dissermos e eles ouvirem: *Foi gravada em nós a luz do teu rosto, Senhor*³. Pois nós não somos a luz que ilumina todo o homem⁴, mas somos iluminados por ti, para que nós, que outrora fomos trevas, sejamos luz em ti⁵. Oh! Se eles vissem dentro de si o eterno interno, que eu, porque o tinha saboreado⁶, me indignava por não poder mostrá-lo a eles, se trouxessem até mim o seu coração, nos seus olhos, fora de ti, e dissessem: ‘Quem nos mostrará o bem?’⁷ Pois aí, onde me irara contra mim mesmo, dentro, no meu leito, onde me tinha compungido⁸, onde oferecera um sacrifício, imolando o que em mim era velho⁹, e começando a meditação da minha renovação na tua esperança, aí tu começavas a ser doce para mim, e tinhas dado a alegria ao meu coração¹⁰. E eu exclamava, lendo estas coisas fora de mim, e reconhecendo-as dentro de mim, e não queria ser acrescentado em bens terrenos, devorando os tempos e devorado pelos tempos, já que tinha, na eterna simplicidade, um outro trigo, e vinho, e azeite¹¹.

11. E clamava, no versículo seguinte, com o profundo clamor do meu coração: Oh!, na paz! Oh! ‘em si mesmo’¹²! Oh! que disse ele: Adormecerei e dormirei¹³? Porque quem nos resistirá quando *se cumprir a palavra que está escrita: A morte foi engolida na vitória*¹⁴? E tu és sem dúvida o ‘em si mesmo’¹⁵, tu que não mudas¹⁶, e em ti está o repouso que faz esquecer todos os trabalhos¹⁷, porque não há nenhum outro contigo, nem para alcançar aquelas muitas outras coisas que não são o que tu és, mas *tu, Senhor, só tu me assentaste na esperança*¹⁸. Lia, e inflamava-me, e não descobria que havia de

¹ 2 Coríntios 4:18.

² Salmo 4:6.

³ Salmo 4:7.

⁴ João 1:9.

⁵ Efésios 5:8.

⁶ Salmo 33:9; 1 Pedro 2:3.

⁷ Salmo 4:6.

⁸ Salmo 4:5.

⁹ Efésios 4:22; Colossenses 3:9.

¹⁰ Salmo 4:7.

¹¹ Salmo 4:8.

¹² A expressão *id ipsum* é considerada por Agostinho como designando a essência de Deus, sinónimo, portanto, de ‘eu sou o que sou’. Trata-se de facto de uma má compreensão do texto hebraico, cuja interpretação correcta seria ‘agora’: *Agora, em paz, dormirei e descansarei*.

¹³ Salmo 4:9.

¹⁴ 1 Coríntios 15:54.

¹⁵ Salmo 4:9.

¹⁶ Malaquias 3:6.

¹⁷ Génesis 41:51.

¹⁸ Salmo 4:10.

fazer aos surdos-mortos, a cujo número eu tinha pertencido, eu, flagelo, ladrador resabiado e cego contra as Escrituras, melíferas do mel do céu, e luminosas da tua luz¹, e definha por causa dos inimigos² da Escritura.

12. Quando recordarei todas as coisas daqueles dias de férias? Mas nem me esqueci, nem calarei a severidade do teu açoite e a admirável presteza da tua misericórdia. Torturavas-me nessa altura com uma dor de dentes, e, como se agravasse a ponto de eu não conseguir falar, veio-me ao coração³ recomendar a todos os meus, que me rodeavam, que te pedissem por mim, a ti, Deus de todo o género de salvação⁴. E escrevi-o numa tabuinha de cera, e dei-a para que lhes fosse lida. Logo que, com sentimento de súplica, ajoelhámos, desapareceu aquela dor. Mas que dor? Ou como desapareceu? Senti pavor, confesso-o, *meu Senhor e meu Deus*⁵: pois nada de semelhante tinha experimentado desde a mais tenra idade. E no mais fundo de mim mesmo se entranharam os sinais da tua vontade, e, alegrando-me na fé, louvei o teu nome⁶, e essa fé não me deixava estar tranquilo quanto aos meus pecados passados, que ainda não tinham sido perdoados pelo baptismo.

[Consulta a Ambrósio sobre as leituras a fazer antes do baptismo]

V. 13. Terminadas as férias das vindimas, fiz saber que os habitantes de Milão deviam arranjar outro vendedor de palavras para os seus estudantes, dado que, não só eu tinha escolhido pôr-me ao teu serviço, mas também não estava capaz de aguentar aquela profissão, por causa da dificuldade em respirar e da dor no peito. Também confidenciei, por carta, ao teu bispo, Ambrósio, um santo homem, os meus erros passados e o meu presente propósito, para que ele me recomendasse o que de mais importante eu devia ler de entre os teus Livros, a fim de que me tornasse mais preparado e apto para receber uma tão grande graça. E ele mandou-me ler o profeta Isaías, segundo julgo, por ele ser, em comparação com os restantes, o mais claro prenunciador do Evangelho e da vocação dos gentios. Mas, não entendendo eu a primeira leitura que dele fiz, e julgando que era

¹ *Salmo* 118:103, 105.

² *Salmo* 138:21.

³ *Jeremias* 32:35; 51:50; *Lucas* 24:38; 1 *Coríntios* 2:9.

⁴ *Salmo* 17:47; 37:23.

⁵ *João* 20:28.

⁶ *Salmo* 144:2; *Eclesiástico* 51:15.

todo assim, guardei-o para mais tarde, para o retomar quando estivesse mais instruído na palavra do Senhor.

[Batismo de Agostinho, Alípio e Adeodato, em Milão]

VI. 14. Depois, quando chegou o momento em que devia dar o nome¹, deixada a quinta, regressámos a Milão. Também a Alípio foi grato renascer em ti, juntamente comigo, ele que já estava revestido da humildade² conforme com os teus mistérios, e que era um fortíssimo domador do corpo, a ponto de, com arrojo invulgar, caminhar sobre o chão gelado de Itália com os pés descalços. Juntámos também a nós o jovem Adeodato, nascido de mim carnalmente do meu pecado. Tu tinha-lo feito bem. Tinha cerca de quinze anos e era superior, pelos seus dotes naturais, a muitos homens austeros e doutos. Confesso-te as tuas dádivas, Senhor meu Deus, criador de todas as coisas³ e poderosíssimo em dar forma ao que em nós é disforme: pois eu, naquele rapaz, não tinha nada além do pecado. Porque na verdade nós também o alimentávamos na tua disciplina, tu no-lo tinhas inspirado, ninguém mais: confesso-te as tuas dádivas. Há um livro nosso, que se chama *O Mestre*⁴: é ele próprio quem aí conversa comigo. Tu sabes⁵ que são dele todos os pensamentos que aí constam, na pessoa do meu interlocutor, embora ele estivesse nos seus dezasseis anos. Tive experiência de muitas outras coisas suas muito mais maravilhosas. O seu talento assustava-me: e quem, senão tu, é o autor de tais maravilhas? Cedo arrancaste da terra a sua vida, e eu recordo-o, mais tranquilo, sem recluir o que quer que seja, nem quanto à sua infância, nem quanto à adolescência, nem absolutamente nada quanto ao homem que ele seria. Associámo-lo a nós, sendo ele da nossa idade na tua graça, para que fosse educado na tua disciplina: e fomos baptizados⁶, e abandonou-nos a preocupação pela vida passada. E eu não me saciava, naqueles dias, daquela admirável doçura de considerar a profundidade dos teus desígnios sobre a salvação do género humano. Quanto eu não chorei nos hinos e nos teus cânticos⁷, vivamente comovido pelas vozes da tua Igreja que suavemente cantava!

¹ Cf. Livro VIII. II. 4. O facto referido por Agostinho terá ocorrido em 10 de Março, dia em que, no ano de 387, começou a Quaresma.

² *Colossenses* 3:12.

³ 2 *Macabeus* 1:24; Ambrósio, *Hinos* I 2,1 (PL 16, 1409).

⁴ *De Magistro*, escrito em 389, em Tagaste.

⁵ *Tobias* 3:16; 8:9; *Salmo* 68:6; *João* 21:15-16.

⁶ Foi baptizado por Ambrósio, na noite de Páscoa (24/ 25 de Abril do ano 387).

⁷ *Efésios* 5:19.

Aquelas vozes insinuavam-se nos meus ouvidos, e a verdade infiltrava-se no meu coração, e daí transbordava o sentimento da piedade, e corriam as lágrimas, e eu sentia-me bem com elas.

[Introdução do canto na Igreja de Milão e o achamento dos corpos dos mártires Protásio e Gervásio]

VII. 15. A Igreja de Milão começara pouco tempo antes a celebrar este género de consolação e de exortação, com grande entusiasmo dos irmãos, que cantavam em coro com as vozes e os corações. Havia seguramente um ano, ou não muito mais, que Justina, mãe do jovem imperador Valentiniano¹, perseguia o teu servo Ambrósio², por causa da heresia para a qual fora seduzida pelos Arianos³. O povo de Deus velava na igreja, disposta a morrer com o seu bispo, o teu servo. Aí minha mãe, tua serva, tomando o primeiro lugar na preocupação e nas vigílias, vivia das orações. Nós, então ainda gelados longe do calor do teu espírito, éramos todavia contagiados pela cidade, consternada e perturbada. Nessa altura estabeleceu-se que se cantassem hinos e salmos⁴, segundo o costume das regiões do Oriente, para que o povo não se consumisse de cansaço e tristeza: costume que se conservou desde então até hoje, sendo já muitos e quase todos os que, nos teus rebanhos e pelo resto do mundo, o imitam.

16. Nessa altura, por meio de uma visão, revelaste ao teu referido bispo o lugar em que jaziam ocultos os corpos dos mártires Protásio e Gervásio⁵, que tu tinhas conservado incorruptos durante tantos anos no tesouro do teu segredo, de onde os havias de pôr a descoberto no momento oportuno, para refrear a raiva feminina, mas imperial. Ora, sendo os corpos, descobertos e desenterrados, trasladados com a devida honra para a basílica ambrosiana⁶, não só se curavam aqueles que os espíritos imundos

¹ Valentiniano II, que subiu ao poder em 383, com doze anos de idade, após o assassinio de Graciano.

² Justina exigiu a Ambrósio, que obviamente recusou, uma das basílicas de Milão para o culto herético. Aí se reuniram, para a defender, os referidos fiéis. Um ano antes, pelas mesmas razões, verificara-se idêntico conflito e reacção dos crentes, tendo o imperador acabado por ceder. (cf. Ambrósio, *Epist.* 20,1).

³ Heresia cristológica, com inúmeros matizes, que adoptou o nome do seu fundador, Ário, nascido na Líbia, em finais do séc. III. Sacerdote em Alexandria, entrou em ruptura com Alexandre, o seu bispo, afirmando que, se o Pai gerou o Filho, então este teve um começo, não podendo ser igual ao Pai. Houve um tempo em que o Filho não existia, ainda não fora gerado, pelo que também foi feito do nada como as outras criaturas. O arianismo nega pois a unidade na Trindade e sustenta a desigualdade substancial entre o Pai (invisível) e o Filho (visível).

⁴ *Colossenses* 3:16.

⁵ Os factos relatados referem-se ao ano de 386.

⁶ Basílica fundada por um outro Ambrósio, que não Santo Ambrósio.

atormetavam¹, confessando-o os mesmos demónios, mas também um cidadão, cego havia muitos anos e conhecidíssimo na cidade, tendo perguntado e ouvido a causa do povo em tumultuosa alegria, levantou-se de imediato e pediu ao seu guia que o conduzisse lá. Quando, levado por este, lá chegou, pediu que o deixassem tocar, com um lenço, no esquite da morte, dos teus santos², preciosa a teus olhos³. Mal o fez e levou o lenço aos olhos, imediatamente eles se abriram⁴. Logo se espalhou a notícia, logo ferveram e brilharam os teus louvores, logo o espírito daquela inimiga, ainda que não tenha chegado à sanidade da fé, todavia reteve-se do furor da perseguição. *Graças te sejam dadas*, meu Deus⁵! De onde e para onde conduziste a minha recordação, de modo a que também te confessasse estas coisas que, embora grandes, eu, esquecido delas, tinha omitido? E todavia, nessa altura, ainda que se espalhasse o perfume dos teus unguentos, não corríamos após ti⁶; por isso chorava eu mais durante os cânticos dos teus hinos, há muito tempo suspirando por ti e por fim respirando, tanto quanto o ar se expande na casa de feno⁷.

[Um novo companheiro: Evódio. Evocação dos primeiros anos de Mónica]

VIII. 17. Tu, que fazes habitar numa só casa os que têm uma só alma⁸, juntaste também a nós Evódio, um jovem do nosso município⁹. Este, servindo como agente de negócios, converteu-se antes de nós a ti¹⁰, e foi baptizado, e, abandonando a milícia do século, tomou armas na tua. Estávamos juntos, juntos tínhamos a intenção de habitar na tua santa Lei. Procurávamos que lugar nos seria de maior utilidade para te servirmos: juntamente regressávamos a África. E estando nós em Óstia, na foz do Tibre, minha mãe morreu. Passo muitas coisas em silêncio, porque tenho muita pressa. Recebe as minhas confissões e acções de graças, meu Deus, também pelas inumeráveis coisas

¹ Lucas 6:18.

² Salmo 115:15(6).

³ Génesis 30:27; Salmo 18:15.

⁴ Há referências a este milagre em Agostinho (*A Cidade de Deus* XXII. VIII. 2, PL 41, 761, e *Sermões* 286.4) e Paulino de Milão (*Vida de Ambrósio* 14, PL 14, 31). Severo seria o nome deste homem que se consagrou ao serviço da Igreja.

⁵ Lucas 18:11.

⁶ Cântico 1:3.

⁷ Isaías 40:6.

⁸ Salmo 67:7.

⁹ Evódio é interlocutor de Agostinho nas obras *De Quantitate animae* e *De Libero arbitrio*. Conservam-se dele epístolas a Agostinho (158, 160, 161, 163: PL 33, 693, 701, 702, 708) e as respectivas respostas (159, 162, 164, 169). Foi bispo numa diocese perto de Útica e combateu as heresias donatista e pelagianista. Atribui-se-lhe a obra *De Fide contra Manichaeos* (PL 31, 1233).

¹⁰ Salmo 50:15.

deixadas em silêncio. Mas não omitirei tudo aquilo que a minha alma em mim traz à luz acerca daquela tua serva, que me trouxe à luz, não só na carne, para que nascesse para esta luz temporal, mas também no coração, para que nascesse para a luz eterna. Não direi os seus dons, mas os teus para com ela. Pois não fora ela própria quem se fizera ou educara a si mesma: foste tu que a criaste¹, e nem seu pai, nem sua mãe sabiam como ela, nascida deles, viria a ser. O ceptro² do teu Cristo, o governo do teu Único educou-a no teu temor³, no seio de uma família fiel, bom membro da tua Igreja. E ela não elogiava tanto a diligência de sua mãe, relativamente à sua disciplina, quanto a de uma certa criada decrépita, que tinha andado com o pai dela às costas, quando este era criança, do mesmo modo que as meninas maiorzinhas costumam transportar os pequeninos. Por esta razão, e por causa da idade avançada, e dos seus excelentes costumes, era bastante respeitada pelos seus senhores, nessa casa cristã. Daí resultava também ter ela diligentemente o encargo, a si confiado, das filhas dos senhores, e, no corrigi-las, quando era necessário, era rigorosa, com santa severidade, e, no ensiná-las, era de uma sóbria prudência. Na verdade, fora daquelas horas em que comiam, com muita moderação, à mesa dos pais, não as deixava beber nem sequer água, mesmo que ardessem em sede, prevenindo um mau costume e acrescentando umas sãs palavras⁴: ‘Agora bebei água, porque não tendes vinho à vossa disposição; quando, porém, fordes para casa dos vossos maridos, tornando-vos donas das adegas e despensas, a água parecer-vos-á desprezível, mas o hábito de beber persistirá’. E, com este modo de ensinar e a autoridade de mandar, refreava a avidez de uma idade mais tenra, e formava a própria sede das meninas segundo uma medida honesta, a ponto de já não lhes agradar o que não lhes era conveniente.

18. E todavia insinuara-se, como a tua serva me contava, a mim, seu filho, insinuara-se-lhe o gosto do vinho. Na verdade, segundo era costume, mandando-a seus pais, como a uma jovem sóbria, tirar vinho da cuba, ela, mergulhando o copo pela parte superior, que está aberta, antes de despejar o vinho puro na garrafa, sorvia com a ponta dos lábios um pouquinho, porque não podia mais, recusando-lho o gosto. Não fazia isto por nenhum apetite de embriaguez, mas por certos excessos transbordantes da idade, que fervilham

¹ *Salmo* 99:3.

² *Salmo* 22:4.

³ *Salmo* 5:8; 118:38..

⁴ 2 *Timóteo* 1:13; *Tito* 2:8.

impetuosamente em impulsos de brincadeira, e que a autoridade dos mais velhos costuma reprimir nos espíritos infantis. E assim, acrescentando todos os dias um pouco àquele pouco – porque aquele que despreza as coisas poucas, gradualmente sucumbe¹ – tinha resvalado num tal hábito que bebia com avidez os copinhos já quase cheios de vinho puro. Onde estava nessa altura a velha perspicaz e aquela severa proibição? Porventura teria algum poder contra a doença latente, se a tua medicina, Senhor, não velasse por nós? Estando ausentes o pai, e a mãe, e os educadores, estavas tu presente, tu que criaste, que chamas, que até por meio dos homens que estão à nossa frente fazes alguma coisa de bom para a salvação das almas. Que fizeste então tu, meu Deus? Com que a curaste? Com que a saraste? Porventura não fizeste sair, de outra alma, uma dura e penetrante injúria, como se fosse um ferro medicinal vindo dos teus secretos recursos, e, de um só golpe, amputaste aquela podridão? Pois uma criada, que costumava ir com ela à cuba, discutindo com a jovem patroa, como costuma acontecer, estando as duas sozinhas, lançou-lhe em rosto este delito, num insulto crudelíssimo, chamando-lhe ‘beberrona’. Ela, ferida por este aguilhão, deu-se conta da sua fealdade, de imediato a condenou e abandonou. Tal como os amigos que adulam pervertem, assim também os inimigos que censuram muitas vezes nos corrigem. E tu não lhes pagas aquilo que fazes por meio deles, mas aquilo que eles próprios quiseram. Na verdade, aquela criada, fora de si, pretendeu irritar a jovem patroa, não curá-la, e daí o tê-lo feito às escondidas, ou porque assim as tinha encontrado o local e o momento da briga, ou talvez para que ela própria não corresse riscos por tê-lo denunciado tão tarde. Mas tu, Senhor, que diriges as coisas celestes e terrenas, que desvias para os teus usos as profundezas da torrente, o fluxo dos séculos ordenadamente tumultuoso, curaste uma alma mesmo com o desvario de outra alma, para que ninguém, quando disso se dá conta, atribua ao seu próprio poder se, por uma palavra sua, se corrige um outro que ele quer que se corrija.

[O casamento de Mónica; sua personalidade e suas virtudes]

IX. 19. Educada, pois, pudica e sobriamente, e por ti submetida aos pais mais do que pelos pais a ti, quando atingiu plenamente a idade núbil², dada em casamento a um homem, serviu-o como a um amo³, e empenhou-se em ganhá-lo para ti¹, falando-lhe de

¹ *Eclesiástico* 19:1.

² Vergílio, *Eneida* VII 53.

³ *Efésios* 5:22; 1 *Pedro* 3:6.

ti com os seus costumes, com os quais tu a fazias bela, e respeitosamente amável, e digna de admiração para seu marido. Tolerou as injúrias do leito conjugal de tal modo que nunca teve qualquer alteração com o marido por esse motivo. Pois esperava a tua misericórdia para com ele, de modo que, crendo ele em ti, se tornasse casto. Além disso, ele era tão inultrapassável na bondade como violento na ira. Mas ela sabia não opor resistência ao marido encolerizado, não só em actos, mas nem mesmo em palavras. Depois de o ver favorável, já verdadeiramente quebrado e calmo, mostrava-lhe a razão do que fizera, se por acaso ele se tinha exaltado mais irreflectidamente. Por fim, como muitas matronas, cujos maridos eram mais brandos, tivessem marcas de pancadas até no rosto desfigurado, durante as conversas entre amigas, elas recriminavam o comportamento dos maridos, ela recriminava a língua delas, advertindo-as seriamente, mas em tom de brincadeira, de que, a partir do momento em que tinham ouvido ler aquelas tabuinhas que são chamadas matrimoniais, deveriam considerá-las como se fossem os documentos por meio dos quais se tornavam escravas; portanto, lembradas dessa condição, não era bom que fossem arrogantes contra seus amos. E, sabendo elas quão violento era o marido que ela suportava, como se admirassem de que nunca se tivesse ouvido ou tivesse transparecido por algum indício que Patrício batesse na mulher, ou que entre eles, mutuamente, nem por um só dia estivessem em desacordo por uma discussão doméstica, e lhe perguntassem amigavelmente a razão, ela ensinava-lhes o seu modo de proceder, que eu acima recordei. As que o seguiam, depois de o experimentarem, ficavam-lhe gratas; as que o não seguiam, submetidas, eram maltratadas.

20. Venceu com atenções até a sua sogra, a princípio irritada contra ela por causa dos mexericos das más servas, perseverando ela na paciência e na brandura, de tal modo que a sogra espontaneamente denunciou ao filho as más línguas das criadas, por causa das quais a paz doméstica, entre ela e a nora, era perturbada, e pediu castigo. E assim, depois que ele, não só condescendendo com a mãe, mas também cuidando da disciplina da casa, e ainda atendendo à harmonia entre os seus, castigou com vergastadas as acusadas, conforme a vontade da acusadora, ela prometeu que devia esperar dela recompensas semelhantes toda aquela que, para lhe agradar, lhe contasse alguma coisa

¹ 1 *Pedro* 3:1.

de mal sobre a sua nora, e, não se atrevendo nenhuma daí em diante, viveram uma com a outra numa doçura de bondade digna de ser lembrada.

21. Também tinhas concedido àquela tua boa serva, em cujo ventre me criaste, *meu Deus, minha misericórdia*¹, este grande dom: entre quaisquer pessoas dissidentes e desavindas, quando podia, mostrava-se tão pacificadora que, embora ouvisse, de uma e outra parte, duríssimas acusações mútuas – como as que costuma vomitar uma discórdia inchada e mal digerida, quando a crueza dos ódios é expelida sobre uma amiga presente acerca de uma inimiga ausente, por meio de conversas azedas – ela todavia nada revelava a uma acerca da outra, a não ser aquilo que pudesse reconciliá-las. Parecer-me-ia este um pequeno bem se, com tristeza, eu não tivesse tido a experiência de que um número incontável de pessoas, não sei por que horrendo contágio de pecados que tão amplamente se espalha, não só revela aos inimigos encolerizados as palavras dos inimigos encolerizados, mas também acrescenta as que não foram ditas, ao passo que, pelo contrário, para o homem que é humano deve ser pouco não provocar as inimizades dos homens, nem aumentá-las, dizendo mal, se não se tiver esforçado também por extingui-las, dizendo bem. Assim era ela, ensinando-a tu, mestre interior na escola do coração.

22. Por fim, também ganhou para ti² o seu marido, já no fim da vida temporal dele³, e não lamentou nele, quando já era crente, o que suportara quando ele ainda não era crente. Ela era também serva dos teus servos. Todos os que, de entre eles, a conheciam muito te louvavam, e te honravam, e te amavam nela, porque sentiam a tua presença no coração dela, sendo disso testemunho os frutos da sua santa vida⁴. Fora, com efeito, esposa de um único marido, retribuíra a seus pais o que deles recebera, governara piedosamente a sua casa, dava testemunho nas boas obras. Tinha criado os filhos⁵, dando-os à luz tantas vezes quantas os via afastarem-se de ti⁶. Por fim, Senhor, já que, por dom da tua graça, permites que fale aos teus servos, de todos nós, que, antes do seu

¹ *Salmo* 58:18; 143:1-2.

² 1 *Pedro* 3:1.

³ Patrício morreu no ano seguinte ao da sua conversão, tinha Agostinho 17 anos (cf. Livro III. IV. 7).

⁴ *Tobias* 14:17; 2 *Pedro* 3:11.

⁵ 1 *Timóteo* 5:4, 9-10.

⁶ *Gálatas* 4:19.

último sono, já vivíamos reunidos em ti, recebida a graça do teu baptismo, cuidou como se a todos tivesse gerado, serviu-nos como se por todos tivesse sido gerada.

[A visão de Óstia: diálogo com a mãe sobre o Reino dos Céus]

X. 23. Ora, estando iminente o dia em que iria sair desta vida – dia que tu conhecias, e nós ignorávamos – acontecera, dispondo-o tu pelos teus modos ocultos, segundo creio, que eu e ela estávamos sós, debruçados a uma janela, de onde se contemplava o jardim que havia dentro da casa em que vivíamos, perto de Óstia, na foz do Tibre, num sítio onde, afastados da turbamulta, depois da fadiga de uma longa viagem, nos recompúnhamos para a viagem por mar. Sozinhos, pois, falávamos um com o outro com muita doçura, e, esquecendo as coisas passadas, voltados para as que estão para vir¹, perguntávamos entre nós, diante da verdade presente, que és tu², qual haveria de ser a vida eterna dos santos, que *nem os olhos viram, nem os ouvidos ouviram, nem sobe ao coração do homem*³. Mas desejávamos avidamente, com a boca do coração, as águas celestiais da tua fonte, fonte de vida, que está em ti⁴, para que, daí aspergidos, segundo a nossa capacidade, pensássemos, fosse de que modo fosse, numa realidade tão grandiosa.

24. E como a conversa chegasse à conclusão de que a deleitação dos sentidos carnis, por maior que ela seja, na luz corpórea, por maior que ela seja, diante do prazer daquela vida não parecia digna, nem de comparação, nem sequer de ser mencionada, erguendo-nos nós com mais ardente sentimento até àquilo que é sempre o mesmo⁵, percorremos gradualmente todas as coisas corpóreas, e o próprio céu, donde o sol, e a lua, e as estrelas brilham sobre a terra. E ainda subíamos interiormente, pensando, e falando, e admirando as tuas obras, e chegámos às nossas mentes e transcendemo-las, a fim de atingirmos a região da abundância inesgotável, onde para sempre tu apascentas Israel⁶ com o pasto da verdade, e aí a vida é a sabedoria⁷, por meio da qual todas essas coisas foram feitas⁸, tanto as que foram como as que hão-de ser, e ela própria não é feita, mas

¹ *Filipenses* 3:13.

² *João* 14:6.

³ *Isaías* 64:4; 1 *Coríntios* 2:9.

⁴ *Salmo* 35:10.

⁵ *Salmo* 4:9.

⁶ *Ezequiel* 34:14; *Salmo* 77:71; 79:2.

⁷ 4 *Esdras* 13:55.

⁸ *João* 1:3.

assim é, tal como foi, e assim será sempre. Ou melhor, não há nela ‘ter sido’ e ‘haver de ser’, mas somente ‘ser’, porque é eterna: pois ‘ter sido’ e ‘haver de ser’ não é eterno. E enquanto falamos e a ela aspiramos, atingimo-la por um instante, com todo o bater do coração; e suspirámos, e deixámos aí presas as primícias do espírito¹, e voltámos ao ruído da nossa boca, onde o verbo começa e acaba. E que há de semelhante ao teu Verbo, nosso Senhor, que em si mesmo permanece sem envelhecer e renovando todas as coisas²?

25. E dizíamos: Se para alguém ficar em silêncio o tumulto da carne, se ficarem em silêncio as imagens da terra e das águas e do ar, se ficar em silêncio também o firmamento, e a própria alma ficar em silêncio para si mesma, e passar além de si mesma, não se pensando a si mesma, se ficarem em silêncio os sonhos e as revelações da imaginação, se para esse alguém ficar completamente em silêncio toda a língua e todo o sinal e tudo aquilo que acontece, passando, porque, se alguém as ouvir, todas essas coisas dizem: ‘Não fomos nós que nos fizemos a nós mesmas, mas fez-nos’³ aquele que permanece para sempre’⁴, se, tendo dito isto, se calarem de imediato, porque despertaram os nossos ouvidos para aquele que as fez, e se falar só ele, não através delas, mas através de si mesmo, de modo a ouvirmos o seu Verbo, não por meio da língua da carne, nem pela voz de um anjo, nem pelo estrondo de uma nuvem⁵, nem pelos enigmas⁶ das parábolas, mas para o ouvirmos a ele próprio, que amamos nessas coisas, para o ouvirmos a ele próprio sem elas, tal como agora nos transcendemos⁷ e atingimos, por um fugaz pensamento, a eterna sabedoria que permanece acima de todas as coisas, se isto for continuado e forem afastadas as outras visões de género muito inferior, e apenas esta arrebatá-lo, e absorver, e arrecadar nas mais íntimas alegrias aquele que a contempla, de modo a que a vida sempiterna seja tal qual foi este momento de percepção, pelo qual suspirámos, porventura não é isto o *Entra na alegria do teu Senhor*⁸? E quando será isso? Acaso no momento em que todos ressuscitamos, mas nem todos seremos transformados⁹?

¹ Romanos 8:23.

² Sabedoria 7:27.

³ Salmo 99:3.

⁴ Salmo 32:11; 116:2; Eclesiástico 18:1; Isaías 40:8; João 12:34.

⁵ Salmo 76:18.

⁶ 1 Coríntios 13:12.

⁷ Filipenses 3:13.

⁸ Mateus 25:21.

⁹ 1 Coríntios 15:51.

26. Dizia coisas como estas, se bem que não deste modo nem com estas palavras, todavia, Senhor, tu sabes¹ que naquele dia, como disséssemos tais coisas, e este mundo, enquanto falávamos, se tornasse mais desprezível para nós, com todas as suas deleitações, disse-me então ela: ‘Filho, no que me diz respeito, já nada me deleita nesta vida. O que aqui faço ainda, e porque estou aqui, não o sei, esgotada já a esperança deste mundo. Havia um só motivo pelo qual desejava demorar-me um pouco mais nesta vida: ver-te cristão católico antes de eu morrer. Deus concedeu-mo tão abundantemente que, desprezada até a felicidade terrena, eu te vejo seu servo. Que faço aqui?’

[A morte de Mónica]

XI. 27. Não me lembro bem do que respondi a estas palavras, ao passo que, entretanto, apenas uns cinco dias depois, ou não muito mais, ela caiu de cama com febres. E, estando doente, certo dia sofreu uma perda de consciência, e, durante uns instantes, ficou ausente do que a rodeava. Nós acorremos, mas ela logo voltou à posse dos sentidos, e olhou para mim e para meu irmão², que estávamos de pé junto dela, e disse-nos, como quem pergunta: ‘Onde estava eu?’ Depois, fixando os olhos em nós, que estávamos consternados de tristeza, disse-nos: ‘Enterrais aqui a vossa mãe’. Eu ficava em silêncio e reprimia o choro. Meu irmão, porém, disse qualquer coisa com a intenção de desejar, como se fosse coisa menos infeliz, que ela não morresse em terra estrangeira, mas na pátria. Quando ela o ouviu, com o rosto entristecido, repreendendo-o com os olhos por ele sentir tais coisas, e fitando-me em seguida a mim, disse: ‘Vê o que ele diz’. E, logo depois, disse a ambos: ‘Sepultai este corpo em qualquer lugar: que em nada vos perturbe a preocupação com isso; somente vos peço isto: que vos lembreis de mim diante do altar do Senhor, onde quer que estiverdes’. E, tendo-nos explicado este desejo com as palavras que podia, calou-se e, agravando-se a doença, entrava em agonia.

¹ *Tobias* 8:9; *João* 21:15-16.

² Chamava-se Navió. Agostinho tinha também uma irmã que, depois de viúva, ingressou num mosteiro perto de Hipona, fundado por seu irmão. Parece ter chegado a abadessa. Chamava-se Felicidade (cf. *Epistola* 210).

28. Mas eu, que considerava os teus dons, ó Deus invisível¹, que tu pões dentro dos corações dos teus fiéis, e daí provêm admiráveis colheitas, alegrava-me e dava-te graças², lembrando-me de que sabia com quanta preocupação ela sempre se inquietara relativamente ao sepulcro que para si mesma providenciara e preparara junto ao corpo de seu marido. Dado que eles tinham realmente vivido em perfeita concórdia, ela queria também – pois o espírito humano é menos capaz das coisas divinas – que se acrescentasse àquela felicidade e fosse lembrado pelos homens que lhe fora concedido, depois de uma longa viagem atravessando os mares, que a terra de ambos os cônjuges fosse coberta por uma terra conjunta. Mas o momento em que essa futilidade, pela abundância da tua bondade³, começara a não estar no seu coração, não o sabia eu, e alegrava-me, admirando-me de que assim se me tivesse mostrado, embora também naquela nossa conversa junto à janela, quando disse ‘Que faço ainda aqui?’, não tivesse mostrado desejar morrer na pátria. Mais tarde, também ouvi que, certo dia, estando já nós em Óstia, conversava com alguns amigos meus, com confiança maternal, acerca do desprezo desta vida e do bem da morte, quando eu próprio não estava presente, e, espantando-se eles com a coragem de uma mulher – porque tu lha tinhas dado – e perguntando-lhe se não temia deixar o seu corpo tão longe da sua cidade, disse: ‘Nada há longe para Deus, nem há que temer que ele não reconheça, no fim do mundo, o lugar de onde me há-de ressuscitar’. Assim, no nono dia da sua doença, no quinquagésimo sexto ano da sua idade, no trigésimo terceiro da minha idade, aquela alma religiosa e piedosa separou-se do corpo.

[Exéquias de Mónica]

XII. 29. Fechava-lhe os olhos e afluía ao meu coração uma imensa tristeza, e ia derramar-se em lágrimas, e ao mesmo tempo os meus olhos, por violenta ordem do meu espírito, reabsorviam a sua fonte até a secar, e em tal luta eu sofria muito. Mas então, quando ela exalou o último suspiro, Adeodato, ainda uma criança, rompeu em gritos e pranto, e, reprimido por todos nós, calou-se. Deste modo, também um não sei quê de infantil que havia em mim, que me fazia cair nas lágrimas, era reprimido pela voz adulta do coração, e calava-se. Pois não considerávamos que fosse conveniente celebrar um tal

¹ *Colossenses* 1:15.

² *Lucas* 18:11; *Colossenses* 1:3.

³ *Salmo* 103:28; 2 *Tessalonicenses* 1:11.

funeral com lamentos chorosos e gemidos, porque, geralmente, assim é costume lastimar-se uma espécie de infelicidade dos que morrem, ou uma extinção como que total. E ela não morria em infelicidade nem morria totalmente. Isso o sabíamos, quer pelos testemunhos dos seus costumes, quer *pela fé não fingida*¹, quer por argumentos seguros.

30. Que era então aquilo que, dentro de mim, me doía tão vivamente, senão a ferida recente nascida do hábito tão doce e tão grato de vivermos juntos, que de repente se rompia? Consolava-me sem dúvida com um seu testemunho: nessa última doença, correspondendo com carinhos às minhas atenções, chamava-me filho dedicado, e recordava, com grande sentimento de amor, que nunca tinha ouvido, da minha boca, palavra dura ou injuriosa lançada contra ela. Mas todavia, meu Deus, tu que nos fizeste², que semelhança, que comparação havia entre o respeito que eu lhe votava e a sua entrega total a mim? E assim, porque me abandonava o seu tão grande amparo, a minha alma estava ferida, e como que se me dilacerava a vida, que, da minha e da dela, se tinha tornado numa só.

31. Assim, impedido Adeodato de chorar, Evódio tomou o saltério e começou a cantar um salmo. Toda a casa lhe respondíamos: *Cantarei a tua misericórdia e a tua justiça, Senhor*³. Tendo-se sabido, porém, o que se passava, acorreram muitos irmãos e piedosas mulheres, e, tratando do funeral, segundo o costume, aqueles cuja função era essa, eu, à parte, onde o podia fazer com decoro, mantinha uma conversa adequada à circunstância com aqueles que consideravam que não me deviam deixar só, e com esse lenitivo da verdade abrandava a dor, que tu conhecias, ignorando-o eles, que me ouviam atentamente e julgavam que eu não experimentava nenhum sentimento de desgosto. E eu, aos teus ouvidos, onde nenhum deles me ouvia, censurava a fraqueza do meu sentimento, e reprimia a corrente de tristeza, e ela cedia um pouco a mim: e de novo se deixava levar pelo seu ímpeto, não até ao romper das lágrimas, nem até à alteração do semblante, mas eu sabia o que escondia no coração. E porque me desagradava fortemente que tivessem tanto poder sobre mim estas coisas humanas, que é forçoso que

¹ 1 *Timóteo* 1:5.

² *Salmo* 99:3; *Baruc* 4:7.

³ *Salmo* 100:1.

aconteçam conforme a devida ordem e o destino da nossa condição, doía-me a minha dor com uma outra dor, e atormentava-me com uma dupla tristeza.

32. E eis que quando o corpo foi levado a enterrar, fomos¹, voltámos sem lágrimas. Pois nem naquelas preces que te dirigimos, quando por ela se oferecia o sacrifício da nossa redenção, posto já o cadáver junto ao sepulcro, antes de ser depositado², conforme o que aí é costume fazer-se, nem nestas preces, repito, eu chorei, mas, durante todo o dia, no meu íntimo, estava triste e, com o espírito angustiado, pedia, como podia, que curasses a minha dor, e tu não o fazias, segundo creio, gravando na minha memória, nem que fosse por este único exemplo, a força das amarras de qualquer hábito, mesmo contra uma mente que já não se alimenta da palavra enganadora. Pareceu-me também que seria bom ir tomar um banho, já que ouvira dizer que foi dado o nome *balneum* aos banhos porque os Gregos dizem *balanion*, visto que expulsa a angústia do espírito³. Eis que também isto eu confesso à tua misericórdia, ó Pai dos órfãos⁴: tomei banho e estava tal e qual como antes de me ter banhado. Pois a amargura da tristeza não transpirou do meu coração. Em seguida dormi, e acordei⁵, e em não pequena medida achei a minha dor apaziguada, e, estando só no meu leito, lembrei-me dos versos cheios de verdade do teu Ambrósio: tu és, de facto

*Ó Deus, criador de todas as coisas⁶,
tu que governas o firmamento, vestindo
o dia, com a luz formosa,
a noite, com a graça do sono,*

*para que, aos membros em repouso, o descanso
os devolva ao exercício do trabalho,
e alivie as almas cansadas,
e liberte da mágoa os que estão tristes.⁷*

¹ Terêncio, *A moça que veio de Andros* 117.

² Mónica foi sepultada na cripta da igreja de Santa Áurea, em Óstia, onde permaneceu até 1430, ano em que os seus restos mortais foram descobertos e trasladados para Roma.

³ Etimologia errada, fundamentada na analogia fónica, como se a palavra grega *balanion* fosse composta de *ballô* (atirar fora) e *anía* (angústia).

⁴ *Salmo* 67:6.

⁵ *Salmo* 3:6.

⁶ 2 *Macabeus* 1:24.

⁷ Ambrósio, *Hinos* I 2, 1-8 (PL 16, 1409).

33. E daí, pouco a pouco, eu trazia de volta ao meu sentimento de outrora a tua serva, e a sua vida, piedosa para contigo e, para connosco, santamente branda e complacente, da qual de repente fui privado, e tive vontade de chorar, na tua presença¹, por causa dela e por ela, por causa de mim e por mim. E dei livre curso às lágrimas, que reprimia, para que corressem quanto quisessem, estendendo-as sob o meu coração: e ele repousou nelas, porque aí estavam os teus ouvidos, não os de um qualquer homem que interpretasse com soberba o meu pranto. E agora, Senhor, confesso-me a ti nestas páginas. Leia quem quiser e interprete como quiser, e se achar que é pecado ter eu chorado minha mãe durante uma escassa parte de uma hora, minha mãe por algum tempo morta a meus olhos, ela que me tinha chorado durante muitos anos para que eu vivesse a teus olhos, não se ria de mim, mas antes, se é de grande caridade, chore ele próprio pelos meus pecados, diante de ti, Pai de todos os irmãos do teu Cristo.

[Oração pela alma dos pais]

XIII. 34. Eu, sarado já o coração daquela ferida, na qual podia censurar-se um affecto carnal, verto diante de ti, nosso Deus, por aquela tua serva, um género de lágrimas muito diferente, aquele que brota de um espírito abalado pela meditação sobre os perigos de todas as almas que morrem em Adão. Ainda que ela, vivificada em Cristo² mesmo ainda antes de ser libertada da carne, tenha vivido de tal modo que o teu nome é louvado na sua fé e nos seus bons costumes, não ousa todavia dizer que, desde o momento em que a regeneraste pelo baptismo³, nenhuma palavra tenha saído da sua boca contrária à tua Lei⁴. E foi dito pela Verdade, que é o teu Filho⁵: Se alguém chamar ao seu irmão: ‘louco’, *será réu da geena do fogo*⁶; e aí da vida dos homens, mesmo que seja digna de louvor, se tu a examinas, posta de parte a misericórdia! Mas, porque não apuras com severidade as nossas faltas⁷, esperamos, com confiança, algum lugar junto de ti. Ora, quem te enumera os seus verdadeiros merecimentos, que coisa enumera senão as tuas dádivas? Oh! Se os homens se reconhecerem homens, e *aquele que se gloria se glorie no Senhor*⁸!

¹ *Génese* 30:27; *Salmo* 18:15.

² *1 Coríntios* 15:22; *Efésios* 2:5.

³ *Tito* 3:5.

⁴ *Mateus* 12:36-37.

⁵ *João* 14:6.

⁶ *Mateus* 5:22.

⁷ *Salmo* 129:3.

⁸ *1 Coríntios* 1:31; *2 Coríntios* 10:17.

35. Assim, eu, meu louvor¹ e minha vida, Deus do meu coração², deixadas de lado, por um instante, as suas boas obras, pelas quais, alegrando-me, te dou graças³, imploro-te agora pelos pecados de minha mãe; atende-me⁴, pela medicina das nossas feridas, que esteve suspensa no madeiro⁵, e, sentando-se à tua direita⁶, intercede por nós⁷. Sei que ela praticou a misericórdia, e, do coração, perdoou as dívidas aos seus devedores⁸: perdoa-lhe também tu as suas dívidas⁹, se alguma contraiu também ela durante tantos anos após a água da salvação. Perdoa-lhe, Senhor, perdoa-lhe, suplico-te¹⁰, e não entres com ela em juízo¹¹. Que a misericórdia triunfe sobre a justiça¹², porque as tuas palavras são verdadeiras e prometeste misericórdia aos misericordiosos¹³. Para que o sejam, tu lho concedeste, tu que terás compaixão de quem te compadeceres, e farás misericórdia àquele para quem fores misericordioso¹⁴.

36. E, creio-o, já terás feito o que te peço, mas aprova os votos espontâneos da minha boca, Senhor¹⁵. Pois ela, aproximando-se o dia da sua libertação¹⁶, não pensou em que o seu corpo fosse enterrado sumptuosamente ou ungido com perfumes, nem ambicionou um túmulo magnífico, nem se preocupou com um sepulcro na pátria: não foi isso que nos recomendou, mas apenas desejou que se fizesse memória dela junto do teu altar, ao qual servira sem omissão de um único dia, altar de onde sabia que se distribui a vítima santa pela qual foi destruída a acusação que nos era contrária, e com a qual foi vencido o inimigo¹⁷ que faz o cômputo das nossas faltas, e que procura o que acusar¹⁸, e nada encontra naquele¹⁹ em quem triunfamos. Quem lhe devolverá o sangue inocente? Quem lhe restituirá o preço pelo qual nos comprou²⁰, para nos arrancar a esse inimigo? Ao

¹ Êxodo 15:2; Salmo 117:14; Isaías 12:2.

² Salmo 72:26.

³ Lucas 18:11.

⁴ Judite 9:17; Salmo 68:14; 142:1.

⁵ Deuterônimo 21:23; Gálatas 3:13.

⁶ Salmo 109:1.

⁷ Romanos 8:34.

⁸ Mateus 6:12; 18:35.

⁹ Mateus 6:14.

¹⁰ Números 14:19.

¹¹ Salmo 142:2.

¹² Tiago 2:13.

¹³ Mateus 5:7.

¹⁴ Êxodo 33:19; Romanos 9:15.

¹⁵ Salmo 118:108.

¹⁶ 2 Timóteo 4:6.

¹⁷ Colossenses 2:14-15.

¹⁸ Apocalipse 12:10.

¹⁹ Lucas 23:4; João 14:30; 18:38; 19:4.

²⁰ 1 Coríntios 6:20; 7:23.

mistério desse nosso preço uniu a tua serva a sua alma com o vínculo da fé. Que ninguém a arranque à tua protecção. Não se interponham, nem pela força, nem pelas ciladas, o leão e o dragão¹: pois ela não responderá que nada deve, para não ser confundida e conquistada pelo ardiloso acusador, mas responderá que as suas dívidas lhe foram perdoadas por aquele a quem ninguém pagará o que ele, nada devendo, pagou por nós.

37. Esteja, pois, na paz, juntamente com seu marido, antes de quem e depois de quem ninguém a teve como esposa², a quem serviu, oferecendo-te o fruto com paciência³, para que também o ganhasse para ti⁴. E inspira, meu Senhor, meu Deus⁵, inspira aos teus servos, meus irmãos, aos teus filhos, meus senhores, aos quais sirvo não apenas com o coração, mas também com a voz e com a escrita, que todos quantos lerem estas páginas se lembrem, diante do teu altar, de Mónica, tua serva, juntamente com Patrício, que foi seu esposo; pela sua carne me fizeste entrar nesta vida, não sei eu como. Lembrem-se, com devoção, daqueles que foram meus pais nesta luz passageira, e meus irmãos em ti, nosso Pai, na Igreja Católica nossa mãe, e meus concidadãos na Jerusalém⁶ eterna, pela qual suspira a peregrinação do teu povo, desde a partida até ao regresso, a fim de que aquele último pedido que ela me fez seja concedido mais abundantemente pelas minhas confissões, nas orações de muitos, do que pelas minhas orações.

¹ *Salmo* 90:13.

² *1 Timóteo* 5:9.

³ *Lucas* 8:15.

⁴ *1 Pedro* 3:1.

⁵ *João* 20:28.

⁶ *Gálatas* 4:26.

LIVRO X

[Esperança e alegria só em Deus]

I. 1. Que eu te conheça, ó conhecedor de mim, *que eu te conheça, tal como sou conhecido por ti*¹. Ó virtude da minha alma, entra nela e molda-a a ti, para que a tenhas e possuas sem mancha nem ruga². Esta é a minha esperança; por isso falo e nesta esperança me alegro³, quando experimento uma sã alegria. Pois as restantes coisas desta vida tanto menos se devem chorar quanto mais por causa delas se chora, e tanto mais se devem ser chorar quanto menos por causa delas se chora. *Mas tu amaste a verdade*⁴, porque aquele que a põe em prática alcança a luz⁵. Também a quero pôr em prática no meu coração: diante de ti, na minha confissão, diante de muitas testemunhas, nos meus escritos.

[Se Deus conhece as coisas ocultas, porquê confessá-las?]

II. 2. Mas para ti, Senhor, diante de cujos olhos está nu⁶ o abismo da consciência humana, que haveria de oculto em mim, ainda que eu to não quisesse confessar⁷? Na verdade, poderia esconder-te de mim, mas não esconder-me de ti. Agora, porém, que os meus gemidos são testemunhas de que não me agrado a mim mesmo, tu refulges, e agradas-me, e és amado, e és desejado, de tal modo que eu começo a ter vergonha de mim, e me desprezo, e te escolho a ti, e não agrado, nem a ti nem a mim, senão por ti. Eu estou patente diante de ti¹, Senhor, em tudo aquilo que eu possa ser. E acabei de dizer com que fruto a ti me confesso. E não faço isto com palavras e vozes da minha carne, mas com palavras da minha alma e com o clamor do meu pensamento, que os teus ouvidos conhecem. Confessar-me a ti quando sou mau, não é mais do que desagradar-me de mim; mas confessar-me a ti quando sou piedoso, não é mais do que

¹ 1 Coríntios 13:12.

² Efésios 5:27.

³ Romanos 12:12.

⁴ Salmo 50.8.

⁵ João 3:21.

⁶ Hebreus 4:13.

⁷ Eclesiástico 42:18, 20.

não o atribuir mim, porque tu, Senhor, bendizes o justo², mas antes justifica-lo, sendo ele ímpio³. Assim, a minha confissão, ó meu Deus, na tua presença⁴, **faz-se em silêncio e não se faz em silêncio. Faz-se em silêncio quanto ao estrépito, mas grita quanto ao afecto.** Com efeito, nada de verdadeiro digo aos homens que antes tu não tenhas ouvido de mim, nem também ouves de mim coisa alguma que tu antes me não tenhas dito.

[Com que fruto confessa Agostinho quem é, não quem foi?]

III. 3. Mas que tenho eu a ver com os homens para que oiçam as minhas confissões, como se eles houvessem de curar todas as minhas enfermidades⁵? Que gente curiosa de conhecer a vida alheia e que indolente em corrigir a sua! Porque querem ouvir de mim o que eu sou e não querem ouvir de ti o que eles são? E, quando me ouvem falar de mim próprio, como sabem se eu digo a verdade, uma vez que nenhum homem sabe o que se passa no homem, *a não ser o espírito do homem que está nele próprio*?⁶ Se, porém, te ouvirem a ti falar deles, não poderão dizer: ‘Deus mente’. O que é ouvirmos-te falar de nós mesmos senão conhecermo-nos a nós mesmos? Quem, portanto, se conhece a si mesmo e diz: ‘É falso’, a não ser que esteja a mentir? Mas, porque a caridade tudo crê⁷ – sobretudo entre aqueles que, ligados uns aos outros, ela unifica – assim também eu me confesso a ti, Senhor, de tal modo que o ouçam os homens, aos quais não posso provar se é verdade aquilo que confesso; mas acreditam-me aqueles a quem a caridade abre os ouvidos.

4. Mas tu, porém, médico do meu íntimo, faz-me ver claramente com que fruto é que eu faço isto. Na verdade, as confissões dos meus males passados, que perdoaste e apagaste⁸ para me tornares feliz em ti, transformando a minha alma com a fê e o teu sacramento, quando são lidas e ouvidas despertam o coração, a fim de que ele não durma no desespero e diga: ‘Não posso’, mas esteja vigilante no amor⁹ da tua misericórdia e na

¹ 2 Coríntios 5:11.

² Salmo 5:13.

³ Romanos 4:5.

⁴ Salmo 95:6.

⁵ Salmo 102:3; Mateus 4:23.

⁶ 1 Coríntios 2:11.

⁷ 1 Coríntios 13:4, 7.

⁸ Salmo 31:1.

⁹ Cântico 5:2.

doçura da tua graça, com a qual é poderoso todo o fraco¹ que, por ela, se torna consciente da sua fraqueza. Aos bons, deleita-os ouvir os males passados daqueles que já deles estão libertos, e não os deleita por serem males, mas porque foram e não são. Com que fruto, pois, Senhor meu, a quem todos os dias se confessa a minha consciência, mais confiada na esperança da tua misericórdia do que na sua inocência, com que fruto, pergunto, confesso também aos homens, diante de ti, por meio destas páginas, quem ainda agora sou e não quem fui? É que eu vi esse fruto e recordei-o. Mas quem ainda agora sou, precisamente no momento das minhas confissões, desejam sabê-lo muitos que me conhecem, e não me conhecem aqueles que ouviram alguma coisa, vinda de mim ou a meu respeito, mas cujos ouvidos não estão junto do meu coração, onde eu sou tudo aquilo que sou. Querem, pois, saber, mediante a minha confissão, o que é que eu sou interiormente, onde, nem o seu olhar, nem os seus ouvidos, nem a sua mente podem penetrar; querem-no, dispostos a acreditar em mim: mas estarão na disposição de me conhecer? No entanto, a caridade, que os torna bons, diz-lhes que eu, ao confessar-me, não minto, e é ela mesma que neles acredita em mim².

[Grandes são os frutos deste género de confissão]

IV. 5. Mas com que fruto o querem saber? Acaso desejam congratular-se comigo, ao ouvirem quanto me aproximo de ti, mercê da tua graça, e orar por mim, ao ouvirem quanto me atraso, por causa do meu peso? Revelar-me-ei a tais pessoas. Com efeito, não é pequeno fruto, Senhor, meu Deus, que muitos te dêem graças por nossa causa³, e que muitos te implorem por nós. Que um espírito fraterno ame em mim o que ensinas a amar e que lamente em mim o que ensinas a lamentar. Que faça isto um espírito fraterno, não um estranho, não o *dos filhos alheios, cuja boca falou vaidade e a sua dextra é a dextra da iniquidade*⁴, mas esse espírito fraterno que, ao aprovar-me, se alegra por causa de mim e, ao desaprovar-me, por mim se entristece, porque, quer me aprove quer me desaprove, me tem amor. Revelar-me-ei a tais pessoas: respirem nos meus bens, suspirem nos meus males. Os meus bens são os teus preceitos e os teus dons; os meus males são os meus pecados e os teus juízos. Respirem naqueles e

¹ 2 Coríntios 12:9-10.

² 1 Coríntios 13:4, 7.

³ 2 Coríntios 1:11.

⁴ Salmo 143:7-8.

suspirem nestes; e, dos corações fraternos, que são os teus turíbulos, subam, à tua presença¹, tanto o hino como o lamento. Tu, porém, Senhor, deleitado com o perfume do teu santo templo², *compadece-te de mim, segundo a tua grande misericórdia*³, por causa do teu nome⁴, e não abandones, de modo algum, a obra que começaste, e conclui o que em mim está inacabado⁵.

6. Este é o fruto das minhas confissões, não já como fui, mas como sou: confessar-te isto, não somente diante de ti, com um íntimo júbilo com tremor⁶, e uma íntima tristeza com esperança, mas também aos ouvidos daqueles que, de entre os filhos dos homens⁷, crêem, participantes da minha alegria, consortes da minha mortalidade, meus concidadãos e comigo peregrinos, os que me precederam, os que hão-de vir depois de mim, e os que são companheiros da minha existência. Estes são os teus servos, meus irmãos, que tu quiseste que fossem teus filhos e senhores meus, aos quais me mandaste servir, se contigo e de ti quero viver. E esta tua palavra era pouco para mim, se ela mandasse apenas com palavras, e não fosse adiante de mim com obras⁸. Por isso eu faço isto com obras e com palavras, e faço-o sob a protecção das tuas asas⁹, com um perigo enorme, não fora o facto de a minha alma, sob a protecção das tuas asas¹⁰, te estar sujeita¹¹, e de a minha fraqueza te ser conhecida. Sou uma criancinha, mas o meu Pai está sempre vivo e ele é para mim um tutor de confiança; ele é o mesmo¹² que me gerou¹³ e me protege, pois tu és todo o meu bem, tu, o Onnipotente, que estás comigo e antes que eu estivesse contigo. Revelarei, pois, a tais pessoas, a quem me mandas servir, não quem fui, mas quem já sou e quem ainda sou; *mas não me julgo a mim mesmo*¹⁴. E que assim seja ouvido.

¹ Apocalipse 8:3-4.

² 1 Coríntios 3:17.

³ Salmo 50:3.

⁴ Salmo 24:11; 78:9; 108:21.

⁵ Filipenses 1:6.

⁶ Salmo 2:11; Filipenses 2:12.

⁷ Salmo 106:8, 15, 21, 31.

⁸ João 13:15.

⁹ Salmo 16:8.

¹⁰ Salmo 16:8.

¹¹ Salmo 61:2.

¹² Salmo 101:28; Hebreus 1:12.

¹³ Salmo 2:7.

¹⁴ 1 Coríntios 4:3.

[O homem não se conhece inteiramente]

V. 7. És tu, na realidade, Senhor, que me julgas, porque, embora nenhum homem saiba o que é próprio do homem, *a não ser o espírito do homem que está nele*¹, todavia há alguma coisa do homem que nem o próprio espírito do homem, que nele está, conhece; mas tu, Senhor, que o fizeste, conheces² todas as suas coisas. Eu, porém, ainda que na tua presença me despreze e me considere terra e cinza³, contudo sei de ti alguma coisa que de mim ignoro. É certo que agora *vemos como por um espelho, em enigma* e ainda *não face a face*⁴; e, por isso, enquanto peregrino longe de ti⁵, estou mais presente a mim do que a ti e, todavia, sei que tu de nenhum modo podes ser ultrajado; eu, porém, desconheço a que tentações posso resistir e a quais não posso. E a minha esperança está em tu seres fiel e não permitires que sejamos tentados acima do que podemos suportar, mas, com a tentação, dás-nos também os meios para que possamos resistir⁶. Confessarei, pois, o que sei de mim; confessarei também o que de mim ignoro, porque o que sei de mim sei-o porque tu me iluminaste, e o que de mim ignoro não o sei, enquanto as minhas trevas se não tornarem como o meio-dia⁷ na tua presença.

[A procura de Deus nas suas criaturas]

VI. 8. **Amo-te, Senhor, com uma consciência não vacilante, mas firme. Feriste o meu coração com a tua palavra, e eu ameí-te.** Mas eis que o céu, e a terra, e todas as coisas que neles existem me dizem a mim, por toda a parte, que te ame, e não cessam de o dizer a todos os homens, de tal modo que eles não têm desculpa⁸. Tu, porém, compadecer-te-ás mais profundamente de quem te compadeceres, e concederás a tua misericórdia àquele para quem fores misericordioso⁹: de outra forma, é para surdos que o céu e a terra entoam os teus louvores¹⁰. **Mas que amo eu, quando te amo? Não a beleza do corpo, nem a glória do tempo, nem esta claridade da luz, tão amável a meus**

¹ 1 Coríntios 2:11.

² Tobias 3:16; 8:9; João 21:15-16.

³ Job 42:6; Eclesiástico 10:9.

⁴ 1 Coríntios 13:12.

⁵ 2 Coríntios 5:6.

⁶ 1 Coríntios 10:13.

⁷ Salmo 89:8.

⁸ Romanos 1:20.

⁹ Romanos 9:15.

¹⁰ Salmo 68:35.

olhos, não as doces melodias de todo o género de canções, não a fragrância das flores, e dos perfumes, e dos aromas, não o maná e o mel, não os membros agradáveis aos abraços da carne. Não é isto o que eu amo, quando amo o meu Deus, E, no entanto, amo uma certa luz, e uma certa voz, e um certo perfume, e um certo alimento, e um certo abraço, quando amo o meu Deus, luz, voz, perfume, alimento, abraço do homem interior que há em mim, onde brilha para a minha alma o que não ocupa lugar, e onde ressoa o que o tempo não rouba, e onde exala perfume o que o vento não dissipa, e onde dá sabor o que a sofreguidão não diminui, e onde se une o que a saciedade não separa. Isto é o que eu amo, quando amo o meu Deus.

9. E que é isto?¹ Interroguei o conjunto do universo acerca do meu Deus e ele respondeu-me: ‘Não sou eu, mas foi ele mesmo que me fez’. Interroguei a terra e ela disse: ‘Não sou eu’; e todas as coisas que nela existem responderam-me o mesmo. Interroguei o mar, e os abismos², e os seres vivos que rastejam³, e eles responderam-me: ‘Não somos o teu Deus; procura acima de nós’. Interroguei as brisas que sopram, e o ar todo com os seus habitantes disse-me: ‘Anaxímenes está enganado; eu não sou Deus’. Interroguei o céu, o sol, a lua, as estrelas, e dizem-me: ‘Nós também não somos o Deus que tu procuras’. E disse a todas as coisas que rodeiam as portas da minha carne: ‘Falai-me do meu Deus, já que não sois vós, dizei-me alguma coisa a seu respeito’. E elas exclamaram, com voz forte: ‘Foi ele que nos fez’⁴. Contemplá-las era a minha pergunta e a resposta era a sua beleza. Dirigi-me, então, a mim mesmo e a mim mesmo disse: ‘Tu quem és?’. E respondi: ‘Um homem’. E eis que estão em mim, ao meu serviço, um corpo e uma alma, uma coisa exterior, outra interior. Qual destas coisas é aquela em que eu devia procurar o meu Deus, que eu já tinha procurado por meio do corpo, desde a terra até ao céu, até onde pude enviar, como mensageiros, os raios dos meus olhos? Mas o interior é, sem dúvida, o melhor. Por isso a este, como presidente e juiz, é que todos os mensageiros do corpo faziam saber as respostas do céu, da terra, e de todas coisas que neles existem, quando dizem: ‘Não somos Deus’ e ‘Foi ele que nos fez’⁵. O homem interior⁶ conheceu estas coisas pelo ministério do exterior; eu, enquanto homem interior,

¹ Êxodo 13:14; 16:15; *Eclesiástico* 39:26.

² *Job* 28:14.

³ *Génese* 1:20.

⁴ *Salmo* 99:3.

⁵ *Salmo* 99:3.

⁶ *Romanos* 7:22; 2 *Coríntios* 4:16; *Efésios* 3:16.

conheci estas coisas, eu, eu enquanto espírito, por meio do capacidade de sentir do meu corpo. Interroguei o conjunto do universo acerca do meu Deus, e ele respondeu-me: ‘Não sou eu, mas foi ele que me fez’.

10. Acaso esta beleza não é visível a todos aqueles que têm intacta a capacidade de sentir? Porque é que ela não diz o mesmo a todos? Os animais pequenos e grandes¹ vêem-na, mas não a podem interrogar. Com efeito, neles, a razão não preside aos sentidos, para avaliar o que eles transmitem. Os homens, porém, podem interrogá-la, a fim de que contemplem e entendam as coisas invisíveis de Deus, por meio das coisas que foram criadas², mas, amando estas, ficam sujeitos a elas, e, uma vez submetidos, não conseguem avaliá-las. E elas não respondem aos que tão-só perguntam, sem avaliar, nem mudam a sua voz, isto é, a sua beleza, se um apenas vê, enquanto o outro, vendo, interroga, de modo a aparecer a um de uma maneira, e a outro de outra; mas, aparecendo da mesma maneira a ambos, é muda para o primeiro, e fala para o segundo: mais ainda, fala a todos, mas só a compreendem aqueles que conferem com a verdade, dentro de si mesmos, a voz recebida de fora. Com efeito, a Verdade diz-me: ‘O teu Deus não é a terra e o céu, nem corpo algum’. Isto diz a natureza das coisas. Estás a ver? A matéria é menor na parte do que no todo. Já tu, ó alma, sou eu que to digo, és superior porque és tu que animas a mole do corpo, proporcionando-lhe a vida que nenhum corpo confere ao corpo. De resto, o teu Deus é também para ti a vida da tua vida.

[Não é possível encontrar Deus com o poder dos sentidos]

VII. 11. O que é, então, que eu amo, quando amo o meu Deus? Quem é aquele que está sobre o vértice da minha alma? É por meio da minha alma que subirei até ele. Irei além da minha força, com a qual estou preso ao corpo e encho de vida o seu organismo. Nesta força não encontro o meu Deus: pois assim também o encontrariam *o cavalo e o mular, que não têm inteligência*³, e é esta a mesma força com que vivem também os seus corpos. Há outra força com a qual não só vivifico, mas também sensifico a minha carne, que o Senhor moldou para mim, ordenando aos olhos que não ouçam, aos ouvidos que

¹ *Salmo* 103:25.

² *Romanos* 1:20.

³ *Salmo* 31:9.

não vejam¹, mas àqueles que eu veja por meio deles, a estes que eu ouça por meio deles, e a cada um dos restantes sentidos o que é próprio dos seus lugares e funções; funções que, apesar de diversas, eu, um só espírito, desempenho por meio deles. Irei também além desta minha força; pois também a possuem o cavalo e o luar: também eles a sentem por meio do corpo.

[O poder da memória]

VIII. 12. Irei também além desta força da minha natureza, ascendendo por degraus até àquele que me criou, e dirijo-me para as planícies e os vastos palácios da memória, onde estão tesouros de inumeráveis imagens veiculadas por toda a espécie de coisas que se sentiram. Aí está escondido também tudo aquilo que pensamos, quer aumentando, quer diminuindo, quer variando de qualquer modo que seja as coisas que os sentidos atingiram, e ainda tudo aquilo que lhe tenha sido confiado, e nela depositado, e que o esquecimento ainda não absorveu nem sepultou. Quando aí estou, peço que me seja apresentado aquilo que quero: umas coisas surgem imediatamente; outras são procuradas durante mais tempo e são arrancadas dos mais secretos escaninhos; outras, ainda, precipitam-se em tropel e, quando uma é pedida e procurada, elas saltam para o meio como que dizendo: ‘Será que somos nós?’ E eu afasto-as da face da minha lembrança, com a mão do coração, até que fique claro aquilo que eu quero e, dos seus escaninhos, compareça na minha presença. Outras coisas há que, com facilidade e em sucessão ordenada, se apresentam tal como são chamadas, e as que as vêm antes cedem lugar às que vêm depois, e, cedendo-o, escondem-se, para reaparecerem de novo quando eu quiser. Tudo isto acontece quando conto alguma coisa de memória.

13. Ali estão arquivadas, de forma distinta e classificada, todas as coisas que foram introduzidas cada uma pela sua entrada: a luz e todas as cores e formas dos corpos, pelos olhos; todas as espécies de sons, pelos ouvidos; todos os odores, pela entrada do nariz; todos os sabores, pela entrada da boca; e, pelo sentido de todo o corpo, o que é duro, o que é mole, o que é quente ou frio, o que é macio ou áspero, pesado ou leve, quer exterior, quer interior ao corpo. Todas estas coisas recebe, para as recordar quando é necessário, e para as retomar, o vasto recôndito da memória e as suas secretas e

¹ Romanos 11:8.

inefáveis concavidades: todas estas coisas entram nela, cada uma por sua porta, e nela são armazenadas. Contudo, não são as próprias coisas que entram, mas sim as imagens das coisas, percebidas pelos sentidos, que ali estão à disposição do pensamento que as recorda. Mas quem dirá o modo como foram formadas estas imagens, ainda que seja visível por que sentidos foram captadas e escondidas no interior? Na verdade, quando estou às escuras ou em silêncio, trago à memória as cores, se quiser, e distingo o branco do negro, e outras cores, que eu quiser, umas das outras; e não se intrometem os sons nem perturbam aquilo que considero absorvido por meio dos olhos, embora estejam lá e estejam latentes, como que armazenados à parte. E, se me apetece, chamo-os, e aparecem logo e, com a língua em repouso e a garganta em silêncio, canto quanto quiser, sem que aquelas imagens das cores que, no entanto, aí se encontram, se interponham nem interrompam, quando se volta a mexer no outro tesouro que entrou pelos ouvidos. Do mesmo modo recordo, consoante me agrada, as restantes coisas que são introduzidas e acumuladas pelos outros sentidos, e, sem nada cheirar, distingo o perfume dos lírios do das violetas, e, sem nada provar nem tocar, mas apenas recordando, prefiro o mel ao arrobe¹ e o macio ao áspero.

14. Realizo estas acções no meu interior, no imenso palácio da minha memória. Aí está à minha disposição o céu, e a terra, e o mar, com todas as coisas que neles pude perceber pelos sentidos, excepto aquelas de que me esqueci. Aí me encontro também comigo mesmo e recordo-me de mim, do que fiz, quando e onde o fiz, e de que modo fui impressionado quando o fazia. Aí estão todas as coisas de que eu me recordo, quer aquelas que experimentei quer aquelas em que acreditei. A partir dessa mesma abundância, com as coisas passadas, eu teço ainda umas e outras semelhanças das coisas, quer as que experimentei, quer aquelas em que acreditei a partir das que experimentei, e, a partir destas, congeminho as acções futuras, e os acontecimentos, e as esperanças, e todas estas coisas, mais uma vez, como se estivessem presentes. ‘Farei isto e aquilo’ – digo comigo mesmo no recôndito imenso da minha alma, cheia de imagens de tantas e tão grandes coisas, e segue-se isto ou aquilo. ‘Oh se acontecesse isto ou aquilo!’ ‘Deus não permita isto ou aquilo!’ Digo isto comigo mesmo e, ao dizê-

¹ O arrobe (*defritum*) era o vinho novo que, por fervura, se reduzia a metade para lhe aumentar o grau alcoólico. Juntava-se ao vinho fraco para o encorpar. Cf. Plínio-o-Velho, *Hist. Nat.* XIV 11 ; Columela XII 37.

lo, estão diante de mim as imagens de tudo o que digo, vindas do mesmo tesouro da memória e, se elas faltassem, não diria absolutamente nada disso.

15. Grande é essa força da memória, imensamente grande, ó meu Deus, santuário amplo e sem limites. Quem lhe chegou ao fundo? E esta é a força do meu espírito e pertence à minha natureza, e nem eu consigo captar o todo que eu sou. Logo, o espírito é estreito para se abarcar a si mesmo: então onde poderá estar o que de si mesmo ele não abarca?

Acaso fora de si mesmo e não dentro de si? Como é que, então, o não abarca? Muita admiração me causa isto, a estupefacção apodera-se de mim. Deslocam-se os homens para admirar as alturas dos montes, e as ondas alterosas do mar, e os cursos larguíssimos dos rios, e a imensidão do oceano, e as órbitas dos astros, e não prestam atenção a si mesmos nem se admiram de que, quando eu dizia todas essas coisas, não as via com os olhos, e todavia não as diria, se interiormente não visse na minha memória, em espaços tão vastos, como se os visse fora de mim, os montes, e as ondas, e os rios, e os astros que vi, e o oceano a que dei crédito. E, todavia, vendo essas coisas, não as absorvi, quando as vi com os olhos, e não são essas coisas que estão em mim, mas sim as suas imagens, e sei a partir de que sentido do corpo cada coisa foi impressa em mim.

[A memória das artes liberais]

IX. 16. Mas essa capacidade da minha memória não encerra apenas essas coisas. Aqui estão também todas aquelas que, tomadas das artes liberais, ainda não se perderam, como que escondidas num lugar interior, que não é lugar; e não levo comigo as suas imagens, mas as próprias coisas. Na verdade, o que é a literatura, o que é a perícia dialéctica, quantas espécies de questões existem¹, todo este tipo de coisas que sei está de tal modo na minha memória que, se a sua imagem não estivesse gravada, eu deixaria de fora a coisa, ou ela teria soado e passado, tal como uma voz impressa pelos ouvidos, com um vestígio pelo qual seria recordada como se ressoasse, embora já não ressoasse; ou como um perfume, quando passa e se desvanece nos ares, atinge o olfacto, donde traz à memória a imagem de si que podemos retomar, lembrando; ou como um alimento que, por certo, já não produz sabor no estômago e, todavia, como que o produz na

¹ Em Aristóteles, ‘o ser diz-se de muitos modos’. Estes modos de o ser se dizer ou de se predicar, isto é, de se afirmar ou negar algo de algo (cf. os exemplos de Agostinho), constituem a tábua das dez categorias: substância, quantidade, qualidade, relação, modalidade, lugar, tempo, posição, acção, paixão.

memória; ou como alguma coisa que se sente no corpo, tocando, e que, também separado de nós, se imagina com a memória. Na verdade, essas coisas não penetram na memória, mas só as suas imagens são captadas com maravilhosa rapidez, e depositadas como que em maravilhosos compartimentos, e onde maravilhosamente se vão buscar, recordando.

[Os conteúdos das artes liberais não entram na memória pelos sentidos]

X. 17. Mas, porém, quando ouço dizer que há três espécies de questões: ‘se uma coisa é; o que é; e como é’, relembro as imagens dos sons de que se compõem estas palavras e sei que elas passaram pelo ar, com ruído, e já não existem. Mas as próprias coisas que são significadas por esses sons não as atingi por nenhum sentido do corpo, nem as vi em lugar algum, fora do meu espírito, e guardei no fundo da memória não as suas imagens, mas as próprias coisas. Que elas digam, se puderem, por onde entraram em mim. Na verdade, percorro todas as portas da minha carne e não encontro por qual delas entraram. Com efeito, os olhos dizem: ‘se têm cor, fomos nós que as anunciámos’; os ouvidos dizem: ‘se têm som, fomos nós que as indicámos’; o nariz diz: ‘se têm cheiro, passaram por mim’; o sentido do gosto diz também: ‘se não têm sabor, não me perguntes a mim’; o tacto afirma: ‘se não têm corpo, eu não as toquei e, se não as toquei, não as indiquei’. Onde e por onde entraram na minha memória? Não sei como. Pois, quando as aprendi, não dei crédito ao coração de outra pessoa, mas reconheci-as no meu, e admiti que eram verdadeiras e confiei-lhas, como que depositando-as onde pudesse ir buscá-las quando quisesse. Portanto, estavam lá, e já antes de as ter aprendido, mas não estavam na memória. Quando, pois, ou por que motivo, ao serem proferidas, as reconheci e disse: ‘Sim, é verdade’? A não ser que o fizesse porque já estavam na minha memória, mas tão afastadas e escondidas, como que nas concavidades mais recônditas, de tal maneira que, se de lá não fossem arrancadas, por sugestão de alguém, talvez eu não pudesse pensar nelas¹.

¹ Em Platão e nos Platônicos, a reminiscência, ou anamnese, é um processo de reconhecimento actual das Ideias contempladas numa existência anterior, e das quais nos esquecemos. Este despertar da alma para o verdadeiro conhecimento e para a sua essência imortal supõe a doutrina da sua preexistência. Agostinho, todavia, apesar de algumas vezes utilizar a noção de presciência em obras de juventude, nunca aceitou a reminiscência e a preexistência da alma, naquele sentido, situando-se mais na linha do desejo carente e amoroso do *Banquete* platónico: o conhecimento do Bem não é fruto de uma anterior contemplação, mas, antes, de uma carência presente. A anamnese agostiniana é, pois, um saber a partir da privação: um *conhecimento por ausência*.

[O que é aprender?]

XI. 18. Por conseguinte, verificamos que aprender essas tais coisas, cujas imagens não absorvemos pelos sentidos, mas vemos, tal como são, dentro de nós mesmos, em si mesmas, sem imagens, não é outra coisa senão como que recolher, pensando, aquilo que a memória, indistinta e desordenadamente, continha, e fazer com que, reparando nelas, as coisas, que estão como que colocadas à disposição na própria memória, onde antes, dispersas e esquecidas, estavam ocultas, ocorram facilmente à atenção já familiar. E quantas coisas desta natureza a memória encerra, coisas que já foram encontradas e, tal como disse, colocadas à disposição, e se diz que nós aprendemos e conhecemos! E se eu deixar de as recordar por pequenos espaços de tempo, de tal maneira voltam a submergir e a deslizar para os recônditos mais afastados, que de novo, como se fossem novas, têm de ser arrancadas, pensando, do mesmo lugar – pois não é outro o seu espaço – e reunidas de novo, para que possam ser conhecidas, isto é, recolhidas como que de uma espécie de dispersão: por isso se diz que a palavra *cogitare* deriva de *cogere*. Com efeito, *cogo* está para *cogito* como *ago* para *agito* e *facio* para *factito*. Contudo, o espírito reivindicou, como própria de si, esta palavra, de tal maneira que *cogitari* se aplica propriamente àquilo que se recolhe (*conligitur*), isto é, junta (*cogitur*), não noutro lugar, mas sim no espírito.

[A memória das matemáticas]

XII. 19. De igual modo a memória contém as inumeráveis noções e leis dos números e dimensões, nenhuma das quais foi impressa pelos sentidos do corpo, porque elas mesmas não têm cor, nem som, nem cheiro, nem foram saboreadas, nem tocadas. Ouvi os sons com que essas coisas são significadas, quando se disserta acerca delas; mas uma coisa são os sons, outra as coisas. Com efeito, os sons dessas palavras soam de uma maneira em Grego, e de outra em Latim, enquanto as coisas nem são gregas, nem latinas, nem de qualquer outro idioma. Vi linhas traçadas por artífices, finíssimas como um fio de teia de aranha; mas essas linhas são outra coisa, não são imagens daquelas linhas que me deram a conhecer os olhos da carne: e conhece-as quem, interiormente, sem pensar em qualquer espécie de corpo, as reconhece. Também percebi, com todos os sentidos do corpo, os números de que nos servimos quando contamos. Mas existem

outros números com os quais fazemos cálculos, e que não são imagens dos anteriores e, por isso, têm mais existência¹. Quem os não vê, ria-se de mim, quando digo isto, e que eu tenha pena, quando se ri de mim.

[A memória da memória]

XIII. 20. Conservo todas estas coisas na memória e conservo-as na memória como as aprendi. Ouvi e conservo na memória muitas outras coisas que são alegadas, com a maior falsidade, contra estas; embora essas coisas sejam falsas, todavia não é falso que eu me lembre delas; e também me lembro de ter distinguido entre aquelas coisas, verdadeiras, e estas, falsas, que são aduzidas em contrário, e agora vejo que distingo estas coisas de uma forma, ao passo que me lembro de as ter distinguido muitas vezes de outra forma, quando muitas vezes pensava nelas. Por isso, lembro-me muito mais vezes de ter compreendido estas coisas, e o que agora distingo e compreendo guardo-o no fundo da memória, de maneira a que posteriormente me lembre de o ter compreendido agora. Por isso, lembro-me de me ter lembrado, assim como, posteriormente, se me recordar de que agora pude rememorar estas coisas, hei-de recordá-lo certamente pela força da memória.

[A memória dos afectos]

XIV. 21. A mesma memória também encerra as impressões do meu espírito, não do mesmo modo como as tem o próprio espírito, quando as sofre, mas de outro modo muito diferente, como é próprio da força da memória. Com efeito, sem estar alegre, recordo-me de ter estado alegre e, sem estar triste, recordo a minha tristeza passada e, sem nada temer, recordo que algumas vezes tive medo e, sem nada cobiçar, recordo-me da minha antiga cobiça. Pelo contrário, também algumas vezes, estando alegre, recordo-me da minha tristeza passada e, estando triste, da alegria. Isto não é de admirar a respeito do corpo: porque uma coisa é o espírito, outra o corpo. Por isso, não é de admirar se, alegrando-me, me lembro de uma dor do corpo passada. Neste ponto, porém, sendo o espírito também a própria memória – pois, quando mandamos fixar

¹ Diferença entre os *números numerantes*, estruturas inteligíveis do real, princípios onto-gnosiológicos da numeração e das operações aritméticas, e os *números numerados*, isto é, dos números sensivelmente concretizados em entes discretos, ou seus conjuntos, que podem ser discriminados pelos sentidos.

algum assunto de cor, dizemos: ‘Vê lá se o conservas no teu espírito’ e, quando nos esquecemos, dizemos: ‘Não ficou no meu espírito’ e ‘Escapou-se-me do espírito’, chamando espírito à própria memória – sendo, pois, assim, porque é que quando, estando alegre, recordo a minha tristeza passada, o meu espírito sente a alegria, e a minha memória a tristeza e, estando o meu espírito alegre pelo facto de que nele há alegria, não está triste a minha memória, pelo facto de que nela há tristeza? Acaso a memória não faz parte do espírito? Quem ousaria dizê-lo? Portanto, sem dúvida que a memória é como uma espécie de estômago da alma, enquanto a alegria e a tristeza são como uma espécie de manjar doce e amargo: quando são confiadas à memória, como que passadas para o estômago, podem lá ser guardadas, mas não podem ter sabor. É ridículo considerar estas coisas semelhantes àquelas, mas também não são dissemelhantes sob todos os aspectos.

22. Mas eis que eu tiro da memória a afirmação de que são quatro as perturbações da alma, o desejo, a alegria, o medo, a tristeza¹, e o que quer que acerca delas puder dissertar, dividindo e definindo cada uma segundo as espécies dos respectivos géneros; na memória encontro, e aí vou buscar, o que digo, sem, no entanto, me perturbar com nenhuma dessas perturbações, quando as evoco, trazendo-as à memória; e estavam lá antes que eu as recordasse e voltasse ao contacto com elas; por isso, puderam de lá ser tiradas, mediante a recordação. Talvez portanto, assim como a comida é tirada do estômago, pela ruminação, assim também estas coisas são tiradas da memória, pela recordação. Então porque é que quem as discute, isto é, quem as recorda, não sente, na boca do pensamento, a doçura da alegria e a amargura da tristeza? Porventura as duas situações são dissemelhantes por não serem semelhantes sob todos os aspectos? Na verdade, quem, de livre vontade, falaria de tais coisas, se, todas as vezes que nomeamos a tristeza ou o medo, outras tantas fôssemos obrigados a sentir tristeza e medo? E, todavia, não falaríamos delas, se não encontrássemos na nossa memória, não apenas os sons das palavras, segundo as imagens gravadas pelos sentidos do corpo, mas também as noções dessas mesmas coisas, que não recebemos por nenhuma porta da carne, mas que o nosso espírito, sentindo-as pela experiência das suas paixões, confiou à memória, ou a própria memória reteve, sem que estas coisas lhe tenham sido confiadas.

[A memória do que está ausente]

¹ Cícero, *Dos limites extremos do bem e do mal* 3.35; *Tusculanas* 4.11.

XV. 23. Mas, se é por meio de imagens ou não, quem facilmente o poderia dizer? Na verdade, nomeio a pedra, nomeio o sol, quando estas coisas não estão presentes aos meus sentidos; sem dúvida que as suas imagens estão à disposição na minha memória. Nomeio a dor do corpo, e não está presente em mim quando nada me dói; e, no entanto, se a sua imagem não estivesse presente na minha memória, não saberia o que dizia, nem, ao falar da dor, a distinguiria do prazer. Nomeio a saúde do corpo, quando estou são de corpo; a própria coisa está presente em mim; contudo, se a sua imagem não estivesse na minha memória, de nenhum modo eu recordaria o que significa o som desta palavra, nem os doentes, ao ser dita a palavra saúde, reconheceriam o que lhes é dito, se a mesma imagem não tivesse sido conservada neles pela força da memória, embora a própria coisa esteja ausente do seu corpo. Nomeio os números de que nos servimos para fazer cálculos; e logo estão presentes na minha memória não as suas imagens, mas eles mesmos. Nomeio a imagem do sol e esta está presente na minha memória; não é a imagem da sua imagem que eu recordo, mas a própria imagem. É ela que se me torna presente, quando a relembro. Nomeio a memória e reconheço o que nomeio. E onde o reconheço senão na própria memória? Acaso também ela está presente a si mesma por meio da sua imagem e não por si mesma?

[A memória do esquecimento]

XVI. 24. E, quando nomeio o esquecimento e, do mesmo modo, reconheço o que nomeio, como o reconheceria, se não me lembrasse dele? Não me refiro ao som desta palavra em si mesmo, mas à coisa que ela significa; se eu me tivesse esquecido dessa coisa, sem dúvida não poderia reconhecer a que equivalia aquele som. Por conseguinte, quando me lembro da memória, é a própria memória que por si mesma a si mesma está presente; quando, porém, me lembro do esquecimento, não só a memória está presente mas também o esquecimento: a memória, com que me lembro; o esquecimento, de que me lembro. Mas que é o esquecimento senão a privação da memória? Logo, como é que ele está presente, a ponto de eu me lembrar dele, quando não sou capaz de me lembrar dele, quando está presente? Mas, se conservamos na memória aquilo de que nos lembramos, e se não nos lembrássemos do esquecimento, de nenhum modo poderíamos, ao ouvir a palavra esquecimento, reconhecer a coisa que ela significa: então o

esquecimento está conservado na memória. Está, pois, presente, para que não nos esqueçamos daquelas coisas de que nos esquecemos, quando ele está presente. Acaso se deve entender a partir disto que o esquecimento, quando nos lembramos dele, não está na memória por si mesmo, mas por meio da sua imagem, uma vez que, se estivesse presente por si mesmo, não faria com que nos lembrássemos, mas sim com que nos esquecêsemos? Finalmente, quem poderá indagar isto? Quem compreenderá como isto é?

25. Eu, pela minha parte, Senhor, inquieto-me com isto, inquieto-me em mim mesmo: tornei-me uma terra de dificuldades e de muito suor¹. Com efeito, não estamos a explorar as regiões do céu², nem medimos as distâncias dos astros, nem indagamos os pontos de equilíbrio da terra. Sou eu que me lembro, eu, espírito. Assim, não é de admirar que esteja longe de mim tudo aquilo que eu não sou. Mas o que é que está mais próximo de mim do que eu próprio? E, no entanto, eis que não abarco a capacidade da minha memória, embora eu, fora dela, não me possa dizer a mim mesmo. Com efeito, o que hei-de eu dizer, quando tenho a certeza de que me lembro do esquecimento? Acaso hei-de dizer que não está na minha memória aquilo de que me lembro? Acaso hei-de dizer que o esquecimento está na minha memória precisamente para que eu não me esqueça? Ambas as hipóteses são completamente absurdas. Qual é, pois, a terceira? De que forma poderei dizer que a imagem do esquecimento, e não o próprio esquecimento, é conservada na minha memória, quando me lembro dele? E de que forma direi isto, uma vez que, quando se imprime na memória a imagem de cada coisa, é necessário que antes esteja presente a mesma coisa, a partir da qual se possa gravar aquela imagem? É assim que me lembro de Cartago, assim de todos os lugares em que estive, assim do rosto dos homens que vi e das informações dos demais sentidos, assim da saúde e da dor do corpo: estando estas coisas presentes, a memória, a partir delas, captou imagens, que eu pudesse contemplar em presença e trazer de novo ao meu espírito, quando me recordasse também daquelas coisas, mesmo ausentes. Portanto, se é pela sua imagem e não por si mesmo que o esquecimento se conserva na memória, ele mesmo, sem dúvida, estava presente, para que a sua imagem fosse captada. Mas, estando presente, como é que registava a sua imagem na memória, dado que o esquecimento, com a sua presença,

¹ *Gênesis* 3:17, 19.

² Ênio, *Scen.* 244V / 187; Cícero, *República* 1.30; *De diuinatione* 2.30.

apaga mesmo aquilo que encontra já registado? E, no entanto, de qualquer forma, embora esse processo seja incompreensível e inexplicável, estou certo de que me recordo do próprio esquecimento, pelo qual é apagado tudo aquilo de que nos lembramos.

[O poder da memória é grande, mas insuficiente para chegar a Deus]

XVII. 26. Grande é o poder da memória, um não sei quê de horrendo, ó meu Deus, uma profunda e infinita multiplicidade; e isto é o espírito, isto sou eu mesmo. Que sou eu então, meu Deus? Que natureza sou? Uma vida multiforme, múltipla e extraordinariamente ampla. Eis-me nas planícies da minha memória, nos antros e cavernas inumeráveis e inumeravelmente cheios das espécies de inumeráveis coisas, quer por imagens, como as de todos os corpos, quer pela presença, como a das artes, quer por não sei que noções e observações, como as das impressões do espírito, as quais, ainda quando o espírito as não sofre, a memória guarda, dado que está no espírito tudo o que está na memória. Percorro todas estas coisas, esvoaço por aqui e por ali, e também entro nela até ao fundo quanto posso, e em parte alguma está o limite: tão grande é o poder da memória, tão grande é o poder da vida no homem que vive mortalmente! Que farei, pois, ó meu Deus, tu, minha verdadeira vida? Irei também além desta minha força que se chama memória, irei além dela a fim de chegar até ti, minha doce luz¹. Que me dizes? Eis que eu, subindo pelo meu espírito até junto de ti, que estás acima de mim, irei além dessa minha força que se chama memória, querendo alcançar-te pelo modo como podes ser alcançado, e prender-me a ti pelo modo como é possível prender-me a ti. Em memória os animais e as aves: de outro modo não voltariam às suas tocas nem aos seus ninhos, nem a muitas outras coisas a que estão habituados; nem poderiam habituar-se a coisa alguma senão por meio da memória. Irei, portanto, além da memória para alcançar aquele que me distinguiu dos quadrúpedes e me fez mais sábio que as aves do céu²; irei além da memória para te encontrar, ó verdadeiro bem, ó suavidade segura, para te encontrar? Se te encontrar fora da minha memória, estou esquecido de ti. E, se não estou lembrado de ti, como é que te encontrarei?

[Só se reconhece o que se encontra na memória]

¹ *Eclesiastes* 11:7.

² *Job* 35:11.

XVIII. 27. Uma mulher perdera uma dracma e procurou-a com uma candeia, e, se não estivesse lembrada dela, não a teria encontrado¹. Tendo-a, pois, encontrado, como saberia se era aquela, se dela não estivesse lembrada? Lembro-me de ter procurado e encontrado muitas coisas perdidas. E sei-o porque, ao procurar alguma delas e ao ser-me dito: ‘Porventura é isto?’; ‘Não é, talvez, aquilo?’, durante esse tempo eu dizia: ‘Não é’, até que aparecesse aquilo que procurava. Se não estivesse lembrado dessa coisa, qualquer que ela fosse, ainda que ela aparecesse, não a descobriria, porque não a reconheceria. E sempre assim acontece, quando procuramos e encontramos uma coisa que perdemos. Contudo, se, por acaso, alguma coisa, como qualquer corpo visível, desaparece da vista, não da memória, conserva-se interiormente a sua imagem, e procura-se, até que seja restituída à vista. Logo que for encontrada, é reconhecida pela imagem que está dentro de nós. Não dizemos que encontrámos o que estava perdido², se não o reconhecemos, nem o podemos reconhecer, se não nos lembrarmos: mas aquilo que, de facto, estava perdido para os olhos, conservava-se na memória.

[O que é recordar-se?]

XIX. 28. E então? Quando a própria memória perde alguma coisa, como acontece quando nos esquecemos e procuramos recordar, onde é que por fim a procuramos, senão na mesma memória? E se aí, casualmente, se nos oferece uma coisa por outra, rejeitamo-la até que nos ocorra aquela que procuramos. E, logo que nos ocorre, dizemos: ‘É isto’; o que não diríamos, se não a reconhecêssemos, e não a reconheceríamos, se não nos lembrássemos. Portanto, sem dúvida tínhamo-nos esquecido dela. Acaso não tinha desaparecido na totalidade, mas, a partir da parte que se conservava, procurava-se a outra parte, porque a memória sentia que recordava em conjunto aquilo que em conjunto costumava recordar, e, como que mutilado o hábito, ela, coxeando, exigia que lhe fosse restituída a parte que lhe faltava? Por exemplo: se víssemos uma pessoa conhecida ou pensássemos nela, e procurássemos o seu nome, que esquecêramos, qualquer outro nome diferente que ocorresse não se ligaria com ela, porque não seria costume pensar nessa pessoa com esse nome e, por isso, tal nome seria

¹ Lucas 15:8.

² Lucas 15:9.

rejeitado, até que se apresentasse outro em que o conhecimento da pessoa, habitual e simultaneamente associado ao nome, estivesse perfeitamente de acordo com o nome. E donde se nos torna presente esse nome senão a partir da própria memória? Na verdade, quando o reconhecemos lembrados por alguém, é da memória que ele procede. Com efeito, não o recebemos como coisa nova, mas recordando-o, verificamos que é esse nome que nos disseram. Se, porém, se apaga inteiramente do espírito, mesmo que nos lembrem, não nos lembramos dele. Nem ainda nos esquecemos inteiramente mesmo daquilo que nos lembramos de ter esquecido. Por conseguinte, não podemos procurar uma coisa perdida que tivermos esquecido completamente.

[Para desejar a felicidade, é preciso conhecê-la]

XX. 29. Como é que eu te procuro, Senhor? Quando, te procuro, ó meu Deus, procuro uma vida feliz. Que eu te procure, para que a minha alma viva¹. Pois o meu corpo vive da minha alma e a minha alma vive de ti. Então como procuro eu uma vida feliz? Porque eu não a tenho enquanto não disser: ‘Já chega! Está ali!’. Ali, onde devo dizer como a procuro, se pela recordação, como se a tivesse esquecido e ainda conservasse a lembrança de que me tinha esquecido, ou pelo desejo de a conhecer, sendo-me ela desconhecida, quer nunca a tenha conhecido, quer dela me tenha esquecido, de tal maneira que nem sequer me lembro de me ter esquecido. Porventura não é precisamente uma vida feliz o que todos querem² e não há absolutamente ninguém que a não queira? Onde é que a conhecem, já que assim a querem? Onde a viram para a amarem? Temo-la, sem dúvida, não sei de que modo. Há um outro modo pelo qual cada um é feliz quando a tem, e há os que são felizes em esperança. Estes têm-na de forma inferior àqueles que já são felizes com a própria coisa. Mas são melhores do que aqueles que não são felizes nem com a coisa, nem com a esperança. Os que são felizes com a esperança, se, de algum modo, não tivessem uma vida feliz, não quereriam ser felizes³ desta forma: e não há dúvida nenhuma de que eles o querem. Não sei como é que a conhecem e, por isso, têm-na não sei com que conhecimento, em relação ao qual desejo ardentemente saber se reside na memória, porque, se aí está, já um dia fomos felizes – não procuro agora saber se todos, individualmente, ou se naquele homem que primeiro

¹ *Salmo* 68:33.

² Cícero, *Tusculanas* 5.28; *Horténsio* fr. 36 M / 58. ????

³ Cícero, *Tusculanas* 5.28; *Horténsio* fr. 36 M. / 58. ????

pecou, no qual todos morremos e do qual todos nascemos na infelicidade¹; mas procuro saber se a vida feliz está na memória. Com efeito, não a amariamos, se a não conhecêssemos. Ouvimos a expressão ‘uma vida feliz’ e todos confessamos que desejamos a própria coisa, porque não é o som que nos deleita. Quando um Grego a ouve, em Latim, não se deleita, porque ignora o que foi dito; nós, porém, deleitamo-nos, tal como ele se a tivesse ouvido em Grego, porque a própria coisa que os Gregos e os Latinos e os homens das restantes línguas desejam possuir não é grega nem latina. Portanto, é conhecida de todos aqueles que, se lhes pudéssemos perguntar se queriam ser felizes, responderiam a uma só voz, sem nenhuma hesitação, que queriam. O que não aconteceria, se a própria coisa, cujo nome é esta expressão, não estivesse contida na sua memória.

[Como a memória contém a felicidade]

XXI. 30. Porventura está na memória do mesmo modo como se lembra de Cartago aquele que a viu? Não; a vida feliz não se vê com os olhos, porque não é corpo. Acaso do mesmo modo como nos lembramos dos números? Não; aquele que os tem no conhecimento já não procura alcançá-los, enquanto temos a vida feliz no conhecimento e, por isso, amamo-la, e todavia queremos ainda alcançá-la para sermos felizes. Acaso do mesmo modo como nos lembramos da eloquência? Não: embora, ao ouvir a palavra ‘eloquência’, se lembrem da própria coisa aqueles que ainda não são eloquentes, e são muitos os que o desejam ser – daí se vê que ela está no conhecimento deles – todavia, pelos sentidos do corpo, repararam em outros que são eloquentes, e deleitaram-se, e desejaram sê-lo – embora não se deleitassem senão por um conhecimento interior, nem quisessem ser eloquentes, se não se deleitassem – ao passo que não é por nenhum sentido do corpo que experimentamos nos outros a vida feliz. Acaso do mesmo modo como nos lembramos da alegria? Talvez. Na verdade, mesmo estando triste, lembro-me da minha alegria, tal como, estando infeliz, me lembro da vida feliz; e nunca vi, nem ouvi, nem cheirei, nem provei, nem toquei a minha alegria com os sentidos do corpo, mas experimentei-a no meu espírito quando me alegrei, e o conhecimento dela fixou-se na minha memória para poder recordá-la, umas vezes com desdém, outras com desejo, consoante a diversidade daquelas coisas com as quais me lembro de ter-me alegrado. De

¹ 1 Coríntios 15:22.

facto, em relação às coisas torpes, fui inundado de uma certa alegria que, recordando agora, detesto e abomino, e, às vezes, em relação às coisas boas e honestas, fui inundado de uma certa alegria que, desejando, recordo, embora essas coisas por acaso não estejam presentes, e, por isso, triste, recordo a alegria passada.

31. Onde, pois, e quando experimentei a minha vida feliz para que a recorde, e ame, e deseje? E não eu somente ou com umas tantas pessoas, mas absolutamente todos queremos ser inteiramente felizes¹. O que, se não conhecêssemos, com conhecimento tão firme, não quereríamos com vontade tão firme. E então? Ora, se perguntarmos a duas pessoas se querem ser militares, poderá acontecer que uma delas responda que quer e outra que não quer; se, pelo contrário, lhes perguntarmos se querem ser felizes, poderá acontecer que ambas digam de imediato, sem qualquer hesitação, que desejam sê-lo, e não é por outro motivo que um quer ser militar e o outro não quer, senão o de serem felizes. Será porque um sente alegria numa coisa e outro noutra? Assim como todos estão de acordo em quererem ser felizes², assim também estariam de acordo em querer sentir alegria, se lhes perguntassem isso, e a esta alegria chamam vida feliz. Ainda que um o consiga por um caminho e outro por outro, todavia só há um objectivo que todos se esforçam por atingir: a alegria. Porque isto é uma coisa que ninguém pode dizer não ter experimentado, por isso mesmo, ao encontrá-la na memória, ela é reconhecida quando se ouve a expressão ‘vida feliz’.

[A felicidade: qual e onde?]

XXII. 32. Longe de mim, Senhor, longe do coração do teu servo, que se te confessa, longe de mim considerar-me feliz, com qualquer alegria com que me alegre. Há uma alegria que não é concedida aos ímpios³, mas àqueles que desinteressadamente te servem, cuja alegria és tu mesmo. E a vida feliz consiste em sentir alegria junto de ti, em ti, por ti: esta é a vida feliz e não há outra. Aqueles, porém, que julgam que há outra vida feliz, perseguem outra alegria que não a verdadeira. Contudo, a sua vontade não se afasta de uma certa imagem de alegria.

¹ Cícero, *Tusculanas* 5.28; *Horténsio* fr. 36 M. / 58 ????

² Cícero, *Tusculanas* 5.28; *Horténsio* fr. 36 M. / 58 ????

³ *Isaias* 48:22.

XXIII. 33. Não é certo, pois, que todos queiram ser felizes, porque aqueles que não querem sentir alegria em ti, o que é a única vida feliz, não querem realmente a vida feliz. Ou será que todos o querem, mas, porque a carne tem desejos contrários ao espírito e o espírito desejos contrários à carne, a ponto de não fazerem o que querem¹, caem naquilo de que são capazes, e contentam-se com isso, porque aquilo de que não são capazes não o querem tanto quanto é necessário para serem capazes. Com efeito, pergunto a todos se preferem encontrar a alegria na verdade ou na falsidade²: não hesitam em dizer que preferem encontrá-la na verdade, como não hesitam em dizer que querem ser felizes. Pois a vida feliz é uma alegria que vem da verdade. É uma alegria que vem de ti, que és a Verdade³, ó Deus, que és a minha luz⁴, salvação da minha face, ó meu Deus⁵. Todos querem esta vida feliz, todos querem esta vida que é a única feliz, todos querem a alegria que vem da verdade. Conheci, por experiência, muitas pessoas que queriam enganar, mas ninguém que quisesse ser enganado. Onde é que, então, eles conhecem esta vida feliz senão onde conhecem também a verdade? E amam a verdade porque não querem ser enganados, e, quando amam a vida feliz, que não é outra coisa senão a alegria que vem da verdade, amam de facto também a verdade, e não a amariam se dela não houvesse algum conhecimento na sua memória. Porque é que, então, não sentem alegria na verdade? Porque é que não são felizes? Porque se ocupam mais empenhadamente em outras coisas que os fazem infelizes, em vez de os fazer felizes aquilo de que tenuemente se lembram. Por enquanto, ainda há um pouco de luz entre os homens; caminhem, caminhem, para não serem apanhados pelas trevas⁶.

34. Mas porque é que a verdade gera o ódio⁷, e se tornou inimigo para os homens aquele que prega a verdade⁸ – apesar de eles amarem a vida feliz, que não é senão a alegria que vem da verdade – a não ser porque a verdade é amada de tal modo que todos aqueles que amam outra coisa querem que seja verdade aquilo que amam e, porque não queriam ser enganados, não querem ser convencidos de que estão enganados? E assim odeiam a verdade por causa daquilo que amam em vez da verdade. Amam-na quando

¹ *Gálatas* 5:17.

² *1 Coríntios* 13:6.

³ *João* 14:6.

⁴ *Salmo* 26:1.

⁵ *Salmo* 41:6-7, 12; 42:5.

⁶ *João* 12:35.

⁷ Terêncio, *A moça que veio de Andros* 68.

⁸ *João* 8:40; *Gálatas* 4:16.

resplandece, odeiam-na quando censura¹. Com efeito, uma vez que não querem ser enganados e querem enganar, amam-na quando ela se revela, e odeiam-na quando ela os denuncia. Por isso, ela retribuir-lhes-á, fazendo com que aqueles que não querem ser por ela denunciados, ela os denuncie mesmo sem eles quererem, e ela mesma não se lhes revele a eles. Assim, assim, mesmo assim o espírito humano, mesmo assim cego e débil, torpe e indecoroso, quer estar oculto; mas não quer que nada lhe esteja oculto. Pelo contrário, é-lhe dado que ele não esteja oculto à verdade, mas que a verdade lhe esteja oculta a ele. Todavia, sendo infeliz, mesmo assim antes quer sentir alegria nas coisas verdadeiras do que nas falsas. Feliz será, pois, se, sem que nenhuma infelicidade o perturbe, se alegrar unicamente com a verdade, em virtude da qual são verdadeiras todas as coisas.

[Deus tem um lugar na memória]

XXIV. 35. Eis quanto me alonguei na minha memória, procurando-te, Senhor, e não te encontrei fora dela. E não encontrei nada a teu respeito que não tivesse recordado, desde que te aprendi. Na verdade, desde que te aprendi, não me esqueci de ti. Com efeito, onde encontrei a verdade, aí encontrei o meu Deus, a própria verdade² que não esqueci desde que a aprendi. Por isso, desde que te aprendi, permaneces na minha memória e aí te encontro, quando me recordo de ti e em ti me deleito. Estas são as minhas santas delícias que, por tua misericórdia, me deste, olhando³ para a minha pobreza.

[Em que lugar da memória se encontra Deus?]

XXV. 36. Mas onde estás na minha memória, Senhor, onde é que nela estás? Que habitáculo fabricaste para ti? Que santuário edificaste para ti? Tu concedeste esta honra à minha memória, a de permaneceres nela, mas em que lugar dela permaneces é o que estou a considerar. Ao recordar-te, deixei de lado as partes da memória que os animais também possuem, porque não te encontrava aí, entre as imagens das coisas corpóreas, e cheguei às partes da memória onde coloquei as impressões da minha alma, e não te encontrei lá. E entrei na sede do meu próprio espírito, que ele tem na minha memória,

¹ João 3:20; 5:35.

² João 14:6.

³ Salmo 30:8.

porque o espírito também se recorda de si mesmo, e tu não estavas lá, porque, assim como não és uma imagem corpórea, nem uma sensação própria do ser vivo, como é aquela com que nos alegramos, entristecemos, desejamos, tememos, lembramos, esquecemos e qualquer outra coisa deste género, assim também não és o próprio espírito, porque tu, Senhor, és o deus do espírito, e todas estas coisas mudam, enquanto tu permaneces imutável acima de todas as coisas, e te dignaste habitar na minha memória, desde que te aprendi. E porque procuro em que lugar dela habitas, como se de facto aí existissem lugares? Certamente habitas nela, porque me lembro de ti desde que te aprendi, e nela te encontro quando de ti me lembro.

[Onde se encontra Deus?]

XXVI. 37. Então, onde é que eu te encontrei para te aprender? Com efeito, ainda não estavas na minha memória antes de eu te aprender. Onde é que, então, eu te encontrei para te aprender, senão em ti, acima de mim? E não há lugar em parte alguma, e afastamo-nos e aproximamo-nos, e não há lugar em parte alguma. Ó Verdade, em toda a parte estás à disposição de todos os que te consultam, e respondes ao mesmo tempo a todos os que te consultam, ainda que sobre coisas diversas. Tu respondes claramente, mas nem todos te ouvem claramente. Todos te consultam sobre o que querem, mas nem sempre ouvem o que querem. O melhor dos teus servos é aquele que não concentra mais a sua atenção em ouvir de ti aquilo que ele próprio quer, mas antes em querer aquilo que de ti ouvir.

[Como é que a beleza de Deus atrai o homem?]

XXVII. 38. Tarde te amei, beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei! E eis que estavas dentro de mim e eu fora, e aí te procurava, e eu, sem beleza, precipitava-me nessas coisas belas que tu fizeste. Tu estavas comigo e eu não estava contigo. Retinham-me longe de ti aquelas coisas que não seriam, se em ti não fossem. Chamaste, e clamaste, e rompestes a minha surdez; brilhaste, cintilaste, e afastaste a minha cegueira; exalaste o

teu perfume¹, e eu respirei e suspiro por ti; saboreei-te², e tenho fome e sede³; tocaste-me, e inflamei-me no desejo da tua paz.

[As misérias desta vida]

XXVIII. 39. Quando estiver unido a ti⁴ por todo o meu ser, não existirá para mim em parte alguma dor e labor⁵, e viva será a minha vida inteiramente cheia de ti. Agora, porém, porque tu levantas aquele a quem enches de ti, eu sou um peso para mim mesmo, porque de ti não estou cheio. As minhas alegrias, dignas de pranto, litigam com as minhas tristezas, dignas de júbilo, e eu não sei de que lado está a vitória. Ai de mim, Senhor, compadece-te de mim!⁶ Ai de mim! Eis que não oculto as minhas feridas: tu és o médico, eu estou doente; tu és misericordioso, eu sou um miserável. Acaso a vida humana sobre a terra não é uma provação⁷? Quem deseja desgraças e dificuldades? Mandas suportá-las, não amá-las. Ninguém ama o que suporta, embora ame suportar. Ainda que se alegre em suportar, prefere, todavia, que nada haja que suportar. Desejo a prosperidade na adversidade, e receio a adversidade na prosperidade. Que meio termo existe entre elas, onde a vida humana não seja uma provação? Ai das prosperidades mundanas, uma e outra vez, por causa do receio da adversidade e por causa da corrupção da alegria! Ai das adversidades mundanas, uma, duas e três vezes, por causa do desejo de prosperidade e, porque é dura a própria adversidade, oxalá não quebrante a capacidade de suportar! Acaso a vida humana sobre a terra não é uma provação sem nenhuma pausa?

[Em Deus reside toda a esperança]

XXIX. 40. E toda a minha esperança não está senão na imensidão da tua misericórdia. Concede-me o que ordenas e ordena-me o que queres. Exiges de nós a continência. Diz alguém: E sabendo eu que ninguém pode *ser continente se Deus não lho conceder, era*

¹ Apesar de a edição adoptada ter optado pela lição *flagrasti*, traduzimos por ‘exalaste o teu perfume’ (*fragrasti*) e não por ‘incendiaste-me de amor’, dada a sequência dos cinco sentidos: ouvido, vista, cheiro, sabor, tacto.

² *Salmo* 33:9; 1 *Pedro* 2:3.

³ *Mateus* 5:6; 1 *Coríntios* 4:11.

⁴ *Salmo* 62:9.

⁵ *Salmo* 9B:28 (10A 7); 89:10.

⁶ *Salmo* 40:5, 11.

⁷ *Job* 7:1.

*já fruto da sabedoria o saber de quem era este dom*¹. Efectivamente, pela continência saímos da dispersão e somos reconduzidos à unidade, da qual nos dissipámos em muitas coisas. Na verdade, ama-te menos aquele que, ao mesmo tempo que a ti, ama alguma coisa, que não ama por causa de ti. Ó amor que ardes continuamente e nunca te extingues, caridade, ó meu Deus, inflama-me! Ordenas a continência: concede-me o que ordenas e ordena-me o que queres.

[Agostinho confessa como enfrenta as tentações da carne]

XXX. 41. Sem dúvida, ordenas-me que me abstenha da concupiscência da carne, e da concupiscência dos olhos, e da ambição do século². Ordenaste-me que me abstenha do prazer da carne, e, em relação ao próprio matrimónio, que tu permitiste, aconselhaste-me uma coisa melhor³. E, porque mo concedeste, aconteceu, ainda antes de eu me tornar administrador do teu mistério⁴. Mas ainda vivem na minha memória, sobre a qual tanto falei, imagens dessas tais coisas que o meu hábito nela fixou, e, embora desprovidas de forças, vêm ao meu encontro quando estou acordado, mas, durante o sono, chegam não só ao deleite, mas também ao consentimento e a um efeito absolutamente igual. A ilusão na minha alma tem tanto poder na minha carne que, estando eu a dormir, as falsas visões levam-me àquilo que, estando acordado, as verdadeiras não conseguem. Acaso, Senhor meu Deus, não sou eu nesse momento? E, todavia, é tão grande a diferença entre mim e mim mesmo, naquele momento em que passo da vigília ao sono e volto a passar do sono à vigília! Onde está, pois, a mente, graças à qual uma pessoa acordada resiste a tais sugestões e, se as próprias coisas se lhe deparam, permanece inabalável? Porventura fecha-se a mente ao mesmo tempo que os olhos? Porventura adormece com os sentidos do corpo? E porque é que, muitas vezes, mesmo no sono, resistimos, e, lembrados do nosso propósito, e nele permanecendo castissimamente, não damos nenhum assentimento a tais tentações? E, todavia, é tão grande a diferença que, quando sucede de outro modo, ao acordarmos, voltamos à tranquilidade da consciência, e, pela mesma diferença, descobrimos que não fizemos aquilo que todavia lamentamos de certo modo ter sido feito em nós.

¹ *Sabedoria* 8:21.

² *1 João* 2:16.

³ *1 Coríntios* 7:38.

⁴ *1 Coríntios* 4:1.

42. Acaso não é poderosa a tua mão, ó Deus omnipotente¹, para sarar todas as enfermidades² da minha alma e até para extinguir, por maior abundância da tua graça, todos os movimentos lascivos do meu sono? Aumentarás, Senhor, mais e mais, em mim, os teus dons para que a minha alma, liberta do visco da concupiscência, me siga até junto de ti, para que ela não seja rebelde para consigo, e para que, mesmo no sono, não só não cometa tais torpezas de corrupção, por meio de imagens sensuais, até ao fluxo da carne, mas nem sequer nelas consinta. Na verdade, que tal coisa nada me deleite, ou tão pouco quanto possa ser impedido pela vontade, também no casto afecto de quem dorme, não só nesta vida mas também nesta idade, não é grande coisa para ti, tu que és omnipotente e podes ir além daquilo que pedimos e compreendemos³. Agora, porém, o que ainda sou, neste género de mal que é o meu, já to disse, a ti que és o meu bom Senhor, exultando com tremor⁴ naquilo que me deste, e lamentando-me naquilo que ainda não consegui, esperando que completes em mim as tuas misericórdias⁵, até à paz total que em ti terá tudo aquilo que eu sou dentro e fora de mim, quando a morte for absorvida na vitória⁶.

[As tentações da gula]

XXXI. 43. Tem o dia outra malícia que oxalá lhe bastasse⁷. Com efeito, restauramos a degradação quotidiana do corpo, comendo e bebendo antes que destruas os alimentos e o estômago⁸, quando matares a indigência com uma maravilhosa saciedade e revestires este corpo corruptível da eterna incorruptibilidade⁹. Agora, porém, é-me suave a necessidade, e contra esta suavidade eu combato para me não deixar dominar, e travo uma luta diária, reduzindo o meu corpo à servidão, com frequentes jejuns¹⁰, e as minhas dores são eliminadas pelo prazer. Efectivamente, a fome e a sede são uma espécie de dores, queimam e, tal como a febre, matam, se não os socorrer o remédio dos alimentos.

¹ *Números* 11:25.

² *Salmo* 102:3; *Mateus* 4:23.

³ *Efésios* 3:20.

⁴ *Salmo* 2:11.

⁵ *Salmo* 102:6.

⁶ *Isaias* 25:8; 1 *Coríntios* 15:54.

⁷ *Mateus* 6:34.

⁸ 1 *Coríntios* 6:13.

⁹ 1 *Coríntios* 15:53.

¹⁰ 1 *Coríntios* 9:26-27; 2 *Coríntios* 6:5.

E, visto que este remédio está à nossa disposição, graças ao conforto dos teus dons, por meio dos quais a terra, a água e o céu estão ao serviço da nossa fraqueza, chamamos delícia à calamidade.

44. Tu ensinaste-me¹ a ir tomar os alimentos como se fossem medicamentos. Mas, quando passo do desconforto da necessidade ao conforto da saciedade, na mesma passagem o laço da concupiscência arma-me ciladas. Com efeito, essa passagem é um prazer e não existe outra passagem por onde se passe para onde a necessidade obriga a passar. E como a conservação da vida é a causa do comer e do beber, junta-se-lhe como companheiro um perigoso prazer que, muitas vezes, se obriga a ir adiante, de tal modo que, por causa dele, se faz aquilo que eu digo ou quero fazer, por causa da conservação da vida. Não é o mesmo o modo de ser de ambos: na verdade, o que é suficiente para a conservação da vida é pouco para o prazer, e, muitas vezes, não se sabe ao certo se é o necessário cuidado do corpo que ainda exige ser satisfeito, ou se é a falaciosa voluptuosidade do prazer que pede disfarçadamente para ser servida. Perante esta incerteza, a alma, infeliz, começa a alegrar-se e, nisso, prepara a justificação da sua desculpa, congratulando-se por não ser evidente o que é suficiente para o equilíbrio da saúde, a fim de que, a pretexto da conservação da vida, encubra a satisfação do prazer. Esforço-me todos os dias por resistir a estas tentações, e invoco a tua mão direita, e trago junto de ti as minhas inquietações, porque, sobre este assunto, a minha opinião ainda não é segura.

45. Ouço a voz do meu Deus que me ordena: *Não se tornem pesados os vossos corações com a intemperança e a embriaguez*². A embriaguez está longe de mim: tu terás compaixão para que ela se não aproxime de mim. Mas a intemperança, por vezes, insinua-se no teu servo: tu terás compaixão para que ela se afaste para longe de mim. Ninguém pode ser continente se tu não lho concederes³. Muitas coisas nos dás quando suplicamos e todo o bem que de ti recebemos antes de suplicarmos, de ti o recebemos; e recebemos de ti que depois o reconhecêssemos. Eu nunca fui bêbedo, mas conheço bêbedos que tu tornaste sóbrios. Por conseguinte, foste tu que fizeste com que não o fossem os que nunca o foram, fizeste com que não o fossem sempre os que o foram,

¹ *Salmo* 70:17.

² *Lucas* 21:34.

³ *Sabedoria* 8:21.

também fizeste que uns e outros soubessem que tu o fizeste. Ouvi outra voz tua: *Não vás atrás das tuas concupiscências e refreia os teus apetites*¹. Por dádiva tua, ouvi também aquela voz que muito amei: *Se comermos, não ganhamos nada, e se não comermos, nada perdemos*²; que é como dizer: Nem aquilo me fará rico, nem isto miserável. Ouvi ainda outra voz: *Eu aprendi a contentar-me com o que tenho. Sei viver na abundância e sei suportar a penúria. Tudo posso naquele que me conforta*³. Eis um soldado das milícias celestiais, não o pó que somos. Mas lembra-te, Senhor, que somos pó⁴, e do pó criaste o homem⁵, e *tinha-se perdido e foi encontrado*⁶. E ele não pôde em si, porque ele mesmo foi pó, ele que eu amei e disse tais coisas pelo sopro da tua inspiração: *Tudo posso, diz, naquele que me conforta*⁷. Conforta-me para que eu possa, concede-me o que ordenas, e ordena-me o que queres. Ele confessa ter recebido e gloria-se de que se gloria no Senhor⁸. Ouvi outro que pede, para receber: *Tira de mim, diz, as concupiscências do ventre*⁹. Donde se vê claramente, meu santo Deus, que tu dás, quando se faz o que mandas que se faça.

46. Ensinaste-me¹⁰, Pai bondoso, que *para os puros todas as coisas são puras*¹¹, mas são um mal para o homem que come provocando escândalo¹²; e que toda a criatura é boa e nada se deve rejeitar do que se toma com acção de graças¹³; não só porque não é a comida que nos torna recomendáveis a Deus¹⁴, mas também para que ninguém nos julgue pela comida ou pela bebida¹⁵, e para que *aquele que come não despreze aquele que não come e aquele que não come não condene o que come*¹⁶. Eu aprendi estas coisas: graças a ti, louvores a ti, meu Deus, meu mestre, tu que bateste à porta dos meus ouvidos¹⁷ e iluminaste¹⁸ o meu coração, livra-me de toda a tentação¹⁹. Eu não temo a

¹ *Eclesiástico* 18:30.

² *1 Coríntios* 8:8.

³ *Filipenses* 4:11-13.

⁴ *Salmo* 102:14.

⁵ *Gênesis* 3:19.

⁶ *Lucas* 15:24, 32.

⁷ *Filipenses* 4:13.

⁸ *1 Coríntios* 1:31; *2 Coríntios* 10:17.

⁹ *Eclesiástico* 23:6.

¹⁰ *Salmo* 70:17.

¹¹ *Tito* 1:15.

¹² *Romanos* 14:20.

¹³ *1 Timóteo* 4:4.

¹⁴ *1 Coríntios* 8:8.

¹⁵ *Colossenses* 2:16.

¹⁶ *Romanos* 14:3.

¹⁷ *Apocalipse* 3:20.

¹⁸ *Salmo* 30:17.

¹⁹ *Salmo* 17:30.

impureza do alimento, mas a impureza do prazer. Sei que a Noé foi permitido comer toda a espécie de carne que pudesse servir de alimento¹, que Elias se restabeleceu com um alimento de carne², que João, dotado de uma admirável abstinência, não foi contaminado pelos animais, isto é, os gafanhotos que lhe serviam de comida³, também sei que Esaú foi enganado pelo apetite de umas lentilhas⁴, e que David se repreendeu a si mesmo por ter desejado água⁵, e que o nosso rei não foi tentado com carne, mas com pão⁶. Por isso, o povo no deserto mereceu ser repreendido, não por ter desejado carne, mas por ter murmurado contra o Senhor por causa do desejo da comida⁷.

47. Exposto, pois, a estas tentações, luto todos os dias contra a concupiscência do comer e do beber: não há uma coisa com que eu possa cortar e não mais voltar a ela, como consegui fazer com a relação carnal. Por isso, devem ser dominadas as rédeas do paladar, afrouxando-as e puxando-as de forma equilibrada. E quem há, Senhor, que não seja arrastado um pouco para lá dos limites da necessidade? Seja ele quem for, é grande, e engrandeça o teu nome. Eu, porém, não o sou, *porque sou um homem pecador*⁸. Mas, por um lado, eu engrandeço o teu nome⁹, por outro aquele que venceu o mundo¹⁰ intercede junto de ti pelos meus pecados¹¹, contando-me entre os membros enfermos do seu corpo¹², porque *os teus olhos viram a imperfeição deles, e todos hão-de ser escritos no teu Livro*¹³.

[A sedução dos perfumes]

XXXII. 48. Da atracção dos perfumes não tenho muito para dizer: quando os não tenho, não os procuro, quando os tenho, não os rejeito, sempre também preparado para deles prescindir. Assim me parece; talvez me engane. Com efeito, são deploráveis estas trevas nas quais se oculta esta capacidade que há em mim, de o meu espírito, quando se

¹ *Gênesis* 9:2-3.

² *3 Reis* 17:6.

³ *Mateus* 3:4.

⁴ *Gênesis* 25:34.

⁵ *Samuel* 23:15-17.

⁶ *Mateus* 4:3.

⁷ *Números* 11:1-20.

⁸ *Lucas* 5:8.

⁹ *Salmo* 68:31; *Apocalipse* 15:4.

¹⁰ *João* 16:33.

¹¹ *Romanos* 8:34.

¹² *Romanos* 12:5; *1 Coríntios* 12:12, 22.

¹³ *Salmo* 138:16.

interroga a si mesmo sobre as suas forças, julgar que não deve confiar facilmente em si, porque a maior parte das vezes lhe é oculto o que há nele, a não ser que lhe seja revelado pela experiência; e ninguém deve ter a certeza nesta vida – que toda ela é chamada uma provação¹ – se aquele que pôde de pior tornar-se melhor, de melhor não se tornará pior. A única esperança, a única certeza, a única promessa segura é a tua misericórdia.

[Os prazeres do ouvido]

XXXIII. 49. Os prazeres do ouvido enredaram-me e subjugaram-me mais tenazmente, mas tu soltaste-me e libertaste-me. Agora, confesso-o, encontro um pouco de repouso nas melodias a que as tuas palavras dão vida, quando são cantadas com uma voz suave e bem trabalhada, não a ponto de ficar preso a elas, mas de forma a poder ir-me embora, quando quiser. No entanto, juntamente com as próprias frases que lhe dão vida, para que possam entrar em mim, procuram no meu coração um lugar de alguma dignidade, mas apenas lhes concedo o lugar apropriado. Às vezes, parece-me que lhes atribuo mais honra do que convém, quando sinto que o nosso espírito se move mais religiosa e ardentemente para a chama da piedade com aquelas letras sacras, quando assim são cantadas, do que se não fossem cantadas assim, e que todos os afectos do nosso espírito, cada um segundo a sua diversidade, têm na voz e no canto as suas próprias melodias, não sabendo eu qual é a oculta afinidade com essas melodias que os desperta. Mas o deleite da minha carne, ao qual não convém entregar a mente, que por ele seria necessariamente enfraquecida, engana-me muitas vezes, quando o sentimento não acompanha a razão de modo a ir resignadamente após ela, mas além disso, uma vez que mereceu ser admitido por causa dela, tenta até ir adiante e guiá-la. Assim, sem me dar conta, peço nestas coisas e depois dou-me conta disso.

50. Às vezes, porém, evitando com algum exagero esta mesma falácia, erro por excessiva severidade, mas, muitíssimas vezes, gostaria de afastar dos meus ouvidos e dos da própria Igreja toda a melodia das músicas suaves que acompanham o saltério de David; e parece-me mais seguro o que recorde ter ouvido dizer a respeito de Atanásio, bispo de Alexandria, o qual levava o leitor do salmo a entoá-lo com uma inflexão de

¹ Job 7:1.

voz tão pequena que parecia mais própria de quem recita do que de quem canta. Contudo, quando me lembro das minhas lágrimas, que derramei perante os cânticos da Igreja, nos primórdios da recuperação da minha fé, e quando mesmo agora me comovo, não com o canto, mas com as coisas que se cantam, quando são cantadas com uma voz clara e uma modulação perfeitamente adequada, reconheço de novo a grande utilidade desta prática. Assim, flutuo entre o perigo do prazer e a experiência do efeito salutar, e inclino-me mais, apesar de não pronunciar uma opinião irrevocável, a aprovar o costume de cantar na igreja, a fim de que, por meio do prazer dos ouvidos, um espírito mais fraco se eleve ao afecto da piedade. Todavia, quando me acontece que a música me comova mais do que as palavras, confesso que peço de forma a merecer castigo e, então, preferiria não ouvir cantar. Eis em que estado me encontro! Chorai comigo, chorai por mim, vós que algum bem praticais no vosso íntimo, donde procedem as acções. Na verdade, estas coisas não vos comovem, a vós que as não praticais. Tu, porém, Senhor meu Deus, escuta-me, volta para mim o teu olhar¹, e vê-me², e compadece-te de mim³, e cura-me⁴, tu, a cujos olhos me tornei para mim mesmo numa interrogação, e é essa a minha doença⁵.

[Os prazeres do olhar]

XXXIV. 51. Resta o deleite destes olhos da minha carne, acerca do qual farei uma confissão, que os ouvidos do teu templo⁶ possam ouvir, ouvidos fraternos e piedosos, a fim de concluirmos o tema das tentações da concupiscência da carne⁷, que ainda me fazem vibrar, gemendo e ansiando ser revestido da minha habitação celeste⁸. Os olhos amam as formas belas e variadas, as cores vivas e alegres. Oxalá estas coisas se não apoderem da minha alma; que dela se apodere Deus que, na verdade, fez estas coisas muito boas⁹. Porque o meu bem é ele mesmo e não estas coisas. Estando acordado, elas não me deixam durante todo o dia, não me dão repouso como me é dado pelas vozes harmoniosas, e às vezes por todas, durante o silêncio. Com efeito, a própria rainha das

¹ *Salmo* 12:4.

² *Salmo* 79:15.

³ *Salmo* 9:14.

⁴ *Salmo* 6:3.

⁵ *Salmo* 102:3; *Mateus* 4:23.

⁶ *1 Coríntios* 3:16-17; 6:19; *2 Coríntios* 6:16.

⁷ *1 João* 2:16.

⁸ *2 Coríntios* 5:2.

⁹ *Gênesis* 1:31.

cores, esta luz que inunda tudo o que vemos onde quer que eu esteja durante o dia, infiltrando-se de mil maneiras, acaricia-me, ainda que me ocupe de outras coisas e nela não repare. E insinua-se com tal veemência que, se de repente desaparece, procuramo-la com saudade e, se por muito tempo se ausenta, entristece o espírito.

52. Ó luz, que era vista por Tobias, quando, fechados estes olhos, ensinava ao filho o caminho da vida, e caminhava à sua frente com os pés da caridade¹, sem nunca se perder; ou a que Isaac via, quando, agravados e velados os olhos carnaís pela velhice, mereceu não abençoar os filhos reconhecendo-os, mas sim reconhecê-los abençoando-os²; ou a que Jacob via, quando, também ele privado da vista por causa da sua avançada idade, irradiou luz do seu luminoso coração sobre as gerações do povo futuro, prefiguradas nos filhos, e impôs as mãos misticamente cruzadas sobre os seus netos, filhos de José, não como o pai deles o corrigia exteriormente, mas como ele próprio vislumbra interiormente³. Ela é a luz, a única luz, e uma só coisa são todos os que a vêem e amam. Mas esta luz corporal, da qual falava, com a sua doçura sedutora e perigosa, ameniza a vida àqueles que, cegos, amam o século. Quando, porém, aprendem a fazer dela um motivo de louvor, ó Deus criador de todas as coisas⁴, incorporam-na num hino a ti, mas não são consumidos por ela, no seu adormecimento. Assim quero ser eu. Resisto às seduições dos olhos para que não se enredem os meus pés, com os quais percorro o teu caminho, e ergo para ti os meus olhos invisíveis, para que tu arranques do laço os meus pés⁵. Tu os libertas um após outro, pois estão presos num laço. Tu não cessas de os libertar, eu, porém, com frequência fico preso nas armadilhas espalhadas por toda a parte, pois não dormes nem dormitas, tu que guardas Israel⁶.

53. Que inumeráveis coisas acrescentaram os homens às tentações da vista com as variadas artes e requintes no vestuário, no calçado, nos utensílios, em outros produtos do mesmo gênero, nas pinturas e esculturas várias que muito ultrapassam o seu uso necessário e equilibrado e o seu piedoso significado, seguindo exteriormente aquilo que criam, abandonando interiormente aquele que os criou, e destruindo em si aquilo que ele

¹ Tobias 4 :2.

² Gênesis 27:1-40.

³ Gênesis 48:3-49:28.

⁴ 2 Macabeus 1:24; Ambrósio, *Hinos* I 2,1 (PL 16, 1409).

⁵ Salmo 24:15.

⁶ Salmo 120:4.

os fez. Mas eu, meu Deus e minha glória, também por isto entoo um hino e ofereço um sacrifício de louvor¹ a ti, que me santificas, porque as coisas belas que passam para a mão do artista através da sua alma provêm daquela beleza que está acima das almas e pela qual suspira, dia e noite², a minha alma. Ora, é daí que os artífices e seguidores destas belezas exteriores deduzem a norma que estabelece o seu valor, mas não a da sua utilização. E esta também lá está, e eles não a vêem de modo a não se afastarem para mais longe, e a guardarem para ti a sua fortaleza³, e a não a dissiparem em deliciosas canseiras. Eu, porém, quando exponho e examino isto, também enredo os meus passos naquilo que é belo, mas tu libertas-me, Senhor, libertas-me, *porque a tua misericórdia está diante dos meus olhos*⁴. Na verdade, eu deixo-me prender miseravelmente e tu libertas-me misericordiosamente, umas vezes sem eu sentir, porque a minha queda não tinha sido até ao fundo, outras vezes com dor, porque já estava atolado.

[Segundo género de tentação: a curiosidade]

XXXV. 54. A isto acresce outra forma de tentação, perigosa sob muitos mais aspectos. Com efeito, além da concupiscência da carne, que é inerente ao deleite de todos os sentidos e prazeres, postos ao serviço da qual perecem os que se afastam de ti⁵, existe na alma, disfarçado sob o nome de conhecimento e ciência, uma espécie de apetite vão e curioso, não de se deleitar na carne por meio dos mesmos sentidos do corpo, mas sim de sentir por meio da experiência da carne. Visto que esse apetite está no desejo de conhecer, e que os olhos ocupam o primeiro lugar entre os sentidos em ordem ao conhecimento, ele é designado na Escritura por concupiscência dos olhos⁶. Aos olhos pertence essencialmente a função de ver. Usamos também a palavra ‘ver’ para os outros sentidos quando os aplicamos ao acto de conhecer. Na verdade, não dizemos: ouve o que brilha, ou: cheira como resplandece, ou: saboreia como reluz, ou: apalpa como cintila, pois diz-se que todas estas coisas são vistas. No entanto, não só dizemos: vê o que brilha, porque só os olhos o podem sentir, mas também: vê o que soa, vê o que cheira, vê o que tem sabor, vê como é duro. Por isso, a experiência geral dos sentidos é

¹ Salmo 115:17

² Salmo 1:2; Jeremias 9:1.

³ Salmo 58:10.

⁴ Salmo 25:3.

⁵ Salmo 39:12; 72:27.

⁶ 1 João 2:16.

chamada, como foi dito, concupiscência dos olhos¹, porque os restantes sentidos, quando procuram conhecer algum objecto, também usurpam para si, por analogia, a função de ver, na qual os olhos têm a primazia.

55. Com isso se distingue mais claramente o que de prazer e o que de curiosidade é obtido por meio dos sentidos, porque o prazer procura coisas belas, harmoniosas, suaves, saborosas e macias, ao passo que a curiosidade procura também coisas contrárias a estas, para as experimentar, não para sofrer contrariedades, mas sim pelo prazer da experiência e do conhecimento. Que prazer há em ver num cadáver despedaçado aquilo que provoca horror? E, contudo, se um jaz em alguma parte, acorrem pessoas para se contristarem, para empalidecerem. Receiam até vê-lo em sonhos, como se alguém as tivesse obrigado a vê-lo, estando acordadas, ou tivesse atraídas pelo rumor de alguma beleza. E o mesmo sucede com os restantes sentidos, o que seria longo enumerar. Por causa desta doença da curiosidade, exibem-se nos espectáculos as coisas mais prodigiosas. Daqui passa-se à indagação dos segredos da natureza —que está fora do nosso alcance — que não há nenhum proveito em conhecer mas os homens não desejam senão conhecer. Daqui resulta também que se procure alguma coisa por meio das artes mágicas, com o mesmo fim de uma ciência perversa. Resulta ainda daqui que, na própria religião, Deus seja posto à prova, quando se lhe pedem sinais e prodígios², não para a salvação de alguém, mas unicamente por desejo da experiência.

56. Nesta selva tão imensa, cheia de armadilhas e de perigos, eis que eu cortei e expulsei muitas coisas do meu coração, tal como concedeste que eu fizesse, ó Deus da minha salvação³; contudo, quando ousarei dizer, uma vez que à minha volta uma tão grande quantidade de coisas deste género atordoa a nossa vida quotidiana, quando ousarei dizer que nenhuma de tais coisas me chama a atenção para eu olhar e ser apanhado numa vã preocupação? Na verdade, os teatros já não me atraem, nem procuro conhecer o curso dos astros, e nunca a minha alma consultou os espíritos; detesto todos os rituais sacrílegos. Com quantas sugestões e maquinações me não leva o inimigo a pedir um sinal, a ti, Senhor meu Deus, a quem devo servir na humildade e na

¹ 1 João 2:16.

² Lucas 11:16; João 4:48.

³ Salmo 17:47; 37:23.

simplicidade! Mas suplico-te, pelo nosso rei e pela nossa pátria, a pura e casta Jerusalém, que, assim como o consentir nestas coisas está longe de mim, assim também esteja sempre cada vez mais longe. Mas quando te peço pela salvação de alguém, muito diferente é o objectivo da minha intenção, e concedes e conceder-me-ás que eu te siga de bom grado, quando fazes o que queres.

57. No entanto, quem poderá contar a grande quantidade de coisas tão insignificantes e desprezíveis, com que diariamente é tentada a nossa curiosidade, e quantas vezes nos deixamos levar? Quantas aquelas em que, para não escandalizarmos os fracos, como que toleramos inicialmente aqueles que nos contam coisas banais, e depois, de bom grado, progressivamente lhes prestamos atenção. Já não dou atenção a um cão que corre atrás de uma lebre, quando isso acontece no circo; contudo, no campo, se por acaso estou a passar, uma caçada idêntica desvia-me talvez até de um pensamento elevado e volta para si a minha atenção, forçando-me a desviar-me, não com o corpo da montada, mas pela inclinação do coração, e se tu, mostrando-me a minha fraqueza, não me exortas imediatamente ou a que me eleve desse espectáculo até ti, por meio de algum pensamento, ou a que desprezar tudo isso e passe adiante, fico estupidamente embasbacado. E que dizer quando, sentado em casa, muitas vezes me atrai a atenção uma osga a caçar moscas, ou uma aranha a enredar nas suas teias as que nelas caem? Acaso, porque são animais pequenos, não é o mesmo o que se passa? Passo daí ao teu louvor, ó criador admirável e ordenador de todas as coisas, mas não é para te louvar que começo a reparar nisso. Uma coisa é levantar-me rapidamente e outra é não cair. E de tais coisas está cheia a minha vida, e a minha única esperança é a tua misericórdia, imensamente grande¹. Quando, porém, o nosso coração se transforma em receptáculo de coisas desta natureza, e transporta em si uma caterva de numerosas frivolidades, por causa disso também as nossas orações são muitas vezes interrompidas e perturbadas, e, na tua presença, quando dirigimos a voz do nosso coração para os teus ouvidos, não sei como é interrompido um acto tão elevado com os pensamentos fúteis que nos assaltam.

¹ *Salmo* 85:13.

[Terceiro gênero de tentação: a soberba]

XXXVI. 58. Porventura deveremos considerar também isto entre as coisas que não têm importância, ou haverá alguma coisa que nos possa reconduzir à esperança, a não ser a tua misericórdia, de todos conhecida, uma vez que tu começaste a mudar-nos? E tu sabes¹ em que medida é que me mudaste, tu que comesas por me curar da vontade de reivindicar a minha independência, para te tornares benévolo também para com todas as minhas restantes iniquidades, e curares todas as minhas fraquezas, e resgatares da corrupção a minha vida, e me coroares com a tua compaixão e misericórdia, e saciares de bens o meu desejo², tu que abateste com o teu temor o meu orgulho, e domaste a minha cerviz com o teu jugo. E agora eu levo-o, e é suave para mim, porque assim o prometeste³ e cumpreste; e na verdade era assim, e eu não sabia, quando a ele receava submeter-me.

59. Mas porventura, Senhor, tu que és o único que dominas sem orgulho, porque és o único verdadeiro Senhor⁴, tu que não tens senhor, porventura cessou em mim ou pode cessar em toda esta vida também este terceiro gênero de tentação⁵, o querer ser temido e amado dos homens, não por outro motivo, mas para que daí venha uma alegria que não é alegria? A vida é miserável, e vergonhosa a arrogância. Daí resulta não amar-te acima de tudo, nem temer-te castamente, e, por isso, tu resistes aos soberbos, mas dás a tua graça aos humildes⁶, e tropejas⁷ contra as ambições do século⁸, e estremecem os fundamentos das montanhas⁹. E assim, como, por causa de certos deveres da sociedade humana, é necessário ser amado e temido pelos homens, o adversário da nossa verdadeira felicidade não nos dá tréguas, espalhando por toda a parte nos seus laços um ‘muito bem! muito bem!’¹⁰, para que, enquanto recebemos avidamente estes aplausos, sejamos apanhados incautamente, e desliguemos a nossa alegria da tua verdade, e a coloquemos na falsidade dos homens, e nos agrada ser amados e temidos, não por causa

¹ *Tobias* 3:16; 8:9; *Salmo* 68:6; *João* 21:15-16.

² *Salmo* 102:3-5.

³ *Mateus* 11:30.

⁴ *Isaias* 37:20.

⁵ *1 João* 2:16.

⁶ *Tiago* 4:6; *1 Pedro* 5:5.

⁷ *Salmo* 17:14; 28:3.

⁸ *1 João* 2:16.

⁹ *Salmo* 17:14-16.

¹⁰ *Salmo* 34:21; 39:16; 69:4.

de ti, mas em vez de ti, e, deste modo, aqueles que se tornaram semelhantes a ele, os tenha consigo, não para a concórdia da caridade, mas para a partilha do suplício, ele que determinou colocar a sua morada no aquilão¹, para que, envolvidos pelas trevas e pelo frio, eles servissem aquele que te imitou, por caminhos perversos e tortuosos. Nós, porém, Senhor, somos o teu pequenino rebanho², apodera-te de nós³. Estende as tuas asas para que nos refugiemos debaixo delas. Sê tu a nossa glória; que sejamos amados por causa de ti e que a tua palavra seja temida em nós. Aquele que pretende ser louvado pelos homens, vituperando-o tu, não será defendido pelos homens, julgando-o tu, nem será liberto, condenando-o tu. Quando, porém, não é louvado o pecador nos desejos da sua alma, nem será abençoado aquele que pratica a iniquidade⁴, mas sim é louvado um homem qualquer por causa de algum dom que tu lhe deste, e ele se compraz mais em ser louvado do que em ter esse dom que é o motivo por que é louvado, também este é louvado, mas tu censura-lo: por isso, é melhor aquele que o louvou do que ele, que foi louvado. Àquele agradou-lhe no homem o dom de Deus, a este agradou-lhe mais o dom do homem do que o de Deus.

[A vanglória]

XXXVII. 60. Somos diariamente tentados com estas tentações, Senhor, somos incessantemente tentados. A língua dos homens é a nossa fornalha quotidiana⁵. Exiges de nós continência também neste aspecto: dá-nos aquilo que ordenas e ordena-nos aquilo que queres. Tu conheces a este respeito o gemido que o meu coração⁶ te dirige, bem como os rios que brotam dos meus olhos. Na verdade, não consigo saber com facilidade até que ponto estou limpo desta peste, e receio muito as minhas faltas ocultas⁷, que os teus olhos conhecem⁸, mas não os meus. Na realidade, noutros géneros de tentações eu tenho uma certa capacidade de me examinar, mas neste ela é quase nula.

Efectivamente, eu vejo quanto consegui poder refrear o meu espírito, não só dos prazeres da carne, mas também da supérflua curiosidade de conhecer, quando careço de

¹ *Isaiás* 14:13.

² *Lucas* 12:32.

³ *Isaiás* 26:13.

⁴ *Salmo* 9B:24 (10A:3).

⁵ *Provérbios* 27:21.

⁶ *Salmo* 37:9.

⁷ *Salmo* 18:13.

⁸ *Eclesiástico* 15:20.

tais coisas, quer por minha vontade, quer por ausência delas. Então interrogo-me se me é mais ou menos penoso não as ter. As riquezas, porém, que se desejam para servir a uma destas três concupiscências, ou a duas delas, ou a todas, se o espírito não pode perceber claramente se as despreza, possuindo-as, elas podem ser abandonadas, para que o espírito se ponha à prova a si mesmo. Mas, para nos privarmos do louvor e com isso fazermos a experiência do que somos capazes, acaso temos de viver de forma tão desonesta, tão infame e cruel, que todos os que nos conhecem nos detestem? Que maior loucura se pode dizer ou pensar? Ora, se o louvor não só costuma mas também deve ser o companheiro da uma vida irrepreensível e das boas obras, não é conveniente abandonar nem a sua companhia nem essa vida irrepreensível. Com efeito, eu não sei se consigo passar bem ou mal sem uma coisa, senão quando me falta.

61. O que é que, pois, Senhor, neste género de tentação te confesso? O quê, senão que me deleito nos louvores? Mas mais ainda na própria verdade do que nos louvores. Com efeito, se me for proposto se eu prefiro, estando louco e errando em todas as coisas, ser louvado por todos os homens, ou, estando são de espírito e firmíssimo na verdade, ser escarnecido por todos, eu sei o que escolheria. Na verdade, eu não gostaria que a aprovação de qualquer bem meu, por parte de uma boca alheia, aumentasse em mim a satisfação. Mas, confesso, não só a aprovação aumenta a satisfação, como também o vitupério a diminui. E, quando me perturbo com esta minha miséria, insinua-se sorrateiramente em mim a desculpa que tu sabes qual é, ó Deus¹; pois isso lança-me na incerteza. Uma vez que não só nos ordenaste a continência, a saber, de que coisas devemos afastar o nosso amor, mas também a justiça, a saber, em que é que o devemos colocar, e não apenas quiseste que te amássemos a ti, mas que também amássemos o próximo², muitas vezes parece-me que me deleito com o progresso ou a esperança do próximo, quando me deleito no louvor de alguém que faz uma boa apreciação a meu respeito, e, pelo contrário, me entristeço com o seu mal, quando o ouço censurar aquilo que, em mim, ou ignora ou é bom. E, por vezes, também me entristeço com os louvores que me dirigem, quando, ou são louvadas em mim aquelas coisas em que eu próprio me desagrado, ou também são mais apreciados do que deviam sê-lo os bens menores e insignificantes. Mas, mais uma vez, como é que eu sei se me sinto assim porque não

¹ *Salmo* 68:6.

² *Mateus* 22:37, 39; *Marcos* 12:30-31; *Lucas* 10:27.

quero que quem me louva discorde de mim, a respeito de mim, não por eu ser motivado pelo bem dele, mas por os mesmos bens, que me agradam em mim, me serem mais agradáveis quando agradam também a outro? Efectivamente, de certo modo, não sou louvado, quando não é louvado o juízo que de mim faço, visto que, ou são louvadas as coisas que me desagradam, ou são louvadas mais as coisas que menos me agradam. Não estou, portanto, incerto de mim mesmo?

62. Em ti, ó Verdade, eu vejo que não me devo deixar levar pelos louvores por causa de mim, mas por causa do bem do próximo. E não sei se sou assim. Neste aspecto, eu próprio conheço-me menos a mim do que a ti. Peço-te, ó meu Deus, e faz-me conhecer a mim mesmo aquilo que eu encontrar em mim ferido, para que o possa confessar aos meus irmãos, que hão-de orar por mim. Interrogar-me-ei de novo com mais diligência. Se sou levado, nos louvores que me dirigem, pelo bem do próximo, porque é que me impressiono menos, se alguém é vituperado injustamente, do que quando sou eu? Porque é que me morde mais a mim a afronta que é lançada contra mim do que a que, com igual injustiça, é lançada contra outro, diante de mim? Porventura ignoro também isto? Acaso devo concluir que me engano a mim mesmo¹, e que não pratico a verdade², diante de ti, no meu coração e na minha língua? Afasta para longe de mim, Senhor, essa loucura³, para que a minha boca não seja para mim o óleo do pecador a ungir a minha cabeça⁴.

[A vanglória é uma ameaça para a virtude]

XXXVIII. 63. *Sou necessitado e pobre*⁵, e sou melhor quando me desagrado a mim mesmo, em oculto pranto, e procuro a tua misericórdia, enquanto a minha indigência não for reparada e aperfeiçoada até à paz que ignoram os olhos do arrogante. As palavras, porém, que saem da boca, e as obras que se tornam conhecidas aos homens encerram uma tentação muitíssimo perigosa, por causa do desejo de ser louvado, o qual concentra os votos que mendiga numa espécie de enaltecimento pessoal: tenta-me, e quando por mim, em mim, é denunciada, pelo mesmo facto de ser denunciada e, muitas

¹ *Gálatas* 6:3.

² *João* 3:21; *1 João* 1:6.

³ *Provérbios* 30:8.

⁴ *Salmo* 140:5.

⁵ *Salmo* 108:22.

vezes, pelo mesmo desprezo da vanglória, gloria-se vãmente, e, por isso, já se não gloria do próprio desprezo da glória: com efeito, não a despreza, quando se gloria.

[Força e natureza do amor próprio]

XXXIX. 64. Também dentro, dentro de nós, existe, no mesmo género de tentação, outro mal que torna vãos aqueles que se comprazem em si e a si mesmos agradam, ainda que não agradem aos outros, ou lhes desagradem, e nem procurem agradar-lhes. Mas, agradando a si mesmos, desagradam-te muito a ti, não só quando se gloriam de coisas não boas como se fossem boas, mas também dos teus bens como se fossem seus, ou até como se fossem teus, mas obtidos por méritos seus, ou ainda como se fossem obtidos pela tua graça, todavia não a partilhando com outros, mas privando-os dela. Em tudo isto e nos perigos e trabalhos deste género, tu vês o tremor do meu coração, e sinto que é mais frequente tu curares as minhas feridas do que eu não as infligir a mim mesmo.

[A procura de Deus dentro e fora de si mesmo]

XL. 65. Onde é que tu, ó Verdade, não caminhaste comigo, ensinando-me o que devo evitar e o que devo desejar, quando te manifestava as minhas baixezas, as que pude, e te consultava? **Percorri o mundo exterior com o sentido que pude e, a partir de mim, observei a vida do meu corpo e os meus próprios sentidos. Daí entrei nos recônditos da minha memória, múltiplas amplidões maravilhosamente cheias de inumeráveis riquezas, e examinei-as atentamente, e fiquei assustado¹**, e nenhuma delas pude discernir sem ti, e descobri que tu não eras nenhuma delas. Nem eu mesmo sou o seu inventor, eu que as percorri todas e me esforcei por distinguir e avaliar cada uma delas, segundo o seu valor, colhendo umas dos sentidos que mas davam a conhecer e interrogando-as, sentindo outras confundidas comigo, e distinguindo e enumerando os sentidos que mas transmitem e, já nas largas riquezas da memória, manejando umas, ocultando outras, desvendando outras: e, quando isto fazia, não era eu mesmo, ou melhor, eu não era a força com que o fazia, nem ela mesma eras tu, porque tu és a luz² permanente a quem eu consultava, acerca de todas as coisas, ‘se eram’, ‘o que eram’ e ‘em quanto se deviam

¹ *Habacuc* 3:2.

² *João* 1:9; 8:12; 9:5; 12:46; 1 *João* 1:5.

avaliar': e ouvia-te quando me ensinavas e me davas as tuas ordens. E faço muitas vezes isto; isto deleita-me; e, sempre que posso desligar-me das minhas actividades obrigatórias, refugio-me neste prazer. E em nenhuma destas coisas, que percorro consultando-te, encontro um lugar seguro para a minha alma senão em ti, em quem se possam reunir todas as minhas dispersões, e nada de mim se afaste de ti. E, por vezes, fazes-me entrar num afecto deveras invulgar, numa não sei que doçura interior, a qual, se em mim alcançar a plenitude, não sei o que será, porque esta vida não será. Mas com o peso das minhas misérias volto a cair nestas coisas e sou absorvido pelas coisas do dia-a-dia, e fico preso nelas e choro muito, mas estou muito preso. Tão grande é o preço do fardo da habitação! Posso estar aqui e não quero, quero estar ali e não posso. Sou infeliz em qualquer dos lados.

[A tríplice concupiscência]

XLI. 66. Por isso considere as fraquezas dos meus pecados na tríplice concupiscência¹ e invoquei a tua dextra para minha salvação². Com efeito, com o coração ferido, vi o teu esplendor e, repellido, disse: 'Quem pode chegar ali?' *Fui atirado para longe dos teus olhos*³. Tu és a Verdade⁴ que preside a todas as coisas. Mas eu, pela minha avareza, não te quis perder, mas contigo quis possuir a mentira, da mesma maneira que ninguém quer dizer uma mentira de modo que ele próprio não saiba o que é verdade. E assim, perdi-te, porque tu não admites ser possuído juntamente com a mentira.

[Os falsos mediadores]

XLII. 67. Quem é que eu encontraria que me reconciliasse contigo? Deveria eu recorrer aos anjos? Com que prece? Com que ritos? Muitos, esforçando-se por voltar a ti e não o podendo por si próprios, tentaram, segundo ouço dizer, ir por aí, e caíram no desejo de visões temerárias e mereceram ser vítimas de ilusões. Ensoberbecendo-se, procuravam-te com a arrogância do saber, exibindo-se em vez de baterem no peito, e atraíram a si, por semelhança do seu coração, as companheiras e cúmplices da sua soberba, as potestades deste ar⁵, pelas quais seriam enganados com poderes mágicos, ao procurarem

¹ A concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida (cf. 1 *João* 2:16).

² *Salmo* 59:7; 102:3; 107:7; *Mateus* 4:23.

³ *Salmo* 30:23.

⁴ *João* 14:6.

⁵ *Efésios* 2:2.

um mediador pelo qual se haviam de purificar, e ele não existia. Na verdade era o diabo transfigurando-se em anjo da luz¹. **E pelo facto de este não possuir um corpo de carne, seduziu fortemente a carne orgulhosa.** Com efeito, eles eram mortais e pecadores, mas tu, Senhor, com quem procuravam soberbamente reconciliar-se, és imortal e sem pecado. No entanto, era necessário que o mediador entre Deus e os homens² possuisse algo de semelhante a Deus, algo de semelhante aos homens, para que, sendo em tudo semelhante aos homens, não estivesse longe de Deus, ou, sendo em tudo semelhante a Deus, não estivesse longe dos homens, não sendo, deste modo, mediador. Por isso, aquele falso mediador por quem, de acordo com os teus secretos juízos, a soberba merece ser enganada, possui uma coisa comum aos homens, isto é, o pecado, outra quer parecer tê-la em comum com Deus, para que se apresente como imortal, pelo facto de não estar revestido da carne mortal. Mas, porque o salário do pecado é a morte³, ele tem o pecado em comum com os outros homens, donde resulta ser condenado juntamente com eles à morte.

[Cristo, verdadeiro mediador]

XLIII. 68. Mas o verdadeiro mediador que, pela tua secreta misericórdia, revelaste aos humildes e enviaste, para que, com o seu exemplo, aprendessem também a mesma humildade, ele, mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus⁴, manifestou-se entre os mortais pecadores e o imortal justo, mortal em comum com os homens, justo em comum com Deus, a fim de que – em virtude de a recompensa da justiça ser a vida e a paz⁵ – pela justiça unida a Deus, aniquilasse a morte⁶ dos pecadores justificados⁷, a qual quis ter em comum com eles. Este mediador foi revelado aos antigos santos, para que eles próprios fossem salvos⁸ pela fé na sua futura paixão, tal como nós pela fé na sua paixão já passada. De facto, na medida em que é homem, nessa mesma medida é mediador, mas, enquanto Verbo, não está no meio, porque é igual a Deus⁹ e Deus junto de Deus¹⁰, e, ao mesmo tempo, um único Deus.

¹ 2 Coríntios 11:14.

² 1 Timóteo 2:5.

³ Romanos 6:23.

⁴ 1 Timóteo 2:5.

⁵ Romanos 8:6.

⁶ 2 Timóteo 1:10.

⁷ Provérbios 17:15; Romanos 4:5.

⁸ 1 Timóteo 2:4.

⁹ Filipenses 2:6.

¹⁰ João 1:1.

69. Como nos amaste, ó Pai bondoso, que não poupaste o teu único Filho, mas o entregaste por nós, pecadores¹! Como nos amaste a nós, a favor dos quais ele, não considerando rapina ser igual a ti, se fez obediente até à morte de cruz², sendo ele o único livre entre os mortos³, e tendo o poder de entregar a sua vida, e o poder de a tomar novamente⁴, por nós, diante de ti, vencedor e vítima, e vencedor porque vítima, por nós, diante de ti, sacerdote e sacrifício, e sacerdote porque sacrifício, fazendo de nós, diante de ti, de servos, filhos⁵, nascendo de ti e servindo-nos. Com razão, está nele a minha firme esperança de que curarás todas as minhas enfermidades⁶, por intermédio daquele que está sentado à tua direita⁷ e intercede por nós⁸: de outro modo, eu desesperaria. Muitas e grandes são essas enfermidades, são muitas e grandes; mas maior é a tua medicina. Poderíamos pensar que o teu Verbo estava longe de se unir ao homem, e poderíamos desesperar de nós, se não se tivesse feito carne e não tivesse habitado entre nós⁹.

70. Aterrorizado com os meus pecados e com o peso da minha miséria, tinha considerado e meditado no meu coração fugir para a solidão, mas tu proibiste-me e encorajaste-me, dizendo: *Cristo morreu por todos, a fim de que os que vivem já não vivam para si, mas para aquele que morreu por eles*¹⁰. Eis, Senhor, que eu lanço em ti a minha inquietação¹¹, a fim de que viva, e considerarei as maravilhas da tua Lei¹². Tu conheces¹³ a minha incapacidade e a minha fragilidade¹⁴: ensina-me¹⁵ e cura-me¹⁶. O teu Unigénito, em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência¹⁷, redimiui-me com o seu sangue¹⁸. Não me caluniem os soberbos¹⁹, porque penso no preço

¹ Romanos 5:6; 8:32.

² Filipenses 2:6, 8.

³ Salmo 87:6.

⁴ João 10:18.

⁵ Gálatas 4:7.

⁶ Salmo 102:3; Mateus 4:23.

⁷ Salmo 109:5.

⁸ Romanos 8:34.

⁹ João 1:14.

¹⁰ 2 Coríntios 5:15.

¹¹ Salmo 54:23.

¹² Salmo 118:17-18.

¹³ Tobias 3:16; 8:9; Salmo 68:6; João 21:15-16.

¹⁴ Salmo 68:6.

¹⁵ Salmo 142:10.

¹⁶ Salmo 6:3.

¹⁷ Colossenses 2:3.

¹⁸ Apocalipse 5:9.

¹⁹ Salmo 118:22.

da minha redenção¹, e como, e bebo², e distribuo, e, pobre, desejo saciar-me³ dele entre aqueles que dele se alimentam e saciam: e louvam o Senhor aqueles que o procuram⁴.

¹ *Salmo* 61:5.

² *João* 6:55, 57; 1 *Coríntios* 10:31; 11:29.

³ *Lucas* 16:21.

⁴ *Salmo* 21:27.

LIVRO XI

[Porque confessamos a Deus, se ele tudo sabe?]

I. 1. Porventura, Senhor, sendo tua a eternidade, ignoras o que te digo ou vês a cada momento o que se passa no tempo? Por que motivo é que, então, eu faço para ti a narração de todas estas coisas? Não é, decerto, para que as conheças por mim, mas apenas desperto o meu afecto para contigo, bem como o daqueles que lêem estas páginas, a fim de que todos possamos dizer: *O Senhor é grande e digno de todo o louvor*¹. Já o disse e voltarei a dizê-lo: é por amor do teu amor que o faço. Com efeito, por um lado nós oramos, não obstante, por outro lado a Verdade² diz-nos: *O vosso Pai conhece aquilo de que necessitais, antes mesmo de lho pedirdes*³. Por isso, manifestámos o nosso afecto para contigo, confessando-te as nossas misérias e proclamando as tuas misericórdias para connosco⁴, para que concluas a obra da nossa libertação, já que a começaste, para que deixemos de ser infelizes em nós e sejamos felizes em ti, porque nos chamaste para sermos pobres de espírito, e mansos, e pessoas que choram, e têm fome e sede de justiça, e misericordiosos, e puros de coração, e obreiros da paz⁵. Já te narrei muitas coisas, conforme pude e quis, uma vez que foste tu o primeiro a querer que as confessasse a ti, que és o Senhor meu Deus, *porque és bom, porque a tua misericórdia é eterna*⁶.

[Agostinho pede a Deus a compreensão das Escrituras]

II. 2. Quando serei eu capaz de enumerar, com a voz da minha escrita⁷, todas as tuas exortações, e todos os teus terrores, e as consolações, e as orientações com que me levaste a pregar a palavra e a dispensar o teu mistério ao teu povo? Mesmo que fosse capaz de enumerar tudo isso por ordem, preciosas me são as gotas do tempo. E há muito

¹ Salmo 47:2; 95:4; 144:3.

² João 14:6.

³ Mateus 6:8.

⁴ Salmo 32:22.

⁵ Mateus 5:3-9.

⁶ Salmo 117:1.

⁷ Salmo 44:2.

que desejo ardentemente meditar na tua Lei¹, e nela confessar-te a minha ciência e a minha ignorância, os primeiros vislumbres da tua iluminação e os vestígios das minhas trevas², até que a fraqueza seja devorada pela fortaleza. E não quero que se percam em outra coisa as horas que me ficam livres das necessidades do alimento do corpo, e da aplicação do espírito, e do serviço que devemos aos homens, e que não devemos, e todavia, lhes prestamos.

3. Senhor meu Deus, escuta a minha oração³ e que a tua misericórdia atenda o meu desejo⁴, porque não é em meu benefício somente que ele se inflama, mas pretende ser útil ao amor fraterno: e tu vês no meu coração que assim é. Ofereça-te eu em sacrifício o serviço do meu pensamento e da minha língua, e dá-me tu aquilo que hei-de oferecer-te⁵. Pois *eu sou pobre e necessitado*⁶, tu rico para com todos os que te invocam⁷ e, embora isento de cuidados, tomas-nos a teu cuidado. Suprime dos meus lábios⁸, dentro e fora de mim, toda a temeridade e toda a mentira. Que as tuas Escrituras sejam para mim castas delícias, que eu não me engane nelas, nem com elas engane os outros. Senhor, escuta-me⁹, e tem compaixão de mim, Senhor¹⁰ meu Deus, luz dos cegos e força dos fracos e, ao mesmo tempo, luz dos que vêem e força dos fortes, escuta a minha alma, e ouve-a clamando do fundo do abismo¹¹. Pois se os teus ouvidos não estiverem também presentes no abismo, para onde iremos¹²? Para onde dirigiremos o nosso clamor? *Teu é o dia e tua é a noite*¹³: a um aceno teu, os instantes voam. Concede-nos, então, tempo para meditarmos nos segredos da tua Lei e não a feches aos que batem à sua porta¹⁴. Nem em vão quiseste que se escrevessem os mistérios obscuros de tantas páginas, ou esses bosques não têm os seus veados que neles se abrigam e recompõem, passeiam e se apascentam, se deitam e ruminam. Ó Senhor, aperfeiçoa-me¹⁵ e revela-me esses bosques. A tua voz é a minha alegria, a tua voz¹ suplanta a

¹ Salmo 1:2.

² Salmo 17:29.

³ Salmo 60:2.

⁴ Salmo 9B:38 (10A:17).

⁵ Salmo 65:15.

⁶ Salmo 85:1.

⁷ Romanos 10:12.

⁸ Êxodo 6:12.

⁹ Jeremias 18:19.

¹⁰ Salmo 26:7; 85:3.

¹¹ Salmo 129:1-2.

¹² Salmo 138:7.

¹³ Salmo 73:16.

¹⁴ Mateus 7:7-8; Lucas 11:9-10.

¹⁵ Salmo 16:5.

afluência de prazeres. Dá-me o que amo: pois eu amo, e isso foste tu que mo deste. Não abandones os teus dons, nem desprezes esta tua erva sequiosa. Que eu te confesse tudo o que encontrar nos teus Livros, e *ouça a voz do teu louvor*², e possa inebriar-me de ti e sondar as *maravilhas da tua Lei*³, desde o princípio, em que fizeste o céu e a terra⁴, até ao reino⁵, contigo perpétuo, da tua Cidade Santa⁶.

4. Senhor, tem compaixão de mim e atende⁷ o meu desejo⁸. Estou em crer que não é um desejo da terra, nem de ouro e prata e pedras preciosas, ou de vestes luxuosas, ou de honras e poderes, ou de prazeres da carne nem de coisas necessárias ao corpo e a esta nossa vida de peregrinação: todas estas coisas nos são dadas por acréscimo, a nós que buscamos o teu reino e a tua justiça⁹. Vê¹⁰, meu Deus, donde vem o meu desejo. *Os ímpios deram-me a conhecer as suas alegrias, mas não se comparam às da tua Lei, Senhor*¹¹. Eis donde vem o meu desejo. Vê¹², ó Pai, olha, e vê, e aprova, e seja tido por bem, na presença da tua misericórdia¹³, que eu encontre graça diante de ti, para que me seja franqueado o âmago das tuas palavras, quando eu lhes bater à porta¹⁴. Isto te imploro por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo, teu Filho, *o homem que está à tua direita, Filho do Homem, que estabeleceste*¹⁵ como mediador entre ti e nós¹⁶, por quem nos buscaste quando te não buscávamos¹⁷ e nos procuraste para que te procurássemos, teu Verbo por quem fizeste todas as coisas¹⁸, entre as quais também a mim, teu Único, por quem chamaste à adopção o povo dos crentes¹⁹, no qual também a mim: por ele te rogo, por ele que está sentado à tua direita e intercede por nós²⁰, *no qual se encontram escondidos todos os tesouros de sabedoria e de ciência*²¹. É a estes mesmos que eu

¹ Salmo 28:9.

² Salmo 25:7.

³ Salmo 118:18.

⁴ Génesis 1:1.

⁵ Apocalipse 5:10.

⁶ Apocalipse 21:2, 10.

⁷ Salmo 26:7.

⁸ Salmo 9B:38 (10A:17).

⁹ Mateus 6:33.

¹⁰ Lamentações 1:9; Salmo 9:14; 58:6.

¹¹ Salmo 118:85.

¹² Lamentações 1:9; Salmo 9:14; 58:6.

¹³ Salmo 18:15; Daniel 3:40

¹⁴ Mateus 7:7-8; Lucas 11:9-10.

¹⁵ Salmo 79:18.

¹⁶ 1 Timóteo 2:5.

¹⁷ Isaías 65:1; Romanos 10:20.

¹⁸ João 1:1, 3.

¹⁹ Gálatas 4:5.

²⁰ Romanos 8:34.

²¹ Colossenses 2:3.

procuro nos teus Livros. A respeito dele escreveu Moisés: é ele mesmo que o diz¹, é a própria Verdade² que o diz.

[O que Moisés escreveu sobre a criação do céu e da terra não se pode entender se Deus
o não conceder]

III. 5. Faz com que eu ouça e compreenda como no princípio fizeste o céu e a terra³. Isto escreveu Moisés, escreveu e partiu deste mundo, passou daqui de junto de ti para junto de ti, e agora já não está diante de mim. Pois se estivesse, detê-lo-ia, e pedir-lhe-ia, e suplicar-lhe-ia por teu intermédio que me aclarasse o sentido das suas palavras, e abriria os ouvidos do meu corpo aos sons que surgissem da sua boca, e se Moisés falasse em língua hebraica em vão bateria à porta⁴ dos meus ouvidos, já que nenhuma ideia chegaria à minha mente⁵; se, porém, falasse em Latim, compreenderia o que ele me dissesse. Mas como saberia eu se ele estava a dizer a verdade? E mesmo que o soubesse, acaso o saberia a partir dele? A verdade, que não é hebraica, nem grega, nem latina, nem bárbara, por certo me diria no meu íntimo, na morada do meu pensamento, sem os órgãos da boca e da língua e sem o ruído das sílabas: Ele diz a verdade, e eu, determinado e cheio de confiança, diria de imediato àquele teu servo: Tu dizes a verdade. Dado que eu não lhe posso perguntar, pergunto-te a ti, na plenitude do qual ele disse a verdade, peço-te, ó Verdade⁶, peço-te, meu Deus, perdoa os meus pecados⁷, e tu que concedeste àquele teu servo dizer estas palavras, concede-me também a mim que as compreenda⁸.

[A criatura clama por Deus, seu criador]

IV. 6. Existem, pois, o céu e a terra e proclamam que foram feito; pois estão sujeitos a mudanças e a alterações. Mas, tudo aquilo que não foi feito e todavia existe, não tem nenhuma coisa que não tivesse antes: essa coisa é o ser mudado e alterado. Proclamam

¹ João 5:46.

² João 14:6.

³ Gênesis 1:1.

⁴ Mateus 7:7-8; Lucas 11:9-10.

⁵ A língua hebraica não era conhecida por Santo Agostinho.

⁶ João 14:6.

⁷ Job 14:16.

⁸ Salmo 118:34, 73, 144.

também que não se fizeram a si próprios: ‘Existimos precisamente porque fomos feitos; portanto, não existíamos antes de existir, de maneira a que pudéssemos fazer-nos a nós próprios’. E a voz deles que assim falam é a própria evidência. Portanto tu, Senhor, tu os fizeste, tu que és belo: e eles são belos; tu que és bom: e eles são bons; tu que és: e eles são. Nem são tão belos, nem são tão bons, nem são como tu és, seu criador, e comparados contigo nem são belos, nem são bons, nem são. Sabemos isto, *graças te sejam dadas*¹, e, comparado com o teu conhecimento, o nosso conhecimento é ignorância.

[O mundo criado do nada]

V. 7. Mas de que modo fizeste o céu e a terra e qual foi a máquina da tua acção criadora tão grandiosa? Não fizeste como um artífice humano, que modela um corpo a partir de outro corpo, por decisão da sua alma capaz de impor, por qualquer modo que seja, a forma que ela vê, em si mesma, com o seu olhar interior – e como poderia ela ser capaz disto, senão porque tu a fizeste? – e esse artífice impõe uma forma à matéria, que já existia e tinha como ser, por exemplo ao barro, ou à pedra, ou à madeira, ou ao ouro, ou a qualquer outra matéria. E donde proviriam todas estas matérias se tu as não tivesses criado? Tu fizeste um corpo para o artífice, tu fizeste uma alma para que mandasse nos seus membros, tu fizeste a matéria com que ele faz o que quer que seja, tu fizeste o talento com que possa conceber e ver dentro de si o que faz fora de si, tu fizeste os sentidos do corpo, com os quais, sendo eles intérpretes, possa transpor do espírito para a matéria aquilo que faz e comunique ao espírito o que foi feito, de maneira a que ele, no seu íntimo, consulte a verdade, por que se rege, sobre se está bem feito. Todas estas coisas te louvam como criador de todas elas. Mas de que modo é que as fazes? De que modo é que fizeste, ó Deus, o céu e a terra? Por certo nem no céu nem na terra fizeste o céu e a terra, nem no ar ou nas águas, porque também estas pertencem ao céu e à terra, nem no universo fizeste o universo, porque não havia onde fosse feito, antes de ser feito, para poder existir. Nem tinhas na mão coisa alguma com que pudesses fazer o céu e a terra: e donde te veio aquilo que não fizeras, com que pudesses fazer alguma coisa²?

¹ Lucas 18:11.

² Gênesis 1:1.

De facto, o que é que existe a não ser porque tu existes? Por conseguinte, tu disseste e foram feitos¹ e no teu Verbo os fizeste².

[Como é que Deus disse: Faça-se o mundo?]

VI. 8. Mas como é que disseste? Não foi, por acaso, do mesmo modo como quando se ouviu a voz, vinda da nuvem, que dizia: *Este é o meu Filho dilecto*³? Essa voz soou e passou, começou e findou. Soaram as sílabas e passaram: a segunda após a primeira, a terceira após a segunda, e assim sucessivamente, até que, depois das restantes, soou e passou a última e, depois da última, houve silêncio. Donde ressalta clara e distintamente que a proferiu um movimento de uma criatura, o qual, ainda que temporal, serve a tua eterna vontade. E estas tuas palavras, soando por algum tempo, foram anunciadas pelo ouvido exterior à sabedoria da mente, cujo ouvido interior está aberto ao teu Verbo eterno. E a mente comparou estas palavras, que soaram por algum tempo, com o teu Verbo, eterno no silêncio, e disse: Uma coisa é muito distinta da outra, muito distinta é da outra. É que essas palavras estão muito abaixo de mim e não existem, porque fogem e passam: enquanto o Verbo de Deus permanece eternamente acima de mim⁴. Se, por conseguinte, foi com palavras que soam e passam que disseste que se fizesse o céu e a terra, e assim fizeste o céu e a terra, é porque já havia uma criatura material antes do céu e da terra, mediante cujos movimentos temporais aquela voz se propagasse por algum tempo. Nenhum corpo existia, porém, antes do céu e da terra, ou, se existia, sem dúvida tu o tinhas feito sem recorrereres a uma voz transitória, com que fizesses a voz transitória, por meio da qual dissesses que se fizesse o céu e a terra. Com efeito, qualquer que fosse a substância com que se fizesse tal voz, não poderia de forma alguma existir se não tivesse sido criada por ti. Portanto, com que palavra foi dito que se fizesse o corpo com que se fizessem essas palavras?

¹ *Salmo* 32:9

² *Salmo* 32:6; *João* 1:1, 3.

³ *Mateus* 3:17; 17:5; *Lucas* 3:22; 9:35.

⁴ *Isaías* 40:8.

[O Verbo de Deus é co-eterno com Deus]

VII. 9. Assim nos chamas, pois, a compreender o Verbo, Deus junto de ti que és Deus¹, o qual sempiternamente é dito e no qual sempiternamente são ditas todas as coisas. Com efeito, não se acaba o que estava a ser dito, e diz-se outra coisa, para que todas as coisas possam ser ditas, mas todas simultânea e sempiternamente: se assim não fosse, já existiria tempo e mudança e não verdadeira eternidade nem verdadeira imortalidade. Isto sei eu, ó meu Deus, e dou-te graças. Sei, confesso-te², Senhor, e comigo sabe e te bendiz todo aquele que é não ingrato para com a Verdade infalível. Sabemos, Senhor, sabemos que na medida em que cada coisa não é o que era e passa a ser o que não era, nessa mesma medida morre e nasce. Nada, pois, do teu Verbo, antecede e sucede, porque ele é verdadeiramente imortal e eterno. E, por isso, no Verbo, que é co-eterno contigo, dizes simultânea e sempiternamente todas as coisas que dizes, e faz-se tudo o que dizes que se faça; nem fazes de outro modo que não seja dizendo: e, todavia, não são feitas simultânea e sempiternamente todas as coisas que fazes dizendo.

[O Verbo de Deus é o princípio que nos ensina toda a verdade]

VIII. 10. Porquê, peço-te, Senhor meu Deus? De certa maneira eu vejo-o, mas não sei como expressá-lo, a não ser que tudo o que começa a existir e deixa de existir começa e deixa de existir no momento em que, na eterna razão, onde nada começa nem acaba, é conhecido que devia ter começado ou ter acabado. Isso mesmo é o teu Verbo, que também é o princípio, porque também nos fala³. Assim falou no Evangelho, por meio da carne, e isso ressoou exteriormente aos ouvidos dos homens para que fosse acreditado, e procurado interiormente, e encontrado na eterna verdade, onde o bom e único Mestre⁴ ensina todos os seus discípulos. Aí ouço a tua voz, Senhor, a voz de quem me diz que nos fala aquele que nos ensina, enquanto quem não nos ensina, ainda que nos fale, não nos fala. De resto, quem nos ensina senão a verdade inalterável? Porque, quando somos orientados, mesmo por uma criatura mutável, somos levados à verdade inalterável, onde verdadeiramente aprendemos, quando firmemente estamos e o ouvimos e enchemo-nos

¹ João 1:1.

² Mateus 11:25-27; Lucas 10:21-22.

³ João 8:25.

⁴ Mateus 19:16; 23:8.

de alegria por causa da voz do esposo¹, devolvendo-nos a nós mesmos ao lugar donde somos. Ele é, pois, o princípio, visto que, se não permanecesse estável, não teríamos para onde voltar, quando andássemos errantes. Quando, porém, voltamos do error, voltamos, por certo, porque conhecemos; e para conhecermos, ele ensina-nos, porque é o princípio e nos fala².

[Como o Verbo de Deus fala ao coração]

IX. 11. Neste princípio fizeste, ó Deus, o céu e a terra³, no teu Verbo, no teu Filho, na tua virtude, na tua sabedoria⁴, na tua verdade, de modo admirável dizendo, e de modo admirável fazendo. Quem o poderá compreender? Quem o poderá explicar? Que isso que brilha em mim e trespassa o meu coração, sem o ferir? E tanto estremeço como me inflamo: estremeço, na medida em que sou diferente disso; inflamo-me, na medida em que sou semelhante a isso. A sabedoria, é a própria sabedoria, que brilha em mim, rasgando a minha nuvem, que de novo me cobre, quando dela me afasto, por causa da escuridão e do acervo das minhas penas, porque as minhas forças debilitaram-se de tal modo na indigência⁵ que não sou capaz de suportar o meu próprio bem, até que tu, Senhor, que te tornaste indulgente para com todas as minhas iniquidades, cures também todas as minhas fraquezas, porque não só resgatarás a minha vida da corrupção, mas também me hás-de coroar na tua compaixão e misericórdia, e saciarás de bem o meu desejo, visto que a minha juventude será renovada como a da águia⁶. *Na esperança fomos salvos e na paciência aguardamos o cumprimento das tuas promessas*⁷. Quem puder, ouça-te, falando no seu íntimo; eu clamarei, cheio de confiança com as palavras do teu oráculo: *Como são magníficas as tuas obras, Senhor, todas as fizeste na tua sabedoria*⁸! E esta é o princípio, e neste princípio fizeste o céu e a terra⁹.

¹ João 3:29.

² João 8:25.

³ Gênesis 1:1.

⁴ 1 Coríntios 1:24.

⁵ Salmo 30:11.

⁶ Salmo 102:3-5.

⁷ Romanos 8:24-25.

⁸ Salmo 103:24.

⁹ Gênesis 1:1.

[Os que contra-argumentam: Que fazia Deus antes de criar o céu e a terra?]

X. 12. Não é verdade que estão cheios do homem velho¹ aqueles que nos dizem: ‘Que fazia Deus antes de fazer o céu e a terra²? Se estava ocioso, dizem eles, e nada fazia, porque é que não esteve sempre assim também daí em diante, da mesma forma que antes se absteve sempre de agir³? Na verdade, se existiu em Deus algum movimento novo e uma nova vontade de criar um ser, que antes nunca fora criado, como é que há uma verdadeira eternidade, quando nasce uma vontade que antes não existia? Pois, a vontade de Deus não é uma criatura, mas existe antes da criatura, porque nada seria criado, se a vontade do Criador não precedesse. Logo, a vontade de Deus pertence à sua própria substância. Ora, se na substância de Deus nasceu alguma coisa que antes não existia, não se diz, com verdade, que tal substância é eterna; mas se a vontade sempiterna de Deus era que existisse a criatura, por que razão também a criatura não é sempiterna?’

[Resposta: a eternidade de Deus não conhece tempo]

XI. 13. Aqueles que isto dizem ainda não te compreendem, ó sabedoria de Deus⁴, ó luz das mentes, ainda não compreendem como são feitas as coisas que por meio de ti e em ti são feitas, e esforçam-se por saborear as realidades eternas, mas o seu coração esvoaça ainda nos movimentos passados e futuros das coisas, continuando vazio⁵. Quem poderá detê-lo e fixá-lo, a fim de que ele pare e por um momento capte o esplendor da eternidade sempre fixa, e a compare com os tempos nunca fixos, e veja que ela é incomparável, e veja que um longo tempo não é longo senão a partir de muitos momentos que passam e não podem alongar-se simultaneamente; veja, pelo contrário, que, no que é eterno, nada é passado, mas tudo é presente, enquanto nenhum tempo é todo ele presente: e veja que todo o passado é obrigado a recuar a partir do futuro, e que todo o futuro se segue a partir de um passado, e que todo o passado e futuro são criados e derivam daquilo que é sempre presente? Quem poderá deter o coração do homem, a ponto de ele parar e ver como a eternidade, que é fixa, nem futura nem passada,

¹ Romanos 6:6; Efésios 4:22; Colossenses 3:9; cf. Agostinho, *Sermão* 267. 2: *carnalitas uetustas est*.

² Gênesis 1:1.

³ Gênesis 2:3.

⁴ Efésios 3:10.

⁵ Salmo 5:10.

determina os tempos futuros e passados? Será que, porventura, a minha mão consegue¹ isto, ou que a mão da minha boca, que se manifesta falando, realiza tão grande intento?

[Que fez Deus antes da criação do mundo?]

XII. 14. Eis a minha resposta a quem diz: Que fazia Deus antes de fazer o céu e a terra²? Não lhe dou aquela resposta que alguém, segundo se diz, terá dado, iludindo com graça a violência da pergunta: Preparava, disse, a geena para aqueles que perscrutam questões tão profundas. Uma coisa é ver, outra coisa é rir. Esta não é a minha resposta. Preferiria responder: ‘Não sei o que não sei’, em vez de dar uma resposta que pusesse a ridículo quem formulou questão tão profunda e gabasse quem respondeu erradamente. Mas eu afirmo, ó nosso Deus, que tu és o criador de toda a criatura e, se sob a designação de ‘céu e terra’ se entende toda a criatura, não hesito em afirmar: ‘Antes de Deus fazer o céu e a terra, não fazia coisa alguma’. Com efeito, se fazia alguma coisa, que coisa fazia senão a criatura? E oxalá assim eu possa saber tudo aquilo que, utilmente, desejo saber, tal como sei que não estava criada nenhuma criatura antes de ser criada alguma criatura.

[Antes dos tempos criados por Deus, não havia tempo]

XIII. 15. Mas se algum sentido volúvel vagueia pelas imagens dos tempos anteriores à criação e se admira de que tu, Deus onnipotente, e criador e sustentáculo de todas as coisas, artífice do céu e da terra, durante inumeráveis séculos te abstiveste de tão grande obra, antes de a fazeres, ele que desperte e repare que se admira de coisas falsas. Com efeito, como podiam ter passado inumeráveis séculos, que tu próprio não tinhas feito, sendo tu o autor e criador de todos os séculos? Ou que tempos teriam existido que não tivessem sido criados por ti? Ou como podiam ter passado se nunca tivessem existido? Sendo tu o obreiro de todos os tempos, se existiu algum tempo antes de fazeres o céu e a terra³, por que motivo se diz que tu te abstinhas de agir⁴? De facto, tu tinhas feito o próprio tempo, e os tempos não puderam passar, antes de tu fazeres os tempos. Se, no

¹ *Gênesis* 31:29.

² *Gênesis* 1:1.

³ *Gênesis* 1:1.

⁴ *Gênesis* 2:3.

entanto, não existia nenhum tempo antes do céu e da terra, por que razão se pergunta o que fazias então? Na realidade, não havia ‘então’, quando não havia tempo.

16. E tu não precedes os tempos com o tempo: se assim fosse, não precederias todos os tempos. Mas precedes todos os pretéritos com a grandeza da tua eternidade sempre presente, e superas todos os futuros porque eles são futuros, e quando eles chegarem, serão pretéritos; *tu, porém, és o mesmo e os teus anos não têm fim*¹. Os teus anos não vão nem vêm: os nossos vão e vêm, para que todos venham. Os teus anos existem todos ao mesmo tempo, porque não passam, e os que vão não são excluídos pelos que vêm, porque não passam: enquanto os nossos só existirão todos, quando todos não existirem. Os teus anos são um só dia², e o teu dia não é todos os dias, mas um ‘hoje’, porque o teu dia de hoje não antecede o de amanhã; pois não sucede ao de ontem. O teu hoje é a eternidade: por isso, geraste co-eterno contigo aquele a quem disseste: *Eu hoje te gerei*³. Tu fizeste todos os tempos e tu és antes de todos os tempos, e não houve tempo algum em que não havia tempo.

[As três espécies de tempo: passado, presente, futuro]

XIV. 17. Não houve, pois, tempo algum em que não tivesses feito alguma coisa, porque tinhas feito o próprio tempo. E nenhuns tempos te são co-eternos, porque tu permaneces o mesmo; ora, se os tempos permanecessem os mesmos, não seriam tempos. Que é, pois, o tempo? Quem o poderá explicar facilmente e com brevidade? Quem poderá apreendê-lo, mesmo com o pensamento, para proferir uma palavra acerca dele? Que realidade mais familiar e conhecida do que o tempo evocamos na nossa conversação? E quando falamos dele, sem dúvida compreendemos, e também compreendemos, quando ouvimos alguém falar dele. O que é, pois, o tempo? Se ninguém mo pergunta, sei o que é; mas se quero explicá-lo a quem mo pergunta, não sei: no entanto, digo com segurança que sei que, se nada passasse, não existiria o tempo passado, e, se nada adviesse, não existiria o tempo futuro, e, se nada existisse, não existiria o tempo presente. De que modo existem, pois, esses dois tempos, o passado e o futuro, uma vez que, por um lado, o passado já não existe, por outro, o futuro ainda não existe? Quanto ao presente, se

¹ *Salmo* 101:28 ; *Hebreus* 1:12.

² *Salmo* 89:4; 2 *Pedro* 3:8.

³ *Salmo* 2:7; *Actos* 13:33; *Hebreus* 1:5; 5:5.

fosse sempre presente, e não passasse a passado, já não seria tempo, mas eternidade. Logo, se o presente, para ser tempo, só passa a existir porque se torna passado, como é que dizemos que existe também este, cuja causa de existir é aquela porque não existirá, ou seja, não podemos dizer com verdade que o tempo existe senão porque ele tende para o não existir?

[A medição do tempo em que]

XV. 18. E, no entanto, dizemos ‘tempo longo’ e ‘tempo breve’, mas não o dizemos senão em relação ao passado e ao futuro. Chamamos ‘longo’ ao tempo passado, quando, por exemplo, ele é cem anos anterior ao presente. De igual modo, chamamos ‘longo’ ao tempo futuro, quando ele é cem anos posterior ao presente. Por outro lado, chamamos ‘breve’ ao tempo passado, se, por exemplo, dizemos ‘há dez dias’, e ‘breve’ ao tempo futuro, se dizemos ‘daqui a dez dias’. Mas como é que é longo ou breve aquilo que não existe? Com efeito, o passado já não existe e o futuro ainda não existe. Não digamos, pois: é longo, mas, em relação ao passado, digamos: foi longo, e em relação ao futuro: será longo. Meu Senhor, minha luz¹, acaso também aqui a tua verdade não escarnecerá do homem? Quanto ao facto de o tempo passado ter sido longo, foi longo quando já era passado ou quando ainda era presente? Com efeito, ele só podia ser longo, quando havia alguma coisa que pudesse ser longa: na verdade, o passado já não existia; e por isso não podia ser longo o que não existia absolutamente. Não digamos, pois: O tempo passado foi longo – pois não encontraremos porque foi longo, uma vez que não existe a partir do momento em que se tornou passado – mas digamos: Foi longo aquele tempo presente, porque era longo enquanto era presente. Ainda não tinha passado de maneira a não existir e, por isso, havia alguma coisa que podia ser longa; mas, depois de ter passado, nesse mesmo momento deixou também de ser longo aquilo que deixou de existir.

19. Vejamos, pois, ó alma humana, se o tempo presente pode ser longo: pois te foi dada a capacidade de perceber e medir a sua duração. Que me responderás? Acaso cem anos presentes são um tempo longo? Considera, primeiro, se cem anos podem estar presentes. Se, com efeito, está a decorrer o primeiro desses anos, esse mesmo está presente e os outros noventa e nove estão para vir e, por isso, não existem: mas, se

¹ *Miqueias* 7:8.

decorre o segundo ano, um já passou, outro está presente, e os restantes estão para vir. E assim, qualquer que seja o ano intermédio destes cem anos que tomemos como presente, os que estão antes dele terão passado, os depois dele estarão para vir. Por conseguinte, cem anos não poderão estar presentes. Considera, pelo menos, se o ano que decorre é o único que está presente. Com efeito, se é o primeiro mês que decorre, os outros estão para vir; se é o segundo, por um lado, o primeiro já passou, por outro, os restantes ainda não existem. Por conseguinte, nem o ano que decorre está todo ele presente e, se não está todo presente, não está o ano presente. Doze meses são um ano, dos quais qualquer mês que decorra, esse mesmo está presente, os restantes ou passaram ou estão para vir. Admitamos que nem sequer o mês que decorre está presente, mas somente um dia: se for o primeiro, os outros hão-de vir; se for o último, os outros terão passado; se for qualquer dia intermédio, esse está entre os que passaram e os que hão-de vir.

20. Eis que o tempo presente, o único que considerávamos susceptível de ser chamado longo, foi reduzido ao espaço de apenas um dia. Mas examinemo-lo também a ele, porque nem sequer um dia está todo ele presente. Este compõe-se de vinte e quatro horas, umas nocturnas e outras diurnas, a primeira das quais tem as outras como futuras e a última tem as outras como passadas, ao passo que qualquer das intermédias tem como passadas as que estão antes dela, e como futuras as que estão depois dela. E até essa mesma única hora decorre em instantes fugazes: tudo o que dela escapou é passado; tudo o que dela resta é futuro. Se se puder conceber algum tempo que não seja susceptível de ser subdividido em nenhuma fracção de tempo, ainda que a mais minúscula, esse é o único a que se pode chamar presente; mas este voa tão rapidamente do futuro para o passado que não se estende por nenhuma duração. Na verdade, se se estende, divide-se em passado e futuro: mas o presente não tem extensão alguma. Quando é, então, o tempo a que podemos chamar longo? Será o futuro? Na verdade não dizemos: é longo, porque ainda não existe o que possa ser longo, mas dizemos: será longo. Então, quando será? Se, com efeito, também nesse instante ainda há-de vir, não será longo, porque ainda não existirá aquilo que possa ser longo: se, porém, for longo no instante em que, de futuro, que ainda não é, começar já a ser e a tornar-se presente, a ponto de poder existir aquilo que pode ser longo, já, como antes ficou dito, o tempo presente proclama que não pode ser longo.

[Que tempo se pode medir e qual não?]

XVI. 21. E, contudo, Senhor, apercebemo-nos dos intervalos dos tempos, e comparamos entre si, e dizemos que uns são mais longos e outros mais breves. Medimos também quanto um tempo é mais longo ou mais breve do que outro, e afirmamos que este é o dobro ou o triplo, e aquele a unidade, ou que um é tanto como outro. Mas medimos os tempos que passam, quando, sentindo-os, os medimos; no entanto, quem pode medir os tempos passados, que já não existem, ou os futuros, que ainda não existem, a não ser que alguém ouse talvez dizer que se pode medir o que não existe. Quando, pois, o tempo está a passar, pode sentir-se e medir-se, quando, porém, tiver passado, não pode, porque não existe.

[Donde procede o passado e o futuro?]

XVII. 22. Pergunto, ó Pai, não afirmo: meu Deus, assiste-me e guia-me¹. Quem há que possa dizer-me que não há três tempos, o passado, o presente e o futuro, tal como aprendemos quando éramos crianças, e ensinamos às crianças, mas apenas o presente, já que os outros dois não existem? Ou será que também existem, mas o presente procede de alguma coisa oculta, quando de futuro se torna presente, e o passado se afasta para alguma coisa oculta, quando de presente se torna passado? Onde é que aqueles que vaticinaram coisas futuras as viram, se elas ainda não existem? Não se pode ver o que não existe, e aqueles que narram coisas passadas não narrariam coisas realmente verdadeiras, se as não tivessem visto claramente no seu espírito: se tais coisas não existissem, de nenhuma forma poderiam ser vistas. Existem, pois, tanto coisas futuras como passadas.

[Como é que o passado e o futuro estão presentes?]

XVIII. 23. Permite-me, Senhor, ir mais longe na minha procura, ó minha esperança²; e não se distraia a minha atenção. Se existem coisas futuras e passadas, quero saber onde estão. Mas se isso ainda não me é possível, sei, todavia, que onde quer que estejam, aí

¹ *Salmo* 22:1; 27:9.

² *Salmo* 70:5.

não são futuras nem passadas, mas presentes. Na verdade, se também aí são futuras, ainda lá não estão, e se também aí são passadas, já lá não estão. Por conseguinte, onde quer que estejam e quaisquer que sejam, não existem senão como presentes. Ainda que se narrem, como verdadeiras, coisas passadas, o que se vai buscar à memória não são as próprias coisas que já passaram, mas as palavras concebidas a partir das imagens de tais coisas, que, ao passarem pelos sentidos, gravaram na alma como que uma espécie de pegadas. Até a minha infância, que já não existe, existe no tempo passado, que já não existe; mas vejo a sua imagem no tempo presente, quando a evoco e descrevo, porque ainda está na minha memória. Se té semelhante a explicação também da predição do futuro, de tal forma que sejam tornadas presentes, como já existentes, as imagens das coisas que ainda não existem, confesso-te, meu Deus, que não sei. Há uma coisa que eu sei: a maior parte das vezes, nós premeditamos as nossas acções futuras e essa premeditação é presente, ao passo que a acção que premeditamos ainda não existe, porque é futura; quando a empreendermos e começarmos a realizar aquilo que premeditávamos, então essa acção existirá, porque então já não será futura, mas presente.

24. Assim, qualquer que seja a natureza deste misterioso pressentimento do futuro, não se pode ver senão o que existe. Ora, o que já existe não é futuro, mas presente. Por isso, quando se diz que se vêem coisas futuras, não se vêem essas mesmas coisas, que ainda não existem, ou seja, que hão-de existir, mas sim as suas causas ou, talvez, os seus sinais; estes já existem: por isso, não são futuros, mas já presentes para os que os vêem, e, a partir deles, são preditas as coisas futuras concebidas no espírito. As imagens dessas coisas, por sua vez, já existem, e vêem-nas como presentes, dentro de si, aqueles que predizem tais coisas. Ofereça-me um exemplo a imensa variedade das coisas. Contemplo a aurora: preannuncio que o sol vai nascer. O que vejo é presente, o que preannuncio é futuro: não é o sol, que já existe, que é futuro, mas sim o seu nascimento, que ainda não existe: todavia, mesmo o próprio nascimento, se não o imaginasse no meu espírito, como agora quando estou a falar dele, não o poderia predizer. Mas aquela aurora que vejo no céu não é o nascimento do sol, embora o preceda, nem aquela imagem que está no meu espírito: ambas são vistas claramente como presentes, a ponto de se poder dizer antecipadamente aquele futuro. Portanto, as coisas futuras ainda não existem e, se ainda não existem, não existem, e, se não existem, não podem ser vistas de

forma alguma; mas podem ser preditas a partir das coisas presentes, que já existem e se vêem.

[Como é que Deus revela coisas futuras?]

XIX. 25. Diz-me, pois, tu que reinas sobre a tua criação, qual é o modo como ensinas às almas as coisas que hão-de vir? Pois ensinaste os teus Profetas. Qual é o modo pelo qual ensinas as coisas futuras, tu, para quem nada é futuro? Ou melhor, ensinas coisas presentes a respeito do futuro? Com efeito, o que não existe sem dúvida alguma também não pode ser ensinado. Esse modo está muito longe do alcance da minha visão; ultrapassa as minhas forças: só por mim não poderei atingi-lo¹; poderei, no entanto, com a tua ajuda, quando tu mo concederes, ó doce luz² dos meus olhos³ ocultos.

[Como designar as três espécies de tempo?]

XX. 26. Uma coisa é agora clara e transparente: não existem coisas futuras nem passadas; nem se pode dizer com propriedade: há três tempos, o passado, o presente e o futuro; mas talvez se pudesse dizer com propriedade: há três tempos, o presente respeitante ao às coisas passadas, o presente respeitante às coisas presentes, o presente respeitante às coisas futuras. Existem na minha alma estas três espécies de tempo e não as vejo em outro lugar: memória presente respeitante às coisas passadas, visão presente respeitante às coisas presentes, expectativa presente respeitante às coisas futuras. Se me permitem dizê-lo, vejo e afirmo três tempos, são três. Diga-se também: os tempos são três, passado, presente e futuro, tal como abusivamente se costuma dizer; diga-se. Pela minha parte, eu não me importo, nem me oponho, nem critico, contanto que se entenda o que se diz: que não existe agora aquilo que está para vir nem aquilo que passou. Poucas são as coisas que exprimimos com propriedade, muitas as que referimos sem propriedade, mas entende-se o que queremos dizer.

[Como é legítimo medir o tempo?]

¹ *Salmo* 138:6.

² *Eclesiastes* 11:7.

³ *Salmo* 37:11.

XXI. 27. Disse há pouco que medimos os tempos que passam, de maneira a podermos dizer que este espaço de tempo é o dobro relativamente à unidade, ou que este é tanto como aquele, embora seja possível, utilizando a medida, afirmar outra coisa qualquer relativamente às partes do tempo. Por conseguinte, como dizia, medimos os tempos que passam, e se alguém me disser: ‘Como é que sabes?’, responderei: ‘Sei, porque medimos, e não podemos medir o que não existe, e não existem coisas passadas ou futuras’. No que se refere ao tempo presente, como é que o medimos, uma vez que ele não tem extensão? Medimo-lo, portanto, quando passa, mas quando tiver passado, não se mede; pois não haverá nada para ser medido. Mas donde vem ele, por onde e para onde passa, quando se mede? Donde vem senão do futuro? Por onde passa senão pelo presente? Para onde se dirige senão para o passado? Logo, vem daquilo que não existe, passa por aquilo que não tem extensão e dirige-se para aquilo que já não existe. Mas que medimos nós senão tempo em alguma extensão? E nós não dizemos simples, e duplo, e triplo, e igual, e qualquer outra coisa deste modo no tempo, senão por referência a extensões de tempo. Em que extensão de tempo medimos, pois, o tempo que passa? Será no futuro, donde ele vem? Mas não medimos o que ainda não existe. Será no presente, por onde ele passa? Mas não medimos uma extensão que não existe. Será no passado, para onde se dirige? Mas não medimos o que já não existe.

[Só Deus pode resolver este enigma]

XXII. 28. O meu espírito anseia por compreender este enigma tão enredado. Não feches, Senhor meu Deus, Pai de bondade, por Cristo te peço, não feches ao meu desejo estas coisas, a um tempo comuns e misteriosas, e não impeças que ele nelas penetre e elas se tornem claras mediante a luz da tua misericórdia, Senhor. Quem consultarei a esse respeito? E a quem confessarei com mais fruto a minha ignorância senão a ti, para quem não são molestos os meus desejos ardentemente inflamados nas tuas Escrituras? Dá-me o que amo: pois eu amo, e isso foste tu que mo deste. Dá-mo, ó Pai, tu que verdadeiramente sabes dar dádivas valiosas aos teus filhos¹, dá, já que deliberei conhecer essas coisas e diante de mim está uma tarefa difícil², até que tu mas abras³.

¹ *Mateus* 7:11.

² *Salmo* 72:16.

³ *Mateus* 7:7-8; *Lucas* 11:9-10.

Peço-te, por Cristo, em nome dele, Santo dos Santos, que ninguém me importune. E eu acreditei, e é por isso que falo¹. Esta é a minha esperança; para ela vivo, a fim de contemplar as delícias do Senhor². Eis que tornaste velhos os meus dias³, e eles passam, e eu não sei como. E dizemos tempo e tempo, tempos e tempos: ‘Durante quanto tempo é que ele disse isto?’; ‘Durante quanto tempo fez ele isto?’; e: ‘Durante muito tempo não vi aquilo’; e: ‘Esta sílaba tem o dobro do tempo daquela simples breve’. Dizemos e ouvimos tais coisas, e somos compreendidos e compreendemos. São expressões muito claras e muito usadas, mas, sob outro ponto de vista, são extremamente obscuras, e a sua interpretação constitui novidade.

[O que é o tempo?]

XXIII. 29. Ouvi dizer a um certo homem douto que o tempo não é senão os movimentos do sol, da lua e das estrelas⁴, e eu não concordei. Porque não serão antes os tempos os movimentos de todos os corpos? Será que, se as luzes do céu parassem e continuasse a mover-se a roda do oleiro, deixaria de haver tempo com que medíssemos as suas voltas e disséssemos, ou que se move durante instantes iguais, ou que umas voltas são mais longas e outras menos, se a roda se movesse umas vezes mais vagarosamente e outras mais velozmente? Ou, dizendo isso, não falaríamos também nós no tempo, ou não haveria nas nossas palavras umas sílabas longas, outras breves, a não ser porque aquelas ressoam durante um tempo mais longo e estas durante um tempo mais breve? Ó Deus, concede aos homens a possibilidade de observarem nas coisas pequenas as noções comuns às pequenas e às grandes coisas. Existem os astros e os luminares do céu que servem de sinais para distinguir os tempos, e os dias, e os anos⁵. De facto, existem; mas eu não diria que uma volta daquela roda de madeira é um dia, nem esse homem, por seu lado, diria que o tempo não existe.

30. O meu desejo é conhecer a força e a natureza do tempo, com que medimos os movimentos dos corpos e dizemos, por exemplo, que aquele movimento é mais

¹ Salmo 115:1; 2 Coríntios 4:13.

² Salmo 26:4.

³ Salmo 38:6.

⁴ É possível que Agostinho se esteja a referir a um seu antigo mestre (*audiui*), de quem terá ouvido as opiniões de Platão, expressas no *Timeu*, e as de Eratóstenes e Hestico de Perinto, os quais afirmavam que ‘o tempo é o movimento dos astros’.

⁵ Génesis 1:14.

demorado do que este no dobro do tempo. Na verdade, pergunto eu, visto que se chama dia não só à demora do sol sobre a terra, graças à qual uma coisa é o dia, outra é a noite, mas também a uma volta completa do sol de Oriente a Oriente, o que nos permite afirmar: Passaram tantos dias – diz-se ‘tantos dias’, incluindo as respectivas noites, não se considerando à parte a extensão das noites –, visto que o dia se completa com o movimento do sol e uma volta de Oriente a Oriente, pergunto eu se é o próprio movimento que constitui o dia ou se é a demora em que esse movimento se completa, ou ambas as coisas. Se, com efeito, o dia fosse a primeira coisa, então haveria dia, mesmo que o sol completasse o seu curso em tanto espaço de tempo quanto o de uma hora. Se o dia fosse a segunda coisa, então não haveria dia, se, do nascer do sol a outro nascer do sol, a demora fosse tão breve como a de uma hora, mas o sol daria a volta vinte e quatro vezes, para completar o dia. Se o dia fosse ambas as coisas, nem se chamaria dia ao movimento, se o sol desse uma volta completa no espaço de uma hora, nem à demora do sol se, caso este parasse, passasse tanto tempo quanto ele costuma gastar a fazer uma volta completa de uma manhã a outra manhã. Por conseguinte, neste momento não procuro indagar que coisa seja aquela a que se chama dia, mas antes o que seja o tempo, com que, medindo o percurso do sol, diríamos que ele o completou em menos de metade do tempo do que é costume, se o tivesse completado em tanto espaço de tempo quanto demoram a passar doze horas, e comparando um e outro tempo, diríamos que aquele é uma unidade, este, o dobro, ainda que o sol demorasse, no seu percurso de Oriente a Oriente, umas vezes a unidade de doze horas, outras vezes o dobro. Portanto, ninguém me diga que os tempos são os movimentos dos corpos celestes, porque, tendo o sol parado a pedido de um homem, para que pudesse levar a seu termo uma batalha vitoriosa, o sol estava parado¹, mas o tempo ia avançando. Com efeito, o combate travou-se e terminou durante o espaço de tempo que lhe era suficiente. Vejo, pois, que o tempo é uma certa extensão. Mas vejo? Ou parece-me que vejo? Tu mo mostrarás, ó luz², ó Verdade³.

[O tempo é aquilo com que medimos o movimento]

¹ Josué 10:12-13.

² João 1:9.

³ João 14:6.

XXIV. 31. Mandas-me estar de acordo se alguém disser que o tempo é o movimento de um corpo? Não mandas. É que eu oiço dizer que nenhum corpo se move senão no tempo: és tu que o dizes. Mas não oiço dizer que o próprio movimento de um corpo é o tempo: não és tu que o dizes. Quando, porém, um corpo se move, é com o tempo que eu meço a duração do seu movimento, desde que começa a mover-se, até que acaba. E se eu não vi desde que começou e continua a mover-se, de modo a não ver quando termina, não posso medir senão talvez a partir do momento em que começo a ver, até deixar de ver. Mas se o vejo durante muito tempo, afirmo apenas que foi muito tempo, mas não quanto tempo é, porque também quando dizemos ‘quanto’, dizemo-lo por comparação, como por exemplo: Isto durou tanto tempo como aquilo, ou: Isto durou o dobro daquilo, e alguma coisa deste género. Se, porém, pudermos notar as extensões dos lugares donde vem e para onde vai um corpo que se move, ou as partes dele, se se mover como que em torno de si mesmo, podemos dizer quanto é o tempo a partir do momento em que se efectuou o movimento do corpo, ou de parte dele, desde um lugar até ao outro. Dado que uma coisa é o movimento do corpo, outra aquilo com que medimos a sua duração, quem é que não percebe a qual destas coisas de preferência se deve chamar tempo? Na verdade, se o corpo umas vezes se move a um ritmo desigual, outras vezes está parado, medimos com o tempo, não só o seu movimento, mas também o seu repouso, e dizemos: ‘Esteve tanto tempo parado como em movimento’; ou: ‘Esteve parado o dobro ou o triplo do tempo em que esteve em movimento’; ou qualquer outra coisa que a nossa medição tenha compreendido ou avaliado, mais ou menos, como costuma dizer-se. Por conseguinte, o tempo não é o movimento do corpo.

[Nova interpelação a Deus]

XXV. 32. E confesso-te, Senhor¹, que ainda ignoro o que seja o tempo, e de novo te confesso, Senhor, que sei que digo estas coisas no tempo, e que há muito tempo estou a falar do tempo, e que este ‘há muito tempo’ não é outra coisa senão a duração do tempo. Portanto, como é que eu sei isso, quando não sei o que é o tempo? Será que não sei como exprimir o que sei? Ai de mim, que nem ao menos sei aquilo que não sei! Aqui me tens, diante de ti, ó meu Deus, porque eu não minto²: digo-te o que me vai no

¹ *Salmo* 9:2; *Mateus* 11:25; *Lucas* 10:21.

² *Gálatas* 1:20.

coração. Tu iluminarás a minha lucerna, Senhor, meu Deus, iluminarás as minhas trevas¹.

[Como se mede o tempo?]

XXVI. 33. Acaso a minha alma não te confessa, com uma confissão verdadeira, que eu meço os tempos? Na verdade, eu meço-os, ó meu Deus, e não sei o que meço. Com o tempo, meço o movimento dum corpo. Acaso não meço da mesma maneira o próprio tempo? Será que poderia medir o movimento de um corpo, durante o tempo em que ele existe e durante o tempo em que ele se desloca de um lugar para o outro, se não medisse o tempo no qual ele se move? Então, com que é que eu meço o próprio tempo? Será que medimos, com um tempo mais breve, um tempo mais longo, tal como medimos o comprimento de uma trave com o comprimento de um côvado? Na verdade, é assim que parece que medimos a duração de uma sílaba longa com a duração de uma sílaba breve e dizemos que é o dobro. Assim, medimos a extensão de um poema pelo número dos versos, a extensão dos versos pela duração dos pés, a duração dos pés pela duração das sílabas, a duração das sílabas longas pela duração das breves, e não em número de páginas – pois, dessa forma, medimos o espaço e não o tempo –, mas sim à medida que pronunciamos as palavras e elas passam, e dizemos: Este poema é extenso, porque se compõe de tantos versos; estes versos são longos, porque constam de tantos pés; estes pés são longos, porque se estendem por tantas sílabas; uma sílaba é longa, porque é o dobro da breve. Mas nem assim se apreende uma medida exacta do tempo, visto que pode suceder que um verso mais breve ressoe por maior espaço de tempo, se for recitado mais arrastadamente, do que um verso mais longo, se for recitado mais vivamente. O mesmo se diga de um poema, de um pé e de uma sílaba. Daí que me tenha parecido que o tempo não é outra coisa senão extensão; mas extensão de que coisa, não sei, e será surpreendente se não for uma extensão do próprio espírito. Suplico-te, meu Deus, que coisa é que eu meço e digo, quer de forma aproximada: ‘Este tempo é mais longo do que aquele’, quer também com precisão: ‘Este tempo é o dobro daquele’? Eu meço o tempo, sei isso, mas não meço o futuro, porque ainda não existe, não meço o presente, porque não se estende por nenhuma extensão, não meço o passado, porque já

¹ *Salmo* 17:29.

não existe. Que meço então? Acaso os tempos que passam, não os que já passaram? Assim o tinha dito eu.

[Como medimos o tempo que permanece no espírito?]

XXVII. 34. Insiste, minha alma, e presta a devida atenção: Deus é a nossa ajuda¹; foi ele que nos criou, e não nós que nos criámos². Fixa o teu olhar onde começa a despontar a verdade. Imagina que a voz de um corpo começa a soar, e soa, e soa ainda, e eis que deixa de soar, e faz-se silêncio, e a voz passou e já não há voz. Havia de ser, antes de soar, e não podia ser medida, porque ainda não existia, e agora não pode, porque já não existe. Por isso, podia ser medida no momento em que soava, porque nesse momento existia o que podia ser medido. Mas, mesmo então, não estava fixa; pois ia e passava. Acaso podia ser medida noutro momento? Com efeito, passando, estendia-se por uma extensão de tempo, em que podia ser medida, já que o presente não tem qualquer extensão. Se, então, nesse momento, podia ser medida, imagina que outra voz começa a soar e ainda soa, numa vibração contínua sem interrupção: meçamo-la, enquanto soa; pois, logo que tiver cessado de soar, já terá passado e nada haverá que possa ser medido. Meçamo-la com precisão e digamos qual a sua medida. Mas ainda soa e não pode ser medida, senão desde o início em que começa a soar, até ao fim, em que deixa de soar. Com efeito, medimos o próprio intervalo desde um início até a um fim. Por isso, a voz que ainda não cessou não pode ser medida, de modo a que se possa dizer em que medida é longa ou breve, nem se pode dizer que seja igual a outra, ou que tenha com ela uma relação simples, ou dupla, ou qualquer outra coisa. Logo que ela tiver cessado, já não existirá. De que modo, pois, pode ser medida? E apesar disso, medimos os tempos, não aqueles que ainda não existem, nem aqueles que já não existem, nem aqueles que não se estendem por nenhuma duração, nem aqueles que não têm limites. Por conseguinte, não medimos os tempos futuros, nem os passados, nem os presentes, nem os que estão a passar, e no entanto medimos os tempos.

¹ *Salmo* 61:9.

² *Salmo* 99:3.

35. O verso *Deus Creator omnium*¹, de oito sílabas, alterna sílabas breves com sílabas longas: e assim, as quatro breves (a primeira, a terceira, a quinta, a sétima) são simples em relação às quatro longas (a segunda, a quarta, a sexta, a oitava). Cada uma destas tem o dobro do tempo, em relação a cada uma daquelas; pronuncio-as e dou-me conta disso, e é assim, na medida em que o ouvido o percebe distintamente. Na medida em que essa percepção é distinta, meço a sílaba longa com uma breve, e apercebo-me de que a longa tem o dobro da breve. Mas, quando soa uma após outra, se a primeira é breve e a segunda é longa, como hei-de reter a breve, e como hei-de aplicar a breve à longa, ao medir, a fim de verificar que ela tem o dobro da duração, visto que a longa não começa a soar senão depois de a breve deixar de soar? Acaso meço a mesma sílaba longa, enquanto presente, quando não a meço senão depois de terminada? Só depois de terminada é que é passada. Portanto, o que é que eu meço? Onde está a breve com a qual eu meço? Onde está a longa que eu meço? Ambas soaram, voaram, passaram, já não existem: e eu meço-as e afirmo com segurança, na medida em que se confia num ouvido apurado, que uma é simples, outra é dupla, quanto à extensão do tempo. E não o posso afirmar senão porque passaram e terminaram. Por conseguinte, meço, não as sílabas que já não existem, mas, na minha memória, meço alguma coisa que permanece gravado nela.

36. Em ti, ó meu espírito, meço os tempos. Não me perturbes, ou melhor: não te perturbes com a multidão das tuas impressões. Em ti, repito, meço os tempos. Meço a impressão que as coisas, ao passarem, gravam em ti e que em ti permanece quando elas tiverem passado, e meço-a, enquanto presente, e não as coisas que passaram, de forma a que essa impressão ficasse gravada; meço-a, quando meço os tempos. Por isso, ou essas coisas são tempos, ou não meço tempos. Então? Quando medimos os silêncios e dizemos que tal silêncio durou tanto tempo quanto durou tal som, acaso não estamos a dirigir o nosso pensamento para a duração do som, como se ele estivesse a soar, a fim de podermos afirmar alguma coisa acerca dos intervalos dos silêncios na extensão do tempo? Com efeito, sem dizer palavra nem mexer os lábios, recitamos mentalmente poemas, versos, e qualquer discurso, e as medidas do seu movimento, quaisquer que

¹ *Deus Creator omnium* = Deus Criador de todas as coisas. Este verso, pertencente a um hino de Santo Ambrósio (*Hinos* I 2,1: *PL* 16, 1409; cf. Livro 9. 32), é formado por oito sílabas, quatro longas e quatro breves assim distribuídas: U--U--U--U--. Note-se que sílaba longa: (--) tem uma duração dupla da sílaba breve: (U). Cf. 2 *Macabeus* 1:24.

sejam, e damo-nos conta das extensões dos tempos, qual a dimensão de um em relação ao outro, precisamente da mesma maneira como se os pronunciássemos em voz alta. Alguém que tenha querido emitir um som um pouquinho mais alongado e que tenha decidido mentalmente qual há-de ser a sua duração, esse, na verdade, delimitou a duração do tempo em silêncio e, confiando-o à memória, começa a emitir esse som que soa até atingir o limite fixado: mais ainda, tal som soou e soará, pois a parte que se extinguiu sem dúvida soou, enquanto o que resta soará, e assim se prolonga, enquanto a atenção presente arrasta o futuro para o passado, crescendo o passado com a diminuição do futuro, até ao momento em que, com a extinção do futuro, tudo é passado.

[Com o espírito medimos os tempos]

XXVIII. 37. Mas como diminui ou se extingue o futuro que ainda não existe, ou como cresce o passado que já não existe, senão porque no espírito, que faz isso, há três operações: a expectativa, a atenção e a memória? Desta forma, aquilo que é objecto da expectativa passa, através daquilo que é objecto da atenção, para aquilo que é objecto da memória. Por conseguinte, quem nega que as coisas futuras ainda não existem? E, todavia, já existe, no espírito, a expectativa das coisas futuras. E quem nega que as coisas passadas já não existem? E, todavia, ainda existe, no espírito, a memória das coisas passadas. E quem nega que o tempo presente não tem extensão, porque passa num instante? E, todavia, perdura a atenção, através da qual tende a estar ausente aquilo que estará presente. Portanto, não é longo o tempo futuro, porque não existe, mas um futuro longo é uma longa espera do futuro, nem é longo o tempo passado, porque não existe, mas um passado longo é uma longa memória do passado.

38. Tenho a intenção de recitar um cântico que sei: antes de começar, a minha expectativa estende-se a todo ele, mas, logo que começar, a minha memória amplia-se tanto quanto aquilo que eu desviar da expectativa para o passado, e a vida desta minha acção estende-se para a memória, por causa daquilo que recitei, e para a expectativa, por causa daquilo que estou para recitar: no entanto, está presente a minha atenção, através da qual passa o que era futuro, de molde a tornar-se passado. E quanto mais e mais isto avança, tanto mais se prolonga a memória com a diminuição da expectativa, até que esta fica de todo extinta, quando toda aquela acção, uma vez acabada, passar para a

memória. E o que sucede no cântico na sua totalidade, sucede em cada uma das suas partes e em cada uma das suas sílabas; sucede igualmente numa acção mais longa, da qual, talvez, aquele cântico seja uma pequena parte; sucede ainda na vida do homem, na sua totalidade, da qual são partes todas as suas acções; isto mesmo sucede em todas as gerações da humanidade¹, de que são parte todas as vidas dos homens.

[Disperso nas coisas temporais, Agostinho deseja ser reconstituído em Deus]

XXIX. 39. Mas, *porque a tua misericórdia é mais preciosa do que a vida*², eis que a minha vida é uma dispersão, e *a tua dextra acolheu-me*³ no meu Senhor, Filho do Homem, mediador entre ti, que és uno, e nós, que somos muitos⁴, em muitas coisas e através de muitas coisas, a fim de que *eu alcance por meio daquele no qual também fui alcançado*⁵, e seja reconstituído a partir dos meus dias velhos, seguindo-te só a ti, esquecido do passado e não distraído, mas atraído, não para aquelas coisas que hão-de vir e passar, mas para aquelas coisas que estão adiante de mim, não com dispersão, mas com atenção, encaminho-me para a palma da celestial vocação⁶, onde ouvirei um cântico de louvor⁷ e contemplarei as tuas delícias⁸, que não vêm nem passam. Agora, porém, *os meus anos decorrem entre gemidos*⁹, e tu, minha consolação, Senhor, és meu Pai eterno; mas eu dispersei-me nos tempos, cuja ordem ignoro, e os meus pensamentos, as entranhas mais íntimas da minha alma são dilaceradas por tumultuosas vicissitudes, até que, limpo e purificado pelo fogo do teu amor, me una a ti.

[Refutação dos que perguntam: Que fez Deus antes da criação do mundo?]

XXX. 40. Fixar-me-ei e consolidar-me-ei em ti¹⁰, na minha forma, que é a tua verdade, e não suportarei as perguntas dos homens que, por enfermidade resultante do pecado, têm sede de saber mais do que lhes permite a sua capacidade, e dizem: ‘Que fazia Deus

¹ *Salmo* 30:20.

² *Salmo* 62:4.

³ *Salmo* 17:36; 62:9.

⁴ 1 *Timóteo* 2:5.

⁵ *Filipenses* 3:12.

⁶ *Filipenses* 3:12-14.

⁷ *Salmo* 25:7.

⁸ *Salmo* 26:4.

⁹ *Salmo* 30:11.

¹⁰ *Filipenses* 4:1; 1 *Tessalonicenses* 3:8.

antes de fazer o céu e a terra¹?' ou: 'Porque é que lhe veio à mente a ideia de fazer alguma coisa, quando antes nada tinha feito?' Concede-lhes, Senhor, que pensem bem no que dizem e descubram que não se diz a palavra 'nunca', quando não existe tempo. Dizer de Deus que ele nunca criou, que coisa é senão dizer que ele criou em nenhum tempo? Vejam, portanto, que nenhum tempo pode existir sem a criação e deixem de dizer tal vacuidade². Procurem também abarcar as coisas que estão diante de si³ e compreendam que tu, antes de todos os tempos, és o eterno criador de todos os tempos, e que nenhuns tempos te são co-eternos, nem nenhuma criatura, embora exista alguma que possa estar acima dos tempos⁴.

[O conhecimento de Deus e o conhecimento da criatura]

XXXI. 41. Senhor meu Deus, qual é o recôndito do teu profundo mistério e quão longe daí me lançaram as sequelas dos meus pecados? Sara os meus olhos, e que eu me alegre com a tua luz. Se existe, realmente, um espírito dotado de uma tão grande ciência e presciência, para quem são conhecidas todas as coisas passadas e futuras da mesma maneira que para mim é conhecidíssimo um cântico, esse espírito é extremamente admirável e assombroso no mais alto grau, visto que não ignora nada do passado nem do futuro, assim como eu não ignoro, ao cantar aquele cântico, o quê e quanto dele já passou desde o princípio, o quê e quanto resta dele até ao fim. Mas longe de mim que tu, criador do universo, criador das almas e dos corpos, longe de mim pensar que tu conheces, desta maneira, todas as coisas futuras e passadas. Tu conhece-las de maneira muito, muito mais admirável e muito mais profunda. Com a expectativa dos sons que estão para vir e com a lembrança dos que passaram, varia a impressão e altera-se a sensação de quem canta cânticos conhecidos ou de quem ouve um cântico também conhecido; mas não é assim que te sucede a ti, que és imutavelmente eterno, isto é, a ti, verdadeiramente eterno criador das mentes. Assim, pois, como conheceste no princípio o céu e a terra, sem modificação do teu conhecimento, assim também fizeste no princípio o céu e a terra⁵, sem alteração da tua acção. Confesse-te aquele que compreende e que te confesse aquele que não compreende. Oh! como és sublime, e os

¹ *Gênesis* 1:1.

² *Salmo* 143:8.

³ *Filipenses* 3:13.

⁴ Os anjos.

⁵ *Gênesis* 1:1.

humildes¹ de coração² são a tua morada! Na verdade, tu levantas os que caíram³ e não caem aqueles de quem tu és a sublimidade.

¹ *Salmo* 137:6.

² *Daniel* 3:87.

³ *Salmo* 144:14; 145:7-8.

LIVRO XII

[É difícil a procura da verdade]

I. 1. Nesta pobreza de vida, que é a minha, Senhor, por muitas coisas anseia o meu coração, tocado pelas palavras da tua santa Escritura, e, por isso, o mais das vezes, no discurso é abundante a indigência da inteligência humana, porque o procurar fala mais do que o encontrar, e mais moroso é o pedir do que o obter, e mais esforçada é a mão quando bate à porta do que quando recebe¹. Nós temos uma promessa: quem a desvirtuará? *Se Deus é por nós, quem será contra nós?*². *Pedi e recebereis*³; procurai e achareis; batei e abrir-se-vos-á. Pois, todo aquele que pede, recebe, o que procura, encontrará, e ao que bate, abrir-se-á⁴: são promessas tuas, e quem receará ser enganado, quando é a Verdade⁵ que promete?

[Dois céus e duas terras]

II. 2. A humildade da minha língua confessa a tua grandeza⁶, porque fizeste o céu e a terra; foste tu que fizeste este céu que vejo, e a terra que piso, e da qual provém este barro de que sou feito. Mas onde está, Senhor, o céu do céu, do qual ouvimos falar nas palavras do Salmo: *O céu do céu é pertença do Senhor; quanto à terra deu-a aos filhos dos homens*⁷? Onde está o céu que não vemos, em face do qual é terra tudo isto que vemos? Com efeito, este todo corpóreo não recebeu deste modo, todo ele, em toda a parte, uma forma bela nas suas partes mais ínfimas, cujo fundo é a nossa terra, mas, em face daquele céu do céu, até o céu da nossa terra não passa de terra. E por isso não é absurdo dizer que cada um destes dois grandes corpos é terra, em face daquele céu desconhecido que pertence ao Senhor e não aos filhos dos homens.

¹ *Mateus 7:7-8; Lucas 11:9-10.*

² *Romanos 8:31.*

³ *João 16:24.*

⁴ *Mateus 7:7-8; Lucas 11:9-10.*

⁵ *João 14:6.*

⁶ *Romanos 14:11.*

⁷ *Salmo 113:24(16).*

[Porquê as trevas sobre a face do abismo?]

III. 3. E esta terra era sem dúvida invisível e informe, era não sei que profundidade do abismo, sobre o qual não existia luz, porque não tinha forma: por isso, ordenaste que se escrevesse que *as trevas estavam sobre o abismo*¹; que significa isto senão a ausência de luz? Com efeito, se a luz existisse, onde é que ela poderia estar senão sobre as coisas, sobressaindo e iluminando? Portanto, quando ainda não existia a luz, que significava a presença das trevas senão a ausência da luz? Assim, as trevas estavam sobre o abismo, porque sobre o abismo não estava a luz, tal como o som, quando não existe, é silêncio. E que significa haver silêncio em algum lugar, senão não haver som nesse lugar? Não foste tu, Senhor, que ensinaste a esta alma as coisas que te confessa? Não foste tu, Senhor, que me ensinaste² que, antes de formares e diferenciares essa matéria informe, nada existia, nem cor, nem figura, nem corpo, nem espírito? E, contudo, não era o nada absoluto: era, sim, qualquer coisa de informe sem nenhuma forma.

[Porquê a terra invisível e informe?]

IV. 4. Portanto, que se lhe chamaria, e também com que significado se sugeriria, fosse como fosse, aos de compreensão mais lenta, senão com um vocábulo de uso corrente? Mas, em todas as partes do universo, que se pode encontrar mais próximo da informidade absoluta do que a terra e o abismo? Com efeito, estas coisas, em função do lugar mais baixo que ocupam, são menos belas do que todas as restantes, brilhantes e luminosas, que ocupam um lugar superior. Porque é que, então, não hei-de aceitar que a informidade da matéria, que fizeras sem forma para fazeres dela um mundo belo, seja apropriadamente dada a conhecer aos homens pelo nome de *terra invisível e informe*³?

[Porque se chama matéria informe?]

V. 5. Quando nessa informidade o nosso pensamento procura algo que os sentidos possam atingir e diz a si mesmo: Não é uma forma inteligível, como a vida, como a justiça, porque é matéria corpórea, nem é uma forma sensível, porque no invisível e no

¹ *Gênesis* 1:2.

² *Salmo* 70:17.

³ *Gênesis* 1:2.

informe não existe uma coisa susceptível de ser vista e sentida, quando o pensamento humano diz a si mesmo estas coisas, deve esforçar-se por conhecê-la, ignorando-a, ou ignorá-la, conhecendo-a.

[Teoria dos Maniqueus sobre a matéria]

VI. 6. Se eu, porém, te confessar, Senhor, com a minha boca e a minha pena¹, tudo o que me ensinaste acerca dessa matéria – ao ouvir o seu nome, sem o entender, da parte daqueles que mo explicavam, sem o entenderem – confesso-te que a representava com formas inúmeras e variadas, e por isso não a representava; o meu espírito revolvía formas repugnantes e horríveis, em completa desordem, mas, apesar de tudo, formas, e chamava-lhe informe, não porque carecesse de forma, mas por ter uma forma tal que, se fosse visível, o meu espírito a afastaria, como coisa insólita e desordenada, e perturbar-se-ia a minha fraqueza de homem; aquilo, porém, que eu me representava era informe, não por privação de toda a forma, mas por comparação com as coisas mais formosas, e a recta razão persuadia-me a que, se eu quisesse imaginar um ser inteiramente informe, devia retirar-lhe qualquer espécie de resíduo de qualquer forma, e eu não conseguia; com efeito, mais depressa julgava inexistente o que estava privado de toda a forma, do que concebia um ser entre a forma e o nada, que não fosse nem forma nem nada, um ser informe próximo do nada. E, a partir daqui, a minha mente deixou de interrogar o meu espírito, cheio de imagens de corpos com forma, mudando-as e variando-as a seu belo prazer, e fixei a atenção nos mesmos corpos e analisei mais profundamente a sua mutabilidade, pela qual deixam de ser o que tinham sido e começam a ser o que não eram, e conjecturei que a mesma transição de uma forma para outra se operava por meio de algo informe e não por meio do nada absoluto: mas o que eu desejava era saber, e não fazer suposições – e se a minha voz e a minha pena te confessarem tudo o que acerca desta questão me desvendaste, qual dos leitores terá paciência para o apreender? Por isso, o meu coração não cessará de te dirigir um cântico de glória e de louvor por aquilo que não consegue expressar. Na verdade, a própria mutabilidade das coisas mutáveis é susceptível de assumir todas as formas em que se transformam as coisas mutáveis. E o que é essa mutabilidade? É espírito? É corpo? É uma forma de espírito ou de corpo? Se eu pudesse dizer ‘um nada alguma coisa’ e ‘um é não é’, diria que a

¹ *Salmo* 44:2.

mutabilidade é isso; no entanto, de certo modo já era, para poder assumir essas formas visíveis e com forma.

[Interpretação alegórica da criação do céu e da terra]

VII. 7. E de onde procedia essa mutabilidade, qualquer que ela fosse, senão de ti, de quem procedem todas as coisas¹, em qualquer grau que elas existam? Mas tanto mais longe está de ti, quanto mais de ti se diferencia: pois não é uma questão de lugares. Tu, pois, Senhor, que não és, umas vezes, uma coisa e, outras vezes, outra coisa, mas o mesmo, e o mesmo, e o mesmo, *santo, santo, santo, Senhor*² *Deus omnipotente*³, no princípio que procede de ti, na tua sabedoria que nasceu da tua substância, fizeste alguma coisa e a partir do nada. Fizeste, com efeito, o céu e a terra⁴ não a partir de ti: nesse caso, o céu e a terra seriam iguais ao teu Unigénito e, por isso, iguais a ti, e de nenhum modo seria justo que fosse igual a ti⁵ aquilo que não procedia de ti. E, além de ti, não existia outra coisa a partir da qual os fizesses, ó Deus, Trindade una e Unidade trina: e, por isso, fizeste do nada o céu e a terra, aquele, grande, esta, pequena, porque és omnipotente e bom para fazeres todas as coisas boas, um céu grande e uma terra pequena. Existias tu e outra coisa, o nada, donde fizeste o céu e a terra, duas espécies de coisas: uma, próxima de ti, a outra, próxima do nada, uma, em relação à qual tu fosses superior, outra, em relação à qual nada fosse inferior.

[A matéria informe vem do nada: dela procedem todas as coisas visíveis]

VIII. 8. Mas aquele céu do céu a ti pertence, Senhor; a terra, porém, que deste aos filhos dos homens, para a verem e tocarem, não era assim como agora a vemos e tocamos. Era invisível e informe, e era um abismo sobre o qual não havia luz, ou havia trevas sobre o abismo⁶, isto é, mais do que no abismo. De facto, esse abismo das águas, já visíveis, também tem nas suas profundezas uma luz da mesma espécie, de algum modo perceptível aos peixes e aos seres vivos que se arrastam⁷ no fundo: mas esse todo

¹ Romanos 11:36; 1 Coríntios 8:6.

² Isaías 6:3.

³ Apocalipse 44:8

⁴ Gênesis 1:1.

⁵ Filipenses 2:6.

⁶ Gênesis 1:2.

⁷ Gênesis 1:20-26.

estava próximo do nada, porque ainda era completamente informe; contudo, já existia, uma coisa que podia receber forma. Tu, Senhor, fizeste o mundo a partir da matéria informe¹, a qual fizeste de nenhuma coisa, como sendo quase nenhuma coisa, a partir da qual pudesses fazer as coisas grandes que nós, filhos dos homens, admiramos. Realmente, é sobremaneira admirável este céu corpóreo, a que tu, no segundo dia depois da criação da luz, chamaste firmamento entre uma água e outra água, dizendo: *Faça-se*, e assim se fez². A esse firmamento chamaste céu, mas céu desta terra e do mar, os quais fizeste, no terceiro dia, dando uma forma visível à matéria informe que fizeste, antes de qualquer dia³. Já antes tinhas feito, antes de qualquer dia, um céu, mas céu deste céu⁴, porque no princípio fizeras o céu e a terra⁵. Mas esta mesma terra, que fizeras, era matéria informe, porque era invisível e sem forma, e as trevas estavam sobre o abismo: desta terra invisível e sem forma, desta informidade, deste quase nada, farias todas estas coisas, de que consta e não consta este mundo mutável, no qual se manifesta essa mesma mutabilidade, em que se pode sentir e contar os tempos, porque os tempos são feitos das mutações das coisas, ao variarem e transformarem-se as formas, cuja matéria é a terra invisível antes referida.

[Porque é que, sem menção dos dias, está escrito que, no princípio, Deus fez o céu e a terra?]

IX. 9. E, por isso, o Espírito, mestre do teu servo⁶, quando refere que no princípio fizeste o céu e a terra⁷, não fala de tempos, não fala de dias. Com efeito, sem dúvida, o céu do céu⁸, que fizeste no princípio, é uma criatura intelectual que, apesar de não ser co-eterna contigo, Trindade, participa contudo da tua eternidade, reduz fortemente a sua mutabilidade com a doçura da tua felicíssima contemplação, e, unida a ti, sem nenhuma interrupção desde que foi feita, sobrepõe-se a toda a inconstante sucessão dos tempos. Mas essa informidade da terra, informidade invisível e sem forma, também não foi contada em dias. Efectivamente, onde não existe nenhuma forma, nenhuma ordem,

¹ *Sabedoria* 11:18.

² *Gênesis* 1:2.

³ *Gênesis* 1:6-9.

⁴ *Salmo* 113:24(16).

⁵ *Gênesis* 1:1-2.

⁶ Referência a Moisés, considerado o autor do *Gênesis*.

⁷ *Gênesis* 1:1.

⁸ *Salmo* 113:24(16).

também não vem nem vai coisa alguma, e, onde tal não acontece, também não existem dias, nem sucessão de espaços temporais.

[Desejo ardente de ser ensinado por Deus]

X. 10. Ó Verdade, luz do meu coração, não me falem as minhas trevas! Eu fui atrás dessas coisas e fiquei às escuras, mas daí, mesmo daí, eu te amei profundamente. Errei¹ e recordei-me de ti². Ouvi a tua voz, atrás de mim³, para que voltasse, e eu mal a ouvi por causa do tumulto dos turbulentos. E agora, ansioso e anelante, eis que volto à tua fonte. Que ninguém mo impeça; que eu beba dela e que dela viva⁴. Que eu não seja a minha própria vida: por mim, vivi mal, fui morte para mim, em ti recomeço a viver⁵. Tu fala-me, tu conversa comigo. Eu acreditei nos teus Livros, e as suas palavras são profundamente misteriosas⁶.

[Os ensinamentos de Deus]

XI. 11. Já me disseste, Senhor, com voz forte aos ouvidos da alma, que és eterno, que só tu possuis a imortalidade⁷, porque não mudas a partir de nenhuma forma ou movimento, nem a tua vontade varia com os tempos, porque não é imortal a vontade que ora é uma, ora é outra. Isto, para mim, é muito claro na tua presença⁸, e peço-te que se vá tornando cada vez mais claro, e que, sob as tuas asas, eu persista, sem erro, nessa revelação. Do mesmo modo me disseste, Senhor, com voz forte aos ouvidos da alma, que fizeste todas as naturezas e substâncias que não são o que tu és, e todavia existem: e de ti somente não procede aquilo que não existe e o afastamento da vontade em relação a ti, que és, para aquilo que é menos, porque tal movimento é delito e pecado, e porque nenhum pecado te prejudica, ou perturba a ordem do teu império, de um extremo ao outro. Isto, para mim, é muito claro na tua presença e peço-te que se vá tornando cada vez mais claro e que, sob as tuas asas, eu persista, sem erro, nessa revelação.

¹ *Salmo* 118:176.

² *Jonas* 2:8.

³ *Ezequiel* 3:12.

⁴ *João* 4:13-14.

⁵ *Lucas* 15:24, 32.

⁶ *2 Coríntios* 12:4.

⁷ *1 Timóteo* 6:16.

⁸ *Salmo* 18:15.

12. Disseste-me ainda, com voz forte aos ouvidos da alma, que nem mesmo é co-eterna contigo aquela criatura, cujo deleite és só tu, e, haurindo-te com perseverantíssima castidade, não põe a descoberto em nenhum tempo e lugar a sua mutabilidade, e, estando-lhe tu sempre presente, tu a quem se une com todo o afecto, não tendo um futuro que espere, nem arrastando para o passado aquilo de que se recorda, não está sujeita a qualquer vicissitude nem se estende por tempo algum. Oh ditosa criatura, se é que tal existe, por participar da tua felicidade, ditosa por ter-te como seu eterno morador e iluminador! Nada encontro que melhor possa ser chamado céu do céu do Senhor¹ do que essa tua morada que contempla as tuas delícias², sem qualquer defeito que a arraste para outra parte, mente pura, concordialmente unida por um laço de paz dos santos espíritos, cidadãos³ da tua Cidade, situada nas alturas que estão acima deste céu.

13. De que forma há-de entender a alma, cuja peregrinação se afastou tanto⁴, se já tem sede de ti, se as suas lágrimas se lhe tornaram pão, enquanto dia a dia lhe dizem: Onde está o teu Deus?⁵, se já te pede uma só coisa e a deseja ardentemente: habitar na tua casa todos os dias da sua vida⁶? E que vida é a sua, senão tu? E que dias são os teus, senão a tua eternidade, tal como os teus anos, que não acabam, porque és sempre o mesmo⁷? Por aqui compreenda, pois, a alma, que pode compreender, quanto és eterno acima de todos os tempos, visto que a tua morada, que não peregrinou, apesar de não te ser co-eterna, todavia não está sujeita à sucessão dos tempos, pelo facto de estar unida a ti, incessante e indefectivelmente. Isto, para mim, é muito claro na tua presença⁸ e peço-te que se vá tornando cada vez mais claro e que, sob as tuas asas, eu persista, sem erro, nessa revelação.

14. Há um não sei quê de informe nessas mudanças dos seres inferiores criados em último lugar. E quem me poderá dizer, à excepção de todo aquele que vagueia e rodopia, com os seus fantasmas, através das frivolidades do seu coração, quem, excepto

¹ *Salmo* 113:24(16).

² *Salmo* 26:4.

³ *Efésios* 2:19.

⁴ *Lucas* 15:13.

⁵ *Salmo* 41: 3-4, 11.

⁶ *Salmo* 26:4.

⁷ *Salmo* 101:28; *Hebreus* 1:12.

⁸ *Salmo* 18:15.

este, me poderá dizer o que é que — uma vez diminuída e consumida toda a forma, se apenas restar a informidade, pela qual uma coisa se muda e converte de uma forma noutra forma — é susceptível de manifestar a sucessão dos tempos? Ninguém o pode, porque sem variedade de movimentos não há tempos: e onde não há nenhuma variedade também não há nenhuma forma.

[Duas criaturas fora do tempo]

XII. 15. Consideradas estas coisas, ó meu Deus, tanto quanto mo permites, tanto quanto me incitas a bater à porta e a abres¹, quando bato, encontro duas criaturas, que fizeste não sujeitas ao tempo, ainda que nenhuma delas seja co-eterna contigo: uma, que é de tal modo formada que, sem nenhuma falha de contemplação, sem nenhum intervalo de mudança, embora mutável, todavia não mudada, usufrui da tua eternidade e inmutabilidade; a outra, que era de tal maneira informe que não tinha por onde mudasse de uma forma para outra forma, quer de movimento quer de repouso, com que ficasse sujeita ao tempo. No entanto, tu não a abandonaste de maneira a que ficasse informe, porque, antes de qualquer dia, fizeste no princípio o céu e a terra, as duas criaturas de que falava. Mas *a terra era invisível e sem forma e as trevas estavam sobre o abismo*². Com estas palavras sugere-se a informidade, a ponto de, a pouco e pouco, serem apanhados aqueles que não podem conceber uma total privação de forma nem, por outro lado, a redução ao nada, donde surgisse um outro céu, e uma terra visível e com forma, e a água formosa e tudo o que, a partir daí, na formação deste mundo, se menciona ter sido feito, não sem dias, porque essas coisas são de tal natureza que nelas se realizam as sucessões dos tempos, devido às mudanças ordenadas de movimentos e formas.

[Porque é que, sem referir os dias, diz a Escritura que, no princípio, Deus fez o céu e a terra?]

¹ *Mateus* 7:7-8; *Lucas* 11:9-10.

² *Gênesis* 1:1-2.

XIII. 16. Por enquanto, ó meu Deus, é esta a minha opinião quando ouço a tua Escritura dizer: *No princípio fez Deus o céu e a terra: a terra, porém, era invisível e sem forma, e as trevas estavam sobre o abismo*¹, não mencionando em quantos dias os fizeste. Por enquanto é esta a minha opinião, por causa daquele céu do céu², céu intelectual, onde o entender é conhecer tudo ao mesmo tempo, não em parte, não em enigma, não por um espelho, mas pelo todo, em revelação face a face³; conhecer, não ora isto, ora aquilo, mas, como foi dito, tudo ao mesmo tempo, sem nenhuma sucessão de tempos, e por causa da terra invisível e sem forma, sem nenhuma sucessão de tempos, a qual costuma ter em si, ora isto, ora aquilo, porque, onde não há forma, em parte alguma existe isto e aquilo: por causa destas duas criaturas – o originariamente formado, o céu, mas o céu do céu; e o inteiramente informe, a terra, mas terra invisível e sem forma –, por causa destas duas criaturas, é por enquanto minha opinião que a tua Escritura, sem menção de dias, diz: *No princípio fez Deus o céu e a terra*⁴. Pois imediatamente acrescentou a que é que chama terra. E ao referir que, no segundo dia, foi feito o firmamento e foi chamado céu⁵, dá a entender de que céu falava antes, sem mencionar os dias.

[A profundidade da Sagrada Escritura]

XIV. 17. Oh! profundidade admirável das tuas palavras, cuja superfície ei-la diante de nós, acariciando os pequeninos: mas profundidade admirável, meu Deus, profundidade admirável! Voltar-me para ela infunde-me horror, horror de honor e tremor de amor. Odeio com veemência os seus inimigos⁶: oh! se os matasses com uma espada de dois gumes⁷, e não sejam inimigos dela! Na verdade, eu desejo que eles morram para si mesmos, de modo a que vivam para ti. Mas eis outros, não críticos, mas apologistas do livro do *Gênesis*, que dizem: Com estas palavras, não quis que se entendesse isto o Espírito de Deus, que as escreveu por meio do seu servo Moisés, não quis que se entendesse isto, que tu dizes, mas outra coisa, que nós dizemos. A estes respondo eu da seguinte maneira, tomando-te por árbitro, ó Deus de todos nós.

¹ *Gênesis* 1:1-2.

² *Salmo* 113:24(16).

³ *1 Coríntios* 13:12.

⁴ *Gênesis* 1:7-8.

⁵ *Gênesis* 1:1.

⁶ *Salmo* 138 :21-22.

⁷ *Salmo* 149:6; *Eclesiástico* 21:4

[Pensamento de Agostinho sobre Deus, os anjos e a matéria informe]

XV. 18. Acaso direis que é falso o que a Verdade me diz, com voz forte aos ouvidos da alma, acerca da verdadeira eternidade do Criador: que a sua substância de maneira nenhuma varia no tempo, e que a sua vontade não está fora da sua substância? E, assim, que ele não quer, ora isto, ora aquilo, mas que quer todas as coisas que quer apenas uma vez, e ao mesmo tempo, não uma vez e outra vez, nem agora estas, agora aquelas, nem quer depois o que não queria, ou não quer o que queria antes, porque tal vontade é mutável, e tudo o que é mutável não é eterno; ora, o nosso Deus é eterno¹. O mesmo se passa com aquilo que me diz a Verdade aos ouvidos da alma: que a expectativa das coisas futuras se converte em visão, quando elas chegarem; e que a mesma visão se converte em memória, quando elas passarem: na verdade, toda a operação mental que assim varia é mutável, e tudo o que é mutável não é eterno; ora, o nosso Deus é eterno. Reúno e associo tudo isto, e descubro que o meu Deus, o Deus eterno, não criou o mundo por um acto novo da sua vontade, e que a sua ciência não está sujeita a algo de transitório.

19. Que me direis, ó contraditores? São falsas estas coisas? ‘Não’, dizem. E então? Acaso é falso que toda a natureza formada ou a matéria formável não procedem senão daquele que é sumamente bom, porque é sumamente? ‘Também não negamos isso’, dizem. E então? Negais talvez isto: que existe uma criatura sublime unida por um amor tão casto ao Deus verdadeiro e verdadeiramente eterno que, apesar de não ser co-eterna com ele, nunca dele se desliga nem deriva para nenhuma variedade e sucessão dos tempos, mas repousa na mais verdadeira contemplação apenas de si mesmo, já que tu, ó Deus, àquele que te ama quanto lho ordenas, te revelas a ele² e lhe bastas³, e por isso ele não se afasta de ti, voltando-se para si? Esta é a casa de Deus⁴, não terrena, nem corpórea, feita de alguma matéria celeste, mas espiritual e partícipe da tua eternidade, porque sem mancha para sempre; pois fundaste-a pelos séculos e pelos séculos dos séculos; impuseste-lhe uma lei, e não a ultrapassará⁵. No entanto, essa habitação não é co-eterna contigo, uma vez que não é sem início: porque foi criada.

¹ *Salmo* 47:15.

² *João* 14:21.

³ *João* 14:8.

⁴ *Gênesis* 28:17.

⁵ *Salmo* 148:6.

20. Embora não encontremos tempo antes dela – já que a sabedoria foi criada antes de todas as coisas –, nem, por certo, aquela sabedoria inteiramente co-eterna e igual¹ a ti, seu Pai, ó nosso Deus, e por meio da qual foram criadas todas as coisas² e em cujo princípio fizeste o céu e a terra³, mas sim a sabedoria que foi criada, isto é, uma natureza intelectual que, pela contemplação da luz, é luz – com efeito, apesar de criada, também se chama sabedoria; mas quanta é a diferença entre a luz que ilumina e a que é iluminada, tanta é a que existe entre a sabedoria⁴ que cria e essa que é criada, como entre a justiça justificante e a justiça que é feita pela justificação; também nós somos chamados a tua justiça; pois um servo teu diz: *a fim de que nele sejamos a justiça de Deus*⁵ – por conseguinte, visto que há uma certa sabedoria criada antes de todas as coisas, a qual foi criada mente racional e intelectual da tua casta Cidade, nossa mãe, que é do alto, e é livre⁶ e eterna nos céus⁷ – em que céus, a não ser aqueles céus dos céus que te louvam⁸, porque este é também o céu do céu que pertence ao Senhor⁹? – embora não encontremos tempo antes dela, porque também antecede a criação do tempo, que foi criada antes de todas as coisas, todavia, antes dela, existe a eternidade do próprio Criador, formada pelo qual recebeu o início, embora não do tempo, porque ainda não existia o tempo, mas sim da sua própria criação.

21. Por isso, procede de ti, nosso Deus, de um modo tal que é absolutamente distinta de ti, e não a mesma coisa. Embora não só antes dela, mas também nela, não encontremos tempo, porque ela é capaz de contemplar continuamente a tua face¹⁰, sem jamais dela se afastar, o que faz com que não varie com mudança alguma, contudo há nela a mesma mutabilidade, em virtude da qual poderia tornar-se escura e fria, se não estivesse unida a ti por um grande amor, e se, devido a ti, não brilhasse e aquecesse como um perpétuo meio-dia¹¹. Oh morada luminosa e formosa, amei a tua beleza e o lugar de habitação da

¹ *Filipenses* 2:6.

² *Colossenses* 1.16.

³ *Gênesis* 1:1.

⁴ *Eclesiástico* 1:4.

⁵ *2 Coríntios* 5:21.

⁶ *Gálatas* 4:26.

⁷ *2 Coríntios* 5:1.

⁸ *Salmo* 148:4.

⁹ *Salmo* 113:24(16).

¹⁰ *Mateus* 18:10.

¹¹ *Isaías* 58:10.

glória do meu Senhor¹, teu construtor e possuidor! Por ti suspire a minha peregrinação, e digo àquele que te fez que me possua² também a mim em ti, porque também me fez a mim. Andei errante como ovelha desgarrada³, mas espero ser reconduzido a ti, aos ombros do meu pastor, teu construtor⁴.

22. Que me dizeis, ó contraditores a quem me estava dirigindo, vós que, no entanto, acreditais que Moisés é um piedoso servo de Deus, e que os seus Livros são oráculos do Espírito Santo? Porventura não é essa a morada de Deus, não de facto co-eterna com Deus, mas, apesar disso, a seu modo eterna nos céus⁵, na qual procurais a sucessão dos tempos, em vão, porque não a encontrais⁶? Na realidade, ela transcende toda a extensão e todo o espaço variável do tempo, ela para quem é bom estar unida a Deus⁷. É, dizem eles. Então, destas coisas que o meu coração clamou⁸ ao meu Deus⁹, ao escutar interiormente a voz do seu louvor¹⁰, qual delas porfiais em dizer que é falsa? Será o facto de existir matéria informe, quando não existia nenhuma ordem, por não haver nenhuma forma? Mas, quando não havia nenhuma ordem, não podia haver nenhuma sucessão de tempos; e todavia, este quase-nada, na medida em que não era um nada absoluto, provinha, por certo, daquele de quem procede tudo aquilo que existe, e que, de certo modo, é alguma coisa¹¹. Também não negamos isso, afirmam eles.

[Agostinho não quer nada com aqueles que se opõem à verdade divina]

XVI. 23. Quero, pois, falar um pouco, na tua presença, ó meu Deus, com os que admitem ser verdadeiro tudo aquilo que, no íntimo da minha mente, a tua verdade não cala. Aqueles que o negam, que ladrem e berrem quanto queiram: eu tentarei persuadi-los a que se acalmem e abram caminho à tua palavra, para que chegue até eles. Mas se não quiserem e me repelirem, peço-te, *meu Deus, que te não remetas ao silêncio, dentro*

¹ Salmo 25:8.

² Isaías 26:13.

³ Salmo 118:176.

⁴ Lucas 15:4-5.

⁵ 2 Coríntios 5:1.

⁶ Mateus 7:7-8; Lucas 11:9-10.

⁷ Salmo 72:28.

⁸ Salmo 118:145.

⁹ Salmo 17:7.

¹⁰ Salmo 25:7.

¹¹ João 1:3.

*de mim*¹. Tu fala no meu coração com verdade²; só tu falas assim; e que eu os deixe no exterior, soprando no pó e levantando poeira contra os próprios olhos, e me recolha à minha intimidade³, e te cante hinos de amor, soltando gemidos⁴ inenarráveis⁵ na minha peregrinação, e recordando Jerusalém, com o coração erguido⁶ para ela, Jerusalém minha pátria, Jerusalém minha mãe⁷, e, para ti, que sobre ela reinas, a iluminas, seu pai, tutor, esposo, sua casta e forte delícia, sua firme alegria, e todos os seus bens inefáveis, todos ao mesmo tempo, porque és o único, sumo e verdadeiro bem: e me não afaste, até que reúnas, desta dispersão e deformidade, tudo o que eu sou, na sua paz⁸ de mãe⁹ querida, onde residem as primícias do meu espírito¹⁰ e de onde me vêm essas certezas, e me conformes e confirme para sempre, *ó meu Deus, minha misericórdia*¹¹. Mas com aqueles que não dizem serem falsas todas aquelas coisas que são verdadeiras, venerando e colocando connosco, no vértice da autoridade que deve ser seguida, a tua santa Escritura, dada a conhecer por intermédio do santo Moisés, e que, apesar disso, nos contradizem em alguns aspectos, assim falo. Sê tu, ó nosso Deus, juiz entre as minhas confissões e as suas contradições.

[Como com as designações ‘céu’ e ‘terra’ se podem entender coisas diferentes]

XVII. 24. É isto o que dizem: Ainda que estas coisas sejam verdadeiras, Moisés não tinha em vista esses dois aspectos, quando, por revelação do Espírito Santo, disse: *No princípio fez Deus o céu e a terra*¹². Com a palavra ‘céu’ não quis indicar aquela criatura espiritual ou intelectual que contempla, sem cessar, a face de Deus¹³; nem com a palavra ‘terra’ quis indicar a matéria informe. Que quis, então, indicar? Aquilo que nós dizemos, replicam eles, é o que ele pensou e exprimiu com essas palavras. E que coisa essa? Com as palavras ‘céu’ e ‘terra’, acrescentam, ele quis em primeiro lugar indicar, de forma genérica e abreviada, todo este mundo visível, para em seguida expor,

¹ Salmo 27:1.

² Salmo 14:3.

³ Mateus 6:6.

⁴ Ezequiel 30:24.

⁵ Romanos 8:26.

⁶ Filipenses 3:13; Colossenses 3:1-2.

⁷ Gálatas 4:26.

⁸ Salmo 121:6.

⁹ Gálatas 4:26.

¹⁰ Romanos 8:23.

¹¹ Salmo 58:18.

¹² Gênesis 1:1.

¹³ Mateus 18:10.

com a enumeração dos dias, quase passo a passo, tudo o que ao Espírito Santo aprouve enunciar desta maneira. De facto, tais eram os homens que constituíam aquele povo rude e carnal, a quem ele se dirigia¹, que não julgava conveniente dar-lhes a conhecer outras obras de Deus senão apenas as visíveis. Admitem, no entanto, que essa terra invisível e sem forma, e o abismo das trevas² – a partir dos quais logicamente se mostra que todas as coisas visíveis, que de todos são conhecidas, foram feitas e ordenadas no decurso daqueles dias – não sem congruência se podem entender como sendo essa matéria informe.

25. E se, por um lado, alguém disser que essa mesma informidade e confusão da matéria foi inicialmente sugerida sob o nome de céu e terra, porque dela foi formado e concluído esse mundo visível, com todas as naturezas que nele clarissimamente aparecem, o qual, muitas vezes, se costuma designar com o nome de céu e terra? E se, por outro lado, ó Deus, alguém disser que a natureza invisível e visível foi adequadamente designada como céu e terra, e que, por isso, nestes dois vocábulos está abrangida toda a criatura que Deus fez na sua sabedoria³, isto é, no princípio⁴; e que, apesar disso, uma vez que nem todas as coisas foram feitas da mesma substância de Deus, mas sim do nada⁵, porque não são o mesmo que Deus é, e existe em todas elas uma certa mutabilidade, quer permaneçam como a eterna morada de Deus, quer mudem como a alma e o corpo do homem: a matéria comum a todas as coisas invisíveis e visíveis, ainda informe, mas pelo menos formável – de onde se fariam o céu e a terra, isto é, a criatura invisível e a visível, uma e outra já com forma – tal matéria é designada com aqueles nomes, com que seria chamada *terra invisível e sem forma* e *trevas sobre o abismo*⁶, com a distinção de que, por ‘terra invisível e sem forma’ se entende a matéria corpórea, antes da qualidade da forma, e por ‘trevas sobre o abismo’ se entende a matéria espiritual, antes da coibição de uma espécie de fluência imoderada e antes da iluminação da sabedoria?

¹ 1 *Coríntios* 3:1.

² *Gênesis* 1:2.

³ *Salmo* 103:24.

⁴ *Gênesis* 1:1.

⁵ 2 *Macabeus* 7:28.

⁶ *Gênesis* 1:2.

26. É ainda possível dizer, se houver outro que assim o queira, que as naturezas invisíveis e visíveis, já perfeitas e dotadas de forma, não são designadas pelas palavras ‘céu’ e ‘terra’, quando se lê: *No princípio fez Deus o céu e a terra*¹, mas que, com estas palavras, é designado o mesmo começo formável, ainda informe, das coisas, e a matéria criável, porque nesta matéria já existiriam essas coisas, confusas e não distintas pelas qualidades e formas, as quais, agora, já repartidas pelas suas ordens, são chamadas céu e terra: aquele, uma criatura espiritual, esta, corporal.

[Interpretações diversas da Sagrada Escritura]

XVIII. 27. Ouvidas e consideradas todas estas coisas, não quero discussões de palavras; isso não serve para nada, a não ser para confundir os ouvintes². Pelo contrário, para a sua edificação³, *é boa a Lei, se alguém a usar legitimamente*⁴, já que o fim da Lei *é a caridade que provém dum coração puro, duma consciência recta, duma fé não fingida*⁵; e eu sei quais são os dois preceitos em que o nosso Mestre fez consistir toda a Lei e os Profetas⁶. Já que te confesso isto ardentemente, meu Deus, luz dos meus olhos⁷ no meu íntimo, que mal me faz que se possam entender coisas diferentes, mas apesar disso verdadeiras, nestas palavras? Que mal me faz, repito, se eu pensar uma coisa diferente daquela que outro pensou ter pensado aquele que escreveu? Não há dúvida de que todos nós, que lemos, nos esforçamos por indagar e compreender o que quis dizer aquele que lemos, e, quando o consideramos verídico, ousamos considerar que ele não disse nada que saibamos ou julguemos ser falsa. Assim, ao esforçar-se cada um por entender nas Sagradas Escrituras aquilo que nelas entendeu aquele que as escreveu, que mal há se entender o que tu, luz de todas as mentes verídicas, mostras ser verdade, embora não o tenha entendido aquele que ele lê, quando também ele entendeu uma coisa verdadeira, mas não a mesma?

[O que é claramente verdadeiro?]

¹ *Gênesis* 1:1.

² *2 Timóteo* 2:14.

³ *Efésios* 4:29.

⁴ *1 Timóteo* 1:8.

⁵ *1 Timóteo* 1:4-5.

⁶ *Mateus* 22:40.

⁷ *Salmo* 37:11.

XIX. 28. É verdade, Senhor, que fizeste o céu e a terra. E é verdade que a tua sabedoria, na qual fizeste todas as coisas¹, é o princípio². É igualmente verdade que este mundo visível tem como suas grandes partes o céu e a terra, numa expressão resumida de todas as naturezas feitas e criadas. E é verdade que todo o ser mutável sugere ao nosso conhecimento uma certa informidade, a partir da qual adquire forma, ou com a qual se muda e transforma. É verdade que aquilo que está ligado a uma forma imutável não está sujeito ao tempo, de tal modo que, embora seja mutável, não sofre mudança. É verdade que a informidade, que está próxima do nada, não tem a sucessão do tempo. É verdade que aquilo de que se produz alguma coisa pode, por uma certa forma de dizer, ter já o nome da coisa que daí é feita: esta a razão por que qualquer informidade, de que foi feito o céu e a terra, pôde ser chamado céu e terra. É verdade que, de todas as coisas revestidas de forma, nada se aproxima mais do que é informe do que a terra e o abismo. É verdade que tu fizeste não só aquilo que foi criado e formado, mas também tudo aquilo que é criável e formável, a partir do que existem todas as coisas³. É verdade que tudo aquilo que é formado a partir do que é informe foi primeiro informe e depois dotado de forma.

[Interpretações de: *No princípio criou...*]

XX. 29. De todas estas verdades – de que não duvidam aqueles a quem concedeste que as vissem com o olhar da alma, e que crêem firmemente que Moisés, teu servo, falou em espírito de verdade⁴ – de todas estas verdades, pois, toma um aspecto para si aquele que diz: *No princípio fez Deus o céu e a terra*⁵, isto é, Deus fez no seu Verbo, que lhe é co-eterno, a criatura inteligível e sensível, ou espiritual e corporal; outro aspecto toma para si aquele que diz: *No princípio fez Deus o céu e a terra*, isto é, Deus fez no seu Verbo, que lhe é co-eterno, toda esta massa deste mundo corpóreo, com todas as naturezas, manifestas e conhecidas, que ele contém; outro aspecto toma para si aquele que diz: *No princípio fez Deus o céu e a terra*, isto é, Deus fez no seu Verbo, que lhe é co-eterno, a matéria informe da criatura espiritual e corporal; outro aspecto toma para si

¹ Salmo 103:24.

² Gênesis 1:1.

³ Romanos 11 :36 ; 1 Coríntios 8 :6.

⁴ João 14:17.

⁵ Gênesis 1:1.

aquele que diz: *No princípio fez Deus o céu e a terra*, isto é, Deus fez no seu Verbo, que lhe é co-eterno, a matéria informe da criatura corporal, na qual matéria estavam ainda confundidos o céu e a terra, que agora já vemos diferenciados e formados na massa desse mundo; outro aspecto toma para si aquele que diz: *No princípio fez Deus o céu e a terra*, isto é, no próprio começo de fazer e operar, Deus fez a matéria informe que em si continha, confundidos, o céu e a terra, da qual matéria agora surgem formados e aparecem com tudo aquilo que neles existe.

[Interpretações de: *A terra era invisível...*]

XXI. 30. Do mesmo modo, no que se refere à forma de entender as palavras seguintes, de todas aquelas verdades toma para si um aspecto aquele que diz: *A terra era invisível e sem forma e as trevas estavam sobre o abismo*¹, isto é, aquela massa corpórea que Deus fez era ainda matéria informe das coisas corpóreas, sem ordem, sem luz; outro aspecto toma para si aquele que diz: *A terra era invisível e sem forma e as trevas estavam sobre o abismo*, isto é, este todo que se denominou céu e terra era matéria ainda informe e cheia de trevas, da qual haveriam de ser feitos o céu corpóreo e a terra corpórea, com todas as coisas que há neles, conhecidas pelos sentidos corpóreos; outro aspecto toma para si aquele que diz: *A terra era invisível e sem forma e as trevas estavam sobre o abismo*, isto é, este todo que se denominou céu e terra era matéria ainda informe e cheia de trevas, da qual haveriam de ser feitos o céu inteligível – que, noutro passo, se chama céu do céu² – e a terra, ou seja, toda a natureza corpórea sob cujo nome se entende também este céu corpóreo, a saber, donde haveria de ser feita toda a criatura invisível e visível; outro aspecto toma para si aquele que diz: *A terra era invisível e sem forma e as trevas estavam sobre o abismo*, afirmando que a Escritura não designou, com as palavras ‘céu’ e ‘terra’, a informidade, mas que já existia a mesma informidade, a que deu o nome de terra invisível e sem forma, e abismo cheio de trevas, da qual informidade dissera antes ter feito Deus o céu e a terra, ou seja, a criatura espiritual e a corporal; outro aspecto toma para si aquele que diz: *A terra era invisível e sem forma e as trevas estavam sobre o abismo*, isto é, a informidade era já uma espécie de matéria, da qual a Escritura antes disse ter feito Deus o céu e a terra, ou seja, toda a massa

¹ *Gênesis* 1:2.

² *Salmo* 113:24.

corpórea do mundo, dividida nas duas maiores partes, a de cima e a de baixo, com todas as criaturas habituais e conhecidas nelas existentes.

[Não repugna que Deus tenha criado uma coisa que não é mencionada no *Gênesis*]

XXII. 31. A estas duas últimas opiniões poderia alguém objectar da seguinte forma: Se não quereis que pareça ser designada com as palavras ‘céu’ e ‘terra’ esta informidade da matéria, então havia alguma coisa, que Deus não tinha feito, da qual pudesse fazer o céu e a terra; pois a Escritura também não narra que Deus tenha feito tal matéria, a não ser que a entendamos significada na expressão ‘céu e terra’, ou simplesmente ‘terra’, ao ser dito: *No princípio fez Deus o céu e a terra*¹, de tal maneira que, por aquilo que se segue: *A terra era invisível e sem forma*² – embora esse alguém admita chamar assim à matéria informe – não entendamos senão aquela matéria que Deus fez com aquelas palavras que antes foram escritas: *Fez o céu e a terra*; ao ouvirem estes argumentos, os defensores dessas duas opiniões que mencionámos em último lugar, ou de uma ou de outra, responderão, dizendo: Decerto não negamos que essa matéria informe tenha sido feita por Deus, por Deus de quem procedem todas as coisas muito boas³, porque, assim como dizemos ser um bem maior aquilo que foi criado e formado, assim declaramos ser um bem menor aquilo que foi feito criável e formável, mas todavia um bem: não que a Escritura tenha mencionado que Deus fez esta informidade, tal como não mencionou muitas outras coisas, como os Querubins⁴ e os Serafins⁵ e os seres que o Apóstolo refere distintamente – *Tronos, Dominações, Principados, Potestades*⁶ – todos os quais é no entanto manifesto Deus ter feito. Ou se na expressão *fez o céu e a terra* estão compreendidas todas as coisas, o que é que dizemos acerca das águas, sobre as quais se movia o Espírito de Deus⁷? Se, uma vez nomeada a terra, estão subentendidas simultaneamente todas as coisas, como é que na palavra ‘terra’ se entende já a matéria informe, quando vemos as águas tão belas? Ou, se assim se entende, porque é que está escrito que da mesma informidade foi feito o firmamento e chamado céu⁸, e não está

¹ *Gênesis* 1:1.

² *Gênesis* 1:2.

³ *Gênesis* 1:31.

⁴ *Gênesis* 3:24; *Isaias* 37:16.

⁵ *Isaias* 6:2, 6

⁶ *Colossenses* 1:16.

⁷ *Gênesis* 1:2.

⁸ *Gênesis* 1:7-8.

escrito que foram feitas as águas? Na realidade, já não são informes e invisíveis as águas que vemos fluir com tão esplêndida beleza. Ou se receberam essa aparência no momento em que Deus disse: *Reúna-se a água que está debaixo do firmamento*¹, de tal modo que o próprio acto de as reunir constitua a sua formação, que se responderá acerca das águas que estão sobre o firmamento², já que, sendo informes, nem teriam merecido receber um lugar tão honroso, nem está escrito com que palavra foram formadas? Por isso, se o *Génesis* silenciou o facto de Deus ter feito alguma coisa, que nem uma fé pura nem uma recta inteligência põem em dúvida ter Deus feito, e, pelo mesmo motivo, uma sã doutrina não ousará afirmar que essas águas são co-eternas com Deus, uma vez que as ouvimos de facto mencionadas no livro do *Génesis*, no qual não encontramos dito quando foram feitas, porque é que não deveríamos, instruídos pela Verdade, entender que também aquela matéria informe que esta Escritura denomina terra invisível e sem forma, e abismo cheio de trevas³, foi feita do nada por Deus e que, por isso, não é de modo algum co-eterna com ele, embora essa narração tenha omitido quando foi feita?

[Dois pontos de vista discordantes na interpretação das Escrituras]

XXIII. 32. Ouvidas, pois, estas opiniões, e entendidas segundo a capacidade da minha fraqueza, que eu te confesso, ó meu Deus, que dela és conhecedor, vejo poderem surgir duas espécies de divergências, quando, por sinais, é enunciada alguma coisa por mensageiros verídicos: uma, se há divergência quanto à verdade das coisas; outra, se há divergência quanto à intenção daquele que enuncia. É que uma coisa é procurarmos indagar, relativamente à criação da criatura, o que é verdade; outra coisa é procurarmos indagar o que, nestas palavras, Moisés, egrégio familiar da tua fé, quis que o leitor e o ouvinte entendessem. No que respeita à primeira espécie de divergências, afastem-se de mim todos aqueles que julgam saber coisas que são falsas. No que respeita à segunda espécie, afastem-se igualmente de mim todos os que julgam que Moisés disse coisas que são falsas. Que eu me una àqueles, Senhor, em ti, e em ti me deleite com aqueles⁴ que se alimentam da tua verdade na vastidão da caridade⁵, e, juntos, nos aproximemos

¹ *Génesis* 1:9.

² *Génesis* 1:7.

³ *Génesis* 1:2.

⁴ *Salmo* 103:34.

⁵ *Efésios* 3:18-19.

das palavras do teu Livro e nelas procuremos a tua intenção¹, por intermédio da intenção do teu servo, por cuja pena as deste a conhecer.

[Ninguém deve ousar afirmar qual é o pensamento de Moisés]

XXIV. 33. Mas, entre tantas verdades que, naquelas palavras diversamente entendidas, ocorrem aos comentadores, quem de nós desvendou essa intenção², de tal modo que diga que Moisés, na sua narração, pensou isto e quis que fosse entendido aquilo, com a mesma confiança com que diz que isto é verdadeiro, quer ele tenha pensado isto ou outra coisa? Eis-me aqui, meu Deus, eu, teu servo³, que te prometi um sacrifício de confissão nestas páginas e peço que, pela tua misericórdia, cumpra as minhas promessas⁴; eis com quanta confiança eu digo que tu fizeste todas as coisas visíveis e invisíveis no teu Verbo imutável; porventura digo com a mesma confiança que Moisés teve esta e não outra intenção, ao escrever: *No princípio fez Deus o céu e a terra*⁵, já que, assim como vejo isto como certo na tua Verdade, assim também vejo que ele o pensou na sua mente, ao escrever tais palavras? Com efeito, ao dizer: *No princípio*, pode ter pensado no próprio começo da criação; pode ter querido que se entendesse que o céu e a terra, neste lugar, não são uma natureza já formada e perfeita, quer espiritual, quer corpórea, mas sim que ambas as naturezas eram começadas e ainda informes. Destas duas coisas, fosse qual fosse a que se dissesse, vejo que pode ter sido dita com verdade, mas, por outro lado, não vejo qual delas ele pensou nas suas palavras, embora aquele tão grande varão tenha intuído alguma delas na sua mente, ou outra coisa que não foi mencionada por mim, de tal modo que eu não duvido de que ele, ao expressar estas palavras, viu a verdade e a enunciou adequadamente.

[Contra aqueles que contestam outra forma de interpretar]

¹ João 5:30.

² Mateus 7:7-8; Lucas 11:9-10.

³ Salmo 115:16(7).

⁴ Salmo 115:18(9).

⁵ Gênesis 1:1.

XXV. 34. Que ninguém me aborreça mais¹, dizendo-me: Moisés não pensou o que tu dizes, mas sim o que eu digo. Se me dissesse: ‘Como sabes tu que Moisés pensou isso que dizes acerca das suas palavras?’, eu deveria suportá-lo com paciência, e talvez respondesse o que acima respondi, ou um pouco mais amplamente, se ele fosse mais difícil de convencer. Quando, porém, diz: ‘Ele não pensou o que tu dizes, mas sim o que eu digo’, e, apesar disso, não nega que sejam verdade ambas as coisas que ambos dizemos, ó vida dos pobres, meu Deus, em cujo seio não há contradição, faz chover sobre o meu coração a serenidade, para que, com paciência, eu suporte tais pessoas, que não me dizem isto porque são adivinhos e viram no coração do teu servo aquilo que dizem, mas porque são orgulhosos, e não conhecem a opinião de Moisés, mas amam a sua, não por ser verdadeira, mas por ser a sua. Se assim não fosse, amariam igualmente outra opinião verdadeira, tal como eu amo o que dizem, quando dizem a verdade, não por ser deles, mas por ser verdade: e, por isso, já não é deles, porque é a verdade. Se, porém, amarem aquilo que dizem porque é verdade, a partir desse momento, isso é deles e meu, porque pertence em comum a todos os amantes da verdade. Mas que eles porfiem que Moisés não pensou aquilo que eu digo, mas aquilo que eles dizem, isso não quero, não amo, porque, ainda que assim seja, todavia essa temeridade não é própria da ciência mas do atrevimento, e não foi a verificação, mas a arrogância, que lhe deu origem. Por isso, Senhor, tremendos são os teus juízos, já que a tua verdade não é minha, nem deste, nem daquele, mas de todos nós, que chamas publicamente à sua comunhão, admoestando-nos severamente a que não queiramos tê-la como privada, para não sermos privados dela². Na verdade, todo aquele que reivindica, como exclusivo, aquilo que tu ofereces à fruição de todos, e quer que seja seu aquilo que é de todos, é expulso das coisas comuns para as suas, isto é, da verdade para a mentira. Pois quem fala do que lhe é próprio, mente³.

35. Presta atenção, ó óptimo juiz, Deus, ó própria verdade⁴, presta atenção ao que vou dizer a este contraditor, presta atenção⁵; falo diante de ti e diante dos meus irmãos que se servem legitimamente da Lei⁶ da caridade, até ao fim⁷; presta atenção e vê¹ o que lhe

¹ *Gálatas* 6:17.

² *1 Timóteo* 6:5.

³ *João* 8:44.

⁴ *João* 14:6.

⁵ *Jeremias* 18:19.

⁶ *1 Timóteo* 1:8.

⁷ *1 Timóteo* 1:5.

vou dizer, se te apraz. São estas as palavras fraternas e pacíficas que eu lhe dirijo: Se ambos vemos que é verdade o que dizes e se ambos vemos que é verdade o que digo, pergunto: onde é que o vemos? Certamente que eu não o vejo em ti nem tu em mim, mas ambos o vemos na mesma imutável verdade que está acima das nossas mentes. Dado que não discutimos acerca da própria luz do Senhor, nosso Deus, porque é que havemos de discutir sobre o pensamento do próximo, que não podemos ver tal como se vê a verdade imutável, uma vez que, se o próprio Moisés nos aparecesse e dissesse: ‘Eu pensei isto’, nem assim veríamos tal pensamento, mas acreditaríamos nele? Por isso, *que ninguém, indo além do que está escrito, se ensoberbeça a favor de um contra o outro*². Amemos o Senhor, nosso Deus, de todo o coração, de toda a alma, com toda a nossa mente, e ao próximo como a nós mesmos³. Se não acreditarmos que Moisés pensou, tendo em vista estes dois preceitos da caridade, tudo aquilo que pensou naqueles Livros, faremos do Senhor um mentiroso⁴, ao interpretarmos o pensamento do seu servo de forma diferente da que ele ensinou. Em tanta abundância de opiniões tão verdadeiras que se podem extrair destas palavras, vê⁵ como seria estulto afirmar temerariamente qual delas terá sido perfilhada por Moisés, e ofender, com perniciosas discussões, a própria caridade, por causa da qual ele disse todas as coisas, cujas palavras nos esforçamos por comentar.

[Que linguagem convém às Escrituras?]

XXVI. 36. E todavia eu, meu Deus, elevação da minha baixeza e repouso da minha fadiga, que ouves as minhas confissões e me perdoas os pecados⁶, já que me ordenas que ame o meu próximo como a mim mesmo⁷, não posso crer, a respeito do teu fidelíssimo servo Moisés, que lhe tenha sido dado por ti um dom menor do que eu gostaria e desejaria para mim próprio, se tivesse nascido no tempo em que ele nasceu e me tivesses colocado no mesmo lugar, a fim de que, mediante o ministério do meu coração e da minha língua, fossem dadas a conhecer aquelas páginas que, muito tempo depois, haveriam de ser úteis a todos os povos e que, em todo o mundo, mercê do

¹ *Lamentações* 1:9-12.

² 1 *Coríntios* 4:6.

³ *Mateus* 22:37-39; *Marcos* 12:30-31; *Lucas* 10:27.

⁴ 1 *João* 5:10.

⁵ *Lamentações* 1:9-12.

⁶ *Mateus* 6:15; *Marcos* 11:25.

⁷ *Mateus* 22:39; *Marcos* 12:31; *Lucas* 10:27.

elevado prestígio da sua autoridade, haveriam de triunfar das palavras de todas as doutrinas falsas e orgulhosas. Eu queria, se eu fosse Moisés nesse tempo – já que provimos todos da mesma massa¹; e porque é que o homem existe, senão porque te lembras dele?² – eu queria, se eu, nesse tempo, fosse o que ele era, e tu me mandasses escrever o livro do *Gênesis*, que tu me desses uma tal capacidade de falar e um modo tal de entretecer o discurso, que aqueles, que ainda não podem compreender o modo como Deus cria, não recusassem as minhas palavras como sendo superiores às suas forças, e que aqueles que já o conseguem, em qualquer opinião verdadeira a que, pela sua reflexão, chegassem, descobrissem que ela não foi omitida nas poucas palavras do teu servo, e se outro visse outra opinião à luz da verdade, nem essa mesma deixasse de ser compreendida nas mesmas palavras.

[Às Escrituras convém uma linguagem humilde e simples]

XXVII. 37. Tal como a fonte, num lugar pequeno, é mais abundante e faz chegar, por muitos regatos, o seu caudal a espaços mais amplos do que qualquer desse regatos que, provenientes da mesma fonte, se espalham por muitos lugares, assim também a narração daquele teu dispensador³, a ser proveitosa no futuro para vários pregadores, faz brotar, em estilo humilde, torrentes de verdade cristalina, de onde cada qual extrai para si a verdade que pode, acerca destas realidades – um, esta, outro, aquela – recorrendo aos longos circunlóquios da linguagem. Uns, com efeito, ao lerem ou ouvirem estas palavras, pensam que Deus, como uma espécie de homem ou de potestade dotada de uma enorme massa, por uma decisão nova e repentina, fez, fora de si mesmo e como que em lugares distantes, o céu e a terra, dois grandes corpos, um em cima, outro em baixo, nos quais estão contidas todas as coisas. E ao ouvirem: *Disse Deus: faça-se isto, e foi feito* isso⁴, pensam que se trata de palavras começadas e acabadas, que ressoam durante uns tempos e passam, e que, depois da sua passagem, imediatamente existe aquilo que ele mandou que existisse, ou porventura outra coisa qualquer, que, deste modo, pensam, segundo a sua condição carnal. Nestes animais⁵, ainda pequeninos⁶, a

¹ Romanos 9:21.

² Salmo 8:5.

³ Tito 1:7.

⁴ Gênesis 1:6-7, 9.

⁵ 1 Coríntios 2:14.

⁶ 1 Coríntios 3:1.

debilidade é amparada por esse humílimo género de linguagem, como que no regaço materno, e assim se edifica salutarmente a fé, pela qual têm como certo e defendem que Deus fez todas as naturezas, que os seus sentidos contemplam na sua maravilhosa variedade. Se qualquer deles, como que desprezando a vulgaridade das palavras, levado por uma orgulhosa fraqueza, deita a cabeça para fora do ninho onde foi criado, então o desgraçado cairá, e, ó Senhor Deus, tem piedade¹, para que os que passam pelo caminho² não pisem esta avezinha implume³, e envia o teu anjo⁴ a fim de que ele o reponha no ninho, para que viva até que saiba voar.

[Como é que a Sagrada Escritura é entendida sob várias formas?]

XXVIII. 38. Outros, porém, para os quais estas palavras não são já um ninho, mas um denso pomar, vêem nelas frutos escondidos, e esvoaçam, alegres, e chilreiam, procurando-os, e colhem-nos. Na verdade, quando lêem ou ouvem estas palavras, ó Deus eterno, eles vêem que todos os tempos passados e futuros são superados pela tua estável permanência, mas que não existe nenhuma criatura temporal que não tenhas feito tu, cuja vontade, porque é o mesmo que tu és, sem que de nenhum modo tenha mudado ou surgido uma vontade que antes não tivesse existido, fez, ou fizeste, todas as coisas, não uma semelhança tua, proveniente de ti, forma de todas as coisas, mas uma dissemelhança informe, a partir do nada, que fosse formada por semelhança contigo, voltando a ti, uno, de acordo com a capacidade ordenada segundo a medida que a cada uma das coisas foi dada, dentro da sua espécie, e assim seriam feitas todas as coisas muito boas⁵, quer permaneçam junto de ti, quer formem ou sofram belas variações, com um afastamento progressivamente maior ao longo dos tempos e dos espaços. Vêem todas estas coisas e regozijam-se, na luz da tua verdade, o pouquinho que podem aqui.

39. De entre eles, há quem aplique a sua atenção a isto que foi dito: *No princípio fez Deus*, e entenda que o princípio é a sabedoria, porque também ela nos fala⁶. Há quem, igualmente, aplique a sua atenção às mesmas palavras e entenda que o princípio é o

¹ Salmo 50:3.

² Lamentações 1:12.

³ Salmo 55:2.

⁴ 2 Macabeus 15:23; Mateus 11:10.

⁵ Gênesis 1:31.

⁶ João 8:25.

começo das coisas criadas, e assim tome a expressão *no princípio fez* como se fosse dito: em primeiro lugar fez. E entre aqueles, que entendem em *no princípio*, que tu fizeste, na sabedoria, o céu e a terra¹, um crê que o próprio céu e a própria terra são assim designados como sendo a matéria criável do céu e da terra; outro, que são as formas e as naturezas distintas; outro, que, com a palavra ‘céu’, é designada uma natureza formada, e essa mesma espiritual, e que, com a palavra ‘terra’, é designada outra natureza informe de matéria corporal. Mas aqueles que entendem, nas palavras ‘céu’ e ‘terra’, uma matéria ainda informe, da qual seriam formados o céu e a terra, nem eles próprios o entendem da mesma maneira, mas um entende que daí se concretizaria uma criatura inteligível e sensível, outro que dela se formaria essa massa sensível corpórea, que contém, no seu amplo seio, as naturezas visíveis e perceptíveis. Também não estão de acordo os que crêem que ‘céu’ e ‘terra’ designam, neste passo, as criaturas já dispostas e ordenadas, mas um pretende que designa a criatura invisível e visível, outro tão-somente a criatura visível, na qual vemos o céu luminoso e a terra caliginosa, e tudo o que neles existe.

[De quantas maneiras se diz que uma coisa é anterior]

XXIX. 40. Mas aquele que interpreta as palavras *No princípio fez* como se fosse dito: ‘em primeiro lugar fez’, não tem forma de entender, com verdade, o que é o céu e a terra², a não ser que o entenda como a matéria do céu e da terra, isto é, de toda a criatura, a saber, de toda a criatura inteligível e corpórea. Pois, se pretende entender toda a criatura já formada, poder-se-á, com razão, perguntar-lhe o que é que Deus fez a seguir, se fez isto em primeiro lugar, e, depois da totalidade do universo, não encontrará nada e, por isso, ainda que não o queira, ouvirá: ‘Como é que fez aquilo em primeiro lugar, se, depois, nada fez?’ Quando, porém, esse diz que, primeiramente, fez a matéria informe e, depois, a formada, não é inconsequente, contanto que seja capaz de distinguir o que é que vem antes, em função da eternidade, do tempo, da preferência, da origem: em função da eternidade, tal como Deus precede tudo; em função do tempo, tal como a flor precede o fruto; em função da preferência, tal como o fruto precede a flor; em função da origem, tal como o som precede o canto. Nestas quatro precedências que

¹ *Gênesis* 1:1.

² *Gênesis* 1:1.

mencionei, a primeira e a última dificilmente se entendem; as duas intermédias entendem-se com a maior facilidade. Com efeito, é demasiado rara e sublime a capacidade de distinguir bem, Senhor, a tua eternidade, que, imutavelmente, faz as coisas mutáveis, e que, por isso, é anterior. Além disso, quem é que tem a vista do espírito tão penetrante que consiga, sem grande dificuldade, distinguir como é que o som é anterior ao canto, uma vez que o canto é o som formado, e, de facto, não pode ser alguma coisa não formada, não podendo ser formado aquilo que não existe? Assim, a matéria é anterior àquilo que é feito a partir dela, não anterior por ser ela a fazer, uma vez que é antes ela que é feita, nem anterior em virtude do intervalo do tempo. Com efeito, não emitimos, num primeiro momento, sons informes, sem canto, e, num segundo momento, os harmonizamos ou modelamos em forma de canto, tal como fazemos com a madeira com que se fabrica uma arca, ou com a prata de que se faz uma taça; de facto, estas matérias também precedem, em função do tempo, as formas das coisas que são feitas a partir delas. Mas no canto não é assim. Na realidade, quando se canta, ouve-se o som dele, e este não soa primeiro sem forma, e depois é formado em canto. Aquilo que soar, de alguma maneira, em primeiro lugar, passa, e disso não encontraremos nada que, uma vez retomado, possamos compor com arte: e, por isso, o canto é constituído pelo seu som, e este seu som é a sua matéria. Com efeito, o mesmo som recebe uma forma para ser canto. E por isso, como dizia, a matéria do som é anterior à forma do canto: não anterior pela capacidade de o produzir; pois o som não é o artífice do canto, mas está subjacente à alma que canta, servindo-se do corpo, do qual faz o canto; nem anterior em função do tempo: pois é emitido ao mesmo tempo que o canto; nem anterior em função da preferência: pois o som não é preferível ao canto, uma vez que o canto é não apenas som, mas também som dotado de beleza. Mas é anterior em função da origem, porque o canto não é formado para ser som, mas o som é formado para ser canto. Quem puder, compreenda, com este exemplo, que a matéria das coisas foi feita em primeiro lugar, e chamada céu e terra¹, porque dela foram feitos o céu e a terra, e que não foi feita em função do tempo em primeiro lugar, porque as formas das coisas é que dão origem ao tempo, enquanto a matéria, por seu lado, era informe², e agora é perceptível nos tempos, como um todo, e nada se pode dizer acerca dela a não ser que é anterior, em função do tempo, embora seja tida como de menor valor, porque,

¹ *Gênesis* 1:1.

² *Gênesis* 1:2.

realmente, as coisas formadas são melhores do que as informes, e seja precedida pela eternidade do Criador, de tal modo que existisse a partir do nada aquilo de que seria feita alguma coisa.

[Que os comentadores da Sagrada Escritura harmonizem as suas opiniões, levados pela caridade e pelo zelo da verdade]

XXX. 41. Nesta diversidade de opiniões verdadeiras, que a própria verdade faça nascer¹ a concórdia, e o nosso Deus se compadeça de nós², para que usemos legitimamente da Lei³, tendo em vista o fim do preceito: a pura caridade⁴. E por isso, se alguém me perguntar qual destas coisas pensou Moisés, teu ilustre servo, se eu não te confessar: ‘não sei’, estas não são palavras próprias das minhas confissões. E contudo sei que são opiniões verdadeiras. Excluídos os carnavais, acerca dos quais eu disse o que me parecia – a esses filhos da tua boa esperança⁵ não os atemorizam as palavras do teu Livro, sublimes na sua humildade e breves na sua abundância – todavia, todos aqueles que eu confesso que nessas palavras reconhecem e proclamam a verdade, amemo-nos uns aos outros e, do mesmo modo, amemos-te a ti, nosso Deus⁶, fonte da verdade, se dela tivermos sede e não de futilidades, e honremos esse teu mesmo servo, dispensador desta Escritura, cheio do teu Espírito, de tal modo que acreditemos que ele, ao escrever tais palavras, mercê da tua revelação, tinha em vista aquilo que nelas acima de tudo sobressai, não só pela luz da verdade, mas também pelo fruto da utilidade.

[Deve-se julgar que Moisés pensou tudo o que de verdadeiro pode encontrar-se nas suas palavras]

¹ Terêncio, *A moça que veio de Andros* 68.

² Salmo 66:2.

³ 1 Timóteo 1:8.

⁴ 1 Timóteo 1:5.

⁵ 1 Coríntios 3:1.

⁶ Deuterónimo 6:5; Mateus 22:37-39; Marcos 12:30-31; Lucas 10:27; 1 João 4:7.

XXXI. 42. Assim, quando alguém disser: ‘Ele pensou o mesmo que eu’, e outro: ‘Pelo contrário, o mesmo que eu’, creio ser mais piedoso que eu diga: ‘Porque não antes ambas, se ambas são verdadeiras?’ E, se alguém encontrar em tais palavras um terceiro e um quarto ou outro qualquer sentido verdadeiro, porque não se há-de crer que todos esses sentidos os viu Moisés, por meio de quem Deus, uno, temperou as Sagradas Letras para as inteligências de muitos, que haviam de ver coisas verdadeiras e distintas? Eu, sem hesitar, afirmo intrepidamente do fundo do meu coração que se eu, elevado ao cume da autoridade, escrevesse alguma coisa, preferiria escrever de tal maneira que as minhas palavras repercutissem tudo o que cada um pudesse conceber de verdadeiro acerca dessas coisas, do que propor abertamente uma única opinião verdadeira, com o fim de excluir as outras, cuja falsidade me não pudesse ofender. Não quero, pois, ó meu Deus, ser tão temerário a ponto de não crer que tal homem mereceu de ti esta graça. Não há dúvida de que ele, nestas palavras, sentiu e pensou, quando as escrevia, tudo o que aqui de verdadeiro pudemos encontrar, e tudo o que nós não pudemos, ou ainda não pudemos, e, todavia, nelas se pode encontrar.

[Os verdadeiros sentidos da Sagrada Escritura são revelados pelo Espírito Santo]

XXXII. 43. Finalmente, Senhor, tu que és Deus, e não carne e sangue¹, se ele, sendo homem, viu alguma coisa menos, porventura também o teu Espírito bom, que me conduzirá à terra da rectidão², pôde ignorar tudo aquilo que tu próprio, nessas palavras, havias de revelar aos futuros leitores, ainda que aquele por meio do qual foram ditas tenha concebido um só sentido, de entre muitas verdadeiros? Ora, sendo assim, seja então aquela que ele concebeu mais sublime que as restantes. Tu, porém, Senhor, ou nos mostras essa opinião, ou outra verdadeira que te agrada, para que, quer nos manifestes o mesmo que manifestaste àquele teu servo, quer outra coisa a pretexto das mesmas palavras, tu nos alimentes e o erro não nos iluda. Eis, Senhor meu Deus, vê quantas e quantas coisas escrevemos a propósito de tão poucas palavras! Por este modo, quanto das nossas forças, quanto dos nossos tempos será necessário para todos os teus Livros? Permite-me, pois, que neles eu a ti confesse mais sucintamente, e que escolha uma coisa, que tu me inspires, verdadeira, certa e boa, ainda que me ocorram muitas, onde

¹ *Mateus* 16:17; *1 Coríntios* 15:50.

² *Salmo* 142:10.

muitas puderem ocorrer, e, com uma tal fidelidade da minha confissão, que, se disser uma coisa que o teu ministro não pensou, o faça de forma exacta e perfeita – pois é isso que eu devo tentar – mas, se o não conseguir, diga, apesar disso, aquilo que, através das suas palavras, me quiser dizer a tua verdade, a qual lhe disse, também, o que quis.

LIVRO XIII

[Invocação e reconhecimento da bondade de Deus]

I. 1. Invoco-te, *meu Deus, minha misericórdia*¹, que me criaste e, esquecido eu de ti, não me esqueceste a mim. Invoco-te para a minha alma que predispões a receber-te com o desejo que lhe inspiras: não abandones agora quem te invoca, tu que vieste² antes de eu te invocar, e que insististe, repetindo com frequência, com muitas e variadas vozes, para que de longe te escutasse, e me voltasse para ti, e te invocasse, a ti que me chamas. Tu, na verdade, Senhor, apagaste todas as minhas más acções para não dares a recompensa às minhas mãos³, nas quais me afastei de ti, e antecipaste-te a todas as minhas boas acções, para dares a recompensa às tuas mãos, com as quais me criaste⁴, porque, já antes que eu fosse, tu eras, e não existia o ‘eu’ a quem concederias que fosse, e, todavia, eis que eu sou pela tua bondade, que precede tudo aquilo que de mim fizeste e com que me fizeste. E nem tiveste necessidade de mim, nem eu sou um bem tal que te possa ajudar, *meu Senhor e meu Deus*⁵, não para que te sirva a ti assim, como que para não te fatigares no fazer ou para que não seja menor o teu poder por carecer da minha colaboração, nem para que assim te cultive como a uma terra, de maneira a que fiques inculto, se eu te não cultivar, mas para que te sirva e te cultive, a fim de que de ti me venha o bem, de ti, de quem me vem que eu seja o ‘eu’ a quem é dado o bem.

[As criaturas existem e aperfeiçoam-se pela bondade de Deus]

II. 2. Com efeito, da plenitude da tua bondade a tua criatura recebeu o ser, para que o bem, que de nada te servia, nem era igual a ti⁶, embora vindo de ti, não faltasse, todavia, porque pôde ter origem em ti. Na verdade, que merecimento teve a teus olhos o céu e a terra que fizeste no princípio? Digam que merecimento tiveram a teus olhos a natureza

¹ *Salmo* 58:18.

² *Salmo* 58:11.

³ *Salmo* 17:21.

⁴ *Salmo* 118:73.

⁵ *João* 20:28.

⁶ *Filipenses* 2:6.

espiritual e a natureza corporal que fizeste na tua sabedoria¹, para dela dependerem as coisas começadas e informes, cada qual no seu género, espiritual ou corporal, que tendem para a desordem e para a completa dissemelhança em relação a ti, valendo o espiritual informe mais do que se fosse um corpo formado, ao passo que o corporal informe vale mais do que se fosse o nada absoluto, e assim, informes, ficassem dependentes do teu Verbo, se não voltassem a ser chamadas pelo mesmo Verbo à tua unidade, e fossem formadas, e todas as coisas muito boas² fossem, a partir de ti, que és o uno e sumo bem. Que merecimento tinham tido aos teus olhos até para serem informes aquelas coisas que nem isso seriam a não ser por terem origem em ti?

3. Que merecimento teve a teus olhos a matéria corporal até para ser invisível e sem forma, quando nem isso seria senão porque a fizeste? E, por isso, porque não era, não podia merecer ser. Ou que merecimento teve a teus olhos a incoação da criatura espiritual até para que flutuasse envolta em trevas, semelhante ao abismo³, dissemelhante de ti, se pelo mesmo Verbo não fosse reconduzida ao mesmo Verbo, pelo qual foi feita, e se tornasse luz⁴, iluminada por ele, embora não em igualdade contigo, todavia conforme⁵ com a forma, que é igual a ti⁶? Na verdade, tal como para um corpo ser não é o mesmo que ser belo – de outro modo não poderia ser feio – assim também para um espírito criado viver não é o mesmo que viver com sabedoria: de outro modo seria inalterável a sua sabedoria. Ora, para ele, o bem é estar sempre unido a ti⁷, para que, afastando-se de ti, não perca a luz que alcançou voltando-se para ti, e volte a cair numa vida semelhante às trevas do abismo. Com efeito, também nós, que, pela alma, somos criatura espiritual, afastados de ti, nossa luz, fomos outrora trevas⁸ naquela vida e, no que resta da nossa escuridão, penamos até sermos tua justiça⁹ no teu Único, como as montanhas de Deus: com efeito, fomos réus do teu juízo, como o abismo profundo¹⁰.

[Todas as coisas provêm da graça de Deus]

¹ *Salmo* 103:24.

² *Gênesis* 1:31; *Eclesiástico* 39:21.

³ *Gênesis* 1:2.

⁴ *Gênesis* 1:3.

⁵ *Romanos* 8:29.

⁶ *Filipenses* 2:6.

⁷ *Salmo* 72:28.

⁸ *Efésios* 5:8.

⁹ *2 Coríntios* 5:21.

¹⁰ *Salmo* 35:7.

III. 4. Relativamente ao que disseste, no princípio da criação: *Faça-se a luz, e a luz foi feita*¹, eu entendo isto, não sem adequação, na criatura espiritual, porque já existia uma certa vida que tu podias iluminar. Mas assim como ela não tinha merecido aos teus olhos ser uma vida tal que pudesse ser iluminada, assim também, quando já existia, não mereceu aos teus olhos ser iluminada. Com efeito, nem a sua informidade te agradaria, se não se tornasse luz não por existir, mas por contemplar a luz que ilumina e unir-se a ela, para que não só tudo aquilo que por qualquer forma vive, mas também aquilo que vive de forma feliz, não o devesse senão à tua graça, convertendo-se a vida, por uma transformação melhor, naquilo que não pode mudar-se nem para melhor nem para pior; coisa que só tu és, porque só tu és simplesmente, tu para quem viver não é uma coisa, e viver feliz, outra, porque és a tua felicidade.

[Deus não necessita das coisas criadas]

IV. 5. Que te faltaria, pois, para o bem que tu és para ti, ainda que não existissem de todo ou permanecessem informes essas coisas que tu fizeste, não por necessidade, mas pela plenitude da tua bondade, forçando-as e convertendo-as a uma forma, não como se a tua alegria fosse completada por elas? Na verdade, sendo tu perfeito, desagrada-te a imperfeição dessas coisas, para que, a partir de ti, sejam aperfeiçoadas e te agradem, mas, por outro lado, não sendo tu imperfeito, desagrada-te essa imperfeição como se também tu devesse ser aperfeiçoado com a perfeição delas. Pois o teu espírito bom² movia-se sobre as águas³, não era movido por elas como se nelas repousasse. O teu espírito faz repousar em si aqueles em quem se diz que ele repousa⁴. Mas a tua vontade incorruptível e imutável, ela própria em si suficiente para si mesma, movia-se sobre aquela vida que tinhas criado, para a qual viver não é o mesmo que viver felizmente, porque vive também pairando na sua escuridão, à qual resta voltar-se para aquele pelo qual foi criada, e viver mais e mais junto da fonte da vida, e na sua luz ver a luz⁵, e ser aperfeiçoado, e iluminado, e tornado feliz.

¹ *Gênesis* 1:3.

² *Salmo* 142:10.

³ *Gênesis* 1:2.

⁴ *Números* 11:25; *Isaías* 11:2.

⁵ *Salmo* 35:10.

[O mistério da Trindade está implícito nas primeiras palavras do *Gênesis*]

V. 6. Eis que me aparece em enigma¹ a Trindade que tu és, meu Deus, porque tu, Pai, no princípio da nossa sabedoria, que é a tua sabedoria de ti nascida, igual e co-eterna contigo², isto é, no teu Filho, fizeste o céu e a terra³. E muitas coisas dissemos do céu do céu⁴, e da terra invisível e sem forma, e do abismo das trevas, segundo a fluidez instável da infirmitude espiritual, se esta não se voltasse para aquele do qual procedia toda e qualquer espécie de vida, e, iluminada por ele, não se tornasse uma vida com beleza, e não fosse o céu daquele céu que, mais tarde, foi criado entre uma água e outra água⁵. E eu incluía já o Pai no nome de Deus, que fez estas coisas, e o Filho no nome do princípio em que as fez, e, acreditando que o meu Deus é Trindade, como de facto acreditava, continuava à procura nas suas Santas Escrituras, e eis que o teu Espírito se movia sobre as águas⁶. Eis que o meu Deus é Trindade, Pai, e Filho, e Espírito Santo, criador de toda a criatura.

[O espírito de Deus movia-se sobre as águas]

VI. 7. Mas por que motivo, ó luz que dizes a verdade – de ti aproximo o meu coração, para que este me não ensine coisas vãs –, dissipa as suas trevas, e diz-me, peço-te pela mãe caridade, peço-te, diz-me, por que motivo a tua Escritura, depois de nomear o céu, e a terra invisível e sem forma, e as trevas sobre o abismo, então, finalmente, nomeia o teu Espírito? Acaso porque era necessário que assim fosse insinuado, de tal maneira que se pudesse dizer que se movia? Tal não poderia dizer-se a não ser que, primeiramente, fosse referido aquilo sobre o qual se poderia entender que o teu espírito se movia. Ora, na verdade, ele não se movia nem sobre o Pai, nem sobre o Filho, nem se poderia dizer, com propriedade, que ele se movia, se não se movesse sobre alguma coisa. Devia, pois, mencionar-se, em primeiro lugar, sobre que é que se moveria, e mencionar-se depois aquele que não era necessário referir com outro fim, a não ser para que se dissesse que

¹ 1 *Coríntios* 13:12.

² *Filipenses* 2:6.

³ *Gênesis* 1:1.

⁴ *Salmo* 113:24(16).

⁵ *Gênesis* 1:6.

⁶ *Gênesis* 1:2.

se movia. Porque é que, então, não era necessário que fosse insinuado com outro fim, a não ser para que se dissesse que se movia?

[A acção do Espírito Santo]

VII. 8. Agora, a partir daqui, siga quem puder, com o entendimento, o teu Apóstolo, que diz que a tua *caridade se difundiu em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado*¹, e que nos ensina acerca das realidades espirituais², e nos mostra³ o supereminente caminho da caridade⁴, e flecte os joelhos por nós, diante de ti⁵, para que conheçamos a supereminente ciência da caridade de Cristo⁶. Por esta razão, ele, supereminente, desde o princípio, movia-se sobre as águas. A quem falarei, como falarei acerca do peso da concupiscência sobre o escarpado abismo e acerca da elevação da caridade pelo teu Espírito, que se movia sobre as águas⁷? A quem falarei? Como falarei? E não são lugares em que submergimos e dos quais emergimos. Que coisa mais semelhante e que coisa mais dissemelhante? São os afectos, são os amores, imundície do nosso espírito defluindo para baixo por amor das preocupações, e santidade do teu espírito levando-nos para cima por amor da segurança, para que tenhamos o coração erguido⁸ para ti, onde o teu Espírito se move sobre as águas, e cheguemos ao supereminente repouso, quando a nossa alma tiver atravessado as águas que são sem substância⁹.

[Tudo o que é inferior é Deus é insuficiente para a felicidade]

VIII. 9. Deflui o anjo, deflui a alma do homem, e mostrariam o abismo de toda a criatura espiritual no profundo das trevas, se tu não tivesses dito desde o início: *Faça-se a luz* e a luz tivesse sido feita¹⁰, e se toda a inteligência obediente da tua Cidade celeste não se unisse a ti, e não descansasse no teu Espírito, que se move de forma imutável

¹ Romanos 5:5.

² 1 Coríntios 12:1.

³ 1 Coríntios 13:1-13.

⁴ 1 Coríntios 12:31.

⁵ Efésios 3:14.

⁶ Efésios 3:19.

⁷ Génesis 1:2.

⁸ Colossenses 3:1-2.

⁹ Salmo 123:5.

¹⁰ Génesis 1:3.

sobre tudo o que é mutável. De outro modo, também o próprio céu do céu¹ seria em si mesmo um abismo de trevas; *mas agora ele é luz no Senhor*². Com efeito, nesta mesma desditosa inquietude dos espíritos que defluem e mostram as suas trevas despidas da veste da tua luz, fazes-nos ver claramente quão grande fizeste a criatura racional, para cujo feliz repouso de modo nenhum é suficiente tudo o que seja menos do que tu, e, por isso, nem ela própria se basta a si mesma. Tu, pois, nosso Deus, iluminarás as nossas trevas³: de ti provêm as nossas vestes, e as nossas trevas serão como o meio-dia⁴. Dá-te a mim, ó meu Deus, devolve-te a mim: eis que te amo, e, se é pouco, que te ame com mais força. Não posso medi-lo, de modo a saber quanto me falta de amor para o que é suficiente, para que a minha vida corra para os teus abraços e se não aparte, enquanto se não esconder⁵ no refúgio do teu rosto⁶. Sei apenas que, sem ti, me sinto mal, não apenas fora de mim, mas também dentro de mim mesmo, e que toda a abundância, que não é o meu Deus, é para mim indigência.

[Porque é que só o Espírito Santo se movia sobre as águas?]

IX. 10. Acaso o Pai ou o Filho não se moviam sobre as águas? Se se moviam como um corpo que se move como num lugar, também o Espírito Santo não se movia. Se, porém, a eminência imutável da divindade se move sobre todo o ser mutável, também o Pai, o Filho e o Espírito Santo se moviam sobre as águas⁷. Porque é que, então, isto foi dito apenas acerca do teu Espírito? Porque é que somente acerca dele foi dito isto, como se houvesse um lugar onde estivesse ele que não é lugar, do qual apenas se disse que é o teu dom⁸? No teu dom repousamos: aí fruímos de ti. O nosso repouso é o nosso lugar. Para lá nos eleva o teu amor, e o teu espírito de bondade⁹ arranca a nossa baixeza das portas da morte¹⁰. Na tua boa vontade está a nossa paz¹¹. O corpo, com o seu peso, tende para o lugar que lhe é próprio. O peso não tende apenas para baixo, mas para o lugar que lhe é próprio. O fogo tende para cima, a pedra para baixo. Levados pelos seus

¹ *Salmo* 113:24(16).

² *Efésios* 5:8.

³ *Salmo* 17:29.

⁴ *Isaías* 58:10.

⁵ *Colossenses* 3:3.

⁶ *Salmo* 30:21.

⁷ *Gênesis* 1:2.

⁸ *Actos* 2:38.

⁹ *Salmo* 142:10.

¹⁰ *Salmo* 9:14-15.

¹¹ *Lucas* 2:14.

pesos, procuram os lugares que lhes são próprios. O azeite deitado na água sobe ao de cima da água, a água deitada no azeite desce para debaixo do azeite: levados pelos seus pesos, procuram os lugares que lhes são próprios. As coisas menos ordenadas não estão em repouso: ordenam-se e ficam em repouso. O meu peso é o meu amor; sou levado por ele para onde quer que seja levado. Somos acendidos pelo teu dom¹ e somos levados para o alto; começamos a arder e vamos. Ascendemos as ascensões no coração² e cantamos o cântico das subidas³. Com o teu fogo, com o fogo da tua bondade, começamos a arder e vamos, porque vamos para o alto, *para a paz de Jerusalém*, porque *exultei com aquilo que me disseram: iremos para a casa do Senhor*⁴. Aí nos colocará a tua boa vontade, para que nada mais desejemos do que permanecer lá para sempre⁵.

[Todos os bens são dom de Deus]

X. 11. Feliz a criatura que não conhece outra coisa, ainda que ela própria pudesse ser outra coisa, se, pelo teu dom⁶, que se move acima⁷ de todo o ser mutável, logo que foi criada, sem nenhum intervalo de tempo, não fosse levada naquele chamamento em que tu disseste: *Faça-se a luz*, e ela se não tornasse luz⁸. Em nós, com efeito, distingue-se pelo tempo o termos sido trevas e o termo-nos tornado luz⁹: naquela criatura, porém, foi dito o que seria, se não fosse iluminada, e assim foi dito como se antes tivesse sido fluida e envolta em trevas¹⁰, a fim de que aparecesse a causa pela qual sucedeu que fosse de outra forma, isto é, que, voltando-se para a claridade inextinguível¹¹, fosse luz. Quem puder, entenda, peça-o a ti. Porque me há-de importunar¹², como se eu pudesse iluminar todo o *homem que vem a este mundo*¹³?

¹ *Actos* 2:38.

² *Salmo* 83:6.

³ *Salmo* 119-133.

⁴ *Salmo* 121:1, 6.

⁵ *Salmo* 60:8.

⁶ *Actos* 2:38.

⁷ *Gênesis* 1:2.

⁸ *Gênesis* 1:3.

⁹ *Efésios* 5:8.

¹⁰ *Gênesis* 1:2.

¹¹ *Eclesiástico* 24:6.

¹² *Gálatas* 6:17.

¹³ *João* 1:9.

[Símbolos da Trindade no homem]

XI. 12. Quem poderá compreender a Trindade onnipotente? E quem não fala dela, se é que dela fala? Rara é a alma que, ao falar dela, sabe o que diz. E discute-se, e contesta-se, e ninguém, sem paz, vê essa visão. Quisera que os homens observassem em si mesmos estas três coisas. Essas três coisas são muito da Trindade, mas digo onde se podem exercitar e verificar e sentir como ainda se encontram tão longe. Nomeio no entanto estas três coisas: ser, conhecer e querer. Eu sou e eu conheço e eu quero: eu sou ‘sabente’ e ‘querente’, e eu sei que sou e quero, e eu quero ser e saber. Quão inseparável é, pois, a vida nestas três coisas, vida una, e mente una, e essência una, finalmente quão inseparável é esta distinção, e todavia há distinção, veja-o quem puder. Sem dúvida alguma está diante de si; observe-o em si, veja-o¹ e diga-me. Mas, mesmo se nestas três coisas encontrar e disser alguma coisa, não julgue ter já encontrado aquilo que é imutável acima dessas coisas, porque é imutavelmente, e sabe imutavelmente, e quer imutavelmente: e quem poderá pensar com facilidade se é em virtude destas três coisas que também em Deus há Trindade, ou se, em cada uma delas, estão as três, de tal modo que as três estejam em cada uma, ou se ambas as hipóteses se realizam, de modo extraordinário, na unidade e na multiplicidade, sendo ele próprio um fim em si mesmo, para si, infinito, pelo qual o isso mesmo é, e é de si conhecido, e a si mesmo se basta, inalteravelmente, na inesgotável grandeza da unidade? Quem de algum modo o poderá dizer? Quem, de qualquer modo, o poderá temerariamente formular?

[A criação do mundo prefigura a formação da Igreja]

XII. 13. Prossegue na confissão, ó minha fé; diz ao Senhor teu Deus: santo, santo, santo, Senhor², Deus meu, em teu nome fomos batizados³, ó Pai e Filho e Espírito Santo⁴, em teu nome batizamos, ó Pai e Filho e Espírito Santo, porque também em nós, no seu Cristo, Deus fez o céu e a terra⁵, os membros espirituais e os membros carnaís da sua Igreja, e a nossa terra, antes de receber a forma da doutrina, era invisível e sem forma⁶,

¹ *Lamentações* 1:12.

² *Isaías* 6:3; *Apocalipse* 4:8.

³ *1 Coríntios* 1:15.

⁴ *Mateus* 28:19.

⁵ *Gênesis* 1:1.

⁶ *Gênesis* 1:2.

e estávamos cobertos pelas trevas¹ da ignorância, porque, em virtude da sua impiedade, corrigiste o homem², e os teus juízos são como grandes abismos³. Mas, porque o teu Espírito se movia sobre a água⁴, a tua misericórdia não abandonou a nossa miséria, e disseste: *Faça-se a luz*⁵, *fazei penitência, pois está próximo o Reino dos Céus, fazei penitência*⁶; *faça-se a luz*. E, porque a nossa alma estava conturbada dentro de nós mesmos, lembrámo-nos de ti, Senhor, na terra do Jordão e no monte⁷ igual a ti⁸, mas pequeno por causa de nós, e desagradaram-nos as nossas trevas, e voltámo-nos para ti⁹, e fez-se luz¹⁰. E eis que nós, que outrora fomos *trevas*, agora somos *luz no Senhor*¹¹.

[A renovação do homem é imperfeita enquanto vive]

XIII. 14. E, contudo, por enquanto pela fé, ainda não pela visão¹². Na verdade, fomos salvos pela esperança. *A esperança que se vê não é esperança*¹³. Por enquanto o abismo invoca o abismo, mas já na voz das tuas cataratas¹⁴. Por enquanto também aquele que diz: *Não pude falar-vos como a seres espirituais, mas como a seres carnis*¹⁵, também ele mesmo está consciente de ainda não o ter alcançado, e, esquecido do que está para trás, avança para o que está adiante¹⁶, e geme, oprimido¹⁷, e a sua alma tem sede do Deus vivo como os veados têm sede das fontes das águas, e diz: Quando chegarei?¹⁸, desejando revestir-se do seu habitáculo que vem do céu¹⁹, e invoca o abismo²⁰ inferior, dizendo: *Não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente*²¹; e: *Não vos torneis crianças nas vossas mentes, mas sede crianças na*

¹ Salmo 54:6.

² Salmo 38:12.

³ Salmo 35:7.

⁴ Gênesis 1:3.

⁵ Gênesis 1:2.

⁶ Mateus 3:2; 4:17.

⁷ Salmo 41:6-7.

⁸ Filipenses 2:6.

⁹ Salmo 50:15.

¹⁰ Gênesis 1:3.

¹¹ Efésios 5:8.

¹² 2 Coríntios 5:7.

¹³ Romanos 8:24.

¹⁴ Salmo 41:8.

¹⁵ 1 Coríntios 3:1.

¹⁶ Filipenses 3:13.

¹⁷ 2 Coríntios 5:4.

¹⁸ Salmo 41:2-3.

¹⁹ 2 Coríntios 5:2.

²⁰ Salmo 41:8.

²¹ Romanos 12:2.

malícia, para que sejais perfeitos nas vossas mentes¹; e: *Ó Gálatas insensatos, quem vos fascinou?*², mas já não na sua voz; e sim na tua, tu que enviaste o teu Espírito das alturas³ por meio daquele que ascendeu ao alto⁴ e abriu as cataratas dos seus dons⁵, para que as torrentes do rio alegrassem a tua Cidade⁶. Por esta suspira o amigo do esposo⁷, tendo já em seu poder as primícias do espírito, mas gemendo ainda em si mesmo, esperando a adopção, a redenção do seu corpo⁸; por ela suspira – pois é membro da esposa –, e por ela zela⁹ – pois é amigo do esposo¹⁰ –, é por ela que zela, não por si, porque, na voz das tuas cataratas, não na sua voz, invoca o outro abismo, zelando pela qual receia que, tal como a serpente enganou Eva com a sua astúcia, assim também os seus sentidos sejam corrompidos na castidade, que há no nosso esposo, o teu Único¹¹. Que luz de beleza é essa, quando o virmos tal como é¹², e tiverem passado as *lágrimas que para mim se fizeram pão dia e noite, enquanto me dizem todos os dias: Onde está o teu Deus?*¹³

[Somos fortalecidos pela fé e pela esperança]

XIV. 15. Também eu digo: meu Deus, onde estás? Eis onde estás. Respiro um pouco em ti¹⁴, quando derramo a minha alma sobre mim, na voz do som de júbilo e louvor de quem celebra uma festa¹⁵. E ainda está triste, porque volta a escorregar e torna-se abismo, ou, antes, sente ainda que é abismo. Diz-lhe a minha fé que acendeste na noite, diante dos meus pés: *Porque estás triste, ó minha alma, e porque me perturbas? Espera no Senhor*, a sua palavra é lucerna para os teus pés¹⁶. Espera e persevera, até que passe a noite, mãe dos iníquos, até que passe a ira do Senhor, da qual nós, outrora trevas¹⁷,

¹ 1 Coríntios 14:20.

² Gálatas 3:1.

³ Sabedoria 9:17.

⁴ Salmo 67:19.

⁵ Malaquias 3:10.

⁶ Salmo 45:5.

⁷ João 3:29.

⁸ Romanos 8:22-23.

⁹ 2 Coríntios 11:2; Efésios 5:29.

¹⁰ João 3:29.

¹¹ 2 Coríntios 11:3.

¹² 1 João 3:2.

¹³ Salmo 41:4-12.

¹⁴ Job 32:20.

¹⁵ Salmo 41:5.

¹⁶ Salmos 41:6; 118:105.

¹⁷ Efésios 5:8.

também fomos filhos¹, trevas cujos resíduos arrastamos no corpo, morto por causa do pecado², até que desponte o dia e se dissipem as sombras³. *Espera no Senhor*: de manhã levantar-me-ei e contemplá-lo-ei; *confessá-lo-ei eternamente*. De manhã levantar-me-ei e verei⁴ a salvação do meu rosto⁵, o meu Deus, que vivificará também os nossos corpos mortais, por causa do Espírito que habita em nós⁶, porque se movia misericordiosamente sobre o nosso interior, mergulhado nas trevas e fluido⁷. Dele recebemos nesta peregrinação o penhor⁸ para que sejamos luz⁹ desde já, enquanto, ainda só pela esperança, nos tornámos salvos¹⁰, e filhos da luz, e filhos do dia, não filhos da noite nem das trevas¹¹, o que, no entanto, fomos¹². Entre estes e nós, nesta ainda incerteza do conhecimento humano, só tu fazes a distinção¹³, tu que pões à prova os nossos corações¹⁴, e chamas dia à luz e noite às trevas¹⁵. Quem é que nos distingue senão tu? Que possuímos nós que não tenhamos recebido¹⁶ de ti, nós, vasos de honra, da mesma massa de que são feitos os vasos de ignomínia¹⁷?

[Faça-se o firmamento: o que são as águas superiores]

XV. 16. Ou quem senão tu, nosso Deus, fez, para nós, um firmamento¹⁸ de autoridade acima de nós, na tua divina Escritura? O céu, com efeito, há-de enrolar-se¹⁹ como um livro²⁰, e agora estende-se sobre nós como uma pele²¹. A tua divina Escritura é da mais sublime autoridade, desde que aqueles mortais, por quem no-la proporcionaste, sofreram a morte. E tu sabes, Senhor, tu sabes²² como revestiste os homens de pele

¹ Efésios 2:3.

² Romanos 8:10.

³ Cântico 2:17.

⁴ Salmo 5:5.

⁵ Salmo 41:6, 12; 42:5.

⁶ Romanos 8:11.

⁷ Génesis 1:2.

⁸ 2 Coríntios 1:22; 5:5.

⁹ Efésios 5:8.

¹⁰ Romanos 8:24.

¹¹ 1 Tessalonicenses 5:5.

¹² Efésios 5:8.

¹³ Génesis 1:4.

¹⁴ Salmo 16:3.

¹⁵ Génesis 1:5.

¹⁶ 1 Coríntios 4:7.

¹⁷ Romanos 9:21.

¹⁸ Génesis 1:7.

¹⁹ Esta metáfora, que recorre ao verbo *plicare*, pressupõe o formato do 'livro' em rolo (*uolumen*).

²⁰ Isaías 34:4.

²¹ Salmo 103:2.

²² Tobias 3:16; 8:9; João 21:13-17.

quando se tornaram mortais pelo pecado¹. Por isso estendeste como uma pele o firmamento do teu Livro, isto é, as tuas palavras concordantes que, pelo ministério de seres mortais, colocaste sobre nós. Mas, na verdade, com a morte deles, o sólido firmamento da autoridade nas tuas palavras, por eles divulgadas, estende-se de forma sublime sobre todas as coisas que estão por debaixo, o qual firmamento, enquanto eles aqui viviam, não tinha sido estendido de forma tão sublime. Não tinhas ainda estendido o céu como uma pele², nem tinhas divulgado por toda a parte a notícia da morte deles.

17. Vejamos, ó Senhor, *os céus, obra dos teus dedos*³: dissipa dos nossos olhos a nuvem com que os encobriste. Aí está o teu testemunho *conferindo sabedoria aos pequeninos*⁴. Faz sair, ó meu Deus, o teu louvor *da boca das crianças e dos lactentes*⁵. Na verdade, não conhecemos outros livros que assim destruam a soberba⁶, que assim destruam o inimigo e o advogado⁷ que, para resistir à tua reconciliação, defende os seus pecados. Não conheço, Senhor, não conheço outras palavras tão castas⁸ que assim me persuadissem à confissão, e suavizassem a minha cerviz com o teu jugo⁹, e me convidassem a prestar-te culto desinteressadamente. Que eu as compreenda¹⁰, ó Pai de bondade, concede-mo a mim, que a elas me submeto, já que solidamente as estabeleceste para aqueles que a elas se submetem.

18. Existem outras águas por cima deste firmamento¹¹, creio eu, imortais e separadas da terrena corrupção. Louvem o teu nome, louvem-te os povos supracelestes dos teus anjos¹², que não têm necessidade de contemplar este firmamento e de conhecer a tua palavra, lendo-a. Eles vêem continuamente a tua face¹³ e aí lêem sem as sílabas dos tempos aquilo que quer a tua eterna vontade. Lêem, escolhem e amam; lêem continuamente e nunca passa aquilo que lêem. Escolhendo e amando, lêem a própria

¹ *Gênesis* 3:21.

² *Salmo* 103:2.

³ *Salmo* 8:3.

⁴ *Salmo* 18:8.

⁵ *Salmo* 8:3.

⁶ *Ezequiel* 30:6.

⁷ *Eclesiástico* 30:6.

⁸ *Salmo* 11:7.

⁹ *Mateus* 11:29-30.

¹⁰ *Salmo* 118:34, 73, 144.

¹¹ *Gênesis* 1:7.

¹² *Salmo* 148:2-5.

¹³ *Mateus* 18:10.

imutabilidade dos teus desígnios. Não se fecha o seu códice, nem se enrola o seu livro¹, porque tu próprio és isto para eles e és para sempre², porque tu os colocaste sobre este firmamento, que constituíste por cima da infirmitade dos povos inferiores, no qual pudessem contemplar e conhecer a tua misericórdia que te anuncia no tempo, a ti que fizeste os tempos. *No céu está, pois, Senhor, a tua misericórdia e a tua verdade até às nuvens*³. Passam as nuvens⁴, mas o céu permanece. Passam desta vida para a outra vida os pregadores da tua palavra, mas a tua Escritura estende-se sobre os povos até ao fim do tempo. Mas também o céu e a terra hão-de passar, e as tuas palavras não⁵, porque se enrolará a pele⁶, e o feno, sobre o qual ela se estendia, passará com o seu esplendor, mas a tua palavra permanecerá para sempre⁷; esta manifesta-se-nos agora em enigma das nuvens e através do espelho⁸ do céu, não como é, porque também ainda não se manifestou o que seremos⁹, apesar de sermos amados pelo teu Filho. Ele olhou para nós através das grades da sua carne¹⁰, e acariciou-nos, e inflamou-nos, e corremos após o seu perfume¹¹. Mas, quando aparecer, seremos semelhantes a ele, porque o veremos como é¹²: como é, Senhor, o nosso ver, que ainda não está em nós.

[Só Deus sabe como é plenamente]

XVI. 19. Na verdade, só tu sabes como és plenamente, tu que és imutavelmente, e sabes imutavelmente, e queres imutavelmente. E a tua essência sabe e quer imutavelmente, e a tua ciência é e quer imutavelmente, e a tua vontade é e sabe imutavelmente. Não parece ser justo diante de ti que, tal como a luz imutável se conhece a si mesma, assim também ela seja conhecida por um ser mutável que recebe a luz. Por isso *a minha alma é para ti como uma terra sem água*¹³, porque da mesma maneira que não se pode iluminar por si

¹ *Isaías* 34:4; *Lucas* 4:20.

² *Salmo* 47:15.

³ *Salmo* 35:6.

⁴ *Salmo* 17:13.

⁵ *Mateus* 24:35.

⁶ *Salmo* 103:2; *Isaías* 34:4.

⁷ *Isaías* 40:6-8.

⁸ *1 Coríntios* 13:12.

⁹ *1 João* 3:2.

¹⁰ *Cântico* 2:9.

¹¹ *Cântico* 1:3, 11.

¹² *1 João* 3:2.

¹³ *Salmo* 142:6.

mesma, também por si mesma se não pode saciar. Pois *junto de ti está a fonte da vida, tal como é na tua luz que veremos a luz*¹.

[Reúnam-se as águas: o que é o mar, a terra seca...]

XVII. 20. Quem reuniu os seres amargos numa única sociedade? Para eles é o mesmo o fim da felicidade temporal e terrena, por causa da qual fazem todas as coisas, ainda que flutuem numa imensa variedade de cuidados. Quem, senão tu, ó Senhor, que disseste que se juntassem as águas numa só massa, e aparecesse a terra seca², sedenta de ti? Porque teu é o mar, e tu o fizeste, e as tuas mãos formaram a terra seca³. Com efeito, não é o amargor das vontades, mas a massa das águas que se chama mar. Tu, na verdade, refreias os maus desejos das almas e fixas os limites até onde lhes é permitido ir, e de tal modo que as ondas dos desejos se quebrem umas contra as outras⁴. E assim fazes o mar, por ordenação do teu poder acima de todas as coisas.

21. E, de uma fonte oculta e doce, regas as almas que têm sede de ti⁵ — e que te aparecem separadas da massa do mar por outro limite —, para que também a terra produza o seu fruto⁶: e produz o seu fruto, e, ordenando-o tu, o Senhor seu Deus, a nossa alma faz germinar obras de misericórdia, segundo o seu género⁷, amando o próximo⁸ em auxílio das necessidades corporais, tendo em si a semente de acordo com a semelhança⁹, porque, por causa da nossa fragilidade, compadecemos-nos para ajudar os que necessitam, socorrendo-os do mesmo modo como desejaríamos ser auxiliados, se também necessitássemos, e não apenas nas coisas fáceis, tal como em erva que dá semente, mas também na protecção da nossa ajuda, com toda a nossa força, como árvore que dá fruto, isto é, benéfica para arrancar, da mão dos poderosos, aquele que sofre injúria, e dando a sombra da protecção, com a robusta força do justo juízo.

¹ *Salmo* 35:10.

² *Génese* 1:9.

³ *Salmo* 94:5.

⁴ *Job* 38:10-11.

⁵ *Salmo* 62:2.

⁶ *Salmo* 84:13.

⁷ *Génese* 1:12.

⁸ *Mateus* 22:39; *Marcos* 12:31.

⁹ *Génese* 1:12.

[Façam-se luminares]

XVIII. 22. Assim, Senhor, assim, peço-te, nasça, como tu fazes, como tu dás a alegria e a capacidade de fazer, nasça da terra a verdade, e a justiça olhe do céu¹, e façam-se luminares no firmamento². Partamos o nosso pão para o que tem fome e levemos para nossa casa o pobre sem abrigo, vistamos o nu e não desprezemos os familiares, que são da nossa carne. Tendo estes frutos nascido na terra, vê que é bom, e desponte a nossa luz³ no devido momento, e, chegando às delícias da contemplação a partir desta colheita inferior de boas obras, alcancemos, num nível superior, o Verbo da vida, e apareçamos como luminares no mundo⁴, estreitamente unidos ao firmamento da tua Escritura. Aí, na verdade, tu ensinas-nos a fazer entre as coisas inteligíveis e sensíveis, como entre o dia e a noite, ou entre as almas dadas às coisas inteligíveis e as almas dadas às coisas sensíveis, para que não já tu sozinho, no recôndito do teu discernimento, como antes de ser criado o firmamento, faças a distinção entre a luz e as trevas⁵, mas também as tuas criaturas espirituais, colocadas e ordenadas no mesmo firmamento, luzam sobre a terra, mercê da tua graça manifestada por todo o mundo, e façam a distinção entre o dia e a noite, e assinalem os tempos⁶, porque os que eram velhos passaram e eis que foram criados os novos⁷, e, porque *a nossa salvação está mais próxima do que quando recebemos a fé*, e porque *a noite passou e o dia está próximo*⁸, e porque bendizes a coroa do teu ano⁹, enviando operários para a tua messe¹⁰, em cuja sementeira outros trabalharam¹¹, enviando-os também para outra sementeira, cuja colheita se efectua no fim dos tempos¹². Assim satisfazes os desejos de quem os formulou e bendizes os anos¹³ do justo, mas tu próprio és o mesmo, e nos teus anos, que se não extinguem¹⁴, preparas o celeiro para os anos que vão passando. Com o teu eterno desígnio, distribuis, pois, no tempo apropriado, bens celestes sobre a terra.

¹ Salmo 84:12.

² Génesis 1:14.

³ Isaías 58:7-8.

⁴ Filipenses 2:15-16.

⁵ Génesis 1:4.

⁶ Génesis 1:14-18.

⁷ 2 Coríntios 5:17.

⁸ Romanos 13:11-12.

⁹ Salmo 64:12.

¹⁰ Mateus 9:38

¹¹ João 4:38.

¹² Mateus 13:39-40.

¹³ Salmo 64:12.

¹⁴ Salmo 101:28; Hebreus 1:12.

23. Pois, na verdade, a um é dado pelo Espírito a palavra da sapiência, como luminar maior, por causa daqueles que se deleitam com a luz da verdade diáfana, como se deleitam com o despontar do dia, a outro a palavra da ciência, segundo o mesmo Espírito, como luminar menor, a um a fé, a outro o dom das curas, a outro o poder de fazer milagres, a outro a profecia, a outro o discernimento dos espíritos, a outro o dom das línguas, e todos estes dons como estrelas. Todos estes dons opera-os um só e mesmo Espírito, distribuindo-os a cada um conforme lhe apraz, e fazendo aparecer os astros¹ na sua manifestação para proveito comum². Porém, a palavra da ciência, na qual estão contidos todos os mistérios³ que variam nos tempos como a lua, e os restantes conhecimentos dos dons, que a seguir foram mencionados como estrelas, na medida em que distam daquele esplendor da sapiência, com o qual se alegra o referido dia, nessa mesma medida existem como princípios da noite⁴. Com efeito, são necessários àqueles a quem o teu prudentíssimo servo não pôde *falar como a pessoas espirituais, mas como a pessoas carnis*⁵, ele que proclama a sapiência entre os perfeitos⁶. Mas o homem animal⁷, que é como uma criança em Cristo e bebe leite⁸ até que ganhe forças para um alimento sólido⁹ e fixe o olhar na contemplação do sol, não se sinta abandonado na sua noite, mas alegre-se com a luz da lua e das estrelas. Isto é o que, ó nosso Deus, nos expões com toda a sapiência no teu Livro, teu firmamento, para que entremos no conhecimento de todas as coisas em admirável contemplação, embora, por enquanto, em sinais, e nos tempos, e nos dias, e nos anos¹⁰.

XIX. 24. Mas primeiro lavai-vos, purificai-vos, arrancai a maldade dos vossos espíritos e da presença dos meus olhos, para que apareça a terra seca. Aprendeis a fazer o bem, fazei justiça ao órfão e defendei a viúva, para que a terra faça germinar erva de pasto e árvores de fruto, e vinde e entendamo-nos, diz o Senhor¹¹, para que apareçam os

¹ *Gênesis* 1:16.

² *1 Coríntios* 12:7-11.

³ *1 Coríntios* 13:2.

⁴ *Salmo* 135:9.

⁵ *1 Coríntios* 3:1.

⁶ *1 Coríntios* 2:6.

⁷ *1 Coríntios* 2:14.

⁸ *1 Coríntios* 3:1-2.

⁹ *Hebreus* 5:12-14.

¹⁰ *Gênesis* 1:14.

¹¹ *Isaías* 1:16-18.

luminares no firmamento do céu e espalhem a sua luz sobre a terra¹. Perguntava um dia aquele rico ao bom Mestre que havia de fazer para alcançar a vida eterna: diga-lhe o bom Mestre, a quem ele julgava um homem e nada mais – e é bom, porque é Deus – diga-lhe que se quer alcançar a vida, guarde os mandamentos, afaste-se do amargor da malícia e da maldade, não mate, não cometa adultério, não roube, não levante falso testemunho, a fim de que apareça a terra seca, e faça germinar a honra da mãe e do pai e o amor do próximo. Fiz tudo isso, disse ele. De onde vêm, então, tantos espinhos, se a terra é frutífera? Vai, arranca os densos silvados da avareza, vende o que possuis, enche-te de frutos dando aos pobres, e terás um tesouro nos céus, e segue o Senhor, se queres ser perfeito, unindo-te àqueles entre os quais proclama a sapiência² aquele que sabe o que há-de distribuir ao dia e à noite, para que também tu saibas como são feitos também para ti os luminares no firmamento do céu: o que se não fará, se ali não estiver o teu coração; o que, de novo, se não fará, se ali não estiver o teu tesouro³, tal como ouviste dizer ao bom Mestre. Mas a terra estéril entristeceu-se⁴ e os espinhos sufocaram a palavra⁵.

25. Vós, porém, raça eleita⁶, vós, os fracos deste mundo⁷, que deixastes todas as coisas para seguir o Senhor⁸, ide após ele e confundi os fortes⁹, ide após ele, pés formosos¹⁰, e resplandecei no firmamento¹¹, para que os céus proclamem a sua glória¹², distinguindo entre a luz dos perfeitos, mas ainda não como anjos, e as trevas dos pequeninos, mas não desesperados: resplandecei sobre toda a terra, e o dia, brilhando com o sol, anuncie ao dia o Verbo da sapiência, e a noite, resplandecendo com a lua, anuncie à noite o Verbo da ciência¹³. A lua e as estrelas resplandecem para a noite, mas a noite não as obscurece, porque elas próprias a iluminam, segundo a reduzida capacidade dela. Eis, que, com efeito, quando Deus disse: *Façam-se luminares no firmamento do céu*¹⁴, como

¹ *Gênesis* 1:9, 11, 14-17.

² *1 Coríntios* 2:6.

³ *Mateus* 6:21.

⁴ *Mateus* 19:16-22; *Marcos* 10:17-22; *Lucas* 18:18-23.

⁵ *Mateus* 13:7, 22.

⁶ *1 Pedro* 2:9.

⁷ *1 Coríntios* 1:27.

⁸ *Mateus* 19:27; *Marcos* 10:28; *Lucas* 18:28.

⁹ *1 Coríntios* 1:27.

¹⁰ *Isaías* 52:7; *Romanos* 10:15.

¹¹ *Gênesis* 1:17.

¹² *Salmo* 18:2.

¹³ *Salmo* 18:3; *1 Coríntios* 12:8.

¹⁴ *Gênesis* 1:14-18.

*que se fez de repente um som vindo do céu, como se soprasse um vento forte, e viram-se línguas repartidas como que de fogo, o qual poisou sobre cada um deles*¹, e fizeram-se luminares no firmamento do céu, contendo o Verbo da vida². Ide por toda a parte, fogos santos, fogos formosos. Vós sois a luz do mundo e não estais sob o alqueire³. Foi elevado aquele a quem vos unistes e ele vos elevou. Ide por toda a parte e dai-vos a conhecer a todos os povos⁴.

[Que as águas produzam, umas, répteis, outras, aves]

XX. 26 Conceba também o mar e dê à luz as vossas obras, e as águas produzam répteis de almas vivas. Separando o precioso do vil, tornaste-vos boca de Deus⁵, pela qual ele pudesse dizer: *Produzam as águas* não a alma viva, que a terra produz, mas *répteis de almas vivas e aves que voam sobre a terra*⁶. Na verdade, insinuaram-se os teus mistérios, ó Deus, por meio das obras dos teus santos, no meio das ondas das tentações do século, para impregnar os povos, com o teu nome, no teu baptismo⁷. E entre estas obras, operaram-se grandes prodígios⁸, como os grandes monstros marinhos e as vozes dos teus mensageiros, voando sobre a terra, junto ao firmamento do teu Livro, sendo-lhes este proposto para ser autoridade, sob o qual esvoaçassem⁹ para onde quer que fossem. Com efeito, *não são falas, nem palavras, cujas vozes se não ouçam*, quando *para toda a terra saiu o seu som, e para os confins do mundo as suas palavras*¹⁰, porque tu, Senhor, abençoando-as, as multiplicaste¹¹.

27. Acaso minto ou, confundindo-os, misturo e não distingo, no firmamento do céu, os claros conhecimentos destas coisas, das obras corpóreas, no mar revoltado e sob o firmamento do céu? Na verdade, por um lado, a compreensão dessas coisas é sólida e definida, sem aumentar de geração para geração, como as luzes da sapiência e da ciência, por outro lado, as suas operações materiais são muitas e variadas, e, crescendo

¹ *Actos* 2.2-3.

² *Filipenses* 2:15-16; *1 João* 1:1.

³ *Mateus* 5:14-15; *Marcos* 4:21; *Lucas* 11:33.

⁴ *Salmo* 78:10.

⁵ *Jeremias* 15:19.

⁶ *Gênesis* 1:20-22.

⁷ *Mateus* 28:19.

⁸ *Salmo* 105:21-22.

⁹ *Gênesis* 1:20-21.

¹⁰ *Salmo* 18:4.

¹¹ *Gênesis* 1:22.

uma a partir da outra, multiplicam-se na tua benção, ó Deus, que retemperaste o fastio dos sentidos dos mortais, de tal modo que a coisa que é única no conhecimento do espírito seja figurada e expressa de muitas maneiras pelos movimentos do corpo. As águas produziram estas coisas¹, mas no teu Verbo. As necessidades dos povos estranhos à eternidade da tua verdade produziram-nas, mas no teu Evangelho, porque brotaram das próprias águas, cuja amarga morbidez foi causa de que, no teu Verbo, as produzissem.

28. E, porque tu as fazes, todas as coisas são belas, e eis que tu, que tudo fizeste, és inefavelmente mais belo: se de ti Adão se não tivesse afastado, não se teria derramado a partir das suas entranhas a salsugem do mar, o género humano, profundamente curioso, e procelosamente entumescido, e instavelmente fluido, e, assim, não seria necessário que os teus dispensadores realizassem, corporal e sensivelmente, em tantas águas, acções e palavras misteriosas. É neste sentido que agora me vêm à mente os répteis e as aves: impregnados e iniciados nestas coisas, os homens, sujeitos aos mistérios corporais, não progrediriam, a não ser que a alma começasse a viver espiritualmente noutro plano e, depois da palavra do começo, voltasse os olhos para a consumação².

[Que a terra produza um ser vivo]

XXI. 29. E, por isso, no teu Verbo, não foi a profundidade do mar, mas a terra separada do amargor das águas que produziu, não répteis de almas vivas e aves, mas sim uma alma viva³. Com efeito, ela já não tem necessidade do baptismo, de que têm necessidade os gentios, tal como tinha necessidade quando estava coberta pelas águas: na realidade, não se entra de outra maneira no Reino dos Céus, desde que tu estabeleceste que assim nele se entrasse⁴; nem procura as maravilhas dos milagres⁵ donde nasça a fê: pois, se não vir sinais e prodígios não crê⁶, visto que a terra fiel já é distinta das águas do mar, amargas, por causa da infidelidade, e *as línguas são um sinal, não para os fiéis, mas para os infiéis*⁷. Por conseguinte, a terra que estabeleceste sobre as águas não tem

¹ *Génesis* 1:21.

² *Hebreus* 6:1.

³ *Génesis* 1:24.

⁴ *João* 3:5.

⁵ *Salmo* 105:21-22.

⁶ *João* 4:48.

⁷ *1 Coríntios* 14:22.

necessidade dessa espécie volátil que, no teu Verbo, as águas produziram¹. Envia para ela o teu Verbo², pelos teus mensageiros. Nós narramos as suas obras, mas és tu que operas neles³, e oxalá produzam uma alma viva. A terra produz essa alma viva, porque a terra é a causa de que estas obras produzam nela a alma viva, assim como o mar foi a causa de que produzissem os répteis das almas vivas e as aves sob o firmamento do céu, dos quais a terra já não necessita, embora coma o peixe⁴, elevado do profundo do mar para aquela mesa que preparaste na presença⁵ dos crentes; por isso, ele foi elevado do profundo do mar para que alimente a terra seca. E as aves são uma espécie marinha, mas ainda multiplicam-se sobre a terra. Na verdade, a infidelidade dos homens foi causa das primeiras palavras dos evangelizadores; por meio destas, os fiéis não só são exortados, mas também abençoados de muitas maneiras dia a dia⁶. Mas a alma viva tira a sua origem da terra, porque não aproveita, senão já aos fiéis, abster-se do amor deste mundo⁷, a fim de que a sua alma viva para ti⁸, ela que estava morta, vivendo em delícias⁹, em delícias que trazem a morte, Senhor; pois tu és as delícias que dão a vida a um coração puro¹⁰.

30. Operem, pois, agora na terra os teus ministros, não como operaram nas águas da infidelidade, anunciando e falando por milagres e sinais e palavras misteriosos, a que dá ouvidos a ignorância, mãe da admiração no temor dos sinais ocultos – tal é a entrada na fé para os filhos de Adão esquecidos de ti, enquanto se escondem da tua face¹¹ e se tornam abismo – mas operem também como em terra seca, separada do sorvedouro do abismo, e sejam modelo para os fiéis¹², vivendo diante deles e incitando-os a imitá-los. Desta forma, ouvem não só para ouvir, mas também para praticar: *Procurai a Deus e a vossa alma viverá*¹³, para que a terra produza uma alma vivente¹⁴, *não vos conformeis*

¹ *Gênesis* 1:20-22; *Salmo* 135:6.

² *Salmo* 147:15.

³ *Filipenses* 2:13.

⁴ *Lucas* 24:42-43. Trata-se de alusão ao símbolo do ‘peixe’, tão comum entre os cristãos dos primeiros séculos. Recorde-se que as letras do substantivo grego *ichthus* ἰχθύς (peixe) constituem o anagrama da expressão ‘Jesus Cristo Filho de Deus Salvador’. Cf. Agostinho, *A cidade de Deus* XVIII. XXIII. 1, PL 41, 579..

⁵ *Salmo* 22:5.

⁶ *Salmo* 60:9; 95:2; *Eclesiástico* 5:8; *2 Coríntios* 4:16.

⁷ *Tiago* 1:27.

⁸ *2 Coríntios* 5:15.

⁹ *1 Timóteo* 5:6.

¹⁰ *2 Timóteo* 2:22.

¹¹ *Gênesis* 3:8.

¹² *1 Tessalonicenses* 1:7.

¹³ *Salmo* 68:33.

¹⁴ *Gênesis* 1:24.

com este século¹, absteve-vos dele². A alma, que morre desejando, vive, renunciando. Absteve-vos da ferocidade cruel da soberba, do prazer inerte da luxúria e do nome falaz de ciência³, a fim de que as feras se tornem mansas, e os animais domados, e as serpentes inócuas⁴. Estes são os movimentos da alma, em alegoria: mas a altivez da arrogância, e a deleitação da sensualidade, e o veneno da curiosidade⁵ são movimentos de uma alma morta, porque esta não morre a ponto de carecer de todo o movimento, visto que morre afastando-se da fonte da vida⁶, e assim é aceite pelo mundo que passa, e conforma-se com ele.

31. Mas o teu Verbo, ó Deus⁷, é a fonte da vida eterna⁸ e não passa⁹: e por isso, no teu Verbo é proibido aquele afastamento, quando nos é dito: *Não vos conformeis com este século*¹⁰, para que a terra produza na fonte da vida uma alma vivente, uma alma continente no teu Verbo, por meio dos teus Evangelistas, na imitação dos imitadores do teu Cristo¹¹. É isto o que quer dizer segundo o seu género¹², porque o homem imita o seu amigo: *Sede, diz, como eu, porque eu também sou como vós*¹³. Assim existirão, na alma viva, feras boas na mansidão da sua acção. Com efeito, tu ordenaste ao dizer: *Realiza as tuas obras na mansidão, e serás amado por todo o homem*¹⁴. E os animais bons, nem se comerem serão abundantes, nem se não comerem serão escassos¹⁵, e as serpentes boas não serão nocivas para fazer mal¹⁶, mas astutas para se acautelarem, e explorando a natureza temporal tanto quanto baste, de maneira a que se vislumbre a eternidade, *apreendida por meio das coisas que foram criadas*¹⁷. Pois estes animais servem a razão, quando vivem refreados dos seus impulsos mortíferos e quando são bons.

¹ Romanos 12:2.

² Tiago 1:27.

³ 1 Timóteo 6:20.

⁴ Génesis 1:24-28.

⁵ 1 João 2:16.

⁶ Jeremias 2:13.

⁷ João 1:1.

⁸ João 4:14; 6:69.

⁹ Mateus 24:35.

¹⁰ Romanos 12:2.

¹¹ 1 Coríntios 11:1.

¹² Génesis 1:21.

¹³ Gálatas 4:12.

¹⁴ Eclesiástico 3:19.

¹⁵ 1 Coríntios 8:8.

¹⁶ Génesis 3:1; Mateus 10:16-17.

¹⁷ Romanos 1:20.

[Façamos o homem à nossa imagem]

XXII. 32. Eis, pois, Senhor nosso Deus, nosso criador, quando tiverem sido refreadas do amor do século as afeições nas quais morríamos, vivendo no mal, e começar a existir a alma vivente, vivendo no bem, e se tiver cumprido a tua palavra, que, pelo teu Apóstolo, disseste: *Não vos conformeis com este século*, seguir-se-á também aquilo que, de imediato, acrescentaste e disseste: *Mas reformai-vos na novidade da vossa mente*¹, não já segundo a espécie², como que imitando o próximo que nos precede, nem vivendo da autoridade de um homem melhor. Com efeito, tu não disseste: Faça-se o homem segundo a sua espécie, mas: *Façamos o homem à nossa imagem e semelhança*³, a fim de podermos discernir *qual é a tua vontade*⁴. Para isso é que aquele teu dispensador⁵, gerando filhos pelo Evangelho⁶, para não ter sempre filhos pequeninos que alimentasse com leite⁷ e acarinhasse como uma ama⁸, diz: *Reformai-vos na novidade da vossa mente, para vos convencerdes qual é a vontade de Deus, o que é bom, e agradável, e perfeito*⁹. E por isso não dizes: Faça-se o homem, mas: Façamos; nem dizes: Segundo a sua espécie, mas: À nossa imagem e semelhança. Com efeito, renovado na mente e contemplando a tua verdade apreendida¹⁰, não necessita de homem que lhe demonstre para imitar a sua espécie, mas, sendo tu a demonstrar-lha, ele mesmo pode discernir qual é a tua vontade, o que é bom, e agradável, e perfeito, e ensina-lo, já capaz de ver a Trindade da unidade ou a unidade da Trindade. E por isso, tendo dito no plural: *Façamos o homem*, no entanto acrescenta-se no singular: *E Deus fez o homem*, e, tendo dito no plural: *À nossa imagem*, acrescenta-se no singular: *À imagem de Deus*¹¹. Assim, o homem *renova-se no conhecimento de Deus, segundo a imagem daquele que o criou*¹², e, tornando-se espiritual, julga todas as coisas que, por certo, devem ser julgadas, enquanto ele próprio não é julgado por ninguém.

¹ Romanos 12:2.

² Gênesis 1:21.

³ Gênesis 1:26.

⁴ Romanos 12:2.

⁵ 1 Coríntios 4:1.

⁶ 1 Coríntios 4:15.

⁷ 1 Coríntios 3:1-2.

⁸ 1 Tessalonicenses 2:7.

⁹ Romanos 12:2.

¹⁰ Romanos 1:20.

¹¹ Gênesis 1:26-27.

¹² Colossenses 3:10.

[Poder do homem sobre a criação]

XXIII. 33. Ora, as palavras *julga todas as coisas*¹ significam que tem poder sobre os peixes do mar, e as aves do céu, e todos os rebanhos e feras, e sobre toda a terra, e todos os répteis que rastejam sobre a terra². E faz isto pela compreensão da mente, e por meio daquela *percebe as coisas que são do espírito de Deus*³. Ao invés, *o homem, colocado num lugar de opulência, não compreendeu; tornou-se semelhante aos jumentos insensatos e fez-se igual a eles*⁴. Por isso, na tua Igreja, ó nosso Deus, segundo a tua graça⁵, que tu lhe deste, porque somos obra tua, criados para as boas obras⁶, não só aqueles que espiritualmente presidem, mas também os que espiritualmente estão sujeitos àqueles que presidem – porquanto deste modo fizeste o homem, macho e fêmea⁷, na tua graça espiritual, na qual, segundo o sexo do corpo, não há macho nem fêmea, porque não há judeu nem grego, não há escravo nem livre⁸ –, por conseguinte, os homens espirituais, quer os que presidem quer os que obedecem, julgam espiritualmente⁹, não a respeito dos conhecimentos espirituais que resplandecem no firmamento¹⁰ – pois não convém emitir juízos a respeito de tão sublime autoridade –, nem a respeito do teu Livro, mesmo se alguma coisa aí não resplandece, porque lhe submetemos a nossa inteligência e temos como certo que também aquilo que está vedado aos nossos olhos foi dito recta e verdadeiramente – assim, com efeito, o homem, apesar de já espiritual e renovado no conhecimento de Deus, *segundo a imagem daquele que o criou*¹¹, deve ser cumpridor da Lei e não juiz¹² –, nem emite juízos a respeito daquela distinção entre homens espirituais e carnaís, os quais, ó nosso Deus, são conhecidos a teus olhos, e por enquanto se não nos manifestaram em nenhuma obra, para os podermos conhecer pelos seus frutos¹³, mas tu, Senhor, já os conheces e separaste-os e chamaste-os no teu misterioso desígnio, antes que fosse feito

¹ 1 Coríntios 2:15.

² Gênesis 1:26.

³ 1 Coríntios 2:14.

⁴ Salmo 48:13, 21.

⁵ 1 Coríntios 3:10.

⁶ Efésios 2:10.

⁷ Gênesis 1:27.

⁸ Gálatas 3:28.

⁹ 1 Coríntios 2:15.

¹⁰ Gênesis 1:15, 17.

¹¹ Colossenses 3:9-10.

¹² Tiago 4:11.

¹³ Mateus 7:20.

o firmamento. E nem sequer o homem, ainda que espiritual, emite juízos¹ acerca dos povos turbulentos deste século. Cabe-lhe a ele emitir juízos acerca dos que estão de fora², uma vez que ignora quem de entre eles há-de vir para a doçura da tua graça, e quem há-de permanecer na eterna amargura da impiedade?

34. E por isso, o homem que fizeste à tua imagem³ não recebeu o poder sobre os luminares do céu, nem sobre o próprio céu oculto, nem sobre o dia e a noite, que chamaste antes da criação do céu, nem sobre a massa das águas, que é o mar, mas recebeu o poder sobre os peixes do mar, e as aves do céu, e sobre todos os rebanhos, e sobre toda a terra, e todos os répteis que rastejam sobre a terra. Na verdade, o homem julga e aprova o que é recto, e, pelo contrário, desaprova o que achar mal, quer naquela celebração dos sacramentos, com que são iniciados aqueles que a tua misericórdia procura na vastidão das águas, quer naquela celebração, em que se apresenta aquele peixe que, elevado do mar profundo, a terra piedosa come, quer nos signos das palavras e as vozes sujeitas à autoridade do teu Livro, como se esvoaçassem sob o firmamento, interpretando, expondo, comentando, disputando, bendizendo e invocando-te, em sinais que irrompem da boca e se fazem ouvir, para que o povo possa responder: *Ámen*⁴. A causa para pronunciar fisicamente todas estas palavras é o abismo do século e a cegueira da carne, porque os pensamentos não se podem ver, de modo que se torna necessário fazê-los ressoar nos ouvidos. Assim, ainda que se multipliquem as aves sobre a terra, contudo, é das águas que elas tiram a sua origem⁵. O homem espiritual julga⁶, aprovando o que é recto e desaprovando o que achar mal nas obras e nos costumes dos fiéis, nas esmolas como terra frutífera, e julga acerca da alma, viva por dominar as suas afeições na castidade, nos jejuns⁷, nas reflexões piedosas acerca de tudo aquilo que ela apreende pelo sentido do corpo. Em resumo, diz-se que o homem julga acerca daqueles que tem poder de corrigir.

¹ 1 *Coríntios* 2:15.

² 1 *Coríntios* 5:12.

³ *Gênesis* 1:27.

⁴ *Deuteronómio* 27:15.

⁵ *Gênesis* 1:21-22.

⁶ 1 *Coríntios* 2:15.

⁷ 2 *Coríntios* 6:5-6.

[Crescei e multiplicai-vos]

XXIV. 35. Mas que é isto e de que natureza é o seu mistério? Ó Senhor, tu abençoa os homens, para que cresçam, e se multipliquem, e encham a terra¹. Porventura não nos sugeres que, a partir daí, entendamos alguma coisa? Porque é que não terás abençoado igualmente a luz, a que chamaste dia, nem o firmamento do céu, nem os luminares, nem os astros, nem a terra, nem o mar? Eu diria que tu, nosso Deus, que nos criaste à tua imagem², eu diria que tu quiseste conceder especificamente este dom de benção ao homem, se não tivesses também deste modo abençoado os peixes e os monstros marinhos, para que crescessem e se multiplicassem e enchessem as águas do mar, e as aves para que se multiplicassem sobre a terra³. De igual modo diria que esta benção pertence a esta espécie de coisas que, geradas de si mesmas, se propagam, se a encontrasse nos arbustos, nas árvores de fruto e nos rebanhos da terra. Mas nem às ervas e às árvores, nem aos animais ferozes e às serpentes foi dito: *Crescei e multiplicai-vos*⁴, embora também todos estes seres, como os peixes e as aves e os homens, aumentem, gerando, e conservem a sua espécie.

36. Que direi, pois, ó minha luz, ó Verdade? Que isto é vazio de sentido, que foi dito inutilmente? De maneira nenhuma, ó Pai de piedade; longe de mim que o servo do teu Verbo diga tal coisa. E, se eu não entendo o que queres significar com esta expressão, que melhor uso façam dela os melhores, isto é, os que são mais inteligentes do que eu, conforme concedeste a cada um compreender⁵. Mas que te agrada, pois, a minha confissão diante dos teus olhos⁶, pela qual te confesso que acredito, Senhor, que tu não falaste assim em vão e que não calarei o que a oportunidade desta leitura me sugere. Com efeito, é verdade, e eu não vejo o que impede que eu assim entenda as expressões figuradas dos teus Livros. Sei, na verdade, que é significado de muitas maneiras por meio do corpo aquilo que é entendido de um só modo pela mente, e que é entendido de muitas maneiras pela mente aquilo que é significado de um só modo por meio do corpo. Eis com que multiplicidade de sinais e com que inumeráveis línguas, e em cada língua

¹ *Gênesis* 1:28.

² *Gênesis* 1:27.

³ *Gênesis* 1:22.

⁴ *Gênesis* 1:11-12, 22, 24-25, 28.

⁵ *Romanos* 12:3; *1 Coríntios* 3:5.

⁶ *Salmo* 78:10; *Isaías* 49:16.

com que inumeráveis modos de expressão, é enunciado o simples amor de Deus e do próximo¹! É isto o que significa ‘crescem e multiplicam-se as crias dos animais das águas’. Observa, mais uma vez, tu que isto lês, quem quer que sejas: aquilo que, de um único modo, a Escritura apresenta e a voz faz ouvir: *No princípio Deus fez o céu e a terra*², porventura não é entendido de muitas maneiras, não por engano e erro, mas pela multiplicidade de interpretações verdadeiras? É isto o que significa ‘crescem e multiplicam-se as crias dos homens’.

37. Se, portanto, considerarmos as próprias naturezas das coisas, não no sentido alegórico, mas no sentido próprio, aplica-se a todas as coisas que nascem de sementes a expressão: *crescei e multiplicai-vos*³. Se, porém, a considerarmos usada no sentido figurado – e foi antes essa, segundo julgo, a intenção da Escritura, a qual decerto não atribuiu em vão esta benção unicamente às crias dos animais das águas e dos homens – encontramos, sem dúvida, multidões não só nas criaturas espirituais, mas também nas corporais, como no céu e na terra; e nas almas justas e iníquas, como na luz e nas trevas; e nos santos autores, pelos quais a Lei nos foi dada, como no firmamento, que foi consolidado entre uma água e outra água; e na sociedade dos povos amargosos, como no mar; e no zelo das almas piedosas, como na terra seca; e nas obras de misericórdia, segundo a vida presente⁴, como nas ervas que dão semente e nas árvores que dão fruto; e nos dons espirituais manifestados para proveito comum⁵, assim como nos luminares do céu; e nos afectos formados na temperança, como na alma viva. Em tudo isto achamos multidões, e fecundidade, e crescimento; mas que alguma coisa assim cresça e se multiplique, de maneira a que uma única coisa seja enunciada de muitos modos, e que uma única enunciação seja entendida de muitos modos, não o encontramos senão em sinais corporalmente expressos e em realidades inteligivelmente concebidas. Entendemos por sinais corporalmente expressos os seres que as águas geram, por força das causas inevitáveis da profundidade carnal, e por realidades inteligivelmente concebidas, os seres que os homens geram, por força da fecundidade da razão. E, por isso, acreditamos que a ambas as espécies destes seres foi dito por ti, Senhor: *crescei e multiplicai-vos*. Nesta benção entendo, pois, que nos foram concedidos por ti a

¹ Mateus 22:37-39; Marcos 12:30-31; Lucas 10:27.

² Génesis 1:1.

³ Génesis 1:22, 28.

⁴ 1 Timóteo 4:8.

⁵ 1 Coríntios 12:7.

faculdade e o poder, não só de enunciar de muitos modos aquilo que tivermos por entendido, de um único modo, mas também de conceber, de muitos modos, o que lemos ter sido enunciado obscuramente de um único modo. É este o quer dizer ‘enchem-se as águas do mar’, que não se movem senão com vários significados, é isto quer dizer também ‘a terra enche-se de crias humanas’, cuja secura se manifesta no desejo, e domina-o a razão.

[Eis que eu vos dou toda a erva que dá semente]

XXV. 38. Quero também dizer, Senhor meu Deus, o que me aconselha a tua Escritura no que vem a seguir, e di-lo-ei sem me envergonhar. Direi a verdade, inspirando-me tu aquilo que tu quiseste que eu dissesse a partir das tuas palavras. E não me inspirando outro senão em ti, estou convicto de que digo a verdade, porque tu és a Verdade¹, e *todo o homem mentiroso*². E, por isso, quem diz a mentira fala do que é seu³. Logo, para que eu diga a verdade, falo do que é teu: eis que nos deste *para alimento toda a erva que se semeia e produz semente, que há sobre toda a terra, e toda a árvore que tem em si um fruto com semente que se semeia*. E não as deste apenas a nós, mas também a todas as aves do céu, e aos animais ferozes da terra, e às serpentes⁴; não as deste, porém, aos peixes e aos grandes monstros marinhos. Dizíamos, pois, que com estes frutos da terra se significavam e representavam em alegoria as obras de misericórdia, que brotam da terra frutífera para as necessidades desta vida. Terra assim era o piedoso Onesíforo, a cuja casa concedeste misericórdia, porque muitas vezes matou a sede ao teu Paulo, e não se envergonhou das cadeias dele⁵. Isto fizeram, e com tal fruto frutificaram, também os irmãos que, da Macedónia, supriram o que lhe faltava⁶. Mas como se queixa ele de algumas árvores, que lhe não deram o fruto devido, quando diz: *Na minha primeira defesa ninguém esteve presente, mas todos me abandonaram: não lhes seja imputado*⁷. Na verdade, o alimento é devido àqueles que ministram a doutrina racional, mediante a compreensão dos divinos mistérios, e assim lhes é devido como a homens. É-lhes devido, porém, como a alma viva, apresentando-se eles para serem imitados em toda a

¹ João 14:6.

² Salmo 115:11(2); Romanos 3:4.

³ João 8:44.

⁴ Génesis 1:29-30.

⁵ 2 Timóteo 1:16.

⁶ 2 Coríntios 11:9.

⁷ 2 Timóteo 4:16.

continência. Também lhes é devido como a aves, por causa das suas bênçãos, que se multiplicam¹ sobre a terra, porque *a sua voz saiu para toda a terra*².

[O prazer e o proveito que resulta do bem feito ao próximo]

XXVI. 39. Nutrem-se, pois, destes alimentos aqueles que neles se alegram, mas nem neles se alegram aqueles cujo ventre é o seu deus³. Com efeito, também naqueles que tais coisas proporcionam, o fruto não é aquilo que dão, mas com que intenção dão. Por isso, vejo claramente qual o motivo da alegria daquele que servia a Deus e não ao seu ventre⁴, vejo-o e com ele muito me congratulo. De facto, ele recebera dos Filipenses aquilo que eles lhe tinham enviado por meio de Epafrodito⁵; mas vejo o motivo da sua alegria. E aquilo de que se alegra é aquilo de que se alimenta, porque, falando com verdade, diz: *Alegrei-me muito no Senhor, porque finalmente refloresceste em ter por mim o mesmo gosto que tínheis; mas enfastiaste-vos*. Portanto eles, devido a um fastio prolongado, tinham murchado e quase secado no fruto desta boa obra, e ele alegra-se com eles porque refloresceram, não para ele, visto que vieram em auxílio da sua necessidade. Por isso, diz em seguida: *Não digo isto por me ter faltado alguma coisa: pois aprendi a contentar-me com o que tenho. Tanto sei o que é ter pouco, como sei o que é viver na abundância. Em todas as circunstâncias e em tudo, aprendi a ter fartura e a passar fome, a ter abundância e a padecer necessidade. Tudo posso naquele que me conforta*⁶.

40. De que te alegras, pois, ó grande Paulo? De que te alegras, de que te alimentas, ó homem renovado no conhecimento de Deus, segundo a imagem daquele que te criou⁷, e alma viva em virtude de tão grande continência, e língua alada que anuncia os mistérios⁸? A tais animais é sem dúvida devido esse alimento. O que é que te alimenta? A alegria. Ouvirei o que se segue: *Contudo, diz, fizestes bem em tomar parte na minha tribulação*⁹. Disto se alegra, disto se alimenta, porque lhe fizeram bem, não porque foi

¹ Gênesis 1:22.

² Salmo 18:5.

³ Filipenses 3:19.

⁴ Romanos 16:18.

⁵ Filipenses 4:18.

⁶ Filipenses 4:10-13.

⁷ Colossenses 3:9-10.

⁸ 1 Coríntios 14:2.

⁹ Filipenses 4:14.

aliviada a angústia daquele que te diz: *Na tribulação, aliviaste-me*¹, porque em ti, que me confortas, sei ter abundância e padecer necessidade². *Também vós, ó Filipenses*, diz, *sabeis que no início do meu ministério evangélico, quando parti da Macedónia, nenhuma igreja abriu comigo contas de deve e haver, senão vós somente; porque, uma e outra vez, enviastes para Tessalonica o que me era necessário*³. Agora alegra-se de eles terem voltado a estas boas obras, e alegra-se de terem reflorescido, como se se alegrasse com a fertilidade revivescente de um campo.

41. Acaso seria devido às suas necessidades, visto que disse: *Enviastes o que me era necessário*⁴? Acaso se alegra em virtude disso? Não. E donde o sabemos? Do facto de ele mesmo continuar, dizendo: *Não porque procuro a dádiva, mas exijo o fruto*⁵. Aprendi de ti, ó meu Deus, a fazer a distinção entre dádiva e fruto. A dádiva é a própria coisa que dá aquele que concede o que é necessário, por exemplo o dinheiro, o alimento, a bebida, a roupa, a habitação, a ajuda. O fruto, ao invés, é a boa e recta vontade de quem dá. Com efeito, o bom Mestre não disse apenas ‘*o que receber um profeta*’, mas acrescentou ‘*na qualidade de profeta*’; nem disse apenas ‘*o que receber um justo*’, mas acrescentou ‘*na qualidade de justo*’; assim, pois, aquele receberá a recompensa de profeta, este a recompensa de justo. Nem diz somente ‘*o que der de beber um copo de água fresca a um dos mais pequeninos dos meus*’, mas acrescentou ‘*apenas na qualidade de discípulo*’, e ajuntou ainda: *Em verdade vos digo, não perderá a sua recompensa*. Dádiva é receber o profeta, receber o justo, dar um copo de água fresca ao discípulo; ao passo que fruto é fazer isto ‘*na qualidade de profeta, na qualidade de justo, na qualidade de discípulo*’⁶. Com o fruto é alimentado Elias pela viúva, que sabia que alimentava um homem de Deus e, por causa disso, o alimentava; ao passo que, com a dádiva, era alimentado por meio de um corvo⁷. Não era o Elias interior, mas o exterior que era alimentado, o qual também poderia perecer por falta de tal alimento.

¹ Salmo 4:2.

² Filipenses 4:12.

³ Filipenses 4:15-16.

⁴ Filipenses 4:16.

⁵ Filipenses 4:17.

⁶ Mateus 10:42.

⁷ 3 Reis 17:1-16.

[Qual significa ‘peixes’ e ‘monstros marinhos’?]

XXVII. 42. E, por isso, direi o que é verdade diante de ti, Senhor, quando os homens *ignorantes e infêis*¹ – aos quais, para serem iniciados e ganhos, são necessários os sacramentos da iniciação e as maravilhas² dos milagres, que pensamos serem significados com as palavras ‘peixes’ e ‘monstros marinhos’ – recebem os teus servos para os alimentar corporalmente ou para os ajudar em alguma necessidade da vida presente, sem saberem o motivo por que o devem fazer e com que fim, nem aqueles alimentam estes, nem estes são alimentados por aqueles, porque nem aqueles realizam estas coisas com uma intenção santa e recta, nem estes se alegram com as dádivas daqueles, quando ainda não vêem o fruto. Sem dúvida, o espírito alimenta-se daquilo com que se alegra. E, por isso, os peixes e os monstros marinhos não se nutrem de alimentos que a terra não produz, senão já depois de separada e apartada do amargor das ondas marinhas³.

[E Deus viu as suas obras e achou-as muito boas]

XXVIII. 43. E viste, ó Deus, todas as coisas que fizeste e eis que eram muito boas: porque também nós as vemos, eis que também são todas muito boas⁴. Em cada espécie das tuas obras, quando disseste que fossem feitas, e elas foram feitas, viste que cada uma delas é boa. Sete vezes contei que está escrito que tu viste que é bom o que fizeste; e a oitava vez é que viste todas as coisas que fizeste, e eis que não só são boas, mas também muito boas, todas como que em conjunto. Com efeito, uma por uma, eram apenas boas, ao passo que todas em conjunto eram boas e muito boas. Isto diz também cada corpo belo, porque o corpo que é constituído de membros todos belos é muito mais belo do que cada um desses mesmos membros, de cujo harmoniosíssimo conjunto é formado o todo, ainda que também eles mesmos, individualmente, sejam belos.

¹ 1 *Coríntios* 14:23.

² *Salmo* 105:21.

³ *Gênesis* 1:9-12.

⁴ *Gênesis* 1:4-31.

[Interpretação do número de vezes que Deus viu que as suas obras eram boas]

XXIX. 44. E procurei com atenção ver se eram sete ou oito as vezes¹ que viste que as tuas obras são boas, quando te agradaram, e, quando vias, não encontrei tempos por meio dos quais pudesse entender que viste o mesmo número de vezes aquilo que fizeste, e disse: Ó Senhor, acaso esta tua Escritura não é verdadeira precisamente pelo facto de que foste tu, que és verdadeiro² e és a Verdade³, que a ditaste? Portanto, porque é que tu me dizes que, quando vês, não há tempo, e esta tua Escritura me diz teres visto, dia a dia, que são boas as coisas que fizeste, e porque é que, ao contá-las, encontrei o número de vezes? A isto dizes tu, que és o meu Deus⁴, e dizes com voz forte ao ouvido interior do teu servo, rompendo a minha surdez e clamando: Ó homem, eu digo o que a minha Escritura diz, mas ela di-lo no tempo, enquanto o meu Verbo não cai dentro do tempo, uma vez que comigo coexiste numa igual eternidade. Desta forma, eu vejo as coisas que vós vedes por meio do meu Espírito, tal como eu digo aquelas coisas que vós dizeis por meio do meu Espírito. E deste modo, embora vós as vejais no tempo, eu não as vejo no tempo, assim como, embora vós as digais no tempo, eu não as digo no tempo.

[Os desvarios dos Maniqueus]

XXX. 45. E ouvi, Senhor meu Deus, e, da tua verdade, recolhi com a minha língua uma gota de doçura, e entendi que há alguns a quem desagradam as tuas obras, e dizem que fizeste muitas delas impelido pela necessidade, como as construções dos céus e as disposições dos astros, e isto não a partir do que é teu, mas que já existiam outras coisas criadas noutro lugar e de outra origem, coisas que tu que reuniste, e ajustaste, e compuseste, ao edificares, depois de vencidos os teus inimigos, as muralhas do mundo, para que, cativos nessa construção, não pudessem de novo rebelar-se contra ti; e dizem ainda que nem fizeste nem ajustaste plenamente outras coisas, como todas as carnes, e os animais mais pequeninos, e tudo aquilo que tem na terra as suas raízes, mas que uma mente hostil, não criada por ti e contrária a ti, cria e forma essas coisas nas regiões

¹ Esta hesitação quanto ao número de vezes deve-se provavelmente ao facto de, na *Vulgata*, Deus verificar por seis vezes que a sua obra era 'boa' (*Génese* 1:4; 10; 12; 18; 21; 25), e uma vez 'muito boa' (1:31), ao passo que, nos *Setenta*, se diz que Deus verificou que era 'boa' a sua obra sete vezes (*Génese* 1:4; 8; 10; 12; 18; 21; 25) e uma vez 'muito boa' (1:31).

² *João* 3:33.

³ *João* 14:6.

⁴ *Salmo* 42:2.

inferiores do mundo. Os insensatos dizem isso, porque não vêem as tuas obras por meio do teu espírito nem te conhecem nelas.

[É em Deus que o homem vê que tudo é bom]

XXXI. 46. Mas és tu que vês naqueles que vêem tais coisas por meio do teu Espírito. Por isso, quando eles vêem que são boas, és tu que vês que são boas, e todas aquelas que, por causa de ti, agradam, és tu que agradas nelas, e aquelas que pelo teu Espírito nos agradam, é a ti que agradam em nós. *Quem, pois, de entre os homens, conhece o que é do homem, senão o espírito do homem que nele reside? De igual modo, ninguém conhece as coisas que são de Deus senão o Espírito de Deus. Nós, porém, diz, não recebemos o espírito deste mundo, mas o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos as coisas que nos foram dadas por Deus.* E sou levado a dizer: Sem dúvida ninguém sabe as coisas que são de Deus, senão o Espírito de Deus¹. Como é que então também nós sabemos as coisas que nos foram dadas por Deus? Responde-me alguém que as coisas que conhecemos por meio do seu Espírito também ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus. Com efeito, assim como àqueles que falavam no Espírito de Deus foi dito com toda a razão: *Não sois vós que falais*², assim também àqueles que sabem no Espírito de Deus se diz com toda a razão: Não sois vós que sabeis. Não obstante, àqueles que vêem no Espírito de Deus diz-se com toda a razão: Não sois vós que vedes; desta forma, tudo o que no Espírito de Deus vêem que é bom, não são eles mas Deus quem vê que é bom. Uma coisa, portanto, é que cada um julgue ser mau aquilo que é bom, como aqueles de que acima falei; outra é que o homem veja que é bom aquilo que é bom, assim como agrada a muitos a tua criação, porque é boa, aos quais, todavia, tu não agradas nela, motivo pelo qual querem fruir mais dela do que de ti; outra coisa, porém, é que, quando o homem vê que uma coisa é boa, nele Deus veja que é bom, isto é, que Deus seja amado naquilo que fez, ele que não seria amado senão por meio do Espírito que nos deu, *porque o amor de Deus difundiu-se em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado*³, pelo qual vemos que é bom tudo aquilo

¹ 1 Coríntios 2:11-12.

² Mateus 10:20.

³ Romanos 5:5.

que de algum modo existe: na verdade procede daquele que não é de algum modo, mas é aquele que é¹.

[Súmula das obras de Deus]

XXXII. 47. *Graças te sejam dadas, Senhor*²! Vemos o céu e a terra, parte corporal superior e inferior, ou criação espiritual e corporal, e, para ornamentar estas partes, de que consta toda a massa do mundo, ou absolutamente toda a criação, vemos a luz criada e separada das trevas. Vemos o firmamento do céu, quer o que está entre as águas espirituais superiores e as corporais inferiores³, corpo primeiro do mundo, quer este espaço do ar, porque também se chama céu, através do qual vagueiam as aves do céu, entre as águas que pairam sobre ele em forma de vapor e voltam a cair em forma de orvalho nas noites serenas, e estas águas pesadas que correm sobre a terra. Vemos a formosura das águas reunidas ao longo das planícies do mar, e a terra seca, quer despida, quer arranjada de modo a ser visível e ordenada, e mãe das ervas e das árvores. Vemos os luminares a brilhar no alto, o sol a servir o dia, a lua e as estrelas a consolar a noite, e todas estas criaturas a marcarem e assinalarem os tempos. Vemos a natureza húmida por toda a parte fecunda em peixes, em feras e em aves, porque o volume do ar que sustenta o voo das aves se condensa com a evaporação das águas. Vemos que a face da terra se embeleza de animais terrestres, e que ao homem, feito à tua imagem e semelhança, por esta mesma imagem e semelhança, isto é, pela força da razão e da inteligência, foi dado o domínio sobre todos os animais irracionais. E como na sua alma existe uma parte que domina dirigindo, outra que se submete obedecendo, assim também vemos que foi criada também corporalmente para o homem a mulher, de modo a ter, de facto, na mente, uma natureza igual em inteligência racional, mas a estar sujeita, no sexo do corpo, ao sexo masculino, assim como o apetite da acção está submetido para, a partir da razão da mente, conceber a capacidade de agir rectamente. Vemos estas coisas, e cada uma delas individualmente é boa, e todas em conjunto são muito boas⁴.

¹ Êxodo 3:14.

² Apocalipse 11:17.

³ A este passo apresenta Agostinho reservas em *Retractationes* II. VI. 2, dizendo que escreveu *non satis considerate* (pouco maduramente), pois, reconhece, trata-se de *res ... in abdito est ualde* (coisa bastante obscura).

⁴ Gênesis 1:31.

[Todas as coisas foram feitas do nada]

XXXIII. 48. Louvam-te as tuas obras¹ para que te amemos e amamos-te para que te louvem as tuas obras. Elas têm, no tempo, o seu princípio e o seu fim, a sua aurora e o seu ocaso, o seu crescimento e o seu declínio, a sua forma e a sua privação. Têm, pois, amanhecer e entardecer que se sucedem, em parte ocultamente, em parte visivelmente. Na verdade, foram feitas do nada por ti, não de ti, não de alguma coisa não tua ou que antes tenha existido, mas de uma matéria concriada, isto é, de uma matéria criada ao mesmo tempo por ti, porque, sem qualquer intervalo de tempo, deste forma à sua informidade. Com efeito, sendo uma coisa a matéria do céu e da terra, outra a forma do céu e da terra, na verdade tu fizeste a matéria a partir do nada absoluto e a forma do mundo a partir da matéria informe, mas uma e outra coisa ao mesmo tempo, a fim de que a forma seguisse a matéria sem nenhum tempo de demora.

[Exposição alegórica da criação do mundo]

XXXIV. 49. Examinámos igualmente essas coisas por causa de cuja apresentação quiseste que fossem feitas por esta ordem ou fossem escritas por esta ordem, e vimos, no teu Verbo, no teu Único, que elas são boas, individualmente, e que, em conjunto, são muito boas: o céu e a terra, a cabeça e o corpo da Igreja², na predestinação anterior a todos os tempos, sem amanhecer nem entardecer. Mas, logo que começaste a realizar no tempo o que tinhas predestinado, para manifestares os teus ocultos desígnios³ e ordenares o que em nós é desordem – porque sobre nós estavam os nossos pecados⁴ e nos havíamos afastado de ti para um abismo de trevas, e o teu Espírito bom⁵ pairava sobre nós⁶, para nos socorrer, em tempo oportuno⁷ – e justificaste os ímpios⁸, e separaste-os dos iníquos, e consolidaste a autoridade do teu Livro, entre os seres superiores que te seriam dóceis⁹ e os inferiores que se lhe submeteriam, e reuniste a sociedade dos infieis numa única conspiração, para que se manifestasse o

¹ *Provérbios* 31:31; *Daniel* 3:57.

² *Colossenses* 1:18.

³ *Salmo* 50:8.

⁴ *Ezequiel* 33:10.

⁵ *Salmo* 142:10.

⁶ *Gênesis* 1:2.

⁷ *Salmo* 31:6; 144:15.

⁸ *Provérbios* 17:15; *Romanos* 4:5.

⁹ *3 Reis* 3:9.

empenhamento dos fiéis de modo que produzissem para ti obras de misericórdia, também distribuindo¹ aos pobres as riquezas terrenas², para adquirirem as celestes. E depois acendeste alguns luminares no firmamento³, os teus santos, que tinham o Verbo da vida⁴ e refulgiam com sublime autoridade, manifestada nos seus dons espirituais; e depois, para instruir os povos infiéis, produziste de matéria corpórea os sacramentos, e os milagres visíveis, e os sons das tuas palavras, segundo o firmamento do teu Livro, com os quais também os fiéis fossem abençoados; e depois formaste a alma viva dos fiéis por meio dos afectos ordenados pelo vigor da continência, e, finalmente, renovaste à tua imagem e semelhança a mente só a ti submetida e não necessitada de qualquer autoridade humana para imitar; e sujeitaste à superioridade da inteligência a acção racional, como ao homem a mulher, e quiseste que a todos os teus ministérios, necessários para aperfeiçoamento dos fiéis nesta vida, pelos mesmos fiéis, para as necessidades temporais, fossem fornecidos serviços que lhes seriam frutuosos no futuro. Vemos todas estas coisas e todas elas são muito boas⁵, porque as vês em nós, tu que nos deste o Espírito com que as víssemos e nelas te amássemos.

[Desejo de paz]

XXXV. 50. Senhor Deus, dá-nos a paz – tu que nos deste todas as coisas⁶ – a paz do repouso, a paz do sábado, a paz sem entardecer⁷. Toda esta ordem belíssima das coisas muito boas, chegando elas ao seu termo, há-de passar: pois nelas se fez um amanhecer e um entardecer⁸.

[Porque é que o sétimo dia não tem entardecer?]

XXXVI. 51. O sétimo dia é sem entardecer e não tem ocaso, já que o santificaste para a permanência sempiterna, para que com o facto de tu, depois das tuas obras muito boas, teres repousado no sétimo dia⁹, embora as tenhas feito em repouso, com esse facto a voz

¹ *Actos* 4:31-32, 35.

² *1 Coríntios* 13.3.

³ *Génese* 1:14-15.

⁴ *João* 6:69; *Filipenses* 2:15-16.

⁵ *Génese* 1:31.

⁶ *Isaías* 26:12.

⁷ *2 Tessalonicenses* 3:16.

⁸ *Génese* 1:5-31.

⁹ *Génese* 2:2-3.

do teu Livro nos anuncie que também nós, depois das nossas obras muito boas porque tu no-las deste, repousaremos em ti num sábado de vida eterna.

[O repouso de Deus em nós]

XXXVII. 52. Pois também então repousarás em nós, assim como agora operas em nós; e aquele teu repouso por meio de nós será como são estas tuas obras por meio de nós. Tu, porém, Senhor, sempre operas e sempre repousas. Nem vês por algum tempo, nem te moves por algum tempo, nem repousas por algum tempo, e, no entanto, fazes não só as coisas que se vêem no tempo, mas também os próprios tempos e o repouso depois do tempo.

[Como Deus e como o homem vêm a criação]

XXXVIII. 53. Por conseguinte, nós vemos essas coisas que tu fizeste porque existem, enquanto, porque tu as vês, elas existem. E nós vemos exteriormente que existem e interiormente que são boas: mas tu viste-las feitas, no momento em que viste que deviam ser feitas. Nós, porém, fomos levados a praticar o bem num tempo posterior, depois de o nosso coração o ter concebido do teu Espírito; num tempo anterior, porém, abandonando-te, éramos levados a fazer o mal: mas tu, ó único Deus bom¹, nunca cessaste de fazer o bem. E algumas das nossas acções, por dádiva tua, são boas, mas não sempiternas: depois delas esperamos repousar na tua magnífica santificação. Tu, porém, que és um bem, e não necessitas de nenhum bem, permaneces sempre em repouso, porque tu mesmo és o teu repouso. E qual será o homem que fará compreender isto a outro homem? Que anjo a outro anjo? Que anjo ao homem? A ti se deve pedir, em ti se deve procurar, à tua porta se deve bater: assim, assim se receberá, assim se encontrará, assim se nos abrirá². Ámen.

¹ *Mateus* 19:16-17.

² *Mateus* 7:7-8; *Lucas* 11:9-10.